

**RAFAEL BERBIGIER DE BORTOLI**

## **RODA DE CAPOEIRA DO CHAFARIZ DA REDENÇÃO:**

**Inclusão social e valorização da cultura negra**



**Porto Alegre**

**2023**

RAFAEL BERBIGIER DE BORTOLI

**RODA DE CAPOEIRA DO CHAFARIZ DA REDENÇÃO:**  
**Inclusão social e valorização da cultura negra**

Dissertação apresentada pelo aluno Rafael Berbigier de Bortoli ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Cultura e Patrimônio, como pré-requisito para obtenção do título de mestre em Museologia e Patrimônio.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Dalla Zen

**Porto Alegre**

**2023**

#### CIP - Catalogação na Publicação

Bortoli, Rafael Berbigier de  
RODA DE CAPOEIRA DO CHAFARIZ DA REDENÇÃO: Inclusão social e valorização da cultura negra / Rafael Berbigier de Bortoli. -- 2023.  
225 f.  
Orientadora: Ana Maria Dalla Zen.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Patrimônio e Cultura. 2. Capoeira. 3. Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção. 4. Cultura negra. 5. Direitos humanos, inclusão e racismo estrutural. I. Zen, Ana Maria Dalla, orient. II. Título.

**Rafael Berbigier de Bortoli**

## **RODA DE CAPOEIRA DO CHAFARIZ DA REDENÇÃO:**

**Inclusão social e valorização da cultura negra**

Dissertação apresentada pelo aluno Rafael Berbigier de Bortoli ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Cultura e Patrimônio, como pré-requisito para obtenção do título de mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovada em 20 de março de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dra. Ana Maria Dalla Zen (orientadora)

---

Dra. Giane Vargas Escobar

---

Dra. Joseania Miranda Freitas

---

Dra. Maria Conceição Lopes Fontoura

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Jean Carlo Dorneles, Contramestre Jean Sarará, pelo apoio incansável neste trabalho e na trajetória de 25 anos juntos, como amigos e eu como aluno também. Ter a oportunidade de tentar contribuir com essa história linda que é tua vida na Capoeira é uma honra para mim, assim como conviver cotidianamente contigo.

Ao meu pai, Jacirio Afonso de Bortoli, e ao meu avô, Ayrton Leumas Berbigier, que, tenho certeza, estariam muito felizes neste momento.

Ao Mestre Kunta Kintê, meu Mestre, por todos os ensinamentos na Capoeira e na vida.

Às amigas, aos amigos e familiares que torceram por mim, em especial, a minha mãe, Rosane Berbigier de Bortoli, meu amor maior; minha tia Rejane de Mello Berbigier, que muito me apoiou em vários sentidos, para que eu pudesse estar hoje onde estou; e a amigona Joseane Maria Góes Lima pelo grande apoio neste projeto desde o princípio.

A todos demais capoeiristas da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul e de todos os Grupos que contribuíram para a realização deste trabalho e que se fazem presentes na Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção.

À minha maravilhosa orientadora, Ana Maria Dalla Zen, por ter aceitado a orientação e pelo apoio incansável. Sempre disposta a ajudar, a conversar, a ensinar. Uma honra enorme te ter como orientadora.

## RESUMO

O trabalho visa a compreender o significado da Roda de Capoeira do Chafariz, realizada há 20 anos, desde 2003, no Parque da Redenção, aos domingos, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, como elemento de inclusão social, valorização da cultura popular e impulsionador de direitos humanos. Abordar-se-ão, inicialmente, os conceitos de patrimônio, principalmente o cultural, atinente a bens culturais de distintas coletividades que sejam reconhecidos por elas e registrados, como a Capoeira, em 2008, pelo IPHAN e, em 2014, pela UNESCO. Após, abordam-se os direitos à cultura e ao patrimônio cultural, previstos na Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988. Ao interseccionar esses direitos ao debate sobre a branquitude e o racismo estrutural, a partir de autoras (es) negras (os), ingresso na temática da memória vinculada à Capoeira. Proponho, então, em face de entrevistas, elementos relevantes para construção de aspectos da memória dessa luta e de suas Rodas. Prossigo ao falar sobre a origem da Capoeira, sua história de repressão e evolução até os dias atuais, destacando alguns de seus elementos constituintes, bem como as referências Mestres Pastinha e Bimba. Após, trato do foco central: Roda do Chafariz. A partir de 18 entrevistas com capoeiristas, concluo que ela é (1) expressão potente de inclusão social pela diversidade e pluralidade do público presente em território negro aberto a todos, gratuito, acolhedor; (2) expressão da valorização da cultura popular por ser referência de Roda de Capoeira Angola aberta de Porto Alegre e do RS, assim como é frequentada e reconhecida por Mestres e Mestras do estado e do Brasil, além de ser construída semanalmente por uma coletividade potente de capoeiristas locais, que, sob a orientação do seu guardião, o Contramestre Jean Sarará, buscam a salvaguardar.

Palavras-chave: Patrimônio e Cultura. Capoeira. Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção. Cultura negra. Direitos Humanos, inclusão e racismo estrutural.

## **ABSTRACT**

This work aims to understand the meaning of the Roda de Capoeira do Chafariz, held for 20 years, since 2003, in Parque da Redenção, on Sundays, in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil, as an element of inclusion, appreciation of popular culture and promoter of human rights. Initially, the concepts of heritage will be addressed, mainly cultural, related to cultural assets of different collectivities that are recognized and registered by them, such as Capoeira, in 2008, by IPHAN and, in 2014, by UNESCO. Then, the rights to culture and cultural heritage, provided for in the Federal Constitution of the Federative Republic of Brazil of 1988, are discussed. By intersecting these rights to the debate on whiteness and structural racism, from black authors, entry into the theme of memory linked to Capoeira. I propose, then, before interviews, relevant elements for the construction of aspects of the memory of this struggle and its Rodas. I continue to talk about the origin of Capoeira, its history of repression and evolution until the present day, highlighting some of its constituent elements, as well as the references to Mestres Pastinha and Bimba. Afterwards, I deal with the central focus: Roda do Chafariz. From 18 interviews with capoeiristas, I conclude that it is (1) a powerful expression of social inclusion through the diversity and plurality of the public present in black territory open to all, free, welcoming; (2) an expression of the appreciation of popular culture as it is a reference for the Roda de Capoeira Angola open in Porto Alegre and RS, as well as being frequented and recognized by Mestres and Mestras from the state and Brazil, in addition to being built weekly by a powerful community of local capoeiristas, who, under the guidance of their guardian, Contramestre Jean Sarará, seek to safeguard it.

**Keywords:** Heritage and Culture. Capoeira. Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção. Black culture. Human rights, inclusion and structural racism.

*Eu estava ali tão perto  
E me fui pra Redenção  
Fui olhar a capoeira  
Vadiar com meus irmãos*

*A capoeira me fez bem  
Eu fiz minha oração  
Pedi a Deus que protegesse  
Aquele nobre cidadão  
Homem forte e guerreiro, parte do meu coração  
É pra ele que eu canto, ou eu canto essa canção*

*Na vida a gente cai, leva uma rasteira  
Ohh! A capoeira-vida ela não é brincadeira  
Rafael Berbigier de Bortoli*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Crianças na Roda do Chafariz	106
<b>Figura 2</b>	O sorriso potente da inclusão	107
<b>Figura 3</b>	Inclusão na Roda do Chafariz	107
<b>Figura 4</b>	Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção	109
<b>Figura 5</b>	Comemoração dos 10 anos da Roda do Chafariz	110
<b>Figura 6</b>	Divulgação da comemoração dos 15 anos da Roda do Chafariz	112
<b>Figura 7</b>	15 anos da Roda – M. Kunta Kintê e CM. Jean Sarará	112
<b>Figura 8</b>	Roda do Chafariz - M. Elma, M. Jogo de Dentro, M. Kunta Kintê	113
<b>Figura 9</b>	Contramestre Jean Sarará e Arara - Roda do Chafariz	116
<b>Figura 10</b>	Mestre Plínio – Roda do Chafariz	122
<b>Figura 11</b>	Mestre Gato Góes – Roda do Chafariz	126
<b>Figura 12</b>	Mestre Raimundo Dias - Roda do Chafariz	129
<b>Figura 13</b>	Mestre Kunta Kintê e Mestre Churrasco – Roda do Chafariz	133
<b>Figura 14</b>	Mestre Ratinho - Roda do Chafariz	140
<b>Figura 15</b>	Mestre Baptista e Mestre Churrasco - Roda do Chafariz	145
<b>Figura 16</b>	Mestre Ivonei - Roda do Chafariz	146
<b>Figura 17</b>	Martainha – Roda do Chafariz	148
<b>Figura 18</b>	Professor Tigre e M. Gato Góes – Roda do Chafariz	150
<b>Figura 19</b>	Caminhada Fora Bolsonaro - Rumo à Roda do Chafariz	154
<b>Figura 20</b>	Cortejo na Parada Livre - Rumo à Roda do Chafariz	155
<b>Figura 21</b>	T. Roger, Prof. Dante, CM. Márcio e M. Moa - Roda do Chafariz	159
<b>Figura 22</b>	Bodão, CM Jean Sarará e Professor Rafinha - Roda do Chafariz	163
<b>Figura 23</b>	Roda do Chafariz em dia de chuva – Título de CM a Jean Sarará	164
<b>Figura 24</b>	Arara e CM Jean Sarará – Roda do Chafariz	166
<b>Figura 25</b>	Treinel Caboclo – Roda do Chafariz	168
<b>Figura 26</b>	Cigarra e CM Bidão - Roda do Chafariz	172
<b>Figura 27</b>	Professor Leandro – Roda do Chafariz	175
<b>Figura 28</b>	Cabocla, Mestre Ratinho e Martainha – Roda do Chafariz	176
<b>Figura 29</b>	Professor Caçapava – Roda do Chafariz	181
<b>Figura 30</b>	<b>Mestre Moa do Katendê, presente!</b>	193
<b>Figura 31</b>	Potência Inclusiva - Roda do Chafariz	193
<b>Figura 32</b>	Mestre Cláudio - Roda do Chafariz	194
<b>Figura 33</b>	Mestra Elma - 19 anos da Roda do Chafariz	195
<b>Figura 34</b>	Mestre Jaburu - Roda do Chafariz	195
<b>Figura 35</b>	Mestre Felipe - Roda do Chafariz	196
<b>Figura 36</b>	Participação popular/ Cardeal – Roda do Chafariz	196
<b>Figura 37</b>	Mestres Lua de Bobó e Renatinho - Roda do Chafariz	197
<b>Figura 38</b>	Mestre Renato e CM Jean Sarará – Roda do Chafariz	197
<b>Figura 39</b>	Treinel Fabi, Professor Nelmar e Lica - Roda do Chafariz	198
<b>Figura 40</b>	CM Jean Sarará, CM Márcio e Professor Dante - Roda do Chafariz	198
<b>Figura 41</b>	Participação popular/ Professor Bolota - Roda do Chafariz	199

<b>Figura 42</b>	Contramestre Jean Sarará - Roda do Chafariz	199
<b>Figura 43</b>	<b>Mestra Morena, presente!</b>	212

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ACAZUP</b>	Associação de Capoeira Angola Zumbi dos Palmares
<b>ACCARA</b>	Associação Cultural de Capoeira Rabo de Arraia
<b>ADPF</b>	Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental
<b>CF</b>	Constituição da República Federativa do Brasil de 1988
<b>CM.</b>	Contramestre
<b>DUDH</b>	Declaração Universal dos Direitos Humanos
<b>FEM</b>	Fórum Econômico Mundial
<b>FSM</b>	Fórum Social Mundial
<b>IFES</b>	Instituições Federais de Ensino Superior
<b>IPAC</b>	Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia
<b>IPHAN</b>	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<b>LDB</b>	Lei das Diretrizes Básicas e Curriculares da Educação
<b>M.</b>	Mestre
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UFF</b>	Universidade Federal Fluminense
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo
<b>STF</b>	Supremo Tribunal Federal
<b>T.</b>	Treinel

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2 PATRIMÔNIO CULTURAL E DIREITOS HUMANOS</b>	<b>23</b>
2.1 Patrimônio cultural no Brasil: conceito e legislação	23
2.2 Direito humano à cultura e direito fundamental ao patrimônio cultural	28
2.3 Direitos humanos e superação do racismo	34
<b>3 CAPOEIRA: RITUAL AFRICANO, LUTA E PATRIMÔNIO</b>	<b>51</b>
3.1 Capoeira: origem, repressão e resistência	51
3.2 Capoeira como patrimônio cultural	65
<b>4 MEMÓRIA E CAPOEIRA: DO CAMPO PSÍQUICO AO CAMPO DA MANDINGA</b>	<b>74</b>
4.1 Memória, do individual ao coletivo	75
4.2 Da memória disputada ao dever de memória	79
4.3 A Memória no campo da mandinga	81
4.4 Memória da Capoeira e da Roda: percepções de capoeiristas	83
<b>5 RODA DE CAPOEIRA DO CHAFARIZ DA REDENÇÃO</b>	<b>95</b>
5.1 A Roda em território negro	96
5.2 Construindo a memória da Roda	101
5.2.1 <i>Recortes de sua história</i>	102
5.2.2 <i>Inclusão social, valorização da cultura popular e direitos humanos</i>	182
5.2.3 <i>Estratégias de sua salvaguarda</i>	200
<b>6 ESPERANÇANDO O FUTURO</b>	<b>204</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>213</b>
<b>APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido</b>	<b>219</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro de entrevista sobre salvaguarda da Capoeira</b>	<b>222</b>
<b>APÊNDICE C - Roteiro de entrevistas sobre memória e Capoeira</b>	<b>223</b>
<b>APÊNDICE D - Roteiro de entrevistas sobre a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção</b>	<b>224</b>
<b>ANEXO - Termo de Anuência da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul</b>	<b>225</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Segue a Capoeira Angola  
revolucionando,  
Seu espírito de Luta  
vai civilizando [...]  
Mestre Moa do Katendê*

Começar com um corrido do grande Mestre Moa do Katendê não é por acaso. Referência na Capoeira, no Afoxé, na preservação da cultura afro-brasileira, Mestre Moa sempre estará vivo em nossas lembranças.<sup>1</sup> A covardia dos que propagam o ódio e matam os nossos nunca apagará a capacidade da Capoeira, do Afoxé, das Culturas Africana e Afro-brasileira de seguirem revolucionando. A repressão e a violência sempre serão combatidas com espírito de luta civilizatório e emancipatório. Mestre Moa do Katendê, presente!<sup>2</sup>

Homenagear quem nos inspira a seguir na luta por um mundo melhor, igualitário e humano é, mais do que importante, necessário. Somos impulsionados por emoções, convivências e trocas que florescem muitas vezes através das nossas memórias, sobre as quais dissertarei posteriormente. Por ora, introduzo este percurso investigativo com a abordagem sobre a Capoeira, pauta central desta pesquisa.

Ela tem, entre as hipóteses mais aceitas e na visão difundida por vários Mestres, sua origem na África, como um ritual, uma dança, chegando ao Brasil na época da escravidão, quando escravizados africanos foram trazidos em navios negreiros (INSTITUTO, 2014). Uma luta disfarçada em dança, um jogo, uma arte, uma dança, a Capoeira tem, na sua essência, a resistência do povo negro africano, afro-brasileiro, afro-indígena. Com efeito, a luta pela libertação é intrínseca a essa potente forma de expressão popular, como objetivo em um período em que as liberdades eram tomadas pelas mãos de escravocratas.

---

<sup>1</sup> Mestre Ratinho é a referência em Porto Alegre que proporcionou diretamente muitas vivências com o Mestre Moa do Katendê aos capoeiristas e à comunidade que preserva e defende a cultura popular.

<sup>2</sup> A palavra “presente”, em algumas situações neste trabalho, quando precedida de nomes, será utilizada como homenagem àqueles(as) que não estão mais entre nós fisicamente. Trata-se de uma expressão utilizada para lembrar pessoas que faleceram, que exalta seus legados e suas vivências coletivas, mantendo-os vivos em nossas mentes e corações.

A história dessa manifestação cultural, nesse sentido, traz consigo a perseguição, sua proibição, mas, desde a escravidão, essa luta tem se difundido por uma ânsia legítima de liberdade, de igualdade de direitos e oportunidades. A Capoeira, portanto, é cultura viva resistente às imposições do sistema escravocrata e também as deste em que vivemos, capitalista, que, no bojo do racismo estrutural, oprime, exclui e elimina negras e negros.

Em seu âmago, também destaco a minha conexão. Ao salientar que o foco da investigação está perpassado também por um amor pessoal a essa manifestação cultural, é importante mencionar que, para escrever ou falar sobre a Capoeira, o mínimo que se espera é que se tenha um pouquinho de vivência com ela, com os Mestres e as Mestras, principalmente eu sendo uma pessoa branca. Nesse sentido, realço que estou ao lado das pessoas negras pela valorização e difusão da cultura afro-brasileira, em especial a Capoeira, lutando contra o racismo, pela sua superação, para que os privilégios de quem tem a epiderme branca não mais se façam presentes em nossa sociedade. A superação do racismo deve ser uma luta diária de todos nós.

Desde quando eu tinha nove anos, pratico essa manifestação cultural. Meu primeiro treino foi em 1998, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Felipe de Oliveira, localizada em Porto Alegre, junto ao mesmo grupo do qual faço parte até hoje, agora chamado Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. Desde o início da minha trajetória, estive sob a orientação do, agora, Contramestre<sup>3</sup> Jean Sarará e do Mestre<sup>4</sup> Kunta Kintê, treinando em diferentes locais: no Clube Independente, no espaço Buraco, na Academia do Parque, na Academia Kyokushin, na Casinha da Cultura Popular, na Casa Verde e atualmente na Sala Mestre Gato Góes, localizados em Porto Alegre. Desde o princípio, com uma paixão pulsante e crescente, passei a

---

<sup>3</sup> Contramestre, na Capoeira, é aquele capoeirista mais antigo depois do Mestre que assume responsabilidades e atividades na ausência do Mestre; pessoa em quem o Mestre confia e a quem transmite seus conhecimentos, o “braço-direito” do Mestre. Segundo Mestre Jogo de Dentro, Mestre de Capoeira natural de Alagoinhas, Bahia, praticante da Capoeira desde 1983, grande referência na Capoeira Angola, o Contramestre “[...] exerce essas mesmas funções, zelar, cuidar, ter disciplina, transmitir os seus conhecimentos aos mais jovens, assumir as atividades e responsabilidades, na ausência do Mestre”, sendo, portanto, “[...] o aluno de confiança do Mestre, é aquele para quem o Mestre passa todos os seus conhecimentos e em quem ele acredita” (SANTOS, 2020, p. 89).

<sup>4</sup> Mestre, na Capoeira, é o mais antigo, aquele que tem o conhecimento e que é o guardião e o zelador da Capoeira; quem coordena as Rodas e transmite seus conhecimentos ao Contramestre e aos mais novos. Considerados patrimônios vivos, os Mestres são as referências na Capoeira, sendo os principais agentes, defensores, zeladores e difusores dessa manifestação cultural afro-brasileira.

ser um defensor e um agente difusor dessa manifestação cultural popular afro-brasileira.

Enquanto capoeirista, já participei de diversas ações sociais pelo grupo que integro. Em Porto Alegre, ministrei oficina na Vila Planetário, no bairro Santana, e aulas na Escola Estadual de Ensino Fundamental Uruguai, no bairro Moinhos de Vento. Em ações de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), vivenciei atividades no Quilombo Limoeiro, em Palmares do Sul; na Ilha da Pintada, bairro Arquipélago; e no Colégio de Aplicação (UFRGS). Participei também de oficinas com diversos Mestres, Contramestres, Treineis<sup>5</sup>, com dinâmicas como a Capoeira Inclusiva, cuja metodologia de ensino se volta para pessoas com deficiências. Viva o nosso saudoso Mestre Beija-Flor!, referência na Capoeira inclusiva, com diversos trabalhos difundidos pelo Brasil com a Capoeira para pessoas com deficiência.

Eu a vivencio ainda de outras formas, por meio da escuta a Mestres e Mestras, Contramestres(as) e demais capoeiristas, buscando “beber direto da fonte”, como falamos os capoeiristas, com idas a Salvador (BA), Santo Amaro (BA), Serra da Barriga (AL), onde se localizou o Quilombo dos Palmares, Maceió (AL) e Aracaju (SE). Também frequento, à exceção do momento crítico da pandemia, rodas, em especial, desde 2007, a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, que ocorre no parque da Redenção, no bairro Farroupilha, em Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Nesse contexto, agradeço ao meu Mestre, Kunta Kintê, e ao meu Contramestre, Jean Sarará, com quem treino desde criança, angoleiro<sup>6</sup> que é referência da Roda do Chafariz, que garante que ela ocorra aos domingos.

E justamente essa Roda é o foco desta dissertação. Partindo da reflexão sobre a Capoeira e a Roda de Capoeira como elementos potentes do patrimônio cultural brasileiro, busco interpretar a sua importância no contexto da cultura afro-

---

<sup>5</sup> Treinel ou trenel, em alguns grupos de Capoeira, é a titulação repassada pelo Mestre a um aluno antigo que já tem uma vivência que o possibilita a dar aulas, repassar treinos de Capoeira, sob supervisão e orientação do Mestre e do Contramestre. Também denominada de professor em outras Escolas, é uma titulação anterior a de Contramestre. Por outro lado, há ainda entendimentos, como o de Mestre Jogo de Dentro (SANTOS, 2020), que expressam que treinel não é título, mas apenas a expressão utilizada pelos Mestres antigos para se referir àquele/a capoeirista que pode repassar treinos.

<sup>6</sup> Angoleiro (a) é a designação utilizada para se referir a quem pratica e cultua a Capoeira Angola. Há duas modalidades iniciais da Capoeira, a Angola, com Mestre Pastinha, e a Regional (luta regional baiana), com Mestre Bimba, com fundamentos e costumes distintos (SANTOS, 2020). Sobre os Mestres Pastinha e Bimba falarei no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

brasileira em ambiente local, Porto Alegre, e regional, Rio Grande do Sul. Para isso o percurso será bastante extenso. Nessa perspectiva, a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção foi inserida como foco da investigação, a fim de construir elementos de sua memória e analisar o seu significado para seus participantes, no contexto da inclusão social, valorização da cultura popular, efetivação de direitos humanos e da valorização, difusão e salvaguarda desse patrimônio cultural brasileiro.

Nesse contexto, no segundo capítulo, abordo as temáticas do patrimônio cultural no Brasil e dos direitos humanos, inserindo, ainda, a relação desses direitos com o fundamental ao patrimônio cultural e com a necessária superação do racismo. Sobre o debate atinente ao patrimônio cultural, trago desde conceitos prévios do campo científico até legislações concernentes ao assunto. Começarei, assim, a partir de Castriota (2009) e Choay (2001), a trabalhar a evolução do conceito de patrimônio, revisitando o que se compreende como construções históricas, monumentos, até a amplitude conceitual, que abarca justamente a concepção de patrimônio cultural, em sentido amplo a partir da Convenção Internacional realizada em Paris, em 1972. Aponto ainda outras legislações, como a análise do disposto na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF), no que concerne a essa questão. Após, no mesmo capítulo, foco nos direitos humanos.

Ao decorrer da investigação, procurei destacar a importância do direito humano à cultura e o direito fundamental ao patrimônio cultural. Nesse sentido, quando se menciona direito humano, em especial aqui o direito à cultura, está se tratando daqueles atinentes a todos os seres humanos, a partir da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), promulgada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1948<sup>7</sup>. Em face dessa perspectiva, será abordado o direito fundamental ao patrimônio cultural.

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, por conseguinte, ao dispor sobre os direitos fundamentais, prevê o direito à cultura em seu art. 215, determinando que “[...] o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais” (BRASIL, 1988a, documento eletrônico). Nessa seara, perante abertura democrática, pós-ditadura civil-militar, a

---

<sup>7</sup> Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Declara%C3%A7%C3%A3o-Universal-dos-Direitos-Humanos/declaracao-universal-dos-direitos-humanos.html>>. Acesso em: 02 mar 2021.

partir da promulgação da nova Constituição, os movimentos sociais fortalecem-se e, na contemporaneidade, reivindicam a preservação/ garantia de direitos, como o acesso, a valorização e a difusão cultural. Nessa linha, destaquei na pesquisa importante grupo social que busca fortalecer a Capoeira como parte dos movimentos sociais ativos no país, os capoeiristas, uma vez que “[...] os movimentos identitários, reivindicatórios de direitos culturais lutam pelas diferenças: étnicas, culturais, religiosas, de nacionalidades, etc.” (GOHN, 2011, p. 344).

É importante realçar que não só a Constituição previu o direito fundamental à cultura em seu art. 215, e a necessidade de sua concretização, como também dispôs sobre a concepção do patrimônio cultural como outro direito fundamental, ao incluir, em seu art. 216, o patrimônio cultural brasileiro como uma estratégia com objetivo de “[...] promover o desenvolvimento humano, social e econômico com pleno exercício dos direitos culturais”, conforme art. 216B (BRASIL, 1988a, documento eletrônico). Nesse sentido, foi importante também, no decorrer da investigação, abordar o alargamento do termo *cultura*, que vem se diversificando desde os anos setenta: culturas minoritárias, cultura do pobre, cultura popular (CHOAY, 2014).

Ao dar seguimento à acepção de direitos humanos, na terceira seção inicial, a relaciono à luta pela superação do racismo. A esse respeito, a partir das palavras de Nilma Lino Gomes, destaco a contribuição do Movimento Negro nas lutas antirracistas e na conquista de direitos sociais para as pessoas negras (GOMES, 2017). E trabalho, ainda, a partir de, majoritariamente, autoras (es) negras (os) nesse contexto, o conceito de branquitude, que consiste no lugar social detentor de privilégios que pessoas brancas têm por serem brancas (CARDOSO, 2014). Conectado a essa questão, ingresso na seara do racismo estrutural, que significa, sucintamente, afirmar que o racismo está imerso na estrutura social, em distintas esferas do todo social, sejam elas jurídicas, políticas ou econômicas (ALMEIDA, 2018). Com efeito, esses temas relevantes serão destacados a partir de Almeida (2018), Bento (2002), Cardoso (2014), Fernandes; Felipe; Escobar (2020), Fontoura (2018), Gomes (2017), Gonzalez (2018), Santos (2015) e Schucman (2014).

Prosseguindo, no terceiro capítulo, abordo a Capoeira. Começo ao tratar da sua origem africana, a partir de rituais que em África eram e são realizados, como o *n'golo* (SANTOS, 2020). Em seguida, ressalto distintos elementos dessa manifestação afro-brasileira que, no Brasil, se consagrou como uma luta por

libertação na época da escravidão, após foi objeto de repressão e proibição e, por fim, chega à contemporaneidade em um estágio evoluído, difundida não só no país, mas igualmente no mundo. Trato, então, desses aspectos, assim como de outros elementos: movimentos, bateria, musicalidade, corporalidade e ancestralidade. Destaco, ainda, os Mestres Pastinha, referência da Capoeira Angola, e Bimba, expoente da Capoeira Regional. Esse debate será alicerçado por Rego (1968), Pastinha (1988), Accurso (1995), Abreu (2005), Santos (2010; 2020), Vidor; Reis (2013), Barreto (2015), Campos (2015), Freitas (2015), Zonzon (2015).

Ao prosseguir, discorro sobre o reconhecimento do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) à Capoeira como patrimônio cultural nacional (2008) e da humanidade (2014), respectivamente. Nessa seara, saliento a temática da salvaguarda desse bem registrado, o que vai ser abordado também a partir de entrevista com a Mestre Princesa (Viviane Oliveira) da Bahia, integrante do Conselho Gestor da Salvaguarda da Capoeira da Bahia, observado o roteiro constante no Apêndice B.

Em sequência, no capítulo quarto, analiso como se pode construir e se transmitir, majoritariamente, a memória da Capoeira e das Rodas de Capoeira. A partir da conceituação de memória individual e coletiva, de esquecimento, de lembranças traumáticas, de memória em disputa e de dever de memória, revisitando Le Goff (1990), Pollak (1989; 1990) e Ricoeur (2007), adentro no Campo da Mandinga: à Capoeira e à Roda de Capoeira. Busco, então, baseado nesses autores, verificar, no campo empírico, como se pode propor a construção da memória, sobretudo da Capoeira, mas igualmente da Roda de Capoeira, diante das percepções e ações vividas pelos capoeiristas. Nessa etapa, são realizadas quatro entrevistas, face ao previsto no Apêndice C, com a Contramestra Vivi (Viviane Malheiro Barbosa), o Contramestre Jean Sarará (Jean Carlo Dorneles), a Treinela Mag (Magnólia Dobrovolski) e o Treinel Nenê (Ederson Luiz da Fonseca).

Após a abordagem de possibilidades de construção memorial da Capoeira e das Rodas de Capoeira, desafiei-me a estabelecer a conexão entre o direito humano à cultura, o direito fundamental ao patrimônio cultural e a Capoeira diretamente com a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção. Para isso, partirei da história e da construção de aspectos da memória da Roda por meio de estudo de caso focado na

referida Roda, com utilização de entrevistas semiestruturadas para coleta de dados, percurso investigativo central desta pesquisa.

Contar a história da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção e construir aspectos de sua memória coletivamente é o foco contributivo desta investigação por meio das lembranças de seus atores sociais, a partir da perspectiva da coletividade que participa da “vadiagem”. Nesse sentido, no quinto capítulo, foco na análise da Roda: inicialmente, destaco o território em que a Roda se realiza, suas ocupações e representações passadas e presentes como um território negro de Porto Alegre, o Parque da Redenção. Dando prosseguimento, detenho-me na centralidade desta investigação, construindo aspectos da memória da Roda de Capoeira do Chafariz. No que tange a essa construção memorial, ressalto que a realizei a partir da interpretação das narrativas de 18 entrevistas com capoeiristas que frequentam ou frequentaram a Roda, diante do Apêndice D. Foram ouvidos: Contramestre Jean Sarará (Jean Carlo Dorneles), Mestre Plínio (Plínio César Ferreira dos Santos), Mestre Gato Góes (Sinésio Souza Góes), Mestre Raimundo Dias (Raimundo Dias), Mestre Kunta Kintê (Julio Marques de Souza), Mestre Ratinho (Anselmo da Silva Accurs), Mestre Baptista (João Baptista de Godoy Neto), Mestre Ivonei (Ivonei Mattos Fontoura), Martainha (Marta Elisa Cutti), Professor Tigre (Marcelo Alves Cardoso), Treinel Roger (Roger Casemiro Ferreira), Bodão (Cristiano Marques de Souza), Arara (Julia Elisabete Walter Dorneles), Treinel Caboclo (Carlos Alexandre da Silva Vieira), Cigarra (Marie Joeline Andrianjafy), Professor Leandro (Leandro Severino Mourelhe Barbosa), Cabocla (Marta Servini) e Professor Caçapava (Elisandro Oliveira Vieira).

A partir das oitavas, na seção seguinte, analiso como a Roda do Chafariz se insere no contexto da inclusão social, da valorização da cultura popular e dos direitos humanos. E, por fim, proponho estratégias de sua salvaguarda.

É importante ressaltar ainda, para compreensão do significado do *corpus* definido para a investigação, que a Roda ocorre todos os domingos no chão da praça, em um dos parques mais movimentados e populares de Porto Alegre, que é o Parque da Redenção. De acordo com o Contramestre Jean Sarará, que organiza e conduz a Roda desde sua origem, há 20 anos, completados em 2023, ela se caracteriza como um espaço de resistência que tem como objetivo preservar a cultura popular afro-brasileira, a ancestralidade, a territorialidade e o conhecimento transmitido principalmente por meio da oralidade e da expressão corporal.

Esta pesquisa justifica-se por alinhar-se como um objeto de estudo relevante à sociedade, especialmente aos movimentos populares defensores da cultura popular, pois é essencial a busca, por intermédio da análise da Capoeira enquanto uma manifestação cultural libertária de resistência, da efetivação de parcela do direito humano à cultura e ao direito fundamental ao patrimônio cultural. Isso porque a preservação, valorização e difusão do patrimônio cultural brasileiro são fundamentais para evitar que as memórias coletivas se apaguem, os direitos sejam sobrepostos e a vida de uma significativa parcela da população permaneça subjugada. Em decorrência, esta investigação vem ao encontro da reafirmação da necessidade da preservação e exaltação da cultura popular, por meio da Capoeira, via análise do caso específico, que é a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção. E aqui destaco a relevância da busca pela valorização da cultura, especialmente como meio de inclusão social de pessoas que historicamente são invisibilizadas e periferizadas socialmente.

Feita uma busca nas principais bases de dados científicos do país<sup>8</sup>, não foram identificados outros trabalhos acadêmicos e estudos focados nessa Roda, à exceção de um importante artigo do Mestre Ratinho, Anselmo da Silva Accurso, intitulado “A vadiação no ócio: a Roda de Capoeira no chafariz da Redenção” (ACCURSO, 2018). Ainda se identificou relevante livro publicado em 2022, de Cássio Henrique Silva da Silva, em que o professor de Capoeira aborda a Roda do Chafariz a partir de entrevista concedida pelo Contramestre Jean Sarará, mas a publicação não é dedicada à Roda, que é abarcada em uma parte da obra (SILVA, 2022). Assim, realizar um estudo sobre a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, uma Roda de rua de Porto Alegre que já tem 20 anos de existência, é também uma estratégia para a salvaguarda desse patrimônio cultural.

---

<sup>8</sup> Foram consultadas a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Repositório Digital da UFRGS (LUME), onde foram encontradas inúmeras teses e dissertações, utilizados os termos de busca *Capoeira* e *Roda de Capoeira*, mas nenhuma delas referida especificamente à abordagem aqui definida, ou seja, sobre a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção. Na BDTD do IBICT, identificou-se 648 trabalhos (174 teses e 474 dissertações) sobre Capoeira e 97 sobre Roda de Capoeira (70 teses e 27 dissertações). Consultado em: <<https://bdttd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 05 jul., 2021. No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, visualizou-se 1003 trabalhos (entre eles 218 teses e 737 dissertações) sobre Capoeira e 37 sobre Roda de Capoeira (entre eles 10 teses e 23 dissertações). Consultado em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: 05 jul., 2021. No LUME, encontrou-se 480 teses e 775 dissertações sobre Capoeira; e 27 teses e 58 dissertações sobre Roda de Capoeira. Consultado em: <<https://lume.ufrgs.br/>>. Acesso em: 06 jul., 2021.

Ao realizar esta investigação, pretendo ampliar o conhecimento no campo da Cultura e Patrimônio, área a que se vincula esta dissertação junto ao PPGMusPa/UFRGS, tendo como foco a Capoeira, manifestação cultural afro-brasileira que tem memórias coletivas a construir e direitos a reivindicar. Sob abordagem qualitativa, assume a forma de pesquisa militante que tem como lócus o estudo de caso da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, como estratégia para preservar, valorizar e difundir a Capoeira como manifestação cultural.

Nesse sentido, a pesquisa militante representa “[...] um patrimônio dos povos latino-americanos em luta por dignidade em suas diversas dimensões” a partir de reflexões e acúmulos prático-teóricos sobre determinado enfoque atrelado a questões sociais que têm relevância para um recorte social ou para o conjunto da sociedade (JAUMONT; VARELLA, 2016, p. 416). Assim, ela preocupa-se em construir conhecimentos a partir de uma perspectiva crítica da realidade social, visando a contribuir com a transformação social, na esteira do combate às desigualdades, às injustiças, às opressões, ao racismo, ao machismo, à misoginia, à LGBTQIAPN+fobia<sup>9</sup> e a todas as formas de cerceamento de direitos e das liberdades democráticas, objetivando uma sociedade com igualdade de acesso aos direitos humanos, com oportunidades equânimes ao conjunto do povo, alicerçando-se na garantia da dignidade a todes, para o efetivo exercício da cidadania.

A partir dessa temática, busquei interpretar qual a importância da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção na perspectiva de capoeiristas que a frequentam e da análise da Roda no contexto de inclusão social, valorização da cultura popular e efetivação de direitos humanos. Desse modo, o objetivo geral da pesquisa consistiu-se em compreender o significado da Roda como elemento de inclusão social, valorização da cultura popular e efetivação de direitos humanos, a partir das memórias de capoeiristas que a frequentam.

E, como seus objetivos específicos, citam-se:

- Relacionar o conceito de memória à construção memorial da Capoeira e das Rodas de Capoeira a partir da percepção de capoeiristas;

---

<sup>9</sup> A sigla LGBTQIAPN+ abrevia L, de Lésbicas, G, de Gays, B, de Bissexuais, T, de Transgêneros, Q, de Queer, I, de Intersexuais, A, de Assexuais, P, de Pansexuais, N, de Não Binários. O “+” foi inserido para abarcar todes que não se sentem representados por uma das demais letras. A criação de siglas é antiga e tem como objetivo dar visibilidade ao movimento e às pessoas que nelas se sentem acolhidas. Iniciou com GLS, depois LGBT e assim foi se configurando até chegarmos em LGBTQIAPN+. Muito mais importante que a decorar e saber o significado de cada letra é respeitar todes, independente de suas orientações sexuais ou identidades de gênero.

- Interpretar as narrativas dos seus participantes a partir de suas lembranças e esquecimentos;
- Avaliar, nessas narrativas, se a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção contribui como elemento de inclusão social, valorização da cultura popular e efetivação de direitos humanos;
- Propor estratégias de salvaguarda da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção como patrimônio cultural.

O percurso investigativo constituiu-se num estudo de caso, numa abordagem qualitativa (CARVALHO, 2019), sendo sujeitos da pesquisa capoeiristas que participam ou já participaram da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, identificados no livro de registro/assinaturas, bem como indicados (as) pelo Contramestre Jean Sarará, reconhecido como referência dessa Roda. E, para realização da pesquisa, foi feita parceria com a Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul (Anexo 1), a partir da intersecção do livro de registros e de fotos, ouvida a opinião do Contramestre.

Para coleta dos dados, foram elaborados três roteiros de entrevistas semi-estruturadas, realizadas presencialmente ou por meio digital, *whatsapp*, para ouvir primeiramente os (as) Mestres (as), Contramestres (as), Treinéis e Treinelas e, por fim, alunos (as) antigos (as) e novos (as) - Apêndices B, C, D -, o que abarcou 23 escutas a capoeiristas, conforme preliminarmente mencionado. Essas entrevistas permitiram, junto com a pesquisa bibliográfica realizada, que eu pudesse atingir os objetivos geral e específicos da pesquisa, bem como chegar a uma resposta ao problema de pesquisa. E, por envolver a manifestação de pessoas, o trabalho foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS, sob o número 50849321.3.0000.5347.

A sustentação teórica desta investigação, a partir da pesquisa bibliográfica realizada, além de apresentar diferentes contribuições de pesquisadores sobre as temáticas patrimônio cultural, Capoeira, direitos humanos, branquitude, racismo e memória, permitiu-me refletir criticamente sobre o meu objeto de estudo. Desse modo, busquei construir uma narrativa que incluísse as vozes dos atores sociais capoeiristas da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, enquanto protagonistas da construção de elementos da memória dessa Roda.

Com a conclusão, espero ter contribuído, como capoeirista e como cidadão brasileiro, para que, em uma perspectiva decolonial, possam ser difundidos elementos primordiais da cultura africana e afro-brasileira, sobretudo com o respeito às manifestações populares negras, em específico aqui a Capoeira e a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção. Assim, pretendeu-se, através da abordagem dessa luta de resistência e dessa roda de Porto Alegre, demonstrar a importância da preservação e da valorização desse patrimônio afro-brasileiro, afro-indígena. Ele, além de ter sua salvaguarda garantida, necessita de respeito e reconhecimento por todos, posto que não se trata aqui de falar apenas de sua exponencial ligação à ancestralidade, à religiosidade, à memória de resistência, à história de luta contra a escravidão, mas também de prospectar que a Capoeira tem na sua essência a transformação social por um mundo justo, plural, diverso, que supere o racismo e garanta dignidade a todos seres humanos, para que possamos exercer plenamente a cidadania, livres e gozando, na integralidade, dos direitos sociais, que não podem mais ficar apenas consignados em folhas de papel, pelo menos, para parte do povo. Seguem a Capoeira e os capoeiristas revolucionando!!

## **2 PATRIMÔNIO CULTURAL E DIREITOS HUMANOS**

Num primeiro olhar, pode parecer que a conexão entre patrimônio cultural e direitos humanos seja descabida ou exagerada. Ao contrário, são dois conceitos que se aproximam e se inter-relacionam, que serão objeto de análise deste capítulo. Desse modo, busco romper preconceitos, ao demonstrar a relação intrínseca entre ambos, inserindo, posteriormente, a Capoeira como uma de suas intersecções. Para isso, iniciarei ao abordar aspectos conceituais relativos ao patrimônio cultural no Brasil, seguindo pela análise dos direitos humanos, com foco na cultura, atrelando-os ao direito fundamental ao patrimônio cultural. Finalizando, ao adentrar os conceitos de branquitude e de racismo estrutural, será realçada a necessidade da superação do racismo na sociedade contemporânea, para que ela se pretenda justa e igualitária no acesso a direitos e propulsora de visões e oportunidades democráticas, plurais e diversificadas no todo social, permitindo o pleno exercício à cidadania por todes.

### **2.1 Patrimônio cultural no Brasil: conceito e legislação**

Ao superar uma visão tradicional de patrimônio, atrelada às noções de monumento histórico e artístico, numa ótica centrada nos monumentos do passado, adentra-se, na década de setenta do século XX, mas, sobretudo, na atualidade, numa nova era, em que o conceito se amplia largamente com a inclusão da concepção do patrimônio cultural como a reunião de bens culturais plurais e identitários de distintas coletividades. Nessa perspectiva, Castriota (2009, p.12) destaca que, para além dos já consolidados monumentos, agora “[...] diversas paisagens, tradições, expressões de arte, saberes populares e documentos passaram a ser reconhecidos como patrimônio nacional, acompanhando a tendência mundial de expansão do conceito”.

Esse conceito foi construído a partir de vários encontros e reflexões entre pesquisadores e militantes da área do patrimônio. Contribuindo para esse debate em torno do patrimônio cultural, Choay (2001, p. 223) destaca que “[...] a prática ecumênica da expansão patrimonial” se consolidou a partir da Conferência Geral da

UNESCO em 1972, que, segundo a autora, transpôs o conceito de patrimônio monumental com o de patrimônio cultural.

A Conferência, realizada em Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972, se constituiu num marco para a concepção de patrimônio cultural ao partir, dentre as suas premissas, da constatação de que “[...] a degradação ou o desaparecimento de um bem do patrimônio cultural e natural constitui um empobrecimento efetivo do patrimônio de todos os povos do mundo” (CONVENÇÃO, 1972, p. 1). O documento, em seus trinta e oito artigos, definiu um arcabouço de obrigações concernentes à identificação, conservação, valorização, proteção e transmissão às futuras gerações do patrimônio cultural e natural. Nessa linha, dada a relevância desse documento, detenho-me a destacar pontos-chave que permanecem com suma importância para o campo do patrimônio, sobretudo na aceção cultural.

Em seu primeiro artigo, ele já abarca o conceito de patrimônio cultural, expandido o conceito para além dos tradicionais monumentos, incorporando “[...] grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência”, os conjuntos de construções com valor histórico, artístico e científico, bem como os “locais de interesse”, como as “zonas” com “valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico” (Op.cit, p. 2). A seguir, ao dispor que compete a cada Estado delimitar os bens que compõem seus patrimônios culturais e naturais, a convenção previu, no art. 4º, que as nações consignatárias têm “[...] obrigação de assegurar a identificação, proteção, conservação, valorização e transmissão às gerações futuras” (Op.cit, p. 3) e, para isso, devem adotar medidas eficazes que constam no importante art. 5º da carta, o qual destaco a seguir:

A fim de assegurar proteção e conservação eficazes e valorizar de forma ativa o patrimônio cultural e natural situado em seu território e em condições adequadas aos países, cada Estado-parte da presente Convenção empenhar-se-á em: a) adotar uma política geral com vistas a atribuir função ao patrimônio cultural e natural na vida coletiva e a integrar sua proteção aos programas de planejamento; b) instituir no seu território, caso não existam, um órgão (ou vários órgãos) de proteção, conservação ou valorização do patrimônio cultural e natural, dotados de pessoal capacitado, que disponha de meios que lhe permitam desempenhar suas atribuições; c) desenvolver estudos, pesquisas científicas e técnicas e aperfeiçoar os métodos de intervenção que permitam ao Estado enfrentar os perigos ao patrimônio cultural ou natural; d) tomar as medidas jurídicas, científicas, técnicas, administrativas e financeiras cabíveis para identificar, proteger, conservar, valorizar e reabilitar o patrimônio; e e) fomentar a criação ou o

desenvolvimento de centros nacionais ou regionais de formação em matéria de proteção, conservação ou valorização do patrimônio cultural e natural e estimular a pesquisa científica nesse campo. (CONVENÇÃO, 1972, p. 3-4)

Nota-se a potência das políticas emanadas da Convenção de 1972 da UNESCO, que incluem a inserção do patrimônio cultural na vida social da população dos Estados, sua proteção através de política estatal e de criação de órgãos nos países, os quais também deverão propiciar sua conservação e valorização. Além disso, na carta de 1972, se ressaltam, no art. 8º, a instituição do Comitê do Patrimônio Mundial<sup>10</sup>, que tem, entre outras incumbências, estabelecer, atualizar e divulgar a “Lista do Patrimônio Mundial” e a “Lista do Patrimônio Mundial em Perigo”, que identifica patrimônios que demandam intervenções necessárias para suas salvaguardas, conforme explícito no art. 11 (Op.cit, p. 5-6). Nesse contexto, em 1974, o Congresso nacional brasileiro aprova a Convenção de 1972 da UNESCO em âmbito nacional, sendo promulgada a adesão do Brasil em 1977, através da publicação do Decreto nº 80.978, de 12 de dezembro (BRASIL, 1977).

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, por sua vez, em seu artigo 216, além de incorporar o conceito de patrimônio ao de cultura, alarga a sua dimensão com a distinção entre patrimônio material e imaterial, ao estabelecer que constituem o patrimônio cultural brasileiro “[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988a, documento eletrônico). Enquanto o patrimônio cultural material se atém às características estéticas ou técnicas dos bens culturais, o imaterial ou intangível foca as expressões, os processos, as práticas e as representações que as comunidades e as pessoas reconhecem como pertencentes ao seu patrimônio cultural, expressos nos seus saberes e fazeres. Nesse contexto, Castriota (2009) afirma que:

---

<sup>10</sup>O Comitê do Patrimônio Mundial atualmente é composto por 21 países. Há rodízio na composição do Comitê a cada quatro anos. O Brasil, em 2017, foi novamente escolhido como Estado membro da organização, tendo anteriormente composto o órgão em 1980, 1987, 1993 e em 2007 e presidido o Comitê em 1988 e 2010. Informação obtida em: <<https://whc.unesco.org/en/committee/>>; <<https://revistanews.com.br/2017/11/14/brasil-e-eleito-membro-do-comite-do-patrimonio-mundial-da-unesco-pela-quinta-vez/#:~:text=O%20Brasil%20foi%20escolhido%20nesta,lado%20de%20outros%20pa%C3%Adses.>>. Consultado em: 18 ago 2022.

[...] por um lado, o conceito de patrimônio – ao se afastar da noção reificada de monumento – incorpora a ideia da dinâmica da cultura e do ambiente construído; por outro, percebe-se – através da mediação de ideias como a de sustentabilidade e de qualidade ambiental – a necessidade de se pensar conjuntamente as chamadas “áreas históricas” e o restante do tecido urbano e do território. (CASTRIOTA, 2009, p. 13)

Silvestrin (2014) contribui para essa discussão ao ressaltar a importância de dois aspectos essenciais sobre o patrimônio cultural como uma política pública a ser concretizada, com vistas à sua identificação, conservação, valorização e difusão. O primeiro deles é a necessidade de dispositivos legais que amparem a política pública, como é o caso do Artigo 216 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, já citada, bem como do Decreto nº 3.551/2000<sup>11</sup>, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, criando o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. O segundo é que deve existir uma intrínseca relação entre o Estado e a sociedade civil, por meio do atendimento dos anseios dos cidadãos, objetivando a construção coletiva de políticas através de programas e ações em que os grupos da sociedade participem da execução e do acompanhamento da consolidação do patrimônio cultural como política pública.

O Decreto nº 3.551/2000, por seu turno, estabelece que o registro dos bens ocorre em quatro categorias, que são *Saberes*, *Celebrações*, *Formas de Expressão* e *Lugares*, conforme expresso no §1º, art.1º. Cada categoria recebe o nome de livro e abarca um conjunto de quesitos, consoante se vê a seguir:

Art. 1º [...] §1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros: I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas. (BRASIL, 2000, documento eletrônico)

No tocante à Capoeira, ver-se-á mais profundamente no próximo capítulo que foram registrados como patrimônio cultural brasileiro, em 2008 pelo IPHAN, o Ofício dos Mestres e a Roda de Capoeira, respectivamente, nos livros de Saberes e de

---

<sup>11</sup>Decreto disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3551.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm)>. Consultado em: 27 ago 2020.

Formas de Expressão. Em âmbito nacional, ainda, necessário destacar a própria criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1937, idealizado por Mário de Andrade<sup>12</sup> e constituído através da Lei nº 378, de 13 de janeiro, durante o governo de Getúlio Vargas, com a finalidade (art. 46) de “[...] promover, em todo o país e de modo permanente, o tombamento, a conservação, o enriquecimento e o conhecimento do patrimônio histórico e artístico nacional” (BRASIL, 1937, documento eletrônico)<sup>13</sup>. Em 2021, por meio da Portaria nº 23, de 17 de maio, foi publicado o planejamento estratégico do IPHAN, anos 2021 a 2024, em que se encontra a missão do órgão, que consiste em “promover e preservar o patrimônio cultural brasileiro de forma sustentável, contribuindo para a cidadania plena e para o reconhecimento, valorização e difusão da diversidade cultural”<sup>14</sup>.

O avanço do conceito de patrimônio cultural e da missão a que o IPHAN se dedica é uma construção social conformada ao longo de reflexões de décadas de trabalho de pesquisados, atores sociais e zeladores do patrimônio cultural brasileiro. Destacar o patrimônio cultural como essência contributiva para o exercício da cidadania plena, ancorada na diversidade cultural, não é menos importante, mas ao contrário, demonstra que um patrimônio reconhecido, valorizado, difundido e salvaguardado acarreta bens culturais, agentes culturais, modos de vida protegidos, para que, de fato, se possa alcançar uma cidadania digna, confluyente de direitos humanos a serem observados e respeitados no todo social diverso e plural culturalmente. Nessa linha, ao ressaltar que a abordagem sobre o patrimônio cultural negro estará inserida no Capítulo destinado à Capoeira, passo, a seguir, a me debruçar sobre a temática dos direitos humanos.

---

<sup>12</sup>Mário Raul de Moraes Andrade, Mário de Andrade, poeta, nasceu em 1893 em São Paulo, tendo falecido em 1945. Uma das referências do movimento *Modernismo*, as obras dele marcaram a literatura brasileira, como *Paulicéia desvairada* (1922), *Macunaíma* (1928), *Lira paulistana* (1946). O escritor, ao afirmar que “toda minha obra representa uma dedicação feliz a problemas do meu tempo e da minha terra”, dedicava-se como missão a preocupação do processo de reconstrução do Brasil que se transformava política, cultural, social e economicamente (CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p 369). Uma literatura crítica, preocupada com os problemas nacionais, por vezes que insultava a burguesia, caracteriza parte da obra deste grande escritor que também foi professor universitário, Diretor do Departamento de Cultura da prefeitura de São Paulo e idealizador do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), do Ministério da Educação, criado em 1937, a partir do anteprojeto escrito por Mário de Andrade, a convite do Ministro da Educação e Saúde à época, Gustavo Capanema. O SPHAN é, atualmente, o conhecido IPHAN (CEREJA; MAGALHÃES, 2000, p 368-373).

<sup>13</sup>Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937 disponível em:

<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1930-1949/l0378.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/l0378.htm)>. Acesso em: 18 ago 2022.

<sup>14</sup> Informação obtida em: <[https://www.gov.br/iphan/pt-br/aceso-a-informacao/transparencia-e-prestacao-de-contas/planejamento-estrategico-1/Publicacao\\_Portaria\\_n.\\_23.pdf](https://www.gov.br/iphan/pt-br/aceso-a-informacao/transparencia-e-prestacao-de-contas/planejamento-estrategico-1/Publicacao_Portaria_n._23.pdf)>. Consultada em: 19 ago 2022.

## 2.2 Direito humano à cultura e direito fundamental ao patrimônio cultural

Iniciar a temática dos direitos humanos deveria ser sempre agradável e essencial. Entretanto, em tempos em que a vida, direito humano essencial, que é o difusor dos demais, é relativizada, o que esperar de garantias à saúde, à educação, à cultura e aos demais direitos dos seres humanos? O que se abordar sobre o direito fundamental ao patrimônio cultural, quando tentam atacar nossos povos originários com marco temporal para limitar a demarcação das terras indígenas?<sup>15</sup> Que tempos se viveu na recente pandemia<sup>16</sup>, e, em especial, neste país, o Brasil! Os ataques aos direitos humanos não vêm de hoje, mas se intensificaram notoriamente quando o povo mais vulnerável precisava do Estado para subsistir frente à pandemia. Nesse contexto, a restrição aos direitos humanos é direcionada a todos ou a apenas alguns humanos? Convida-se à reflexão.

Focando neste país, em meio à avassaladora pandemia da Covid-19, o que nos amparam são os profissionais que buscam, alicerçados na ciência, salvar vidas, de forma brava e incansável. Aos trabalhadores da área da saúde, em especial aos do Sistema Único de Saúde (SUS), que é referência mundial, bem como a todos os profissionais da Educação, cientistas, pesquisadores e demais envolvidos nesse complexo mutirão, que trabalham com fatos e não com *fakes*, buscando

<sup>15</sup>Marco temporal é uma tese utilizada para limitar o direito indígena ao território apenas àqueles (as) indígenas que já ocupavam as terras em 05 de outubro de 1988, data em que foi promulgada a Constituição Federal. Com o julgamento de ação suspenso no Supremo Tribunal Federal em 15 de setembro de 2021, devido a pedido de vistas do Ministro Alexandre de Moraes, temos que ficar atentos, para que a tese não prospere, pois, caso aprovada, será um ataque brutal aos povos originários do Brasil, em cujas terras já estavam há séculos. Informações obtidas em: <[https://www.politize.com.br/marco-temporal/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAiA3KefBhByEiwAi2LDHLfNLI4w8KkLD2H0Jb1374H9ZhFIH02UYIBi-ZQA-DrHa-1-8auzFhoCqn4QAvD\\_BwE](https://www.politize.com.br/marco-temporal/?https://www.politize.com.br/&gclid=CjwKCAiA3KefBhByEiwAi2LDHLfNLI4w8KkLD2H0Jb1374H9ZhFIH02UYIBi-ZQA-DrHa-1-8auzFhoCqn4QAvD_BwE)>; <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2022-09/stf-retomara-julgamento-do-marco-temporal-diz-ministra-indigenas#:~:text=O%20julgamento%20do%20processo%20E2%80%93%20Recurso,do%20ministro%20Alexandre%20de%20Moraes.>>. Consultado em: 05 jan 2023.

<sup>16</sup>Em 20 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou a infecção por coronavírus como pandemia. Foram quase 15 milhões de vítimas em um período de extrema tristeza, de isolamentos e utilização de equipamentos de proteção individual. Com a chegada das vacinas, o número de óbitos foi reduzido e, com a população sendo vacinada e conseqüentemente estando protegida, aos poucos a vida retornou à normalidade, com flexibilização de medidas de contenção da disseminação do vírus. Atualmente, o número de casos e mortes reduziram bastante, devido justamente à vacinação, mas a OMS mantém nível máximo de alerta mundial, permanecendo o status de pandemia à infecção por covid-19. Informações obtidas em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581>>; <<https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2022/12/covid-19-mundo-tem-15-milhoes-de-mortes-a-mais-que-os-registros-oficiais-diz-estudo-na-nature.ghtml>>; <<https://exame.com/mundo/oms-mantem-nivel-maximo-de-alerta-para-a-pandemia-de-covid-19/>>. Consultado em: 01 fev 2023.

salvaguardar vidas, e a todas e todos que respeitam a vida do outro, que têm sentimento sincero de empatia e luto em tempos tão tristes, fica aqui o meu MUITO OBRIGADO!

Às famílias das mais de 685.000 (seiscentos e oitenta e três mil)<sup>17</sup> vítimas do coronavírus só no Brasil, desejar muita força e paz neste momento é o mínimo, pelo menos para quem não debocha de um vírus, afirmando que é uma gripezinha. Que o sentimento muito difícil da perda, frente ao descaso de governos, seja impulsionador para transformar a sociedade brasileira numa realidade mais humana e justa, em que as vidas importem de fato e em que todos os direitos humanos sejam respeitados e garantidos ao povo.

Trata-se aqui de um conjunto de direitos que foi se conformando a partir do final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, em um movimento voltado à exaltação da vida e à propagação da paz, na busca de garantir direitos a todos os seres humanos de forma digna e igualitária. Em 26 de junho 1945, em São Francisco, Califórnia, Estados Unidos da América, formalizava-se a articulação das nações pela defesa da paz, da vida, dos direitos fundamentais dos seres humanos a partir da assinatura da Carta das Nações Unidas, que resultou na criação da Organização das Nações Unidas (ONU) em 24 de outubro daquele ano, data em que a Carta passou a vigorar. Ainda, destaca-se que foi esse documento que previu toda a estrutura e a composição da ONU, com Assembleia Geral, Conselho de Segurança, Conselho Econômico e Social, Conselho de Tutela, Corte Internacional de Justiça e Secretariado, com a possibilidade de qualquer Estado que pregue a paz e observe a Carta ser membro (CARTA, 1945, documento eletrônico).

Assim, em 10 de dezembro de 1948, a Assembleia Geral da ONU aprova e publica a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), documento referencial dos direitos humanos, que estabelece em seu Preâmbulo:

[...] Considerando que o desconhecimento e o desprezo dos direitos humanos conduziram a atos de barbárie que revoltam a consciência da Humanidade e que o advento de um mundo em que os seres humanos sejam livres de falar e de crer, libertos do terror e da miséria, foi proclamado como a mais alta inspiração do ser humano. [...] Considerando que, na Carta, os povos das Nações Unidas proclamam, de novo, a sua fé nos direitos fundamentais do homem, na dignidade e no valor da pessoa humana, na igualdade de direitos dos homens e das mulheres e se declaram resolvidos a favorecer o progresso social e a instaurar melhores

---

<sup>17</sup>Informação obtida em: <<https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>>. Consultada em: 21 set 2022.

condições de vida dentro de uma liberdade mais ampla. [...]”<sup>18</sup>(DECLARAÇÃO, 1948, documento eletrônico)

A partir desse documento, os direitos humanos passaram a serem garantias de todas as mulheres, homens e pessoas não binárias, que, de forma alguma, podem ser violadas. São conquistas obtidas em diferentes contextos históricos que significam “[...] a universalidade, a indivisibilidade e a interdependência dos Direitos Civis e Políticos e dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais”, devendo ser pensados a partir da garantia de todas as liberdades atreladas à justiça social (ANDI; SEDR; UNESCO, 2006, p. 356).

Nesse contexto, é fundamental ressaltar o direito humano à vida, que impulsiona a garantia de todos os outros direitos. O direito de nossa existência está previsto no art. 3º da DUDH, ao mencionar que “[...] Todo ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal” (DECLARAÇÃO, 1948, documento eletrônico).

Para continuar, trarei contribuições de Ingo Wolfgang Sarlet, Doutor em Direito pela Ludwig Maximilians-Universität-München, professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), coordenador do GEDF (Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Fundamentais – CNPq)<sup>19</sup>. Segundo o autor, o princípio da dignidade da pessoa humana é o elemento emancipador e ao mesmo tempo aglutinador dos direitos humanos, ao significar que todos têm o direito ao mínimo existencial para a subsistência digna, a ser garantida pelo Estado (SARLET, 2010). A partir dele, uma gama de direitos é irradiada, como à educação, à saúde, à moradia, à alimentação, à amamentação, à segurança, ao trabalho remunerado, às férias, ao lazer, dentre outros.

Para abordar o assunto, também recorro a Walber de Moura Agra, livre docente pela Universidade de São Paulo, Doutor em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), professor da UFPE, diretor e fundador do Instituto Brasileiro de Estudos Constitucionais<sup>20</sup>. Ele menciona que “[...] todos os direitos fundamentais têm a função de desenvolver e assegurar a dignidade da pessoa humana” (AGRA, 2012, p. 584). Contudo, prossegue o autor, para a sua plena concretização, os direitos fundamentais necessitam de complementação legislativa

---

<sup>18</sup>Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em:

<<https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Pages/Language.aspx?LangID=por>>. Acesso em: 11 nov 2021.

<sup>19</sup>Informações obtidas em: <<http://lattes.cnpq.br/7185324846597616>>. Consultado em: 05 ago 2022.

<sup>20</sup>Informações obtidas em: <<http://lattes.cnpq.br/1023931011986978>>. Consultado em: 05 ago 2022.

infraconstitucional, obrigação que deve ser observada e efetivada pelo legislador ordinário, a fim de atender à necessidade de se garantirem esses direitos.

Diante da falta de consenso na distinção conceitual e terminológica entre direitos humanos e direitos fundamentais, nesta dissertação se adota o critério defendido por Sarlet (2014), designando como direitos fundamentais aqueles previstos na Constituição Federal de determinado Estado e como direitos humanos os que têm abrangência internacional, ou seja, são direcionados a todos os povos.

Ingresso, então, na abordagem relativa ao direito humano à cultura, em que se está tratando de cultura em uma de suas amplitudes humanas ao se defender, preservar e difundir a diversidade, a pluralidade e a inclusão social de vozes e expressões em ambientes que respeitem outros direitos humanos, como a vida, a democracia e a paz dos povos. Nesse sentido, é essencial compreender que as culturas se renovam e se colorem, mas, ao mesmo tempo, demandam forte preservação nos seus fundamentos e tradições, muitas vezes ancestrais.

Diante disso, ao retomar a Declaração Universal dos Direitos Humanos, se verifica que o documento considera a cultura como um direito humano, ao referenciar, em seu art. 23, que “[...] toda a pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social; e pode legitimamente exigir a satisfação dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis [...]” (DECLARAÇÃO, 1948, documento eletrônico)<sup>21</sup>. E, em seu art. 27, dispõe ainda que “[...] toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade [...]” (Op.cit.)<sup>22</sup>. Portanto, o direito à cultura é previsto como indispensável pela a Carta Magna dos direitos humanos. Nessa linha, a própria Declaração afirma que, além de todas as pessoas terem esse direito, a vida cultural das comunidades deve ser respeitada e, portanto, livre de cerceamentos opressores.

No Brasil, o direito humano à cultura é reconhecido como um direito fundamental na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu Art.215, que assim estabelece:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

---

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Idem.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

[...]

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

I defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;

II produção, promoção e difusão de bens culturais;

III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

IV democratização do acesso aos bens de cultura; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

V valorização da diversidade étnica e regional.

(BRASIL, 1988<sup>a</sup>, documento eletrônico)

Fica nítido no Documento que se constitui em obrigação do Estado garantir o acesso ao direito à cultura, bem como a proteção das manifestações culturais “[...] indígenas e afro-brasileiras [...]”, estabelecendo um Plano de Cultura que defenda e valorize o patrimônio cultural, promovendo sua produção, difusão e valorização. A esse respeito, Pedro Lenza, Doutor em Direito pela USP, ressalta que o direito cultural se consagra como direito fundamental através do “[...] princípio da cidadania cultural ao estabelecer que o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. [...]” (LENZA, 2007, p. 718).

Ao realçar que há o princípio da cidadania cultural, ou seja, o direito do povo de exercer a cultura em múltiplos aspectos e tê-la preservada, valorizada e difundida, o autor acaba por ressaltar a obrigação do Estado brasileiro em garantir ao povo o pleno exercício e usufruto de sua base e vida cultural. Portanto, o originário e essencial direito humano à cultura se insere como direito fundamental na Constituição e vincula-se a outro direito dele decorrente, que é o direito fundamental ao patrimônio cultural, sobre o qual se refletirá a seguir.

Como já foi visto anteriormente, em seu Art. 215, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 prevê como obrigação Estatal a defesa e valorização do patrimônio cultural. Contudo, a ênfase a esse aspecto é dada em seu Art. 216, ao definir que:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

- III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
  - IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
  - V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
- § 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.
- § 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem. (Vide Lei nº 12.527, de 2011)
- § 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.
- § 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.
- § 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.  
[...]" (BRASIL, 1988a, documento eletrônico)

Desse modo, o destaque dado ao direito humano à cultura nesse Documento deveria se refletir no cotidiano do país, através de políticas públicas de salvaguarda do patrimônio cultural, em suas manifestações tanto materiais como imateriais, porém o que se verifica, na prática, é cada vez maior descaso do Estado em protegê-lo, preservá-lo e difundi-lo. Sem necessidade de maiores análises, é muito fácil perceber essa realidade, pois basta ver a indicação feita pelo presidente da República para a direção da Fundação Cultural Palmares (FCP)<sup>23</sup> para o período 2018-2022, de uma pessoa que se contrapõe às políticas de preservação e valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro, buscando silenciar, através da verbalização de seu preconceito, a história de luta e resistência de negros e negras, como se comprova em suas inúmeras declarações. Sérgio Camargo, que se exonerou do cargo de presidente da FCP para se candidatar a deputado federal pelo

<sup>23</sup> Criada em 22 de agosto de 1988, através da Lei nº 7.668, a Fundação Cultural Palmares tem como finalidade “promover a preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988b). Na gestão do desgoverno de Jair Bolsonaro, com a extinção do Ministério da Cultura, a Fundação ficou atrelada ao Ministério do Turismo. O compromisso original da Fundação é o combate ao racismo, a difusão, a valorização e a preservação da cultura negra, em busca da igualdade de condições e oportunidades a negros e negras na sociedade brasileira. Ainda, entre seus princípios condutores, está a defesa da cidadania no exercício de direitos coletivos e individuais da população negra no conjunto de suas manifestações culturais, bem como a defesa da diversidade das identidades culturais brasileiras, que devem ser reconhecidas e respeitadas. A Fundação Cultural Palmares tem a importante incumbência de reconhecer, delimitar e demarcar as terras das comunidades quilombolas remanescentes, emitindo certidão a elas e procedendo à inscrição em cadastro geral do governo federal. Por fim, a Fundação tem uma estrutura administrativa composta por três órgãos: Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-brasileiro (DPA); Departamento de Fomento e Promoção da Cultura Afro-brasileira (DEP); e o Centro Nacional de Informação e Referência da Cultura Negra (CNIRC). Informações obtidas em: <[https://www.palmares.gov.br/?page\\_id=95](https://www.palmares.gov.br/?page_id=95)>; <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7668.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7668.htm)>. Acesso em: 31 ago 2022.

estado de São Paulo em 2022, vociferou, por exemplo, que a escravidão foi “benéfica”<sup>24</sup> à população negra e que o movimento negro é uma “escória maldita” que abriga “vagabundos”<sup>25</sup>.

Contra-pondo-me veementemente a essas falas racistas, já no início da próxima seção, dissertarei sobre a importância do movimento negro na luta pela superação do racismo e na conquista de políticas públicas para as pessoas negras. Ainda, no capítulo terceiro, ao abordar a temática da Capoeira, falarei sobre o período nefasto da escravidão, em que houve torturas, assassinatos e cerceamento das liberdades de pessoas negras no Brasil.

Ressalto, por fim, que as reflexões sobre os direitos humanos em geral, com centralidade nos direitos à cultura e ao patrimônio cultural, estão entranhadas neste texto, permeando toda a escrita da dissertação. Aqui, por conseguinte, só iniciei essa prosa. E, para prosseguir-la, passarei agora à abordagem dos direitos humanos na perspectiva da luta antirracista, como propulsores de políticas públicas que visem à superação do racismo.

### **2.3 Direitos humanos e superação do racismo**

Antes de iniciar a temática dos direitos humanos no contexto da luta pela superação do racismo, é necessário que eu aborde, a partir de autoras e autores, sobretudo, negras e negros, os conceitos de branquitude e racismo estrutural, trazendo visões do movimento negro a respeito desses temas. Nesse sentido, cumpre-me ressaltar, primeiramente, o meu lugar de fala. Sou um homem branco que não sofre racismo e que acaba usufruindo dos privilégios da branquitude ainda, infelizmente, existentes no Brasil e no mundo. Assim, ao falar sobre os assuntos recém elencados, tomarei o cuidado de trazer visões principalmente de pessoas negras que têm propriedade para abordar temas tão relevantes ao movimento negro e a todas e todos que, como eu, são antirracistas no dia a dia e buscam a superação

---

<sup>24</sup> Informação obtida em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2021/09/02/com-criticas-a-sergio-camargo-cdh-discute-importancia-da-fundacao-palmares>>. Acesso em: 06 set 2022.

<sup>25</sup> Informação obtida em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/06/03/presidente-da-fundacao-palmares-chama-movimento-negro-de-escoria-maldita>>. Acesso em: 06 set 2022.

do racismo, para que haja igualdade de oportunidades e de direitos, para o pleno exercício da cidadania por toda a sociedade.

Destaco aqui, ainda, a minha prática diária antirracista, seja através da Capoeira, ao participar da Comissão Especial de Combate ao Racismo do Conselho Universitário da UFRGS, da qual faço parte, seja por atitudes concretas de combate ao racismo em todos os lugares que frequento, dentro e fora da Universidade, nos ambientes entre amigos, familiares, conhecidos e desconhecidos. Como diz Angela Davis, ativista dos direitos humanos, filósofa, professora e escritora defensora dos direitos da população negra e das mulheres nos EUA e no mundo, “em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”.

Nesse contexto, ao adentrar no debate sobre branquitude, já me remeto a Lourenço da Conceição Cardoso, professor adjunto na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), historiador e escritor brasileiro referência nessa temática.<sup>26</sup> Ele, ao mencionar que “[...] podemos reconhecer o branco pelos privilégios que obtém por ser branco”, direciona-nos a uma possível centralidade do debate de racismo a partir da ótica dos privilégios dos brancos em uma sociedade racista, e, nesse ponto, alicerça-se a discussão ao entorno da branquitude para o autor (CARDOSO, 2014, p. 39).

O debate sobre a branquitude está entranhado com o reconhecimento dos privilégios<sup>27</sup> das pessoas com a epiderme branca, que, em uma sociedade racista, gozam de direitos e facilidades por um lado, e não sofrem o racismo por outro, beneficiando-se de uma condição da lógica colonialista, que remete à exclusão de negras, negros e indígenas, porque a estrutura social colonial impôs uma visão de que brancos seriam superiores, o que ainda vivenciamos com práticas racistas de herança desse período até hoje. E justamente é essa falácia de superioridade que tem também que ser combatida, rumo à superação do racismo.

Nesse contexto, Lourenço de Cardoso afirma que “[...] um grande passo será dado quando o branco enxergar-se e enxergar os Outros. Enxergar no Outro, por exemplo, o negro, a si mesmo, o humano” (CARDOSO, 2014, p. 36). Assim, ao debater a branquitude, a partir do autor, é fundamental que nós pessoas brancas

---

<sup>26</sup> Informações disponíveis em: <<http://lattes.cnpq.br/6166449067461046>>. Acesso em: 21 set 2022.

<sup>27</sup> Um exemplo simples de privilégio é que um branco correndo em vias públicas é visto como um ser praticando atividade física. Já, se for uma pessoa negra, a probabilidade é grande de alguém achar que está fugindo e ainda talvez seja abordada pela polícia.

tenhamos a responsabilidade social de termos práticas diárias antirracistas, combatendo ações e discursos racistas ao lado de negras, negros e indígenas, e, mais que isso, reconhecendo o que é óbvio para mim e para outros, mas que não é tão nítido para os que se veem como superiores: todos somos ser humanos e devemos ter garantidos, de forma integral, livre e igualitária, os direitos que são atinentes a todos, os direitos humanos.

Nessa linha, não se pode falar de direitos humanos para quem é mais ou menos humano, visto que inexistente essa “categoria” em nossa sociedade. Não se deve ser conivente com um discurso que racistas propagam, de que direitos humanos são para “defender vagabundos”, porque o que se vê, na prática, é que quem vocaliza esse tipo de fala se beneficia dos direitos humanos, por exemplo, à vida e à liberdade, enquanto muitas pessoas negras são assassinadas por racistas que vêm na cor da pele um motivo para bater até matar, para sufocar até a morte. Assim, não posso deixar novamente de mencionar Mestre Moa do Katendê, referência da cultura popular afro-brasileira, Mestre de Capoeira, grande expoente no Afoxé, assassinado em 2018, em Salvador, covardemente pelas costas, por se posicionar contra o então candidato à presidência da República, Jair Messias Bolsonaro<sup>28</sup>; Marielle Franco, ex-vereadora do Rio de Janeiro, militante feminista, LGBT, antirracista, defensora dos direitos humanos, exterminada, em 2018, a tiros<sup>29</sup>; George Floyd, sufocado, em 2020, por um policial branco norteamericano até perder a vida<sup>30</sup>; João Alberto Freitas, espancado e sufocado até a morte no supermercado Carrefour em Porto Alegre, em 2020<sup>31</sup>; etc.

<sup>28</sup> Informação disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/10/08/3-anos-sem-moa-do-katende-relembra-a-trajetoria-do-mestre>>; <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45806355>>; <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2018/10/17/investigacao-policial-conclui-que-morte-de-moa-do-katende-foi-motivada-por-briga-politica-inquerito-foi-enviado-ao-mp.ghtml>>. Consultado em: 12 set 2022.

<sup>29</sup> Informação disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56368243>>; <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/03/15/interna\\_politica,666247/que-m-era-marielle-franco-vereadora-assassinada-a-tiros-no-rio-de-janeiro.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/03/15/interna_politica,666247/que-m-era-marielle-franco-vereadora-assassinada-a-tiros-no-rio-de-janeiro.shtml)>. Consultado em: 12 set 2022.

<sup>30</sup> Informação disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george-floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml>>; <<https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/george-floyd-como-negro-morto-pela-policia-inspira-hoje-luta-antirracista/#page6>>. Consultado em: 12 set 2022.

<sup>31</sup> Informação disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/11/20/homem-negro-morre-apos-ser-espancado-em-unidade-do-carrefour-em-porto-alegre>>; <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/11/19/caso-joao-alberto-o-que-se-sabe-um-ano-depois-do-assassinato-em-supermercado-de-porto-alegre.ghtml>>. Consultado em: 12 set 2022.

Infelizmente, poderia seguir com muitas e muitas páginas de assassinatos como os citados, mas, por ora, acredito que é essencial deixar um recado a esses que se veem no direito de exterminar vidas negras: RACISTAS NÃO PASSARÃO. Racismo é crime, como se verá mais adiante. Nesse sentido, ao mencionar que humanos têm direitos e devem poder viver com dignidade, para assim exercer, de fato, a cidadania, rechaço, de forma enfática, àqueles que tentam atacar os direitos humanos, visto que ou não sabem o que significam, ou pior, fingem que não sabem, para que possam atacar e exterminar quem defende igualdade e dignidade a todas as pessoas humanas.

Sobre a temática da branquitude recorro também a Lia Vainer Shucman, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisadora de Relações étnico-raciais e Psicologia. Trata-se de importante referência no debate sobre branquitude no Brasil.<sup>32</sup> Segunda a autora, o que estamos acostumados a verificar são estudos sobre quem é o negro no Brasil, ficando em segundo plano o debate sobre quem é o branco no país e o que significa ser branco, na perspectiva de sua racialização (SHUCMAN, 2014). Nesse sentido, a autora destaca que deve ser averiguado como a ideia de raça é apropriada na constituição identitária branca, que é “[...] vivida imaginadamente como essência herdada e um potencial que confere ao indivíduo poderes, privilégios e aptidões intrínsecas” (Op.cit., p. 84). Estudar apenas negros e indígenas, no tocante às relações raciais, reforça a concepção de que a raça branca seria a norma (Op.cit.). Nesse contexto, desmistificar a “norma”, centralizando o debate na identidade racial branca, com a análise, portanto, da branquitude, ajuda a revelar o papel que os brancos têm na “[...] manutenção e legitimação das desigualdades raciais”, visando à contribuição para luta antirracista, a partir da compreensão pelos brancos de seus privilégios simbólicos e materiais em uma sociedade racista (Op.cit., p. 84-85).

A autora também contribui que a ideia de raça como construção social associada erroneamente a questões biológicas resulta numa construção imaginária da população que acarreta hierarquização social, verbalização e práticas racistas que atrelam as características físicas, fenotípicas (cor da pele, nariz, cabelo, etc.) à ideia equivocada de superioridade moral, intelectual, estética de brancos a negros e indígenas (Op.cit.). Com efeito, para a pesquisadora, o “[...] fenômeno do racismo no

---

<sup>32</sup> Informações obtidas em: <<http://lattes.cnpq.br/0412517270170780>>. Consultado em: 21 set 2022.

Brasil é, ao mesmo tempo, produzido pela e produtor da categoria raça”, compreendendo como racismo “qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos, baseado no conceito de raça” (Op.cit., p. 85).

Para demonstrar de que modo a categoria raça produz desigualdades entre brancos e não brancos, a autora entrevistou 6 pessoas brancas que moram em São Paulo, focando a análise em três eixos - estético, moral e intelectual. Assim, ao questionar sobre padrões de beleza, as respostas dos entrevistados levaram ela a concluir que “[...] a ideia de superioridade estética é sim um dos traços da branquitude em nosso país”, como se pode demonstrar na afirmação de um dos indivíduos entrevistados, o qual disse achar “[...] que branco é mais bonito [...] por ter uma cara mais europeia” (Op.cit. p. 89-90).

Segundo ela, ao indagar os entrevistados sobre o motivo de existir desigualdade econômica no país entre brancos e não brancos mesmo após o fim do regime escravocrata e o porquê “[...] os brancos estavam hoje nos melhores bairros da cidade e ocupavam os cargos de maior prestígio e de poder na sociedade, entre outros privilégios”, constatou que as respostas vieram na perspectiva de acreditarem em superioridade moral e intelectual de brancos, em relação a não brancos, ou seja, se ancoraram no racismo (Op.cit., p. 90). Nesse sentido, destaco a afirmação de dois entrevistados, os quais disseram que “[...] nas atitudes os brancos são melhor, nas atitudes, de agir na vida [...] num é porque sou branco, mas eu acho que os preto são mais violento que os brancos [...]” e que “[...] você não vê imigrante europeu sem estudar, sempre foi muito forte essa história do estudo, é um valor básico da sociedade deles. Diferente da cultura e dos africanos, que são mais flexíveis quanto à ética e à moral, é só ver a religião deles, não tem esse negócio de fazer o bem [...]” (Op.cit., p. 91).

Ainda, a partir da análise das entrevistas, ao abordar a branquitude, a autora (Op.cit., p. 92) conclui sobre a necessidade do “[...] processo de desidentificação com os significados racistas”, que consiste em os indivíduos brancos, ao admitirem seus privilégios na sociedade racista, atuarem pela desconstrução do racismo e dos “[...] significados racistas apropriados por cada sujeito”, visando à produção de novos sentidos do que é ser branco e do que é ser negro. Portanto, diante da contribuição da autora, acredito ser necessário que nós brancos, para além de reconhecermos

nossos privilégios originários de um sistema escravocrata e do colonialismo, no bojo da desigualdade social existente na sociedade racista contemporânea, atuemos pela desconstrução diária, social e estrutural de forma enérgica, ao lado de pessoas negras, para superação do racismo, por igualdade de acesso a direitos e a oportunidades e por dignidade a todos seres humanos.

Não pode ser admitida, e mais, deve ser combatida e penalizada legalmente, qualquer atitude racista, como presenciamos em inúmeras situações, tais como no recente ataque de mulher branca a uma mulher negra em um estabelecimento comercial em Copacabana, Rio de Janeiro, episódio em que a branca, dona da loja de bijuterias, chamou a mulher negra de “macaca”, “preta safada”, expulsando a cliente da loja<sup>33</sup>. Infelizmente, situações como essa são frequentes no Brasil.

Face às reflexões até aqui realçadas, nós brancos não podemos apenas não ter práticas racistas ou nos dizermos não racistas: precisamos combater episódios como o mencionado e, de pronto, não admitir, também, a velha frase que certamente quem me lê já deve ter ouvido – eu não sou racista, tenho amigos negros. Aliás, essa frase é uma forma de expressão do racismo. Afinal, quem fala que tem amigos brancos? Por que afirmar que tem amigos negros? Basta desse tipo de discurso e dessas agressões. Nosso papel, dos brancos que são realmente antirracistas, é enfrentar racistas e o racismo na sociedade, junto com todas as pessoas negras, que são as vítimas de uma estrutura social ainda vigente que reproduz práticas racistas que, inclusive, acarretam, muitas vezes, a morte de negras, negros e indígenas no Brasil e no mundo.

Antes de ingressar na temática do racismo estrutural, que ousei previamente mencionar e abordarei a seguir, alicerçado em pesquisadoras e pesquisadores negras e negros, quero encerrar essa breve reflexão sobre o assunto branquitude com citação de Maria Aparecida Silva Bento, doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP (Universidade de São Paulo), Diretora Executiva do Centro de Estudo das Relações de Trabalho e Desigualdades<sup>34</sup>:

O medo da perda desses privilégios, e o da responsabilização pelas desigualdades raciais constituem o substrato psicológico que gera a projeção do branco sobre o negro, carregada de negatividade. O negro é

<sup>33</sup> Informação obtida em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/09/21/eu-me-senti-um-lixo-diz-mulher-que-denunciou-dona-de-loja-em-copacabana-por-racismo.ghtml>>. Consultado em: 27 set 2022.

<sup>34</sup> Informação obtida em: <<http://lattes.cnpq.br/5692405177660116>>. Consultado em: 27 set 2022.

inventado como um “outro” inferior, em contraposição ao branco que se tem e é tido como superior; e esse “outro” é visto como ameaçador. Alianças inter-grupais são forjadas e caracterizam-se pela ambigüidade, pela negação de um problema racial, pelo silenciamento, pela interdição de negros em espaço de poder, pelo permanente esforço de exclusão moral, afetiva, econômica, política dos negros, no universo social. (BENTO, 2002, p.10)

A autora salienta questões que até hoje se verificam na sociedade, tais como o medo de parte dos brancos de perderem seus privilégios. Nesse contexto, vem-me à lembrança a tentativa de parte dos brancos de barrarem as cotas raciais para ingresso nas Universidades Públicas brasileiras, pois, apesar do discurso ter sido de que “todos têm as mesmas condições de passar no vestibular”, isso não condiz com a realidade, uma vez que pela estrutura racista da sociedade não oferece igualdade de condições a brancos e não-brancos. O que essas pessoas anti-cotas realmente desejam é manter seus privilégios de acesso ao ensino superior, com a exclusão, no maior limite possível, de negras e negros nas universidades. Isso ocorreu na UFRGS e em todo o país, mas, apesar das forças contrárias às cotas raciais, para manutenção de privilégios de brancos, felizmente, a partir da luta do movimento negro, de movimentos sociais e de organização da parte antirracista das comunidades universitárias, houve aprovação das cotas raciais, assunto que me debruçarei mais adiante.

Ainda, Bento (2002, p.10), no excerto realçado, confirma que o branco, em geral, vê, lamentavelmente, o negro como “inferiorizado”, “carregado de negatividade”, o que vai ao encontro do que Lia Schucman (2014) constatou na pesquisa que realizou com pessoas brancas em São Paulo, que viam negros como menos belos, inferiores moral e intelectualmente, conforme se viu anteriormente. Assim, retomo Lourenço Cardoso (2014), ao lembrar que se conseguirá avançar para a superação do racismo, quando o branco enxergar-se e enxergar o “outro”, o negro, o indígena, o não-branco, como ser humano, como todos somos. Nessa perspectiva, é necessário que nós, os brancos, saibamos que temos responsabilidade no enfrentamento diário ao racismo, buscando a superação dele, das desigualdades, das injustiças e do preconceito, em vistas a uma sociedade igualitária, sem racismo estrutural, que oportunize a todos os seres humanos uma vida digna, com pleno exercício da cidadania, com acesso a direitos e oportunidades

equânimes. Nessa linha, é sobre racismo estrutural que disserto a seguir, embasado em pesquisadores negros e negros com lugar de fala sobre o tema.

Para iniciar a abordagem sobre racismo estrutural, remeto-me a Silvio Luiz de Almeida, doutor em Direito pela USP, professor na Fundação Getúlio Vargas e na Universidade Presbiteriana Mackenzie, advogado e diretor do Instituto Luiz Gama<sup>35</sup>. Para ele, o racismo não é fruto de patologias individuais ou de disfunções institucionais, mas é sim essencialmente estrutural, o que se verifica a seguir:

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (ALMEIDA, 2018, p. 38)

Assim, segundo o autor, apesar de haver concepções individualistas e institucionais de racismo, ele se emerge da estrutura social, das relações “normais” constituídas no todo social, em diferentes esferas, sejam elas jurídicas, políticas ou econômicas, ou seja, a estrutura é racista. Desse modo, ele defende que “[...] as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos” (ALMEIDA, 2018, p. 36). Nessa perspectiva, para se combater o racismo, que é inerente à ordem social, o pesquisador dá pistas de políticas a serem adotadas pelas instituições que verdadeiramente se preocupam com a necessária superação do racismo:

[...] a) promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas e com o público externo – por exemplo, na publicidade; b) remover obstáculos para a ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição; c) manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais; d) promover o acolhimento e possível composição de conflitos sociais e de gênero. (ALMEIDA, 2018, p. 37)

Como se verifica, apesar de o racismo ser estrutural, isso não significa que as instituições e os indivíduos devam se isentar de combatê-lo. Pelo contrário, há necessidade veemente de medidas que combatam as expressões de racismo individuais e institucionais, tornando-se “[...] imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas”, com vistas à superação do racismo (Op.cit., p. 39).

---

<sup>35</sup> Informações obtidas em: <<http://lattes.cnpq.br/6325980837929171>>. Consultado em: 16 out 2022.

Diante das reflexões de Silvio Almeida (2018), brevemente apresentadas, vieram-me exemplos de como a estrutura social está imersa no racismo e como isso reflete nas práticas de quem detém o poder, para que mudanças estruturais não ocorram. A defesa intransigente de boa parte dos políticos e poderosos das classes dominantes, que mantêm a posse dos meios de produção no sistema capitalista, pela “Escola Sem Partido”<sup>36</sup>, “sem ideologia”, nada mais é do que, ao meu ver, reflexo de uma elite que não quer mudanças estruturais, ou seja, que vê o debate sobre o respeito às minorias e o combate ao racismo e à LGBTQIA+fobia, por exemplo, como ameaça ao *status quo* social que reverbera práticas racistas, machistas, misóginas e LGBTfóbicas. Felizmente, por ora, diante da pressão dos movimentos sociais, esse projeto não prosperou, mas é também utilizado para tentar cercear ou deixar em segundo plano as discussões sobre racismo e sua necessária superação nas instituições de ensino brasileiras.

Prosseguindo com o debate sobre racismo, trago contribuições de Lélia Gonzales, referência no debate sobre raça, gênero e classe, fundadora do Movimento Negro Unificado em São Paulo, professora universitária, inspiradora a todes que buscam refletir sobre temática racial, visando à superação do racismo, que veio a falecer em 1994<sup>37</sup>. Ela destaca que o colonialismo europeu impregnou a concepção de que o “[...] o racismo se constituía como a “ciência” da superioridade euro-cristã (branca e patriarcal)” (GONZALES, 2018, p. 323). Os países europeus utilizaram o racismo como essência primordial da expressão da dita superioridade do colonizador em face dos colonizados, considerando como inaceitáveis as manifestações culturais dos povos africanos ou indígenas, massacrando-os e escravizando-os (Op.cit., p. 324).

Ainda, ao focar no racismo latino-americano, a autora ressalta que ele é “[...] suficientemente sofisticado para manter negros e índios na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas, graças à sua forma ideológica mais eficaz: a ideologia do branqueamento” (Op.cit.,p. 326). Disso resulta, por exemplo, a triste realidade que se presencia no Brasil desde a época colonial até os

---

<sup>36</sup> Sobre o projeto “Escola sem Partido”, há inúmeras matérias disponíveis, por exemplo, em: <<https://www4.fe.usp.br/escola-sem-partido>>; <<https://www.brasildefato.com.br/2018/12/24/o-escola-sem-partido-nao-foi-aprovado-mas-suas-ideias-estao-no-cotidiano>>. Consultado em: 16 out 2022.

<sup>37</sup> Informações obtidas em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1204-lelia-gonzalez>>. Consultado em: 17 out 2022.

dias atuais, que é a periferização, de modo geral, de negras e negros a localidades distantes dos centros das grandes cidades; o acesso a trabalho, renda, saúde, educação e lazer em situação notoriamente desigual, quando comparados com brancos; o ataque constantes a terras indígenas e o extermínio desses povos originários, o que se intensificou nitidamente com o governo de Jair Bolsonaro<sup>38</sup>.

Acredito, agora, ser relevante também salientar a distinção entre racismo de degeneração e de segregação, conceitos que Lélia Gonzales apresenta. O primeiro implica “fragmentação da identidade cultural”, ou seja, a vítima do racismo introjeta um desejo de distanciamento da sua identidade e internaliza a vontade de “embranquecer”, negando a própria cultura e raça (Op.cit., p. 326). Já o racismo de segregação, por outro lado, acarreta nas vítimas “reforço na identidade racial”, o que as permite “[...] desenvolver outras formas de percepção no interior da sociedade onde vivem” e, por consequência, a se fortalecerem para combater o racismo, afirmando-se como agentes potentes e plenamente capazes na sociedade para lutar por conquistas sociais (GONZALES, 2018, p. 326). E justamente sobre a importância das lutas do movimento negro que tratarei a seguir diante do que relata Nilma Lino Gomes.

Nilda Lino Gomes, doutora em Antropologia Social, professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), foi Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, SEPPIR, em 2015 e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos do governo de Dilma Rousseff entre 2015 e 2016. Ela apresenta uma definição do Movimento Negro, com a qual começo a abordar o tema:

Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. (GOMES, 2017, p.23-24)

---

<sup>38</sup> Informação disponível em: <

Face à concepção trazida, Gomes (2017, p. 23) ressalta a necessidade dos coletivos terem ações explícitas alicerçadas em “[...] uma postura política de combate ao racismo”, para que sejam considerados como Movimento Negro. A partir disso, ela salienta a importância desse potente Movimento, ao afirmar que:

[...] se não fosse a luta do Movimento Negro, nas suas diversas formas de expressão e de organização – com todas as tensões, os desafios e os limites – muito do que o Brasil sabe atualmente sobre a questão racial e africana, não teria acontecido. E muito do que hoje se produz sobre a temática racial e africana, em uma perspectiva crítica e emancipatória, não teria sido construído. E nem as políticas de promoção de igualdade racial teriam sido construídas e implementadas. (GOMES, 2017, p. 18-19)

Nesse contexto, ela realça a organização Movimento Unificado Contra a Discriminação Étnico-Racial (MUCDR), criada em 1978, renomeada como Movimento Negro Unificado (MNU) em dezembro de 1979, de abrangência nacional no Brasil, cuja relevância está desde atuar nas frentes da educação e do trabalho como eixos para combater o racismo, até a formação de intelectuais negras (os) que se destacaram como expoentes acadêmicos em pesquisas atinentes às relações étnico-raciais no país (Op.cit.). Com efeito, longe de ter a pretensão de tentar avançar mais nesse assunto que deve estar em constante evidência, passo a mencionar algumas conquistas do Movimento Negro no Brasil.

O estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena passou a ser obrigatório nas escolas de ensino fundamental e médio a partir da conquista do Movimento Negro da aprovação da lei 10.639/03, que incluiu na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei 9.394/96, o art. 26-A, prevendo no seu §1º, que o conteúdo programático “[...] incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (BRASIL, 2003)<sup>39</sup>. Em 2003, também foi criada a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), fruto das lutas históricas dos movimentos negro e indígena (GOMES, 2017).

---

<sup>39</sup>A LDB está disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. A lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, está disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>. Acesso em: 18 out 2022.

Em 2010, foi instituído o Estatuto da Igualdade Racial, através da lei nº 12.288 de 2010 (BRASIL, 2010). Em 2012, por sua vez, foi sancionada pela presidente Dilma Rousseff a lei 12.711, de 29 de agosto, que prevê cotas sociais e raciais nas Universidades e Institutos Federais (BRASIL, 2012a). A respeito dessa importante conquista do Movimento Negro, as cotas, e em especial as raciais, sempre foram alvo de conservadores, que, desde o início, tentaram no Supremo Tribunal Federal, através da Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF) 186, questionar a sua constitucionalidade, sob o, então, convenientemente utilizado argumento da igualdade formal. O STF, porém, de forma correta, afirmou a constitucionalidade das cotas raciais<sup>40</sup>, mas, neste ano, 2022, com 10 anos em vigor, a lei passará por revisão e sofre muita pressão no Congresso Nacional brasileiro e de setores da burguesia do país que almejam, ao revogar esse avanço, tentar manter parte de seus privilégios de branquitude: o acesso mais fácil ao ensino público superior, técnico e tecnológico.

Nesse ponto, reporto contribuição de Maria Conceição Lopes Fontoura, Doutora em Educação pela UFRGS, técnica-administrativa em educação dessa Universidade, atuante nas áreas dos Direitos Humanos envolvendo temas Educação, Educação das Relações Étnico-raciais e Feminismo Negro<sup>41</sup>. Militante e fundadora do Coletivo Maria Mulher<sup>42</sup>, ela, ao tratar das cotas, comunica que:

A situação se agravava para muitos alunos pretos e pardos, tendo em vista a situação socioeconômica do grupo familiar, uma vez que eram obrigados a trabalhar para ajudar no sustento familiar. Aceitar a subtração de vagas na educação pública de terceiro grau, para quem tem condições de manter-se na educação privada, adquire sentido para aquelas pessoas que, de fato, desejam construir uma sociedade equânime, justa e imparcial. (FONTOURA, 2018, p. 112)

---

<sup>40</sup>A Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental 186, que alegava a inconstitucionalidade das cotas raciais, foi julgada totalmente improcedente pelo STF. Informação disponível em: <<https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=6984693&prclID=2691269#>>. Acesso em: 18 out 2022.

<sup>41</sup>Informações sobre o currículo obtidas em <<http://lattes.cnpq.br/8949767369823836>>. Consultado em: 10 dez 2022.

<sup>42</sup>O Coletivo Maria Mulher, organização de mulheres negras, constitui-se como “[...] um centro de vivências, projetos, legados e inserções de mulheres negras nos espaços sociais do Rio Grande do Sul e do Brasil.” Como destacado no site da organização, “[...] são 35 anos de histórias. Marias presentes, Marias que partiram, novas Marias que continuarão contando as histórias das mulheres negras.” Informações obtidas no site do Coletivo: <<https://mariamulher.org.br/>>. Consultado em: 10 dez 2022. Informações sobre o currículo obtidas em <<http://lattes.cnpq.br/8949767369823836>>. Consultado em: 10 dez 2022.

Ela manifesta a desigualdade que há e afirma que as cotas são uma necessidade, com vistas à construção de uma sociedade que se almeja, de fato, justa, equânime e imparcial. Ao prosseguir, ratifica os privilégios das pessoas brancas ao acesso à educação de ensino superior, posicionando-se no sentido de que as cotas raciais são o caminho para equalizar essa operação matemática desproporcional:

Fazer as operações de subtrair de um lado, para aumentar do outro é o objetivo principal dos Programas de Ações Afirmativa. O sofrimento pela perda de vagas é mais sentido pelo grupo de candidatas e candidatos cuja formação valorizou a educação particular. Esse contingente é constituído majoritariamente por pessoas brancas. (FONTOURA, 2018, p. 113)

Enquanto trabalhador técnico-administrativo em educação da UFRGS, graduado e especialista por essa instituição pública, que presenciou e presencia o quanto as cotas diversificaram e pluralizaram o acesso às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), predominantemente ainda compostas por pessoas brancas de classe média/alta, é essencial um posicionamento firme, a partir do que Maria Conceição externou. As cotas raciais não são um favor, uma benevolência, concedida. Pelo contrário, elas são uma conquista protagonizada pelo Movimento Negro, com o apoio de demais movimentos sociais e coletivos politicamente engajados na pauta e prática antirracistas, que são necessárias diante dos privilégios da branquitude, do racismo estrutural existente, da desigualdade de acesso a direitos humanos e a oportunidades ainda evidentes no Brasil entre brancos e negros. Com efeito, as cotas raciais são parte de uma necessária reparação histórica em um país em que brancos escravizaram, cercearam as liberdades, subjugaram, excluíram e, em muitos momentos, mataram e matam pessoas negras e indígenas, como se pudessem o fazer.

Assim, não posso inerte admitir discursos rasos e nitidamente racistas de que todos somos iguais e, como alguns gostam de vociferar, que se “conhece muitas pessoas negras bem sucedidas”, para tentar influenciar a não permanência das cotas raciais nas IFES. Ao lado do Movimento Negro, de demais movimentos sociais antirracistas, estou e permanecerei vigilante e em permanente luta, para que não haja retrocesso nas cotas nas Instituições Federais de Ensino e que, mais que isso, elas permaneçam e se ampliem, sobretudo as raciais. COTAS RACIAIS SIM!

Antes de prosseguir à finalização deste capítulo, é necessário destacar que os avanços nas pautas mencionados nos parágrafos anteriores, que não se limitam a esses, foram resultados da luta do Movimento Negro e conquistados em governos federais quando o Partido dos Trabalhadores estava na presidência, com o e a, então, presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e presidenta Dilma Rousseff (2011-2016)<sup>43</sup>. Passo, por conseguinte, a articular a necessidade de se garantirem amplamente o acesso aos direitos humanos a pessoas negras e indígenas, para que, rompendo com o *status quo* do racismo estrutural, se vislumbre a urgente superação do racismo na sociedade brasileira.

Garantir direitos humanos à vida, à igualdade material, à educação, à saúde, ao trabalho remunerado, à cultura, à moradia, ao lazer, etc., não é um favor do Estado, mas sim uma obrigação, para que direitos fundamentais constantes na CF brasileira sejam efetivamente concretizados, com vistas a propiciar uma vida digna a todo o povo, alinhada ao exercício pleno da cidadania. Nessa perspectiva, não há como afirmar que o Estado brasileiro garante a dignidade e a cidadania de pessoas negras e indígenas, se constantemente vê-se suas vidas serem ameaçadas, se seus acessos a direitos básicos são secundarizados, se suas dignidades são afligidas com exclusão social em periferias distantes de centros urbanos, com exclusão econômica por meio de empregos com salários menores, com barreiras à valorização de suas culturas, com dificuldade de usufruir, em geral, de direitos fundamentais, como saúde e educação públicas. Assim, faz-se essencial, em meio à luta antirracista, para superação do racismo estrutural, que o Estado garanta igualdade material a pessoas que historicamente, lamentavelmente, foram deixadas à margem da sociedade, como negras, negros e indígenas.

Quando trago o direito humano à igualdade, faço não para simplesmente mencionar o que a Carta Magna brasileira prevê em seu art. 5º, ao dispor que “[...] todos são iguais perante a lei [...]”, mas sim para enfatizar que não basta a igualdade formal, inserida na redação de uma norma, pois é fundamental que haja igualdade material, transposta à vida real e, portanto, sentida pelas pessoas a partir da

---

<sup>43</sup>Em relação ao governo da presidenta Dilma Rousseff, analiso, em trabalho de conclusão de especialização, em Administração Pública pela UFRGS, os editoriais do Jornal O Globo no período que compreende do início da crise política ao Golpe de 2016, do qual foi vítima. Trabalho intitulado “A expressão dos interesses das classes dominantes nos editoriais do Jornal O Globo: do início da crise política ao impeachment de Dilma Rousseff” (BORTOLI, 2019). Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/212531>>.

materialidade factual (BRASIL, 1988a, documento eletrônico). E essa igualdade material foi o sentido da previsão Constitucional, como muito bem explica o Ministro do STF Ricardo Lewandowski, ao mencionar o constituinte de 1988 em voto pela total improcedência da já mencionada ADPF 186, como se nota a seguir:

[...] À toda evidência, não se ateve ele, simplesmente, a proclamar o princípio da isonomia no plano formal, mas buscou emprestar a máxima concreção a esse importante postulado, de maneira a assegurar a igualdade material ou substancial a todos os brasileiros e estrangeiros que vivem no País, levando em consideração – é claro - a diferença que os distingue por razões naturais, culturais, sociais, econômicas ou até mesmo acidentais, além de atentar, de modo especial, para a desequiparação ocorrente no mundo dos fatos entre os distintos grupos sociais. (BRASIL, 2012b, p. 49-50)

Ao proclamar o voto, ele, ainda, salienta que é necessário, para alcançar a igualdade material, que o Estado lance mão de políticas públicas a pessoas indistintas ou também a coletividades sociais específicas, a fim de corrigir desigualdades evidentes no bojo da sociedade, que advêm de fatos históricos diversos. Percebe-se isso no excerto a seguir:

[...] Para possibilitar que a igualdade material entre as pessoas seja levada a efeito, o Estado pode lançar mão seja de políticas de cunho universalista, que abrangem um número indeterminado de indivíduos, mediante ações de natureza estrutural, seja de ações afirmativas, que atingem grupos sociais determinados, de maneira pontual, atribuindo a estes certas vantagens, por um tempo limitado, de modo a permitir-lhes a superação de desigualdades decorrentes de situações históricas particulares. (BRASIL, 2012b, p. 50)

Nesse sentido, ao tratar de contextos históricos diversos que implicam necessária proatividade Estatal, para que se efetive a correção das desigualdades deles decorrentes, menciono a escravização a que foram submetidas pessoas negras no Brasil. Esse período, como já salientado, de restrição de liberdades, de extermínio de negras e negros, acarreta, sim, uma dívida histórica do país que deve ser reparada com políticas públicas que propiciem a igualdade material, através de cotas raciais para acesso ao ensino superior, para concursos públicos<sup>44</sup>, mas também a garantia de renda, moradia, trabalho e acesso pleno ao conjunto dos direitos humanos abordados.

---

<sup>44</sup>Um pequeno passo importante, mas ainda insuficiente, foi a conquista da Lei 12.990, de 09 de junho de 2014, sancionada pela presidenta Dilma Rousseff, que prevê a reserva de 20% das vagas oferecidas em concursos públicos a pessoas negras. Lei disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l12990.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12990.htm)>. Acesso em: 21 out 2022.

Ainda, para se alcançar a igualdade material, o Ministro ressalta a importância da aplicação do princípio da justiça distributiva, que consiste em, através da intervenção estatal, superar as desigualdades por meio de inclusão social “[...] realocando-se os bens e oportunidades existentes na sociedade em benefício da coletividade como um todo” (BRASIL, 2012, p. 52). Nessa linha, ele realça que:

[...] Ela consiste em uma técnica de distribuição de justiça, que, em última análise, objetiva promover a inclusão social de grupos excluídos ou marginalizados, especialmente daqueles que, historicamente, foram compelidos a viver na periferia da sociedade. (BRASIL, 2012, p. 53)

Face ao exposto, é sabido que as interpretações, determinações e aplicações jurídicas, muitas vezes, lamentavelmente, ficam no plano do imaginável, ao invés de significarem concreta transformação da realidade social, alinhada à necessária superação do racismo. Um dos exemplos disso é que racismo é crime inafiançável, conforme prevê a CF em seu art. 5º, XLII, combinada com a Lei nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989, mas a punição a quem pratica esse crime era relativizada em muitos casos, tipificando o racismo como injúria racial, o que implicava sentimento de impunidade. Ivair Augusto Alves dos Santos, doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, que tem atuação relevante nos estudos dos direitos humanos, das ações afirmativas e sobre África contemporânea, corrobora o abordado, ao afirmar que “[...] foi apontada a prática de desclassificação do crime de racismo para o delito de injúria genérica ou racista, ambas com penas mais brandas, como uma das causas da impunidade contra os agressores em crimes de racismo” (SANTOS, 2015, p. 244).<sup>45</sup>

Para finalizar, reconhecendo-me como um homem branco, que, portanto, não sofre racismo, que tem privilégios por ter a epiderme branca, mas que está ao lado de negras, negros e indígenas na luta antirracista pela superação do racismo que assola a sociedade, destaco a necessária urgência da igualdade material, por meio de políticas públicas que garantam o acesso pleno aos direitos humanos ao conjunto das pessoas negras e indígenas, para que, de fato, possam exercer, de forma

---

<sup>45</sup>Injúria racial também é crime, mas a pena era inferior, de 1 a 3 anos e multa, quando comparada com o crime de racismo, de 2 a 5 anos, inafiançável. Somente em 2023, por meio da aprovação da Lei nº 14.532, de 11 de janeiro, o crime de injúria racial foi tipificado como uma modalidade de crime de racismo com pena igual e inafiançável. Informações disponíveis em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14532.htm)>; <<https://mppr.mp.br/Noticia/Entenda-Direito-Injuria-racial-e-equiparada-ao-racismo>>. Acesso em: 21 jan 2023.

integral, a cidadania, em um mundo que se quer sem racismo, sem desigualdades e com justiça distributiva no acesso a direitos e a oportunidades.

Nesse contexto, é fundamental também que seja garantido o, já mencionado, direito humano à cultura, por meio do respeito, da valorização, difusão e preservação do patrimônio cultural negro. Sobre essa temática, recorro a Otair Fernandes, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a Delton Aparecido Felipe, da Universidade Estadual de Maringá, e a Giane Vargas Escobar, professora da UFRGS e da Universidade Federal do Pampa, coordenadora do NEABI Mocinha - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas - Campus Jaguarão<sup>46</sup>, que salientam que o patrimônio cultural negro deve ter uma abordagem que observe o “[...] legado africano como uma precondição essencial na construção identitária da cultura negra brasileira, considerando como elementos centrais nesta constituição a memória, a ancestralidade e a oralidade na perspectiva de sua preservação, afirmação e valorização” (FERNANDES; FELIPE; ESCOBAR, 2020, p. 197). A partir dessa reflexão, passo a focar, no próximo capítulo, em um dos patrimônios culturais negros, a Capoeira, que é objeto central desta pesquisa. RACISTAS NÃO PASSARÃO!

---

<sup>46</sup> Informação obtida em: <<http://lattes.cnpq.br/9076251806577555>>. Consultado em: 21 out 2022.

### **3 CAPOEIRA: RITUAL AFRICANO, LUTA E PATRIMÔNIO**

[...] Se o negro, nesta época, não jogava calçado, é porque era tratado igual um animal, que só tem o direito de trabalhar e nada a mais. Mas a Capoeira nos libertou [...]. Mestre Jogo de Dentro (SANTOS, 2010, p.49)

Mestre Jogo de Dentro, Jorge Egídio dos Santos, referência na Capoeira no Brasil e no mundo, nascido em Alagoinhas/ BA, em 1965, iniciou na Capoeira com 17 anos, tornando-se discípulo do Mestre João Pequeno de Pastinha, fundando, em 1990, o Grupo Semente do Jogo de Angola em Salvador/ BA, sintetiza, na sua reflexão, o significado da Capoeira como sendo a luta por libertação (SANTOS, 2010; 2020). O andar e jogar descalço, segundo ele, ao se referir aos povos Bantos, os Angolanos, não significa manter a tradição, mas, ao contrário, é sinal de opressão e exploração. O Mestre destaca que “[...] vadiação e luta, magia e mistério, brincadeira – estas são as formas que fizeram a Capoeira Angola permanecer viva até hoje” (SANTOS, 2010, p.51).

A Capoeira, portanto, é tão complexa no seu significado, bem como em sua origem e conexão ancestral. A sua energia e ancestralidade não poderiam ser resumidas em uma, duas ou várias palavras. Com efeito, à Capoeira não se pode vincular formalidades conceituais, quando se menciona, por exemplo, como patrimônio cultural de bens registrados, ou a preferir de ter seu lugar no patrimônio como um de seus núcleos de inserção relevante. Diante disso, abordarei essa manifestação cultural afro-brasileira neste capítulo a partir de duas perspectivas que se entrelaçam.

Na primeira seção, tratarei da origem da Capoeira, ancorado em bibliografia de Mestres, outros capoeiristas e pesquisadores, visando a identificar como, onde e de que forma esta luta/ dança surge, se afirma e resiste até os dias atuais. Em seguida, abordarei a Capoeira como patrimônio cultural, salientando qual o significado e a importância do reconhecimento dessa arte como patrimônio brasileiro e mundial.

#### **3.1 Capoeira: origem, repressão e resistência**

A Capoeira tem sua origem na África e chegou ao Brasil na época da escravidão, quando escravizados africanos foram trazidos nos navios negreiros.

Uma luta disfarçada em dança, um jogo, uma arte, ela tem na sua essência a resistência libertadora do povo negro afro-brasileiro. A história dessa manifestação cultural traz consigo a perseguição e sua proibição, mas, desde a escravidão, essa luta tem se difundido por uma ânsia legítima de liberdade, de igualdade de direitos e oportunidades. A Capoeira, portanto, é a cultura viva resistente às imposições do sistema escravocrata e do atual sistema capitalista, que oprime e exclui negras e negros.

Para abordar a origem da Capoeira, recorro ao Mestre Jogo de Dentro, o qual destaca que essa luta/ dança é afro-brasileira, tendo nascida na África como movimento de “[...] dança ritualística e transformado nas senzalas como luta de libertação” (SANTOS, 2020, p. 69). Ele ressalta que a Capoeira foi trazida por negros bantos e de outras localidades da África, que lá praticavam (e ainda praticam) rituais, tais como o *n’golo*, conhecido como dança da zebra, manifestação “[...] praticada nas festividades do ritual de iniciação ou no ritual de passagem da vida de uma jovem para a vida adulta” que tem movimentos parecidos com os da Capoeira (Op. cit., p. 77).

Ele salienta também a dança-luta *moringue*, de origem nas Ilhas da Reunião, no oceano Índico, que contém movimentos e rituais bem similares à Capoeira, como a volta ao mundo dentro da roda, o aú, a meia lua (Op.cit., p. 79). Ainda, o Mestre menciona a *bassula*, que significa rasteira, e era praticada, no norte de Angola, por pescadores em momentos de festa, de luta e de religião, sendo também utilizada por escravizados como movimento de libertação, cujos ataques e defesas consistiam em “rasteira e balões cinturados” (Op. cit., p. 84). Assim, a Capoeira tem sua origem em África, nascida em antigos rituais e, posteriormente, diante da necessária resistência à escravização aqui no Brasil, se transforma numa luta de libertação. Nesse sentido, ressalto passagem do livro *Capoeira Angola e Ancestralidade do Mestre Jogo de Dentro*:

Então, hoje falando desses costumes e cultura africana, não tenho dúvida nenhuma de que a Capoeira nasce na África. Aqui no Brasil nasce como um movimento de libertação contra a opressão e toda essa realidade criada pelo homem branco, e por todos os lugares onde houve escravidão. (SANTOS, 2020, p. 78)

Waldeloir Rego, etnólogo, historiador e folclorista brasileiro, falecido em 2001, autor de um dos principais livros sobre a Capoeira, *CAPOEIRA ANGOLA ensaio sócio-etnográfico*, também aborda a origem dessa luta. Ele afirma, por outro lado,

que essa manifestação cultural de resistência seria “[...] uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros [...]” (REGO, p. 31, 1968). Nessa perspectiva, o autor salienta o seguinte:

[...] A minha tese é a de que a capoeira foi inventada no Brasil, com uma série de golpes e toques comuns a todos os que a praticam e que os seus próprios inventores e descendentes, preocupados com o seu aperfeiçoamento, modificaram-na com a introdução de novos toques e golpes, transformando uns, extinguindo outros, associando a isso o fator tempo que se incumbiu de arquivar no esquecimento muito deles e também o desenvolvimento social e econômico da comunidade onde se pratica a capoeira. (REGO, 35, 1968)

Como se nota, Waldeloir defende, em seu importante livro de 1968, que a Capoeira tem origem brasileira, através de negros de África que vieram forçosamente escravizados ao país. Essa tese, apesar de dever ser respeitada, parece-me que já está ultrapassada, tendo em vista alguns elementos que descrevo agora. Como se ressaltou, através dos ensinamentos do recente livro do Mestre Jogo de Dentro (Capoeira Angola e Ancestralidade, de 2020), a origem dessa manifestação remonta a rituais africanos, como o *n'golo*, que, em África, já expressavam golpes/ movimentos que vieram a compor a Capoeira aqui no Brasil. Nesse sentido, também a defesa da origem brasileira por parte de Rego (1968), pode talvez ser explicada pela perseguição a que Capoeira e os capoeiristas sofriam, como mencionarei adiante. Ainda, é relevante destacar, que, ao defender a perspectiva trazida por Mestre Jogo de Dentro e difundida, através da oralidade, por vários Mestres, não estou afirmando que a Capoeira atual foi trazida pronta de África para o Brasil, pois aqui ela se conformou e transformou até a contemporaneidade.

Mestre Pastinha, Vicente Ferreira Pastinha, que se consagrou grande referência dessa manifestação cultural, organizando uma Capoeira com métodos e fundamentos a serem preservados – a Capoeira Angola tradicional, sobre o qual tratarei com mais fôlego adiante, também, por sua vez, nos comunica sobre a origem dessa luta. Ele enfatiza, confirmando a tese da origem Africana, que “[...] não há dúvida que a Capoeira veio para o Brasil com os escravos africanos” (PASTINHA, 1988, p. 20). Prosseguindo, afirma que “[...] a Capoeira que veio com os africanos, no tempo da colonização, não teve maior desenvolvimento por razões óbvias” (Op. cit., p. 21). Nesse contexto, Mestre Pastinha escreve que:

[...] Os negros africanos, no Brasil colônia, eram escravos e nessa

condição tão desumana não lhes era permitido o uso de qualquer espécie de arma ou prática de meios de defesa pessoal que viessem pôr em risco a segurança de seus senhores. Viu-se, nestas circunstâncias, a Capoeira tolhida em seu desenvolvimento, sendo praticada às escondidas ou disfarçada, cautelosamente, com dansas (sic) e músicas de sua terra natal. (PASTINHA, 1988, p. 22)

Assim, Mestre Pastinha destaca, para além da origem africana da Capoeira, que ela não teve seu desenvolvimento, no patamar que a conhecemos hoje, na época da escravidão, pelas limitações e proibições que ocorreram na época da colonização. Nessa linha, reforço que afirmar que a Capoeira tem origem em África, com rituais africanos, não significa dizer que ela veio pronta para o Brasil, longe disso, pois, como enfatiza Mestre Pastinha, naquela época, houve fortes obstáculos a sua prática, que ocorria às escondidas ou de modo disfarçado por meio de danças e músicas africanas, o que fez com que a Capoeira não pudesse se desenvolver naquele período nos patamares, por exemplo, atuais, em que ela está disseminada não só no Brasil, mas também internacionalmente. Nesse sentido, como se verá ainda neste capítulo, os expoentes para expansão, consolidação e desenvolvimento dessa luta/dança foram Mestres Bimba e Pastinha.

Após breve abordagem da procedência da Capoeira, é importante destacar que, em África, ela não era assim denominada. Sobre a origem do termo, recorro a Frederico José de Abreu, conhecido como Frede Abreu, grande estudioso da Capoeira, falecido em 2013, que deixou diversos livros escritos a respeito, como *O Barracão do Mestre Waldemar* e *Capoeiras: Bahia, Século XIX*, o qual menciono a seguir. Ele afirma que uma das teorias mais aceitas é que a palavra Capoeira tenha advindo do termo indígena “[...] caapuamera, que em língua tupi quer dizer mata rala [...]” (ABREU, 2005, p. 57). Nessa perspectiva, Frede Abreu comenta que “[...] É sabido da existência de outras teorias explicando a origem do nome, mas a do mato tem sido ao longo dos anos a mais recorrente pelo mundo da capoeiragem baiana com forte suporte na tradição oral” (Op. cit., p. 57). Assim, era no mato onde os negros escravizados fugidos se escondiam e lutavam para ir até os quilombos, bem como era no meio das plantações de café e cana-de-açúcar que a praticavam, uma vez que era proibida pelos senhores escravocratas (SANTOS, 2020).

Outra questão importante a mencionar é a origem dos movimentos do que veio a se conformar a Capoeira no Brasil. Esses golpes, como citado acima, vêm de rituais africanos como *n'golo*, *moringue* e *bassula*, que representavam movimentos

de animais, como a zebra e os sapos. Nesse contexto, Mestre Jogo de Dentro salienta que:

“[...] alguns movimentos como: cabeçada, meia lua, esquiva, pulos, rasteira, vem desses movimentos de combate entre os sapos. A partir daí, esses movimentos são transferidos para o homem, e através da observação dessas pessoas, vão transformando em um ritual dentro das tribos, e introduzindo outros movimentos de animais, como por exemplo, a zebra. (SANTOS, 2020, p. 78)

Na mesma linha, Frede Abreu (2005) ressalta que golpes da Capoeira aqui no Brasil também se balizaram na imitação dos movimentos dos animais pelas experiências no mato, mas também em outros ambientes, como o marítimo. Ele destaca, ainda, que essa reprodução humana a gestos animais é comum. Nesse sentido, Abreu expõe que:

“[...] não se pode esquecer que gestos humanos à feição dos movimentos dos animais são pra lá de comuns, independente da vivência ou não no mato. Na capoeira isto é facilmente identificável: basta conferir os nomes dos movimentos e golpes com nomes de animais: "rabo de arraia" (peixe, por isto remete para o mar, não o mato), pulo do macaco, marradas (cabeçadas), coices, vôo do morcego. (ABREU, 2005, p. 62)

Assim, apesar de ser comum a imitação dos animais pelos seres humanos, se pode inferir que, na Capoeira, os movimentos têm essa origem, tanto nos rituais africanos primordiais, quanto na sua conformação desde a escravidão no Brasil. Não é à toa que, ainda hoje, para se ministrar aulas da Capoeira a crianças, uma das metodologias utilizadas é referenciar esses movimentos em animais, como o *chute do cavalo* (chapa), *chute do burrinho* (chapa com os dois pés), *pulo do sapinho* (chamada), entre outros. Antes, contudo, de continuar na prosa sobre a Capoeira nos dias atuais, passo a abordar os instrumentos que a acompanham: berimbau, pandeiro, atabaque, agogô e reco-reco.

O berimbau, instrumento referência da Capoeira, tem origem africana e era e é utilizado também em festas e na religião, chegando ao Brasil através dos escravizados (SANTOS, 2020). Ele é composto pela verga, corda de aço, cabaça e couro, sendo tocado com o dobrão, que antigamente era uma moeda, e com a baqueta, também chamada de vaqueta. Era utilizado por vendedores de mercadorias para atrair, com o som do instrumento, compradores, sendo inserido nas Rodas de Capoeira primeiramente na Bahia (Op. cit.). Nesse sentido, Mestre Jogo de Dentro destaca sua importância, ao afirmar que “[...] através do berimbau

bem afinado e bem tocado acontece toda a energia positiva [...] se não tiver esses cuidados e preocupação, a roda não tem energia positiva” (Op. cit. p. 147). Na Capoeira Angola, são três os berimbaus que compõem a bateria: o Gunga (com som mais grave e quem comanda a Roda de Capoeira), o Médio e a Viola (com som mais agudo).

Waldeloir Rego, etnólogo, também traz informações sobre o berimbau. Ele menciona que o instrumento teve diversas denominações, tais como “[...] urucungo, orucungo, oricungo, rucungo, berimbau de barriga, gobo, marimbau, bucumbumba, gunga, macungo, matungo, rucumbo [...]” (REGO, 1968, p. 45). O autor, ainda, ressalta a sua utilização em rituais religiosos afro-cubanos (Op.cit.).

Há também outros instrumentos utilizados na Capoeira, como o pandeiro. Com origem asiática, ele chega ao Brasil junto com os colonizadores portugueses, tendo sido muito utilizado em procissões religiosas (SANTOS, 2020). Nesse contexto, Rego (1968, p. 48) frisa que “[...] na primeira procissão que se realizou no Brasil, que foi a de Corpus Christi, na Bahia, a 13 de junho de 1549, ele se fez presente, pois era hábito em Portugal e mais tarde no Brasil [...]”. Com efeito, o pandeiro começou a se popularizar no país, sendo utilizado em muitas manifestações culturais de origem africana, como a Capoeira (SANTOS, 2020).

O atabaque, por sua vez, tem o nome de origem árabe, *al-Tabaq*, tendo chegado ao Brasil por meio de africanos escravizados (Op. cit.). Esse instrumento, feito de madeira, com aros de ferro que o sustentam e esticam o couro, é utilizado na Capoeira e é tocado com as mãos, seguindo o ritmo do berimbau gunga. Ainda, ressalta-se que ele é usado em rituais afro-brasileiros, como o Candomblé e a Umbanda, para “[...] convocar os Orixás, Nkisis e Voduns” (Op. cit., p. 180).

Para finalizar a breve abordagem sobre os instrumentos que integram a Capoeira, menciono o agogô e o reco-reco. O primeiro, composto por dois sinos, tem origem em África e é utilizado também no samba, tendo, no Brasil, um formato em “U”, diferente do africano (SANTOS, 2020). O reco-reco, por sua vez, igualmente tem origem africana e é usado em diferentes manifestações afro-brasileiras, sendo, na Capoeira, usual o que é feito de madeira, produzindo som através do atrito com a baqueta (espécie de “varinha”, feita de madeira) (Op. cit.). Passo agora a dissertar sobre a musicalidade na Capoeira.

Mestre Jogo de Dentro salienta que “[...] através das músicas, cânticos, lamentos, improvisos e proteção espiritual eram transmitidas as alegrias, dores e

tristezas de um povo escravizado” (SANTOS, 2020, p. 103). Ele continua, ao afirmar que “[...] a música era e é usada como forma de protesto, lembranças, sofrimentos, espiritualidade, resistência e libertação” (Op. cit., p. 103). Nesse sentido, destaca que, por meio da musicalidade, do canto, da ladainha, se traz lembranças ancestrais, pedindo proteção, força e energia (Op. cit.). Portanto, na Capoeira, a musicalidade é fundamental, junto com o tocar dos instrumentos, para que a energia flua e se conecte à ancestralidade: quando uma Roda tem o ritmo e o canto alinhados, com energia e força, isso reflete em um ritual que se fortalece, empolgando a todos que estão no círculo energético da Roda, seja respondendo ao coro, tocando, cantando, jogando, expressando sua corporalidade, ou mesmo apenas assistindo a essa manifestação cultural afro-brasileira.

Com efeito, outro ponto que abordo é a corporalidade na Capoeira. Sobre a questão da expressão do corpo nessa arte remeto-me inicialmente a Frede Abreu. Ele afirma que “[...] por fazer parte do mundo do trabalhador negro de rua, a capoeira, na sua formação, incorporou elementos desse mundo e que ficaram marcados no corpo do capoeira de então - matriz para os descendentes” (ABREU, 2005, p. 93-94). Nesse sentido, ao salientar a origem dessa expressão corporal que presenciamos na Capoeira, o autor explica que ela, por exemplo, advém do “[...] rito de amaciamento de peso dos carregadores negros [...]” (Op. cit., p. 95), bem como da cadência do caminhar deles, ritmizada, envolta ao esforço físico braçal, configurando uma expressão da corporalidade que conflui, também, na expressão corporal dos capoeiristas dentro de um jogo de Capoeira. Nessa perspectiva, reproduzo trecho do texto de Frede Abreu:

E a descrição de um rito de rua similar a muitos outros criados pelos afro-descendentes no Brasil, sejam eles de natureza dramática, religiosa, ocupacional (trabalho), lúdica ou guerreira, tendo em comum a combinação de música, dança e esforço físico, como elementos essenciais para funcionar. Combinação, da mesma forma, essencial, para acontecer o jogo da capoeira. E assim suspeitou-se de que a cadência dos passos dos carregadores de café do Rio de Janeiro tenha prefigurado a marcha rancho do carnaval carioca, podemos também suspeitar de que a cadência dos passos dos carregadores da Bahia tenha se figurado nos passos da capoeira. (ABREU, 2005, p. 95)

Diante disso, ressalto que a corporalidade na Capoeira se expressa a partir de uma combinação de fatores - do ritmo, da dança, do esforço físico despendido para externalizar movimentos lúdicos que, ao mesmo tempo, demonstram uma luta

jogada, quando se está em uma Roda de Capoeira. Face ao exposto, é essencial abordar a ginga como elemento central dessa corporalidade, a partir da própria cadência dos negros carregadores, recém mencionados.

Ao tratar da ginga, Frede Abreu afirma que “[...] assim como no rito de amaciamento de peso, na capoeira, a música e a dança (ginga) não se integram aos movimentos físicos, simplesmente como elementos de animação” (ABREU, 2005, p. 96), mas como essenciais a essa luta. Para ele, não existe Capoeira sem ginga, pois é através do gingar que se expressa o dançar, se faz uma negaça, se misturam a luta com disfarce de dança, mesmo a dança não sendo a finalidade dessa manifestação cultural, mas sim meio de expressão (ABREU, 2005). Vale ressaltar, assim, que a finalidade da Capoeira, nos seus primórdios no Brasil, era o lutar por libertação em meio à escravização de negros e negras, mesmo que a disfarçando em uma dança.

Ainda, sobre a expressão corporal, recorro ao Mestre Pastinha, que, ao falar da malícia do capoeirista no jogo da Capoeira, traz inúmeras formas de expressão da corporalidade nessa luta, como a ginga, que ele descreve como “[...] uma perfeita coordenação de movimentos do corpo que o capoeirista executa com o objetivo de distrair a atenção do adversário para torná-lo vulnerável à aplicação de seus golpes” (PASTINHA, 1988, p. 40). Nesse contexto, ele destaca o seguinte:

O capoeirista lança mão de inúmeros artifícios para enganar e distrair o adversário. Finge que se retira e volta-se rapidamente. Pula para um lado e para outro. Deita-se e levanta-se. Avança e recua. Finge que não está vendo o adversário para atraí-lo. Gira para todos os lados e se contorce numa “ginga” maliciosa e desconcertante. Não tem pressa de aplicar o golpe, ele será desferido quando as probabilidades de falhas sejam as mínimas possíveis. O capoeirista sabe se aproveitar de tudo que o ambiente lhe pode proporcionar. (PASTINHA, 1988, p. 27)

A expressão da corporalidade na Capoeira, portanto, está atrelada ao conjunto de fatores que envolvem o ritual dessa luta. No jogo da Capoeira, em uma roda, os corpos vão, por conseguinte, se expressar através da ginga, no balanço do ritmo, da musicalidade, da vibração do coro, em conexão com a energia que se sente naquele ambiente, por meio de movimentos, golpes, da negaça, da malícia, conectados à ancestralidade, sobre a qual, agora, passo a dissertar.

Para tratar da ancestralidade, direciono-me a uma publicação organizada pela professora Joseania Miranda Freitas, docente titular do curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia, Doutora em Educação, pesquisadora do Museu

Afro-Brasileiro da UFBA, no qual coordena projetos diversos, entre eles o de pesquisa nas áreas de Memórias afrodiáspóricas<sup>47</sup>. No livro “Uma coleção bibliográfica: os Mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA” (FREITAS, 2015), encontra-se uma passagem importante sobre o tema da ancestralidade:

Ainda que não faltem as marcas da experiência da diáspora, da escravidão, do racismo e das diferentes estratégias de resistência e superação encontradas, as religiões de matriz africana no Brasil estabeleceram também uma ponte com a África, mesmo que mítica, para acessar uma herança cultural anterior à experiência no cativeiro, através do princípio da ancestralidade. (DINIZ; SOUSA; LÜHNING, 2015, p. 197)

Nota-se que, quando se fala em ancestralidade, no contexto aqui abordado, está se trazendo elementos de conexão à religiosidade, à herança cultural africana, através do culto aos ancestrais. Com efeito, como ancestrais se podem ter tanto personagens antepassados divinizados por determinadas coletividades, como elementos naturais ancestralizados (DINIZ; SOUSA; LÜHNING, 2015). Assim, ao abordar a ancestralidade, remete-se a divindades de matriz africana ou afro-brasileiras, como o caboclo, entidade cultuada em diversas religiões, como o Candomblé e a Umbanda.

Mestre Jogo de Dentro, por seu turno, ao abordar o tema, ressalta que a “[...] ligação com ancestralidade é muito importante, para que não se perca o elo entre o passado e o presente, pois assim a nossa história não ficará no esquecimento” (SANTOS, 2020, p. 20). Para ele, tratar de ancestralidade é, ainda, aprender com nossos antepassados, por meio da escuta aos mais velhos, como se pode verificar na citação a seguir:

[...] Aqui deixo registrada um pouco da história desse povo que sofreu mas resistiu, não desistiu, para que hoje todos possam entender que sem passado não há História, que sem ancestralidade não somos nada, eles estão na frente e nós depois, assim sucessivamente. Hoje para se falar de ancestralidade, temos que ter os nossos mais velhos ao lado, porém não deixá-los apenas ao nosso lado, mas temos que deixá-los falar, temos que ouvi-los, tentar colocar em prática os seus ensinamentos e segui-los. (SANTOS, 2020, p. 20)

Na Capoeira, por conseguinte, quando se fala em ancestralidade, se quer também fortalecer e exaltar os(as) mais antigos(as), os(as) guerreiros(as) negros(as) antepassados(as) africanos(as) que lutaram contra a escravidão, os Mestres e as

---

<sup>47</sup> Informação disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2522358867008495>>. Consultado em: 14 dez 2022.

Mestras que não estão mais presentes fisicamente, mas que deixaram um legado fundamental que se conecta a nós não só pelo conhecimento, transmitido sobretudo pela oralidade junto aos mais velhos, mas por meio da ligação deles aos seus ancestrais. Nesse sentido, Zumbi dos Palmares, Dandara, Besouro Mangangá e Tereza de Benguela são alguns exemplos de grandes ancestrais que lutaram pela liberdade de negras e negros no período da escravidão. E, ainda, no âmbito da prática e evolução da Capoeira no Brasil, a ancestralidade também se encontra nos Mestres Pastinha e Bimba, dois expoentes dessa luta afro-brasileira, sobre os quais escrevo na sequência.

Aqui no país, ela propagou-se a partir da referência de Mestre Bimba, Manoel dos Reis Machado, que a inseriu em diversos contextos sociais, inclusive nas Universidades. Desse modo, ele conseguiu ultrapassar algumas barreiras racistas que chegaram a considerar a Capoeira como ilegal. Para tratar dessa referência da Capoeira Regional, trago Mestre Xaréu, Helio José Bastos Carneiro de Campos, formado por Mestre Bimba, fundador do Grupo Ginga Associação de Capoeira, e também professor universitário aposentado pela UFBA<sup>48</sup>.

Nascido em 1900, Bimba foi carpinteiro, doqueiro, trapicheiro, carvoeiro, mas, sobretudo, capoeirista, criando a Capoeira Regional, em um movimento de expansão da Capoeira primitiva (trazida pelos negros escravizados), no momento em que ele não estava conformado com os rumos que essa luta de resistência tomara (CAMPOS, 2015). Essa ruptura, advinda do descontentamento e resultando na criação da Capoeira Regional, é salientada por Mestre Xaréu, como se verifica em seguida:

[...] A idealização da Capoeira Regional, ou seja, o amalgamento da capoeira primitiva mais o batuque, aconteceu no momento em que o Mestre se dizia descontente com os rumos que a capoeira estava tomando. Entendia que a capoeira estava se folclorizando demais e perdendo a essência da luta. Com essa postura, Bimba estabelece uma ruptura com a capoeira praticada, destacando-se entre os demais capoeiristas da época, passando a exercer uma liderança, enaltecido como ídolo popular, confirmando o respeito nas rodas de capoeira, nas desavenças com a polícia e na maestria no ensino de sua arte. (CAMPOS, 2015, p; 43)

Nesse contexto, Christine Nicole Zonzon, capoeirista, doutora em Ciências Sociais pela UFBA, pesquisadora da Capoeira, realça a importância de Mestre Bimba<sup>49</sup>. Ela salienta que, com a criação da Capoeira Regional, na década de 1930,

---

<sup>48</sup> Informação obtida em: <<http://lattes.cnpq.br/5586721645368842>>. Consultado em: 15 dez 2022.

<sup>49</sup> Informação obtida em: <<http://lattes.cnpq.br/6457872447853886>>. Consultado em: 18 dez 2022.

no século passado, houve o reconhecimento social dessa luta, que a fez sair da marginalidade, de manifestação proibida, para atingir o patamar de prática cultural, esportiva e educativa reconhecida (ZONZON, 2015). Por conseguinte, é sobre a proibição da Capoeira que trato adiante.

O Código Penal Brasileiro, através do Decreto 487, de 11 de outubro de 1890, art. 402 (Dos Vadios e Capoeiras), respaldava a repressão, perseguição e violência contra os capoeiristas à época (CAMPOS, 2015). O referido artigo dispunha que era proibido “[...] fazer nas ruas e praças públicas exercício de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação Capoeiragem [...]”<sup>50</sup>. Nesse contexto opressor, Mestre Bimba foi figura central para a Capoeira, para que, apenas em 1934, durante o governo de Getúlio Vargas, ela fosse descriminalizada (CORDEIRO; CARVALHO, 2013). Elisabeth Vidor e Letícia Vidor de Sousa Reis, pesquisadoras da Capoeira, ex-professoras universitárias, respectivamente, da Universidade de Mogi das Cruz e da USP, autoras do livro “Capoeira: uma herança cultural afro-brasileira”, também tratam da proibição e da liberação da prática da Capoeira.

Segundo elas, essa luta foi descriminalizada apenas quando considerada como um esporte, na década de 1930, momento em que o Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, dirigido por Mestre Bimba, consegue, em 1937, uma licença que autoriza a prática da Capoeira no local (VIDOR; REIS, 2013). A partir daí, a Capoeira saíra da informalidade, de prática apenas das ruas, e começara a se inserir em outros centros, academias e em ambientes de educação formal, como Universidades (VIDOR; REIS, 2013). Nota-se, com efeito, que considerar a Capoeira como um esporte foi um movimento estratégico para fazer com que essa luta fosse legalizada e aceita socialmente na época.

Nesse contexto, diversos Mestres ressaltam que a esportização da Capoeira deturpa a sua origem e faz com que elementos distintos da sua essência sejam deixados de lado, trazendo uma contemporaneidade que se afasta da Capoeira vinda da África, praticada como luta de libertação por escravizados e, posteriormente, também organizada sob a ótica do Mestre Pastinha. Sobre essa temática, recorro ao Mestre Ratinho, Anselmo da Silva Accurso, da Associação de Capoeira Angola Rabo de Arraia (ACCARA), uma das grandes referências da Capoeira Angola no Rio

---

<sup>50</sup> Art. 402 do Decreto nº 487, de 11 de outubro de 1890. Informação disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 29 jul 2022.

Grande do Sul, que também conduz o Afoxé “Amigos do Katendê” em Porto Alegre, tocando o legado do Mestre Moa do Katendê no sul do Brasil:

[...] Nas lutas, rebeliões e nos quilombos, junto com outros segmentos, nasceu uma cultura de resistência. Como já vimos anteriormente, a capoeira foi perseguida e tratada como coisa de marginal. Capoeiristas, como Pastinha e Bimba, lutaram por sua valorização social. A Capoeira Regional de Mestre Bimba teve sua expansão na sociedade e, por consequência, seu reconhecimento e fama. A fama da Capoeira Regional assegurou-lhe mercado consumidor, aproveitado por malandros que viam nela sua forma de sobrevivência. Portanto, qualquer praticante de capoeira saía para as grandes cidades, abria suas academias (já liberadas pelo reconhecimento do trabalho do Mestre Bimba) e desenvolvia uma capoeira sem formação técnica adequada e, principalmente, sem compromisso com sua história. A capoeira estava sendo aceita pelas classes mais altas da sociedade. Para ser vendida, consumida, era preciso adequá-la aos valores dominantes, ou seja, transformá-la em arte marcial, por influência das outras lutas comercializadas e aceitas na sociedade. Também foram inculcados na capoeira os movimentos da ginástica acrobática (olímpica), por causarem efeitos que atraíam e a relacionavam com uma prática esportiva corrente. (ACCURSO, 1995, p. 97-98)

Como se verifica no trecho salientado, a esportização da Capoeira, com a inclusão de movimentos de outras lutas, foi advinda da ideia do consumir a Capoeira em academias como um produto que fosse visto como atraente às classes dominantes, o que resultou em distanciamento dos fundamentos que a originaram como uma luta disfarçada em dança. Nessa perspectiva, os locais de preservação da Capoeira na época vão reduzindo-se e as academias passam a se espalhar pelo país, “[...] onde os autênticos capoeiristas, que lutam pela preservação da arte, não encontram mais espaço [...] trata-se de um confronto desigual” (ACCURSO, 1995, p. 98). E justamente sobre a preservação dos fundamentos da Capoeira é que debato a seguir, a partir do grande expoente da Capoeira, já mencionado anteriormente, Mestre Pastinha.

Assim como Bimba, Mestre Pastinha, Vicente Ferreira Pastinha, consagrou-se referência, organizando uma Capoeira com métodos e fundamentos a serem preservados – a Capoeira Angola tradicional. Nessa linha, menciono Paula Cristina da Silva Barreto, professora da UFBA, doutora em Sociologia pela USP, coordenadora do Instituto Nzinga de Capoeira Angola<sup>51</sup>.

Ela afirma que Mestre Pastinha ensina um código de ética, ao “[...] expor de maneira sistemática os seus entendimentos sobre a conduta, o modo de ser e de

---

<sup>51</sup> Informação obtida em: <<http://lattes.cnpq.br/3865670491591815>>. Consultado em: 17 dez 2022.

agir dos praticantes da Capoeira Angola”, contribuindo para a reconfiguração da Capoeira, visando também à preservação da sua essência ancestral e da tradição, ao desenvolvimento dessa luta, bem como à valorização e à difusão dos seus fundamentos pelos capoeiristas (BARRETO, 2015, p. 39). Nessa perspectiva, Mestre Pastinha, para além de ter fundado a Academia Brasileira de Capoeira Angola no Largo do Pelourinho, em Salvador/BA, tornou-se grande referência da Capoeira, deixando um legado para todos os capoeiristas que buscam preservar essa manifestação cultural popular e potente (PASTINHA, 1988).

Contemporâneo de Mestre Bimba, Mestre Pastinha foi igualmente essencial para o reconhecimento social da Capoeira. Nesse sentido, não é à toa que fundou a Associação de Capoeira Angola quando ainda esse luta era proibida. Nessa ótica, trago passagem de abertura do livro *Capoeira Angola*:

Exatamente quando tratada como caso de polícia surgia a Academia de Capoeira Angola, a qual se vinculou definitivamente o nome do seu fundador, Mestre Pastinha – responsável em grande parte, a um só tempo, pela recuperação da imagem do capoeirista, geralmente integrado nas camadas sociais de maior carência econômica [...]. (PASTINHA, 1988, p. 6)

Nota-se a relevância do Mestre Pastinha, no sentido da valorização da Capoeira e da busca ao respeito aos capoeiristas, que, via de regra, já eram excluídos dos centros das cidades, devido a geralmente serem oriundos de classes sociais desprovidas de privilégios econômicos. Nascido em 1889 na cidade de Salvador, BA, Vicente Ferreira Pastinha, aos 10 anos, iniciou a prática da Capoeira com Mestre Benedito, natural de Angola, e tornou-se, até os dias atuais, a principal referência da Capoeira Angola, “[...] mantendo sua pureza original, tal como a recebeu dos mestres africanos, não permitindo, em sua Academia, que fosse deformada com a introdução de práticas próprias de outros métodos de lutas [...]” (PASTINHA, 1988, p. 11).

Nessa perspectiva, Mestre Pastinha ressalta que a Capoeira é uma luta que se distingue de qualquer modalidade esportiva e a Capoeira Angola está atrelada à luta trazida pelos africanos, que não deve se misturar a outras lutas esportivas, nem incorporar golpes dessas modalidades, pois, assim, estaria deturpada de seus fundamentos e de suas raízes (Op. cit.). Cito, então, trecho que ele escreveu:

A Capoeira é uma modalidade de luta que se distingue de qualquer outra modalidade esportiva. Possui características que a identificam de uma

forma indiscutível, o que não acontece com alguns métodos de luta, como por exemplo: judô, jiu-jítsu, luta livre americana, onde determinados golpes são comuns às três modalidades. Há grande semelhança entre elas. É lógico que nos referimos à Capoeira Angola, a legítima Capoeira trazida pelos africanos e não à mistura de Capoeira com boxe, luta livre americana, judô, jiu-jítsu, etc., que lhe tiraram suas características, não passando de uma modalidade mista de luta ou defesa pessoal onde se encontram golpes e contragolpes de todos os métodos de luta conhecidos. (PASTINHA, 1988, p. 24)

Ainda, face ao exposto, destaco outros dois elementos que Mestre Pastinha comunica. O primeiro diz respeito ao que se espera dos capoeiristas, que, segundo ele, devem observar que a “[...] Capoeira exige um certo misticismo, lealdade com os companheiros de “jôgo” e obediência absoluta às regras que o presidem” (PASTINHA, 1988, p. 25). Para Vicente Ferreira Pastinha, esses elementos sintetizam o que se chama de fundamentos da Capoeira Angola, devendo, nessa esteira, os capoeiristas observarem a hierarquia do conhecimento, respeitarem os Mestres (as) e demais capoeiristas e se atentarem aos ritos da Capoeira passados pelos mais antigos. Nesse contexto, pode-se afirmar que preserva essa manifestação cultural quem observa e pratica os fundamentos atrelados a ela, como ter lealdade com o outro capoeirista no jogo, o que não ocorre, por exemplo, quando alguém dá um soco em outra pessoa em meio à vadiação da Capoeira.

Por fim, o segundo elemento que mencionei está vinculado ao aspecto inclusivo da Capoeira, que Mestre Pastinha aborda, ao afirmar que “[...] praticamente, não há limite de idade para entrar numa Academia de Capoeira Angola” (PASTINHA, 1988, p. 26). Nessa linha, verifica-se que não há restrições para a prática da Capoeira, nem de idade, peso ou tamanho. Com efeito, essa arte acolhe a todas e todos que a quiserem aprender, incluindo, da mesma forma, pessoas com deficiência, ainda que com coordenação motora limitada.

Não posso, sobre essa temática, deixar de mencionar Mestre Beija-Flor, Eraldo Gabriel de Souza, que difundiu a Capoeira Inclusiva no Brasil, metodologia de ensino e prática da Capoeira para pessoas com deficiência, formando multiplicadores por onde passou. Mestre Beija-Flor, ao trabalhar com essa manifestação cultural sob a ótica de terapia para inclusão, sempre afirmava: a Capoeira é arte que mais promove a inclusão. Passo, assim, para o final desta seção.

Diante do já mencionado a respeito da proibição da prática da Capoeira mesmo após a *abolição* da escravidão, que garantiu a liberdade, mas não o direito à

dignidade das pessoas humanas a ex-escravizados (acesso à terra, à educação, à saúde, ao trabalho remunerado, etc.), pode-se refletir que o desenvolvimento dessa manifestação afro-brasileira e de seus praticantes, guardiões e zeladores, como os Mestres, patrimônios vivos da Capoeira, nunca foi tarefa fácil. Pelo contrário, essa luta nasce na África, vem ao Brasil no período da escravidão com os negros africanos escravizados, sofre repressão ao seu desenvolvimento, face ao cerceamento à liberdade do nefasto sistema escravocrata e, ainda depois de 1888 (ano da *abolição* da escravidão no Brasil), continua proibida até a década de 1930. É, por conseguinte, nesse ponto de resistência, de luta por liberdade, por dignidade, por reconhecimento, pelo combate ao racismo estrutural, por igualdade de direitos e de oportunidades que a Capoeira se reconfigura no Brasil e se alicerça até os dias atuais.

Ao finalizar esta etapa, saliento que foram abordados apenas alguns elementos atinentes à Capoeira nesta seção, sendo que outros serão apontados no decorrer deste trabalho, sem haver a pretensão, que seria inexecutável, de abranger a infinidade de perspectivas que essa manifestação cultural afro-brasileira potente comporta. Assim, na sequência, destaco a Capoeira a partir ótica de patrimônio cultural.

### **3.2 Capoeira como patrimônio cultural**

A Capoeira foi registrada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) como patrimônio imaterial em 2006 (BAHIA, 2006)<sup>52</sup>. Após, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) formalizou como patrimônio cultural brasileiro em 2008<sup>53</sup>, juntamente com o ofício dos Mestres, a Roda de Capoeira, materialização do reconhecimento de uma luta disfarçada em dança em âmbito nacional. E, em 2014, foi o momento de a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultural (UNESCO) reconhecer a Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade<sup>54</sup>.

---

<sup>52</sup>Informação disponível em: <<https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/76421/decreto-10178-06>>. Consultado em: 15 jan 2023.

<sup>53</sup>Informação disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1617/>>. Consultado em: 27 ago 2021.

<sup>54</sup>Informação disponível em: <<https://ich.unesco.org/en/RL/capoeira-circle-00892>>. Consultado em: 29 jul 2022.

O IPHAN possui atualmente 49 registros de bens reconhecidos como patrimônio cultural, entre os quais a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira, que obtiveram o registro de abrangência nacional em 2008<sup>55</sup>. A Roda de Capoeira foi inserida no livro do IPHAN *Formas de Expressão*<sup>56</sup>, a partir de parecer técnico que propôs “[...] o registro da Roda de Capoeira como forma de expressão, entendendo que ela sintetiza todos os aspectos do bem cultural em apreço, constituindo o espaço e o tempo em que a capoeira, de fato, se concretiza como prática [...]” (ADINOLFI, 2008, p.15).

Já o Ofício dos Mestres foi registrado no livro de *Saberes*<sup>57</sup> do IPHAN em decorrência da sustentação técnica de que o Mestre “[...] por ser o principal agente de transmissão dos saberes que permitem a manutenção dessa prática em bases tradicionais e, ao mesmo tempo, por tratar-se, hoje, do elemento mais frágil na sua cadeia de reprodução, o registro do ofício de mestre de capoeira no Livro dos Saberes.[...]” (Op.cit., p.17). Tratam-se sem dúvida de decisões muito relevantes, porém se questiona o motivo pelo qual não se registrou o conjunto da Capoeira como patrimônio, até o momento, em nível nacional.

Embora em 2014 a UNESCO tenha também reconhecido a Roda de Capoeira como patrimônio cultural imaterial da humanidade, não ocorre o registro oficial do conjunto da Capoeira como patrimônio, apesar do parecer técnico de Adinolfi (2015, p. 1) ter definido a Capoeira como patrimônio cultural, ao mencionar “[...] registro da capoeira como patrimônio cultural do Brasil [...]”. Esse reconhecimento não foi por acaso.

A Capoeira, considerada patrimônio cultural, consolidou-se como uma luta/arte de resistência em busca da liberdade. A ela integraram-se outras manifestações culturais de origem africana, como o Samba de Roda do Recôncavo Baiano, também registrado com patrimônio histórico cultural pelo IPHAN (IPHAN, 2016).

Nas Rodas de Capoeira, também registradas como patrimônio cultural, a ancestralidade vem à tona, quando o ritmo se mistura com o canto, o coro e o jogo. Trata-se de um conjunto múltiplo e diferenciado de espaços considerados festivos,

---

<sup>55</sup>Informação disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/606>>. Consultado em: 27 ago 2021.

<sup>56</sup>Informação disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/497>>. Consultado em: 27 ago 2021

<sup>57</sup>Informação disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/496>>. Consultado em: 27 ago 2021

de vadiagem, de preservação e difusão da cultural popular, em que a resistência e a ânsia de libertação se intensificam (IPHAN, 2014).

As rodas são, com efeito, os círculos energético-ancestrais materializados de uma luta de resistência, sob o ritmo, atualmente, de diversos instrumentos - berimbaus, pandeiros, atabaque, agogô e reco-reco - acompanhados dos cânticos chamados de ladainhas e corridos, sendo coordenadas por Mestres (as) ou pelo (a) capoeirista mais antigo presente (IPHAN, 2014). Nelas, por conseguinte, os capoeiristas se conectam em um jogo de mandinga e de vibração, expressando sua corporalidade, reivindicando preservação, difusão e valorização das manifestações culturais afro-brasileiras – a Capoeira e outras, como o samba de roda do Recôncavo Baiano (IPHAN, 2016).

Ainda, é essencial realçar que, na Capoeira, os ensinamentos/ fundamentos são passados principalmente por meio da oralidade, com a vivência junto aos (às) Mestres (as), os guardiões, as guardiãs, principais difusores (as) dessa cultura popular afro-brasileira (ou afro-indígena) (IPHAN, 2014). Nesse sentido, importante enfatizar que o ofício dos (as) Mestres (as) é de suma importância para a preservação e valorização dessa luta/dança/arte: na Capoeira, eles e elas são o patrimônio vivo (IPHAN, 2014).

Em relação à relevância dos registros da Roda de Capoeira e do Ofício dos Mestres pelo IPHAN, recorro ao Mestre Bel, Josivaldo Pires de Oliveira, e a Luiz Augusto Pinheiro Leal, ambos do Malungo Centro de Capoeira Angola, sediado em Feira de Santana, BA, e Doutores em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA. Ao abordarem o registro institucional dessa luta-dança, os autores destacam que o conjunto da Capoeira obteve o reconhecimento, o que vai ao encontro do sentimento de muitos capoeiristas, visto que não faz sentido apenas parte (essencial, mas parcial) dessa manifestação afro-brasileira ser reconhecida. Nessa perspectiva, ao mencionarem “[...] o registro da capoeira, em 2008, como bem da cultura imaterial do Brasil”, eles frisam as consequências desejáveis desse reconhecimento formalizado, como se vê no excerto seguinte (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 43):

O registro possibilita o desenvolvimento de medidas governamentais de suporte à comunidade da capoeira, a exemplo de um plano de previdência social para os velhos mestres da capoeiragem; programas de incentivo para o desenvolvimento de políticas pelos próprios grupos de capoeiras com o auxílio do Estado. Além disso, há do ponto de vista de uma política estrutural para capoeira, a intenção do IPHAN, por consequência do

tombamento, de criar um Centro Nacional de Referência da Capoeira. (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 44)

A observação de Mestre Bel e Leal (2009) destacada no trecho acima é muito relevante, pois o registro deveria oportunizar, além da salvaguarda do bem cultural registrado, dignidade àqueles que tiveram seu ofício reconhecido formalmente. Contudo, o que se presencia, ainda em 2022, é que não há plano de previdência social para os Mestres de Capoeira e persiste, da mesma forma, a falta de reconhecimento fático pelo Estado ao saber dos Mestres pela insuficiência de políticas públicas de incentivo e valorização desses patrimônios vivos. Nesse sentido, é sabido que há, por exemplo, editais de fomento à cultura estaduais e municipais (quase nenhum a nível federal, devido ao descaso com a área por parte do governo de Jair Bolsonaro, derrotado nas eleições em 2022), mas, em sua boa parte, o acesso acaba por se restringir a quem tem estudo formal acadêmico, tamanha as exigências impostas nas seleções, tais como CNPJ de grupo/escola de Capoeira.

Nessa linha, não se deveria demandar de Mestres antigos uma prerrogativa que não lhes é, por vezes, afeta, para que houvesse políticas públicas efetivas, como a aposentadoria e a concorrência em editais que deveriam os contemplar pela relevância das suas contribuições de saberes para a cultura e a sociedade brasileira. É urgente que o registro da Capoeira, de fato, tenha implicações na vida cotidiana de Mestres (as), visto que a formalidade do reconhecimento, apesar de relevante sim, não põe comida na mesa deles (as) e de suas famílias e não lhes garante dignidade humana para viver bem e, pelo menos, minimamente confortável. Infelizmente, é comum, na Capoeira, vermos e termos conhecimento, nós capoeiristas, que Mestres (as) passam por dificuldades para sobreviver e viver com dignidade, o que é revoltante (não há outra palavra para expressar esse sentimento).

Ainda, no que diz respeito à abordagem do registro de que se trata, Oliveira e Leal (2009) salientaram a falta de divulgação, por parte da mídia, da importância da história e dos saberes que estão atrelados a esse reconhecimento formalizado:

Entretanto, no contexto de seu reconhecimento, pouco espaço foi reservado na mídia para a exposição ou debate acerca da história da capoeira. Sequer foi possível conhecer, salvo de modo panorâmico, o percurso de luta que seus praticantes vivenciaram para atingir o tão aclamado reconhecimento da arte-luta como patrimônio cultural brasileiro. A história da capoeira foi marcada por perseguições policiais, prisões, racismo e outras formas de controle social que os agentes dessa prática cultural experimentaram em sua relação com o Estado brasileiro. Cabe, então, entendermos os elementos que caracterizaram e contribuíram para a formação da capoeira

como um símbolo diferente da identidade brasileira e a sua justificação como o mais recente bem cultural, registrado pelo governo brasileiro como patrimônio nacional. (OLIVEIRA; LEAL, 2009, p. 44)

Nessa passagem, vê-se o que é recorrente: descaso da grande mídia, oligopolizada em poucos nichos de grandes empresas<sup>58</sup>, à cultura popular e, por consequência, a ausência de divulgação adequada à população brasileira sobre informação de extrema importância à cultura e à história da nação, que merece não só conhecer mais sobre sua origem e as lutas atreladas ao seu povo, como também, a partir disso, cobrar políticas de Estado que deem atenção efetiva ao patrimônio cultural brasileiro, como a Capoeira, por meio de ações concretas de sua salvaguarda. Aliás, ao falar de salvaguarda, é importante trazer que significa a garantia de que o bem continuará existindo por meio de implementação de políticas públicas destinadas a ele, como por exemplo a ação necessária de valorização de patrimônios vivos, como os (as) Mestres (as) de Capoeira. Assim, salvaguardar é proteger, preservar e conservar o bem público reconhecido<sup>59</sup>.

Entre políticas de salvaguarda, como a já destacada previdência social especial a Mestras e Mestres, ainda se exemplificam planos de incentivo à Capoeira nos estados brasileiros, com incentivos socioeconômicos a capoeiristas, principalmente aos mais velhos, visando à difusão ampla dessa manifestação em distintos espaços e níveis da educação popular e formal-acadêmica. Também é essencial a proteção física dos ambientes onde ocorrem as Rodas de Capoeira de rua, pois são locais que devem ser e permanecer públicos, sem concessão à iniciativa privada, o que limitaria, em proporções diversas, o acesso ao que, como público, é, a princípio, acessível a todos. Da mesma forma, a salvaguarda deve contemplar a preocupação com os materiais e o acervo da Capoeira, bem como ser objeto de ações que reconheçam Mestres e Mestras como detentores de notório saber, por suas vivências e sabedorias que são invioláveis e imensuráveis (IPHAN,

---

<sup>58</sup>Sobre esta temática, trato no meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Jurídicas e Sociais junto à UFRGS, com o título “TV Pública: a extinção da TVE diante aos princípios da complementaridade e da proibição do retrocesso”, em que ressalto também a necessidade de se cumprir a previsão constitucional de coexistência complementar de sistemas público, governamental e privado de comunicação, como canais de televisão, conforme art. 223 da CF, o que poderia, se fosse cumprido, evitar a divulgação seletiva e parcial de notícias de interesse à sociedade brasileira (BORTOLI, 2017). Trabalho disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/166243>>.

<sup>59</sup>Informação disponível em: <http://www.ipac.ba.gov.br/patrimonio-cultural/salvaguarda>>. Consultado em: 03 fev 2023.

2014). Sobre o assunto, trago parecer técnico do IPHAN que pontua elementos que devem ser observados:

1. Reconhecimento do saber dos mestres e do seu ofício, garantindo a legitimidade de seu exercício da profissão, independentemente de qualquer formação acadêmica, assim como acesso a um plano especial de aposentadoria, reconhecendo sua contribuição à preservação da cultura brasileira;
2. Apoio aos capoeiristas no exterior, como representantes da cultura brasileira, por meio de medidas que lhes forneçam respaldo legal para transitar e exercer suas atividades de difusão cultural;
3. Fomento à pesquisa multidisciplinar e documentação sobre a capoeira, com ênfase para o registro das histórias de vida, formação de acervos bibliográficos, imagéticos e documentais e promoção de intercâmbios entre pesquisadores, mestres e praticantes em geral, garantindo acesso irrestrito e facilitado às informações compiladas e produzidas;
4. Pesquisas aprofundadas sobre a capoeira no Recife, que não puderam ser suficientemente realizadas no âmbito deste inventário, são recomendadas como centrais para conhecer melhor a história e o desenvolvimento da capoeira no Brasil;
5. Plano de manejo da biriba e outras madeiras nativas brasileiras utilizadas na fabricação dos instrumentos musicais utilizados na roda de capoeira;
6. Adoção de medidas de controle sobre a exportação de instrumentos musicais e outros implementos, garantindo a valorização do trabalho artesanal e a utilização sustentável das matérias-primas vegetais e animais.(ADINOLFI, 2018, documento eletrônico),

No contexto abordado, friso como muito importantes as concessões de títulos de *Notório Saber* a esses (as) Mestres(as), equivalente ao doutorado da academia, por parte de Universidades Públicas Federais, como a UFRGS. Ao mesmo tempo, ao reconhecer os ofícios desses agentes culturais potentes, a comunidade acadêmica também deve os auxiliar e demandar firmemente que haja políticas públicas de Estado que garantam o exercício pleno da cidadania deles, com integral garantia aos direitos humanos, para uma vida digna e, de fato, humanizada<sup>60</sup>. Tem-se, nessa seara, não só que emitir documento relevante formal de reconhecimento, mas instituir um plano de acompanhamento e auxílio permanente das Instituições Federais de Ensino aos agraciados com *Notório Saber*, através de políticas públicas aprovadas a nível federal.

Para aprofundar a reflexão a respeito da salvaguarda da Capoeira, realizei uma entrevista, a partir do roteiro constante no Apêndice B, com Viviane Oliveira. Na

---

<sup>60</sup> Na UFRGS, a Resolução nº 11/2022 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) estabeleceu normas para a concessão do título de “Notório Saber” na Universidade para Mestras e Mestres de saberes tradicionais (indígenas, afro-brasileiros quilombolas e demais comunidades e povos tradicionais e da cultura popular), equivalendo a doutorado acadêmico. Resolução disponível em: <<https://www.ufrgs.br/cepe/wp-content/uploads/2022/06/Res-11-Normas-Reconhecimento-Titulo-NOTORIO-SABER-1.pdf>>. Consultado em: 19 dez 2022.

Capoeira conhecida como Mestre Princesa, da União Internacional de Capoeira Regional (Bahia), foi membro do Comitê Gestor da Salvaguarda da Capoeira da Bahia, Grupo Territorial Salvador e Região Metropolitana. Informa que pratica essa manifestação cultural há 30 anos e tem como referências principais seu Mestre, Zambi, Mestre Janja e Mestre Duda, entre tantos (as) outros (as) que lhe inspiraram e ensinaram. A Mestre inicia ao abordar os empecilhos que vê para que se efetive a salvaguarda da Capoeira no Brasil:

*O racismo estrutural no Brasil, a falta de vontade política, a falta de formação política para capoeiristas cobrarem a salvaguarda.*<sup>61</sup>

Ela pontua que o racismo estrutural e a falta de vontade política são óbices que se verificam para que uma política de salvaguarda da Capoeira se consolide, assim como a falta de cobrança por parte de capoeiristas, que, por vezes, não têm formação política que os (as) incentive a dar seguimento a essa demanda. Ao prosseguir, ela aponta que não há plano de salvaguarda da Capoeira a nível nacional:

*Não existe salvaguarda “no Brasil”, o Iphan (após o episódio de 2010 e do manifesto que a Bahia produziu acerca da tentativa de uma política de salvaguarda nacional da capoeira) definiu a autonomia dos estados para a salvaguarda, haja vista as demandas entre os estados, que são tão diversas. Sobre os outros estados, sei por alto um pouco do Rio de Janeiro, apenas.*<sup>62</sup>

Ressalta, então, que houve tentativa da Bahia em propor uma política federal de salvaguarda da Capoeira, mas que o IPHAN, então, repassou autonomia para estados da federação construírem planos descentralizados, tendo em vista a pluralidade e diversidade de demandas entre os próprios estados. Nesse contexto, no último capítulo, em que abordo a salvaguarda da Roda do Chafariz, destacarei elementos conexos a essa contribuição da Mestre. E assim ela continua, ao abarcar ações do Plano de Salvaguarda da Capoeira da Bahia:

*As 5 ações prioritárias da gestão anterior foram encaminhadas. Ou implementadas totalmente ou iniciadas para efetiva implementação. A pandemia e última gestão do governo federal, que sucateou o Iphan, extinguiu os conselhos de sociedade civil e o Ministério da Cultura, acabaram por frear as ações do Conselho Gestor da Salvaguarda da Capoeira. Ainda assim, no final da gestão, com um edital do Ipac da Lei*

---

<sup>61</sup> OLIVEIRA, Viviane. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Bahia, 14 fev 2023. Arquivo txt (305 palavras). Recebido por *whatsapp*.

<sup>62</sup> Idem.

*Aldir Blanc, ainda conseguimos lançar um portal (site), um livro e um documentário sobre a capoeira da Bahia.*<sup>63</sup>

Desde o início integrante da salvaguarda da Capoeira da Bahia, atualmente concorrendo à vice-presidência do Conselho Gestor, ela elenca ações realizadas pela última gestão. Foram lançados um livro e um documentário sobre a Capoeira da Bahia, bem como um *site* sobre a Salvaguarda da Capoeira da Bahia<sup>64</sup>, mesmo com todos desafios postos pela conjuntura em um governo federal, à época, que não incentivava a Cultura, que, pelo contrário, sucateou o IPHAN, extinguiu o Ministério da Cultura e inseriu obstáculos que frearam ações de Conselho Gestor da Salvaguarda da Capoeira da Bahia. A respeito desse Plano, ela destaca alguns aspectos:

*A construção COLETIVA e DEMOCRÁTICA do plano é o mais positivo. Negativo é a necessidade que já temos de reavaliar as ações elencadas, atualizá-las.*<sup>65</sup>

Referencia, assim, que a construção democrática e coletiva é o que se destaca positivamente sobre o Plano de Salvaguarda de Capoeira da Bahia, ao passo que as atualizações necessárias, com reavaliação de ações, são os elementos que se colocam como desafiadores. Ao finalizar, Mestra Princesa frisa sobre a importância de haver Planos de Salvaguarda da Capoeira em outros estados brasileiros:

*É um documento importantíssimo! Primeiro, porque oferece à comunidade da capoeira um respaldo oficial na comunicação com o poder público, quando na busca por ações de políticas públicas. Segundo porque obriga capoeiristas a pensarem sobre a urgência de salvaguardar a capoeira e manutenção de suas características originais, enquanto guardiões que cada praticante deve ser!*<sup>66</sup>

Por fim, reforça a relevância de haver outros planos de salvaguarda da Capoeira em níveis estaduais, pois oferecem “[...] à comunidade da capoeira um respaldo oficial na comunicação com o poder público, quando na busca por ações de políticas públicas” e ainda demandam que os capoeiristas, enquanto guardiões da Capoeira, reflitam sobre a pujante necessidade de a salvaguardar, mantendo suas características originais. Ao agradecer a Mestra pela entrevista repleta de

<sup>63</sup>Idem.

<sup>64</sup>O *site* a que a Mestra se refere pode ser acessado aqui: <<https://capoeiradabahia.com.br/sobre/>>. Consultado em: 14 fev 2023.

<sup>65</sup>OLIVEIRA, Viviane. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Bahia, 14 fev 2023. Arquivo txt (305 palavras). Recebido por *whatsapp*.

<sup>66</sup>Idem.

ensinamentos, friso que, na última seção do desenvolvimento desta investigação, retomarei o tema ora realçado.

E, para concluir, é importante destacar que não se pode falar de conservação, valorização e propagação da Capoeira de forma dissociada às Rodas, mas, ao contrário, sempre conectadas entre si, a partir dos ensinamentos das Mestras e dos Mestres. No circo energético das Rodas, a mandinga, a malandragem e a brincadeira se misturam em um transe profundo de empoderamento que reúne muitos sujeitos que foram mantidos por longo tempo à margem da sociedade. Passo, então, a outro capítulo deste trabalho, em que será destacada a construção da memória na Capoeira e de suas Rodas a partir do conceito de memória individual e coletiva até chegar no campo da mandinga (vinculado à Capoeira).

#### 4 MEMÓRIA E CAPOEIRA: DO CAMPO PSÍQUICO AO CAMPO DA MANDINGA

Conhecer o processo de como se constrói a memória da Capoeira e da Roda de Capoeira é a essência deste capítulo, em que buscarei, a partir da operacionalização de conceitos, refletir sobre as nuances da memória do campo psíquico, individual, passando pelo coletivo, ao campo da mandinga. Para percorrer esse trajeto conceitual, divido este capítulo em quatro seções.

Na primeira, intitulada *Memória: do campo psíquico-individual ao coletivo*, inicio com a concepção de memória para Le Goff (1990), ao estabelecer que toda a memória individual se vincula a funções psíquicas, e que a memória é uma construção, no presente, de fatos passados, lembrados. Em interlocução do autor com Halbwachs (1990), Pollak (1989; 1992) e Ricoeur (2007), serão analisadas as características da memória coletiva, construída a partir de um grupo ou coletivo cultural e socialmente identificado, salientando-se os processos de negociação presentes na construção da memória e da identidade, conceito a ser discutido neste trabalho. Outro aspecto a alimentar esse debate é o papel das lembranças traumáticas e a possibilidade delas se converterem num elemento propulsor de questionamentos ao discurso hegemônico oficial e de propiciarem movimentos refutadores aos fatos traumáticos rememorados, para que não mais ocorram. Para finalizar, abordarei os temas do *esquecimento* e da *memória exercitada* e seus usos e abusos, a partir de Pollak e Ricoeur, respectivamente, por sua relevância para compreensão do objeto desta investigação.

Na segunda seção, nomeada de *Da memória disputada ao dever de memória*, serão aprofundados os dois conceitos presentes em seu título. A partir da contraposição da construção da memória por meio de minorias sociais, em dissonância à memória oficial de uma nação, por exemplo, refletir-se-á em torno do conceito de memória em disputa e suas implicações. E, dando prosseguimento, será discutida a concepção de *dever de memória*, a partir de Ricoeur (2007), para compreensão da abordagem de reparação histórica a acontecimentos traumáticos visando à justiça, mas destacando que, nessa seara, há de se cuidar, para que não ocorram abusos no exercício desse dever.

Na terceira seção, referida como *A memória no campo da mandinga*, a partir da conceituação de *mandinga*, analisar-se-á como se constrói a memória da

Capoeira e de suas Rodas, no campo da mandinga. Na quarta seção, em sequência à abordagem da anterior, buscarei verificar, no campo empírico, por meio de entrevistas com capoeiristas, a partir de que percepções e ações, experienciadas ou vividas, eles avaliam que se constrói a memória da Capoeira e da roda de Capoeira, em consonância com o *apêndice C* deste trabalho.

A análise da Capoeira é decorrente da necessária demanda de reconhecimento dessa arte ancestral popular, que merece, mais do que ser reconhecida como um dos principais patrimônios culturais do país, ser difundida e valorizada. Falar de Capoeira atrelada à construção de memórias é abordar a luta por libertação, em contraponto a períodos tenebrosos vividos, como o da escravidão, uma vez que, quando há construção de memória forte de um passado de cerceamentos de direitos humanos, se levanta a bandeira por igualdade entre todos e por valorização da cultura de um país. Passo, então, ao debate sobre *Memória e Capoeira: do campo psíquico ao campo da mandinga*.

#### **4.1 Memória, do individual ao coletivo**

O conceito de memória, nos campos da História e da Antropologia, tem diferentes abordagens, desde a pré-história, na perspectiva da memória sem escrita, até a contemporaneidade, a partir do aparecimento da memória eletrônica (LE GOFF, 1990). De acordo com o autor, a concepção de memória está vinculada à propriedade de conservar certas informações por meio de um “[...] conjunto de funções psíquicas [...]”, através das quais os indivíduos podem, no presente, reconstruir informações e impressões passadas (ou consideradas pelo homem como passadas) (Op.cit., p. 387).

Halbwachs (1990), por seu turno, destaca a relevância da memória coletiva, pois, segundo ele, o viver em grupo, socialmente, implica lembranças que são consistentes para a coletividade. Para ele, “[...] se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (Op. cit, p. 25).

Em função da ampla diversidade de abordagens que existe que em torno do tema memória, reforça-se como elemento importante, na interlocução que se pretende nesta seção, outra citação de Le Goff (1990), ao afirmar que “A memória é

um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Op. cit, p. 435). Isso faz com que seja relevante a análise dos conceitos de memória individual e coletiva no debate sobre o patrimônio cultural imaterial, sobretudo em relação à Capoeira. O autor salienta que a memória coletiva está enraizada nas “[...] grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção” (Idem ibidem, loco citato).

Na perspectiva do autor, por intermédio da memória, realça-se a identidade social de determinado coletivo/ grupo, que, por meio dessa mesma memória, busca se autoafirmar na luta pela preservação de sua existência, sobrevivência e de sua valorização ou promoção. Pollak (1989, p. 10) corrobora com essa ideia, ao afirmar que “[...] o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”. E, ao atrelar memória à identidade, o autor destaca que ambas são construções negociadas diante do contexto social em que se vive. Em consequência, memória e identidade não são estanques, mas, ao contrário, estão sujeitas à constante mediação: são construções sociais negociadas.

Ele acrescenta que a memória, tanto individual quanto coletiva, é constituída por alguns elementos, que são os acontecimentos, as pessoas /personagens e os lugares, sendo importante salientar os “[...] acontecimentos vividos por tabela”. (POLLAK, 1992, p.201). Nessa categoria, os acontecimentos, apesar de não serem vividos pelo próprio indivíduo ou pelo coletivo que constrói a memória, são praticamente herdados por afinidade a determinado grupo com que se tem identidade. Para exemplificar, pode-se pretender construir a memória coletiva da Capoeira, destacando fatos vivenciados pelos primeiros capoeiristas, que focalizam a luta pela liberdade durante o período da escravização africana no país, num momento histórico não presenciado pelos capoeiristas vivos. Isso é mencionado como um acontecimento quase que herdado e, inevitavelmente, está atrelado à história da Capoeira e à construção da sua memória.

Nessa perspectiva, o autor (Op. cit, p. 201) defende o que considera uma “[...] memória quase que herdada”. Para ele, “[...] podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de

identificação”. A luta contra a escravidão e pela liberdade está no cerne da construção da memória dessa arte/luta, que é a Capoeira.

Ao se abordar a memória, é importante destacar também o papel do esquecimento que, segundo o autor, (Idem ibidem, p. 8), em toda construção de memória, há “[...] zonas de sombra”, o *não-dito*, que poderia implicar, conseqüentemente, a construção parcial da memória, como uma construção colorida do passado no presente. Nesse sentido, o esquecimento de lembranças traumáticas, para construção da memória, por vezes, é o subterfúgio de não se afirmar, na atualidade, situações cruéis ocorridas no passado. Ao esquecer, há uma consolidação de fuga do que afeta a mente de determinado indivíduo, o seu psíquico, ou, ainda, do grupo social, quando da construção de uma memória coletiva.

O silêncio, por sua vez, dependendo do contexto social vivenciado, é também considerado como um movimento de resistência a discursos oficiais hegemônicos. Nessa linha, cito Pollak (Op. cit., p. 5), ao afirmar que “[...] o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais”.

Ricoeur (2007), ao tratar dos usos e abusos da memória, ao mencionar como sendo um nível patológico-terapêutico, destaca que as lembranças traumáticas, enfermas, requerem, além de um tempo para serem processadas, também um tempo de luto. Viver o luto para superá-lo implica um saldo positivo, em comparação com o viver melancólico. Com efeito, ousa-se afirmar que as lembranças traumáticas, com o viver o luto, podem resultar na própria ânsia questionadora dos fatos traumáticos rememorados.

Nesse contexto, reivindicar democracia no Brasil requer, em certa medida, trabalhar o luto da triste perseguição, torturas e assassinatos executados durante o período de ditadura civil-militar brasileira<sup>67</sup>, questionando o que ocorreu e se buscando a âncora em bandeiras reivindicatórias democráticas, para que esse período de cerceamento das liberdades democráticas nunca mais retorne, assim como o da escravidão, já mencionado anteriormente, e tantos outros. Trata-se do

---

<sup>67</sup>Entre 1964 e 1985, o Brasil passou por um período de cerceamento das liberdades democráticas, assassinatos, torturas, censura, fechamento de Congresso Nacional, perseguição a políticos, artistas, militantes de esquerda e a todos que não concordavam com o regime autoritário, em um período em que a palavra Democracia sequer podia ser vocalizada (BRASIL, 2008). Esse período corresponde ao da ditadura civil-militar brasileira, que teve início com o exílio do, então, presidente João Goulart, com a tomada do poder pelos militares em 01 de abril de 1964. O saldo nefasto desse triste período da história do país contabiliza mais de 50 mil pessoas presas somente nos primeiros meses da ditadura, por volta de 20 mil torturados, pelo menos 365 cidadãos assassinados (Op. cit.).

que Ricoeur (Op. cit., p. 92) chamou de “traumatismos coletivos” e de “feridas da memória coletiva”, uma vez que “[...] é sempre com perdas que a memória ferida é obrigada a se confrontar” (Idem ibidem, p. 93).

Hoje os movimentos sociais têm optado, em grande parte, por construções memoriais que destacam as lembranças traumáticas como uma forma de expor o que não deve se repetir, como uma bandeira de luta e de enfrentamento ao que não se quer de volta. Na construção coletiva da memória da Capoeira, certamente será lembrada a escravidão e seu repúdio a esse período histórico, destacando-a como a luta por liberdade das negras e negros escravizadas (os). Há, como ensina Pollak (1989, p.9), uma intensa “[...] interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido”.

É importante mencionar, ainda, que as funções das memórias coletivas correspondem à manutenção da coesão interna e das fronteiras de determinado grupo/ coletivo, com proteção ao território e manutenção da identidade de determinado agrupamento cultural de indivíduos (POLLAK, 1989). Ao referir-se às fronteiras, o autor remete também, e principalmente, às fronteiras sociais, que se buscam manter ou, ainda, se modificar, dependendo do contexto social e da conformação de determinado grupo no todo social. Nesse contexto, pode-se desejar expandir as fronteiras sociais a partir de pautas reivindicatórias relacionadas ao reconhecimento social mais intenso, à ampliação de limites territoriais e à busca de direitos.

Enfim, para concluir esta seção, se recorre novamente a Ricoeur (2007), ao analisar o conceito de memória exercitada e seus usos e abusos. Para o autor, na perspectiva de memória exercitada, lembrar não é apenas recepcionar, acolher, o vivido, mas também trabalhar pragmaticamente a lembrança, no sentido de fazer efetivamente uma construção da memória, que, portanto, passa a ser exercitada. Ainda, segundo ele, essa abordagem pragmática se soma à cognitiva, já que fenômenos dependem do campo psíquico, de onde resulta o que se entende como recordação. Desse modo, o reconhecimento fica no campo cognitivo, enquanto o fazer (o esforço) no campo prático. O autor destaca, também, que exercitar a memória é usá-la, e, nessa linha, todo o uso pode acarretar abuso. Trata-se do que ele que chama de os abusos da memória - excessos de memória/ insuficiência de memória, abuso de esquecimento/ manipulação da memória. Assim, diante desse foco analítico, ele afirma que “[...] o exercício da memória é o seu uso; ora, o uso

comporta a possibilidade de abuso. E entre o uso e o abuso insinua-se o espectro da “mimética” incorreta. É pelo viés do abuso que o alvo veritativo da memória está maciçamente ameaçado” (Op. cit., p. 72).

Por fim, ao abordar os usos e abusos da memória exercitada, o autor a subdivide em três níveis: patológico-terapêutico, no qual se insere o conceito de memória impedida, em que estão inseridas as lembranças traumáticas abordadas anteriormente; prático, que inclui a memória manipulada; e ético-política, no qual se trata da memória obrigada. A seguir, discutirei os conceitos de memória disputada, negociada, e de dever de memória. Tratam-se de elementos relevantes para que se consiga compreender que a construção da memória não é estanque, mas sim influenciada por contextos sociais distintos, por agentes de sua construção (minorias ou grupos dominantes, por exemplo) e, ainda, pela própria memória a ser realçada, que pode implicar um dever de sua construção, a fim de reparar contemporaneamente fatos dolorosos oriundos, exemplificativamente, de memórias traumáticas.

#### **4.2 Da memória disputada ao dever de memória**

Entre as minorias, no bojo da construção da memória por determinado grupo social tradicionalmente excluído da sociedade, a memória coletiva pode ser compreendida como a reafirmação de culturas minoritárias socialmente, em contraposição à memória oficial imposta pelos grupos dominantes (POLLAK, 1989). Trata-se do que autor denomina de “[...] memória em disputa” (Op.cit., p.4).

A memória construída por agrupamento com identidade cultural, como é o caso dos capoeiristas, por muitas vezes, colide com a memória oficial de uma nação. Então, a disputa, o choque memorial, floresce, onde de um lado estão as memórias *subterrâneas*, das minorias excluídas, e, de outro, as memórias *oficiais*, impostas à coletividade pelo poder hegemônico.

É importante, nesse contexto, destacar o que o autor quer dizer ao afirmar que “Uma vez rompido o tabu, urna vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades” (POLLAK, 1989, p. 5). Daí se infere que a disputa das memórias,

quando emergidas das lembranças traumáticas, via memória coletiva de grupos socialmente excluídos, conduz, também, ao aparecimento de diferentes nacionalidades. Então, a versão oficial anterior, construída pelas classes dominantes de um Estado, colide com a memória construída e difundida pelas minorias. Nessa perspectiva, ele ressalta que “[...] essas lembranças durante tanto tempo confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas” (Op.cit., loco citato).

Em nível prático, Ricoeur (2007, p. 94-98) defende que a memória pode ser manipulada, por intermédio de efeitos que podem ser distorcidos dos “[...] diversos níveis operatórios da ideologia”, através da exaltação pretensiosa da identidade. Nesse sentido, o autor destaca que “[...] a identidade proclamada e reclamada” pode resultar em abuso do exercício da memória (Op. cit, p. 94). A partir daí, pode-se afirmar que não basta reafirmar/ rememorar uma identidade como sua ou de um coletivo. Mais do que isso, tem-se que construir uma identidade quando se aborda a perspectiva coletiva, culturalmente e coletivamente, a partir de costumes, das práticas sociais e da territorialidade.

Um dos problemas destacados pelo autor, no campo da memória individual, é a relação com o tempo, uma vez que uma pessoa afirmar que manteve uma identidade por longo tempo significaria que ela permaneceu a mesma, estando alheia às evoluções/modificações socioculturais e conjunturais (Idem, ibidem). A partir dessa abordagem, retoma-se que a memória e a identidade são construções negociadas diante do contexto social/cultural, como Pollak (1989) destaca. A memória é disputada, mas a própria disputa pode acarretar, por vezes, uma negociação.

Prosseguindo, outro conceito importante é o de *dever de memória*, proposto por Ricoeur. Para iniciar a análise do dever de memória, no nível ético-político, atinente aos usos e abusos da memória, o autor afirma que “[...] não se pode ignorar as condições históricas nas quais o dever de memória é requerido, a saber na Europa Ocidental e particularmente na França, algumas décadas após os horríveis acontecimentos dos meados do século XX”, o que se pode abranger ao Brasil e a grande parte do mundo (RICOEUR, 2007, p.99). O destaque central, entretanto, é a importância de se compreender que o dever de memória está vinculado também ao dever de justiça, mas que, se imposto, implica abusos de memória, já que, é notável

o abuso “[...] se impondo de fora ao desejo e exercendo uma coerção sentida subjetivamente como uma obrigação” (Op. cit, p. 101).

Para exemplificar o que se acredita relevante na abordagem do dever de memória visando à justiça, sem esquecer que isso, por vezes, pode resultar em abusos de memória, se recorre a um acontecimento do ano de 2006, na cidade de São Paulo, Brasil. Trata-se de um evento distinto dos exemplos já mencionados, relativos ao período da escravidão no Brasil e ao regime da ditadura cívico-militar brasileira. Refiro-me a um triste fato que não pode ser esquecido, que clama por justiça, relatado na obra “Mães de Maio – do luto à luta” (MÃES, 2011), em que é feita a reivindicação das mães ao direito à memória, verdade e justiça pela morte de 493 pessoas, muitas dentre elas seus filhos e filhas, ocorrida entre os dias 12 e 20 de maio de 2006, em virtude de ação de “[...] policiais e grupos paramilitares de extermínio” no estado de São Paulo (Op. cit., p. 19). Sem dúvida, não há, infelizmente, qualquer surpresa ao se identificar que a grande maioria das vítimas tenha sido de jovens pobres, negros e afro-indígenas ou seus descendentes.

O racismo e a criminalização da pobreza estão ainda, infelizmente, operando em boa parte das forças policiais no Brasil, como se viu na terceira seção do segundo capítulo desta pesquisa. Nossa tarefa, nesse contexto, além de nos pautar pelo combate ao racismo e por sua superação, é também exigir justiça atrelada ao dever de memória exercido pelas Mães de Maio e em tantos outros casos já até aqui mencionados, para que os responsáveis por esses acontecimentos trágicos sejam presos e os fatos como o relatado não mais ocorram. É necessário, todavia, seguir adiante e, para isso, na próxima seção, se adentra à memória no campo da mandinga, que, como se pretende mostrar, tem conexão intrínseca com a Capoeira.

### **4.3 Memória no campo da mandinga**

Como mandinga, “[...] diz-se de indivíduo dos *Mandingas*, raça de negros [...] que sofreram a influência maometana (eram considerados grandes mágicos e feiticeiros); relativo aos mandingas” (PEQUENO, 1973, p. 767). Os mandingas, originários de Níger, África, habitavam Mali, reino muçulmano, e tinham o costume de andar com “[...] amuletos no pescoço na forma de pacotinhos contendo papéis com versículos do Alcorão e signos de Salomão” (YABETA, 2019, *on line*). Face às abordagens da origem do termo *mandinga*, uma mais conservadora e outra do

movimento social negro, é possível afirmar que ambas remetem à proteção dos mandingas. Assim, é importante destacar que, no contexto da Capoeira, quando se fala em mandinga, pode-se estar referindo à ancestralidade africana, à proteção dos ancestrais, ou seja, aos “pacotinhos” mencionados, conhecidos como *patuás*.

Ainda, importante salientar outros sentidos da palavra *mandinga*. Adriana Albert Dias, capoeirista, Mestre em História Social pela UFBA, pesquisadora associada ao Grupo de Estudos de Mestre Noronha, do Instituto Jair Moura, destaca que, na época da escravidão, mandinga era considerada como feitiço, prática de preparação de ervas e venenos dos escravizados utilizada para eliminar os escravocratas (DIAS, 2006). Em Salvador, a expressão era utilizada como sinônimo de Capoeira desde o fim do século XIX e, atualmente, o termo também é usado para se referir ao capoeirista mandingueiro, que disfarça, utiliza-se da malandragem, da arte de fingir e enganar o outro capoeirista no jogo da Capoeira (DIAS, 2006). Nesse sentido, a mandinga está presente com força na Capoeira e nas suas Rodas, associada à energia, à ancestralidade, à proteção, à malandragem, ao disfarce, a capoeiristas e ao conjunto dessa manifestação cultural ancestral. Ao mencionar campo da mandinga, refiro-me aqui, por conseguinte, à Capoeira, e, em específico, ao campo circular da Roda da Capoeira, onde as energias se concentram, em que uma conexão energética com a ancestralidade aflora, tanto corporalmente, quanto mentalmente, o que se reflete no próprio jogo e na energia que se retroalimenta nesse ambiente.<sup>68</sup>

Após a necessária introdução sobre *mandinga* nesta seção, retomo Pollak (1989), ao mencionar a importância da oralidade para a transmissão de lembranças traumáticas entre diferentes gerações. A partir de sua interpretação, apresentada no subcapítulo anterior, destaco, agora, a relevância da transmissão das lembranças através da oralidade, para que construamos a memória no campo da mandinga, sobretudo na Capoeira e em suas Rodas. Saindo do campo psíquico, parto rumo à análise do processo de construção da memória entre os capoeiristas, inerente ao objeto desta pesquisa.

Como já foi apresentado, os ensinamentos e fundamentos na Capoeira são passados principalmente por meio da oralidade, com a vivência e escuta junto aos capoeiristas mais antigos, como os (as) Mestres (as) e Contramestres (as),

---

<sup>68</sup>Na Capoeira, cantamos, por exemplo: *Solta a mandinga, aê, solta a mandinga. Solta a mandinga, aê, angoleiro, solta a mandinga [...] (corrido de Capoeira com autoria desconhecida).*

zeladores (as), guardiões (ãs), dessa cultura popular afro-brasileira. O ofício dos (as) Mestres (as) é de extrema importância para a preservação e valorização dessa luta/dança/arte, que se constitui uma importante referência do patrimônio cultural do país. Nessa prática, os (as) Mestres (as) são considerados patrimônios vivos, cujas memórias individuais e coletivas relacionadas aos grupos de Capoeira de que fazem parte e à Capoeira como um todo são essenciais para preservação e difusão dessa cultura popular.

As Rodas de Capoeira, por sua vez, constituem-se em um espaço próprio dessa manifestação libertária, no qual a ancestralidade vem à tona, os corpos se expressam de formas distintas em um transe forte, potente, e a vadiagem ocorre no centro desse círculo energético, ao som e ritmo da bateria, dos corridos e da resposta do coro, como já se mencionou. Em consequência, quando se fala na conservação, valorização e propagação da Capoeira, também se está referindo a suas Rodas, visto que nelas os capoeiristas se expressam intensamente, a mandinga, a malandragem e a brincadeira se misturam em uma energia profunda de empoderamento de muitas pessoas que tiveram gerações de antepassados escravizados e, ainda, de outros tantos capoeiristas que também praticam e preservam a tradição e os fundamentos dessa arte/luta.

Assim, a construção da memória da Capoeira, das suas Rodas e das vivências coletivas que elas propiciam é fundamental para se compreender e, mais do que isso, se reconhecer socialmente a Capoeira como uma manifestação cultural fundamental do patrimônio cultural imaterial da Humanidade. Nessa linha, passo, a seguir, a trabalhar essa construção memorial do campo da mandinga a partir de percepções de outros capoeiristas.

#### **4.4 Memória da Capoeira e da Roda: percepções de capoeiristas**

Para dar suporte empírico a este capítulo, foram realizadas entrevistas com capoeiristas que vivenciam, praticam e preservam a Capoeira, a quem se indagou, a partir de quais percepções/ ações, experienciadas/ vividas, como se constrói a memória da Capoeira e de suas Rodas, conforme Apêndice C. A finalidade desse diálogo foi ouvi-los sobre a memória dessa prática cultural. Desse modo, foram

entrevistadas (os) a Contramestra Vivi (Viviane Malheiro Barbosa), o Contramestre Jean Sarará (Jean Carlo Dorneles), a Treinela Mag (Magnólia Dobrovolski) e o Treinel Nenê (Ederson Luiz da Fonseca),

A Contramestra Vivi (Viviane Malheiro Barbosa), do Grupo Nzambi de Capoeira Angola, da cidade de Porto Alegre, capoeirista há 25 anos, que cita como suas referências a Mestra Elma Silva Webá e o Mestre Pato (Antônio José da Conceição Ramos), destaca que:

A roda de capoeira é o lugar onde colocamos em prática todos os ensinamentos, fundamentos, rituais e conectividade com o que temos de ancestral. Além disso, expressamos o nosso modo de agir no mundo. Dito isso, colocamos em ação a nossa subjetividade, a memória vai se constituindo a partir daquilo que vivenciamos/experenciamos como capoeiristas. Todavia, a memória que tomamos como nossa vai se unindo e misturando ao coletivo. Na capoeira, somos testemunhas oculares da história, somos parte dela. Uma reconstrução elaborada a partir das condições do presente.<sup>69</sup>

Já de início, ela ressalta a Capoeira como o local em que se praticam *ensinamentos, fundamentos, rituais* e a conexão com o *ancestral*, atrelando à memória da Capoeira e das Rodas àquilo que *vivenciamos/experenciamos enquanto capoeiristas*. Salieta também que a memória individual vai se misturando à coletiva, quando tratamos da construção memorial da Capoeira e das Rodas, a partir das *condições do presente*. Nesse ponto, destaco a importância, como abordado em capítulo anterior, da identidade cultural, nesse caso, de coletivo de capoeiristas, para que se construa uma memória pretensamente consistente dessas práticas culturais.

Para ela, a construção da memória, no campo da mandinga, é derivada dos ensinamentos, fundamentos e rituais ligados à ancestralidade. Infere-se daí que é também por meio dos ensinamentos repassados oralmente pelos capoeiristas mais antigos, sobretudo os Mestres, que se constitui a bagagem cultural necessária para construção memorial, pois, como se viu, a vivência com os Mestres e a sua escuta é a principal forma de aprendizagem na Capoeira. Nessa perspectiva, Viviane continua:

*Somos responsáveis por dar continuidade à história, ao legado que nos é passado pelas e pelos mais velhos, temos a responsabilidade de mantermos a tradição. A capoeira nos dá as ferramentas para que nós que vivemos neste tempo possamos mantê-la viva, e, assim essa arte ancestral se mantém em constante transformação, atribuindo sentido e significado como sujeitos do presente ancorados pelo passado. Como dizia Mestre Patinho: inserir o novo no velho, sem molestar as raízes.*<sup>70</sup>

<sup>69</sup> BARBOSA, Viviane Malheiro. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, maio 2021. Arquivo txt (268 palavras). Recebido por *whatsapp*.

<sup>70</sup> Idem.

Ela realça a importância do ouvir os mais velhos, os mais antigos na Capoeira, uma vez que os capoeiristas têm a responsabilidade de manter vivas a tradição, o legado, os ensinamentos e os fundamentos, que são repassados pelos mais antigos. Nesse aspecto, destaca que o ser sujeito no presente, na Capoeira, é se ancorar também nos antepassados e na ancestralidade. Diante disso, salienta-se o compromisso que os capoeiristas devem ter com a construção mais próxima do real da memória, sem recorrerem a abusos da memória. Isso ocorreria na Capoeira se, por exemplo, os fundamentos orais que nos são ensinados pelos capoeiristas mais antigos fossem deturpados. Logo a seguir, Viviane, para dialogar sobre a roda de Capoeira, salienta que é importante o estabelecimento de conexões permanentes com o contexto social em que vivemos:

*Dizendo da minha experiência, como mulher e angoleira, a roda de capoeira nos prepara para a roda da vida, principalmente nesses tristes tempos pandêmicos em que não podemos mais nos reunir, cantar juntos, vadiar, brincar e enfrentar os desafios. A capoeira nos traz mais um aprendizado que a roda não se encerra no distanciamento físico e social, mas sim mais uma vez nos propõe outros desafios, que é manter-se em movimento na roda da vida, ou seja, nos mantermos vivos para que em breve possamos novamente nos reencontrar e sentir o axé, o corpo arrepiar, responder o coro, darmos as mãos e gritar bem alto: lê!!!!!!!<sup>71</sup>*

A partir do último trecho de sua entrevista, pode-se inferir que, para ela, no contexto pandêmico, apesar de não estarmos fisicamente juntos (as), estávamos conectados com nossa energia e com nossos ancestrais, pois a roda da vida continua ativa. Aqui ressalto a relevância de se viver o tempo de luto, como o da pandemia, para que nos fortaleçamos e, em breve, estejamos unidos (as), gritando bem alto, como menciona a Contramestra, *lê!!!!!!!*, se iniciando mais uma Roda de Capoeira, que fará parte da construção da nossa memória coletiva, enquanto capoeiristas e preservadores dessa prática ancestral cultural. Ao agradecer a Contramestra Vivi pelas contribuições, prossigo com mais uma entrevista.

Passo a analisar agora a narrativa do Contramestre Jean Sarará (Jean Carlo Dorneles), da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, da cidade de Porto Alegre, praticante da Capoeira há 26 anos. Destacando sua condição de discípulo do Mestre Kunta Kintê, assim se manifesta:

---

<sup>71</sup> Idem.

*Eu entendo a memória como a base da existência. A memória seria o passado, o buscar dos fatos como eles ocorreram. Como que a gente faz para buscar esses fatos? A gente vai através da vivência. A gente sabe que teve uma grande queima de arquivo da nossa história, dos africanos sequestrados e aqui escravizados. Então, a gente consegue chegar o mais perto (que a nossa busca é Capoeira Angola) daquele tempo onde a Capoeira era usada como forma de luta, no tempo colonial, é através de vivenciar Mestres que tinham seus Mestres que foram alunos de Africanos.<sup>72</sup>*

Ao iniciar sua resposta, destaca que a vivência com os Mestres é fundamental para a construção da memória da Capoeira, o que vai ao encontro do que se mencionou na seção *memória no campo da mandinga*. Jean ressalta parte da história da Capoeira, quando ela era utilizada como luta pelos escravizados durante o período colonial brasileiro: uma luta por libertação. E prossegue, ao afirmar que, para se aproximar da reconstrução de uma memória que se pretende fidedigna ao que ocorreu, quando se aborda a Capoeira, se faz necessário *vivenciar Mestres que tinham seus Mestres que foram alunos de Africanos*. Nesse ponto, acredito ser proeminente realçar que a Capoeira é ensinada através, com forte ênfase, da oralidade, o que é confirmado a seguir pelo Contramestre:

*Então, vivenciando eles, através da oralidade, porque essas entregas também não são feitas para qualquer um, não são feitas a qualquer hora: elas são feitas através do cansaço, da persistência, da vivência, do estar junto - aí o Mestre passa a ver que tu és uma pessoa que realmente está na busca desse conhecimento, dessa sabedoria, e não simplesmente fazendo uma pesquisa. Essas pessoas mais antigas entendem que pesquisa tem início e tem fim. Então tu vais lá e acaba fazendo a tua pesquisa e, terminando, acaba não mais retornando. Nós, que seguimos a Capoeira Angola, acabamos vivenciando esse Mestre, tendo vínculo, assessorando de alguma forma. A gente entende, também, que a memória ela é uma construção no presente. Então, a gente passa também a contribuir.<sup>73</sup>*

Ele lembra que é essencial o conhecimento através da oralidade, repassado pelos Mestres antigos, para que se construa a memória da Capoeira no presente, e afirma que não são todos os capoeiristas que têm acesso às lembranças orais dos Mestres, mas somente aqueles selecionados e realmente comprometidos com a preservação dessa cultura popular. Salienta, também, que não se pode esperar que os Mestres antigos contribuam com pesquisas se não houver comprometimento do capoeirista, pois há, infelizmente, pesquisadores que estão interessados em realizar a investigação e depois desaparecem, não dando o retorno do trabalho acadêmico,

<sup>72</sup>DORNELES, Jean. [informação em áudio]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, abril 2021. Arquivo .opus (duração de 6 minutos e 03 segundos). Recebido por *whatsapp*.

<sup>73</sup>Idem.

na busca de aplicá-lo para auxiliar na construção que possa ajudar a impulsionar a preservação e a valorização da Capoeira e de tantas outras manifestações da cultura popular.

É o que Ricoeur (2007) chama de abuso de memória, em que o pesquisador, ao tentar construir uma memória, se vale, se capoeirista for, da vivência dos (as) Mestres (as) apenas para fins de conclusão de uma investigação, o que, na Capoeira, ou fora dela, não é o correto de se fazer, pois se trata, no mínimo, de falta de ética na pesquisa. Embora todas as pesquisas sejam legítimas, é importante considerar que as lembranças de um (a) Mestre (a) são elementos constituintes do patrimônio cultural do país. E, como já se abordou anteriormente, os (as) próprios (as) Mestres (as) são considerados, no âmbito da comunidade capoeirística, seus patrimônios vivos, o que torna ainda mais repugnante esse tipo de prática abusiva perante a todes que, de fato, buscam contribuir com o debate sobre a Capoeira e seus zeladores. Ao prosseguir a narrativa, o Contramestre faz nova observação sobre a construção da memória da Capoeira:

*Quando eu falo desses Mestres, eu falo de Mestres de 70 anos. Então é uma outra cabeça, é uma outra história. Eu, que tenho 45 anos, eu já passei por desde a ficha do telefone público até o telefone celular. Imagina uma pessoa que tem 70 anos? Vai lá atrás, na máquina de datilografia, em outras coisas que eu não sei nem dar exemplo. Através deles, a gente vai sabendo que eles viviam outro tempo, no sentido tempo mesmo, horário, porque hoje o mundo contemporâneo é muito acelerado. Quando a gente está junto com esses Mestres, às vezes, a gente consegue até perceber essa aceleração do mundo contemporâneo, porque eles têm outro tempo e aí faz nos retratar também de como era antigamente. Automaticamente, a gente, vivenciando isso, vai resgatando a memória.<sup>74</sup>*

Nesse trecho, ele destaca que a busca pela construção da memória da Capoeira e de suas Rodas antigas exige que se conviva e ouça os mestres mais idosos, que tenham *70 anos* ou mais. Frisa que, ao conviver com os Mestres mais velhos, a construção da memória faz-se sem a necessidade de verbalização. E que, por vezes, se pode constatar, pela simples observação, que o sentido da temporalidade para eles é diferente, menos acelerado, se comparado com os mais jovens. Desse modo, além da oralidade, o experienciar o passado pela ação da observação também pode oferecer a possibilidade de construção da memória. E, ao prosseguir, Jean passa a comentar a figura e a importância do *griô*:

---

<sup>74</sup> Idem.

*Então, a memória da capoeira é justamente isso: é vivenciar, é estar junto, é transferir o saber popular, o saber empírico. Veem-me dois exemplos eurocentrados de memória: a biblioteca e o museu. Tem um provérbio africano que diz que, quando morre um griô, é o mesmo que morrer uma biblioteca. Então a gente consegue ver bem a diferença desses saberes, eurocentrados e afrocentrados. Para o saber afrocentrado, o saber da pessoa é o mesmo que o saber de um espaço, de um museu (dentro desses espaços, geralmente, tem várias obras de várias pessoas). Então, esse provérbio africano é bem interessante, porque ele chama um griô que traz todo esse saber. Então, a memória está dentro dos povos originários. Entendo dessa forma<sup>75</sup>*

De suas palavras, pode-se inferir que a Capoeira tem sua construção memorial essencialmente nas pessoas, nos capoeiristas antigos, como a figura do *griô*, pessoa que é considerada o guardião da memória de determinado grupo, conforme provérbio africano que Jean menciona. Nessa perspectiva, fala-se aqui em guardiões da Capoeira e da sua memória coletiva. A esse respeito, o Contramestre destaca que a construção da memória da Capoeira é distinta da expressa em uma biblioteca ou em um museu, pois está atrelada, primordialmente, a patrimônios vivos, que são os Mestres, *griôs*:

*A memória é o que constitui a força do indivíduo. Um indivíduo sem passado, automaticamente, fica mais fácil de ser dominado e ser oprimido. A Capoeira estimula a gente a ter outras leituras, até para a gente ter uma contraopinião a tudo isso que a gente vive e que a gente vivencia.<sup>76</sup>*

Ao concluir, ele salienta a necessidade de uma memória consolidada nos indivíduos, posto que a *memória constitui a força do indivíduo*. E que, para os capoeiristas, buscar a construção da memória é se fortalecer e, assim, encarar os desafios postos pela conjuntura em que vivemos. A esse respeito, retomo Pollak (1989), ao conceituar *memória em disputa*, anteriormente discutida. Com efeito, para se enfrentar a disputa com o poder hegemônico, que visa a impor a construção de uma memória oficial geral, é necessário que os indivíduos e os coletivos, dentre eles os capoeiristas, construam uma memória das minorias, dos excluídos, dos que tiveram, nas lutas de seus antepassados, o anseio contra a exploração e a busca por liberdade e pelo exercício da própria cidadania. Ao agradecer o Contramestre Jean Sarará pelo compartilhamento de suas percepções, continuo ao ouvir outra capoeirista.

A terceira entrevista é a Treinela Mag, Magnólia Dobrovolski, da Africanamente Escola de Capoeira Angola, capoeirista há 15 anos, que tem como

---

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> Idem.

referência o Mestre Guto – da mesma Escola. Ao ser indagada sobre como se constrói a memória da Capoeira e de suas Rodas, ela manifesta sua posição, como se verifica a seguir:

*Ações que promovam a aproximação das pessoas e o fortalecimento dos vínculos e relações, produzir eventos, criar momentos informais de interação fora da roda. Outro eixo de ações que fortaleçam os mestres e mestras para poderem se dedicar na capoeira, equipar os mestres e mestras para que eles produzam registros e tenham acesso à comunicação.<sup>77</sup>*

No início da sua manifestação, a Treinela destaca que é relevante haver ações, como eventos, que possibilitem *interações fora da roda*, a fim de fortalecer *vínculos e relações*, o que propicia a construção de memórias coletivas mais sólidas, como se pode inferir. Ainda, ela frisa o necessário fortalecimento dos Mestres e das Mestras, na perspectiva tanto de garantir que eles e elas possam se dedicar somente à Capoeira, como também no sentido do fornecimento de condições materiais para produção de registros, bem como para o *acesso à comunicação*.

Nessa esteira, é relevante salientar o que abordei no capítulo anterior, ao afirmar que existe a necessidade preeminente de políticas públicas que garantam o viver com dignidade e com conforto a todas e todos as Mestras e os Mestres, para que, como diz a Mag, elas e eles possam *se dedicar na Capoeira*, viver e sobreviver só dela, se dessa forma desejarem. Contudo, o que presenciamos são várias (os) Mestras e Mestres passando por dificuldades em conseguir dedicação exclusiva à Capoeira, pois, não raras as vezes, precisam trabalhar externamente, para que possam minimamente pagar as contas e se alimentar. Assim, a partir do que a Treinela nos comunica, a produção dos registros pelos mais antigos na Capoeira pressupõe também a garantia de políticas públicas que propiciem a eles condições de vida digna, para que, então, haja construção de memórias. Ao prosseguir, ela realça que:

*Relação com espaços de capoeira, que possibilitem a manutenção de atividades, guardar os materiais da capoeira e construir acervo de memórias e materiais de estudos, como bibliotecas e discotecas de capoeira. Além dos espaços de Capoeira os usos e fluxos urbanos e os territórios de encontros e formação de rodas. São exemplos territórios constituidores de memória a presença de rodas do 20 de Novembro na esquina democrática, Rodas em frente ao Mercado Público, a Roda do Chafariz da Redenção,*

---

<sup>77</sup> DOBROVOLSKI, Magnólia. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, maio 2021. Arquivo txt (230 palavras). Recebido por *whatsapp*.

*Rodas do 2 de fevereiro dia de Nossa Senhora dos Navegantes, e como exemplo de rodas em fluxo ou itinerância de memórias diversas manifestações políticas e lutas sociais como da Frente Quilombola do RS em frente a tribunais de Justiça e INCRA.<sup>78</sup>*

Nessa passagem, friso dois aspectos mencionados por Magnólia. O primeiro atinente à relevância de espaços para a manutenção e guarda de materiais relacionados à Capoeira, a fim de que se construa *acervo de memórias e materiais de estudos*. Nessa linha, ela exemplifica com a necessidade de *bibliotecas e discotecas de Capoeira* como elemento propulsor de construção de memória, o que pode haver a partir da organização coletiva de diferentes Escolas, Grupos, Academias com demandas de concessão de locais junto ao poder público, ou ainda, em nível menor, dentro dos próprios quilombos de Capoeira, enquanto não há incentivo público para tal.

O segundo aspecto está relacionado a *territórios constituidores de memória*. Como ela salienta, as Rodas, como a do Chafariz da Redenção, são espaços que por si propulsionam construções de memórias. Nessa seara, a Treinela Mag enfatiza também a importância das *manifestações políticas e lutas sociais como da Frente Quilombola do RS em frente a tribunais de Justiça e INCRA*. Assim, ressalto que esses territórios e espaços de luta são essenciais, no sentido da construção de memórias, mas ainda nas demandas sociais por consolidação de direitos humanos não efetivados ao conjunto das pessoas, como abordado anteriormente. Nessa perspectiva, fortalecer as lutas sociais, para o exercício pleno da cidadania por todos, denunciando o descaso com parte da população, como a que foi afastada dos grandes centros urbanos por uma política de branqueamento, alicerçada pelo racismo estrutural, é primordial, para que, coletivamente, se construam memórias de luta, de reparação, que visem ao, aflorar traumas, como o da escravidão, ser propulsoras de uma nova sociedade, que se almeja justa, igualitária e que garanta dignidade e o viver bem a todos.

*Os trabalhos sociais nas periferias da cidade de Porto Alegre também são marcados pela forte presença da capoeira e em muitas vezes o eixo cultural de muitas instituições de educação e assistência social, CRAS e CREAS, que teve uma importância na formação da sociabilidade e afetos em jovens e adultos que relatam suas memórias.<sup>79</sup>*

Encerrando, Magnólia frisa outra questão, ao abordar a presença da Capoeira

---

<sup>78</sup> Idem.

<sup>79</sup> Idem.

em diversos *trabalhos sociais nas periferias da cidade de Porto Alegre*, relacionando-os à *importância na formação da sociabilidade e afetos em jovens e adultos que relatam suas memórias*. Nesse sentido, acredito ser relevante refletir que a Capoeira foi proibida por muito tempo, conforme destacado preliminarmente, ao mesmo tempo em que essa luta-arte demanda, através de capoeiristas e suas escolas, melhoria de condições de vida àqueles que foram periferizados e, muitas vezes, marginalizados pelo Estado. Por conseguinte, trabalhar essa perspectiva da construção da memória também face aos trabalhos sociais e à visão de jovens e adultos que estão neles inseridos por intermédio da Capoeira mostra-se não só muito pertinente, como singular, para que não se deixem as raízes esquecidas, uma vez que essa manifestação cultural se prospera na periferia, de forma intensa, junto a quem muitas vezes foi cerceado de direitos e excluído ao exercício pleno da cidadania. Ao externar meu agradecimento à Treinela Mag pelas contribuições, chego à última entrevista deste capítulo.

Ederson Luiz da Fonseca, Treinel Nenê, 37 anos, atual coordenador do Grupo de Capoeira Unidos nas Tartarugas, fundado em 1991, em Pirambu, SE, que iniciou a prática de Capoeira aos 16 anos no interior de São Paulo, e hoje é Treinel do Grupo Mukambo de Capoeira Angola – Aracaju, SE. Ao informar que trabalha na Fundação Projeto Tamar<sup>80</sup> há 13 anos, apoiando o grupo desde sua criação, ele concede a derradeira entrevista desta seção. Passo a transcrever o que respondeu sobre o tema em análise:

*Eu vejo que a memória da roda de capoeira ela é construída principalmente pela herança que foi deixada pelos nossos ancestrais. Isso vem se mantendo ao longo dessas datas, há mais de séculos resistindo. Então, a memória ela é construída por imagens, por relatos, textos, enfim, o ritual que foi nos deixado pelos antigos. É importante a preservação dos fundamentos. É importante o respeito com os antigos.*<sup>81</sup>

Como se nota, ele frisa a importância da construção da memória da Capoeira e das suas Rodas a partir da *herança* deixada pelos mais antigos. Nesse sentido, retomo a relevância do respeito e da valorização dos (as) Mestres (as), para que,

<sup>80</sup> Ao falar da Fundação Projeto Tamar, ele descreve que “promovemos a capoeira Unidos nas Tartarugas enquanto manifestação cultural instrumento para a educação e sensibilização ambiental em comunidades costeiras”. FONSECA, Ederson Luiz da. [informação em áudio]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, maio 2021. Arquivo de áudio de *whatsapp* (duração de 2 minutos e 19 segundos). Recebido por *whatsapp*.

<sup>81</sup> FONSECA, Ederson Luiz da. [informação em áudio]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, maio 2021. Arquivo de áudio de *whatsapp* (duração de 2 minutos e 19 segundos). Recebido por *whatsapp*.

principalmente, através dos ensinamentos passados por eles (as) por meio da oralidade, mas também via imagens e textos, como menciona Nenê, se possa construir memórias nessa seara. Ao continuar, ele manifesta:

*E também pelo envolvimento da comunidade. Tudo tem que ser com o envolvimento do coletivo. Não adianta também a gente querer sozinho ou, às vezes, em grupos, defender uma memória, se ela não há consentimento do coletivo maior, que é a comunidade da Capoeira em sim. Então, dentro de Porto Alegre, eu vi isso, uma coisa muito interessante, muito legal – gostei bastante – da manutenção da Roda de Capoeira do Chafariz como uma cultura viva, onde passam, todos os anos, Mestres renomados, antigos, com muito conhecimento e sempre transmitindo ensinamentos de forma lúdica e através da própria oralidade. Eu acredito que o que tu tá fazendo é extremamente importante para a gente conseguir materializar um pouco do invisível das Rodas de Capoeira.<sup>82</sup>*

Ao finalizar sua contribuição, o Treinel salienta que a construção das memórias da Capoeira e de suas Rodas deve pressupor o envolvimento coletivo da comunidade capoeirística. Nesse aspecto, friso que a construção de memórias se dá em um ambiente de disputa, quando se trata de centralidade em manifestações culturais populares que já foram subjugadas, como a Capoeira, pois a visão oficial do Estado tende a se contrapor, em distintos contextos, à posição de determinadas minorias sociais. Assim, como Nenê ressalta, o envolvimento coletivo de capoeiristas para construção de memórias relativas à Capoeira é essencial, a fim de não se chegue a resultados questionáveis pela própria comunidade envolvida. Nesse contexto, encerrando a entrevista, ele menciona a importância da Roda de Capoeira do Chafariz, destacando a relevância de *a gente conseguir materializar um pouco do invisível das Rodas de Capoeira*. Com efeito, ao salientar que o próximo capítulo será dedicado exclusivamente a Roda do Chafariz, passo às conclusões desta seção.

Portanto, ao se refletir sobre a construção da memória da Capoeira, se percorreu o campo psíquico, proposto por Le Goff (1990), ao campo da mandinga, que se refere desde a proteção ancestral advinda dos *mandingas* africanos até a própria Capoeira no contexto aqui trabalhado. O aporte empírico a essa análise foi, assim, contemplado pelas quatro entrevistas com capoeiristas que praticam essa luta, arte, com o propósito de os (as) ouvir sobre com que percepções, experiências, ações e vivências, se constrói a memória da Capoeira e de suas Rodas. Não irei, nestas considerações, retomar o que foi abordado, pois se propõe a ousadia.

---

<sup>82</sup> Idem.

Em se tratando de ousadia, os capoeiristas são muito sábios também, aliás. Quem pode dizer que as negras e os negros escravizados (os), forçosamente trazidos de África, ao utilizar a Capoeira como luta de resistência de libertação, não foram ousadas (os)? Mais do que isso, foram guerreiras (os) exemplares, cujas lutas devem ser lembradas e rememoradas para integrarem o processo de construção da memória da própria Capoeira. Elas e eles merecem destaque no esforço reconstrutivo de uma memória a partir da vivência, principalmente, com os (as) Mestres (as) antigos (as), mas também com os (as) capoeiristas que se pautam pela preservação, valorização e difusão desse patrimônio cultural brasileiro e da humanidade.

Ao encerrar este capítulo, além de abordar os importantes conceitos de memória individual e coletiva, de negociação da memória e da identidade, de memória manipulada, dos usos e abusos da memória, entre outros, percorridos em seu desenvolvimento, me proponho a sintetizar, de modo singelo e ousado, quais os elementos que devem estar presentes para construção da memória, sobretudo, da Capoeira, mas também de suas Rodas. Faço isso a partir, primordialmente, das entrevistas realizadas com Contramestre Jean Sarará, Contramestra Vivi, Treinela Mag e Treinel Nenê.

Em sua escritura, pude perceber que alguns elementos são essenciais para a pretensa construção da memória da Capoeira e das suas Rodas. O primeiro deles é a necessidade de vivenciar a Capoeira, nunca apenas como objeto de pesquisa, mas sempre, sobretudo, como capoeirista atuante na valorização, preservação e difusão desse patrimônio cultural. O segundo é que, para além de fundamentalmente aprender e apreender por meio dos ensinamentos, fundamentos e rituais repassados pelos (as) Mestres (as), Contramestres (as) e capoeiristas mais antigos, principalmente através da oralidade, também as (os) observar, sempre quando esse espaço de vivência junto a eles (as) for concedido, permitido, é essencial. O terceiro é jamais abusar da memória de Mestres (as), *griôs*, pois, além dessa memória ser forjada, ela atentaria contra patrimônios vivos. O quarto é a produção de registros de Mestres e Mestras antigos (as), com manutenção e guarda de materiais da Capoeira, alicerçada por políticas públicas que visem à garantia do viver com dignidade e qualidade aos capoeiristas mais velhos. E, por último, o quinto é a construção de memórias por meio da coletividade, principalmente, junto aos Mestres e às Mestras, mas também ao conjunto de capoeiristas atuantes e defensores dessa manifestação

cultural que se pretende valorizada, difundida e salvaguardada com responsabilidade, por meio da manutenção de sua história, de seus fundamentos e dos ensinamentos repassados pelos ancestrais.

Passo, então, na sequência, ao derradeiro capítulo do desenvolvimento deste trabalho, em que abordarei especificamente a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, foco analítico central desta pesquisa. Ao confluir todo o referencial teórico e empírico até então emergidos nos capítulos antecedentes, pretendo, a partir da visão de capoeiristas que frequentam ou frequentaram a referida Roda, essencialmente, propor uma possível construção de sua memória, elencando elementos que se destacam relevantes na sua configuração e para sua salvaguarda.

## 5 RODA DE CAPOEIRA DO CHAFARIZ DA REDENÇÃO

*[...] o meu domingo era segunda-feira.  
Contramestre Jean Sarará*

A epígrafe que abre este capítulo faz parte da entrevista concedida pelo Contramestre Jean Sarará, referência da Roda, a ser transcrita mais adiante, pelo expressivo significado que tem o domingo, por ser o dia em que ocorre a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção. Ela acontece em um dos parques mais movimentados e populares de Porto Alegre, o Parque da Redenção, realizada em todos os domingos no chão da praça, há 19 anos.

Trata-se de uma roda de resistência que tem como objetivo preservar a cultural popular afro-brasileira, resgatando a ancestralidade e o conhecimento transmitido, principalmente, através da oralidade e da expressão corporal. Assim, lutar contra todas as formas de opressão, por liberdade, valorização da cultura afro-brasileira, através da Capoeira, da "vadiagem", dos toques dos instrumentos, das cantigas, é um dos objetivos da Roda do Chafariz.

Ao destacar que frequento a Roda desde 2007, divido este capítulo em dois momentos. O primeiro em que trabalharei sobre o território onde ocorre essa manifestação cultural afro-brasileira: o Parque da Redenção. Pretendo, assim, realçar os significados desse espaço como território negro e abordar as territorialidades nele presentes.

O segundo, por sua vez, está relacionado à construção da memória da Roda. A partir de 18 entrevistas com capoeiristas que a frequentam ou a frequentaram, trabalharei os recortes de sua história, visando a uma das possíveis construções de sua memória, face 20 anos de sua origem, que se completam ainda em 2023. A seguir, diante das narrativas, proponho-me a avaliar os aspectos da Roda que se imbricam às questões concernentes à *inclusão social*, à *valorização da cultura popular* e aos *direitos humanos*. E, por fim, proporei estratégias de sua salvaguarda como patrimônio cultural. Com efeito, procedo agora à análise do território e das territorialidades presentes no local onde ela acontece aos domingos.

## 5.1 A Roda em território negro

O Parque da Redenção constitui-se em um território peculiar, um lugar de memória que se destaca por seu caráter democrático e inclusivo. Oficialmente denominado de Parque Farroupilha, em uma tentativa de apagamento de sua história, é reconhecido pelo nome de Parque da Redenção. Trata-se de um nome que significa o sentimento de redenção das negras e negros escravizados, quando de suas liberdades, em virtude da forte presença negra nesse espaço (VIEIRA, 2017). Antigo Campo da Várzea e, após, o Campo do Bom Fim, é um território negro em que ocorriam, desde os meados do século XIX, cultos religiosos de matriz africana, os batuques da Várzea, como o Candomblé da Mãe Rita (Op.cit.). Um lugar que se firmou historicamente como espaço de liberdade, diversidade e convivência. Nesse contexto, antes de continuar a abordar esse local onde ocorre a Roda de Capoeira do Chafariz, passo a focar nos conceitos de território, territorialidade e território negro.

Para trabalhar a perspectiva de território, inicio com Daniele Machado Vieira, doutoranda em Geografia pela UFRGS que recebeu dois prêmios nacionais com sua dissertação, intitulada *TERRITÓRIOS NEGROS EM PORTO ALEGRE/RS (1800 – 1970): Geografia histórica da presença negra no espaço urbano* (Idem ibidem)<sup>83</sup>. Para ela, é importante primeiramente distinguir espaço e território, pois o primeiro antecede o segundo e pode se configurar território dependendo das ações e apropriações que se faz desse espaço (Idem ibidem). Assim, o espaço só se torna território “[...] quando seus limites são utilizados para moldar, influenciar ou controlar acesso, comportamento e atividades” (Idem ibidem, p. 35).

Ela ressalta que território é fruto de uma ação, de uma apropriação do espaço por grupos, indivíduo ou instituição, podendo essa apropriação ser concreta, por dominação, ou simbólica, com construção de vínculos (Idem ibidem). Nessa linha, a apropriação por dominação está, por exemplo, vinculada a territórios estatais, funcionais, nos quais “[...] o espaço representa posse, propriedade, possuindo valor

---

<sup>83</sup>Daniele Machado Vieira recebeu o XI Prêmio brasileiro 'Política e Planejamento Urbano e Regional' de Dissertação de Mestrado (promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR) e Menção Honrosa de Dissertação do Prêmio Maurício de Almeida Abreu, área de Geografia Humana (da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ANPEGE). Informações disponíveis em: <<http://lattes.cnpq.br/2707128494437864>>. Consultado em: 12 jan 2023.

de troca” (Idem ibidem, p. 36). Por outro lado, os territórios apropriados por construção de vínculos, como os culturais, são constituídos a partir de valores simbólicos, como o laço afetivo, a ancestralidade, os usos relevantes que fazem com que o território tenha importância no modo de vida de quem dele se apropria simbolicamente (Idem ibidem).

Nessa perspectiva, menciono Rogério Haesbaert da Costa, professor titular da Universidade Federal Fluminense, doutor em Geografia Humana pela USP<sup>84</sup>. Ele, ao tratar das relações de dominação e apropriação imersas nos territórios, destaca que elas se constituem em relações de poder em meio ao todo social, prejudicando, na lógica do sistema capitalista, a reapropriação de espaços constituídos em territórios simbólicos por determinadas coletividades (HAESBAERT, 2004), como se verifica a seguir:

Podemos então afirmar que o território, imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, “desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’” (Haesbaert, 2004:95-96). Segundo Lefebvre, dominação e apropriação deveriam caminhar juntas, ou melhor, esta última deveria prevalecer sobre a primeira, mas a dinâmica de acumulação capitalista fez com que a primeira sobrepujasse quase completamente a segunda, sufocando as possibilidades de uma efetiva “reapropriação” dos espaços, dominados pelo aparato estatal-empresarial e/ou completamente transformados em mercadoria. (HAESBAERT, 2004, p. 2)

A partir do trecho salientado, pode-se inferir que, nas disputas por territórios, apesar do processo de apropriação simbólica, cultural, dever ser mais importante do que a própria dominação, apropriação concreta, de espaços pelo Estado ou grandes empresas, o que se verifica é que essa última prevalece a partir da ótica de territórios como mercadorias, que podem ser vendidos ou utilizados, por exemplo, pela especulação imobiliária, para construções de empreendimentos ou para exploração das terras com finalidades distintas, visando também à obtenção de lucro. Isso ocorre em detrimento do uso simbólico por coletividades que vêm no território o espaço de vida, em que os tipos de uso espelham o modo de viver, carregado de significados, seja no trato com a própria terra como meio de subsistência, seja com a religiosidade, a ancestralidade e o exercer sua cultura nesse território.

Esse contexto posso exemplificar com inúmeras lutas por retomadas de territórios pelos povos originários, como as que ocorrem em diversos cantos do país

---

<sup>84</sup> Informações disponíveis em: <<http://lattes.cnpq.br/0658808096920254>>. Consultado em: 12 jan 2023

pelos indígenas, que tiveram suas terras expropriadas e tomadas à força<sup>85</sup>. Nesse mesmo sentido, as várias demandas pela legalização de territórios quilombolas são permanentes e, muitas vezes, escanteadas pelo Estado<sup>86</sup>.

A partir da perspectiva do território por apropriação simbólica, cultural, trato agora da formação de identidade territorial por determinado grupo social constituinte desse território. Nesse sentido, Haesbaert (1999) destaca:

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social.(HAESBAERT, 1999, p. 172)

Como se pode verificar, a identidade territorial é uma identidade social que se define por meio das relações de apropriação do território, tanto no que se refere ao *campo das ideais*, das crenças, do comportamento social, quanto na dimensão concreta de identificação social com o próprio espaço territorial (HAESBAERT, 1999, p. 172). O autor destaca, por outro lado, que nem toda identidade social é uma identidade territorial, pois esta pressupõe que haja território e a primeira não necessariamente, como, por exemplo, a identidade de orientação sexual, de gênero, etc. (Op. cit.). Por fim, é importante realçar que não existe território sem que haja identidade simbólica/ cultural de seus habitantes com esse espaço (Idem ibidem). Passo, a seguir, a abordar o conceito de territorialidade.

Daniele Vieira (2017, p. 38) salienta que territorialidade consiste “[...] num conjunto de ações e comportamentos, empreendidos por parte de indivíduos ou

<sup>85</sup> Retomadas indígenas pelo Brasil podem ser verificadas em várias matérias., dentre as quais seleciono algumas. Em Brumadinho (MG), Teófilo Otoni (MG), Porto Alegre (RS), Cachoeirinha (RS), Maquiné, (RS), Piraquara (PR), Paraleiros (SP), Palmeira dos Índios (AL), Naviraí (MS), Autazes (AM) – informação obtida em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/11/14/retomadas-em-todo-o-pais-indigenas-ocupam-suas-terras-ancestrais-ainda-que-sob-ataque>>; consultado em: 16 jan 2023. Outras matérias que abordam retomadas indígenas: <<https://www.jornaldocomercio.com/colunas/pensar-a-cidade/2023/01/880061-povos-indigenas-reivindicam-area-no-morro-santana-em-porto-alegre.html>>; <<https://cimi.org.br/2022/04/retomada-indigena-maranhao/>> - consultado em: 16 jan 2023.

<sup>86</sup> Lutas pela permanência em territórios quilombolas são constantes, pois, frequentemente, governos solicitam reintegração desses espaços, ao invés de reconhecer e proteger esses territórios e as (os) quilombolas. Diversas matérias tratam dessa temática, dentre as quais destaco algumas: Quilombo dos Machado (Porto Alegre, RS) - <<https://www.brasildefato.com.br/2020/10/01/justica-suspende-reintegracao-de-posse-do-quilombo-dos-machado-em-porto-alegre>>; Quilombo Lemos (Porto Alegre, RS) - <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2020/12/trf4-suspende-reintegracao-de-posse-do-quilombo-lemos-em-porto-alegre-ckiut2c36000q019wyf3mm3hd.html>>; Quilombo Capo Grande (Campo do Meio, MG) - <<https://www.tjmg.jus.br/portal-tjmg/noticias/tjmg-nega-reintegracao-de-posse-em-comunidade-quilombola.htm#.Y8WSCHbMJPY>>; Lagoa dos Índios Arco da Ressaca (Macapá, AP) - <<http://conaq.org.br/noticias/em-acao-de-reintegracao-de-posse-estado-quer-obrigar-mais-de-300-familias-a-deixarem-quilombo-no-amapa/>>. Consultado em: 16 jan 2023.

grupos, na tentativa de afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relações, através do controle do território”. Nesse sentido, territorialidades correspondem às “[...] práticas sociais e/ ou culturais” empreendidas no território (VIEIRA, 2021, p. 35).

HAESBAERT (2007) salienta que as territorialidades estão atreladas às relações que se constituem no território, sendo expressas pela maneira do viver, do se organizar e do significar esse lugar. Cito, então, passagem do autor:

A territorialidade, além de incorporar uma dimensão mais estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está "intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar. (HAESBAERT, 2007, p. 22)

Nesse contexto, a partir de Vieira (2017; 2021) e Haesbaert (2007), tem-se como territorialidades práticas que estão alicerçadas nas relações socio-econômico-culturais, nos modos se expressar e de significar o território. Com efeito, antes de voltar a tratar do Parque da Redenção, destaco agora o que se caracterizam como territórios negros e territorialidades negras.

Para Vieira (2021, p. 36), território negro está associado à “[...] apropriação do espaço por pessoas negras” (espaço físico), somada à realização de práticas atinentes à cultura negra que transfere a ele significado simbólico. Nesse sentido, então, ela expressa sua posição sobre o tema:

Para ser concebido como um território negro, os significados atribuídos a este espaço devem estar relacionados não apenas as práticas consideradas negras (capoeira; batuque, umbanda e suas variações; samba, pagode, maracatu e suas variações), mas, antes disso, à efetiva presença de pessoas negras neste espaço. (VIEIRA, 2021, p. 37)

Para exemplificar o que defende, ela utiliza um exemplo que facilita a compreensão do que podem ser considerados território negro e territorialidade negra, ao mencionar a Esquina Democrática, localizada em Porto Alegre, no bairro Centro. Enquanto lugar de passagem da população diariamente, esse espaço (físico) não é considerado território negro; contudo, a partir da presença de pessoas negras e de sua apropriação por elas física, materialmente, e simbolicamente (em termos de significados do espaço), passa-se a ter território negro e territorialidade negra (Idem ibidem). Nesse caso, isso se conforma pela presença negra e pela prática de carnaval no local, na conhecida Descida da Borges, realizada na sexta que antecede

o carnaval. Como o carnaval é uma “[...] prática cultural associada à população negra”, esse local se efetiva como “[...] território negro pela apropriação do espaço pelas pessoas negras e pela territorialidade carnavalesca e negra que transfere a ele seus significados” (Idem *ibidem*, p. 36).

A partir da visão da autora, retomo ao Parque da Redenção, mencionado no início desta seção. Como destacado, esse local tem, no próprio nome usual, o simbolismo da libertação de negras e negros escravizados/os, com forte presença de pessoas negras desde essa época, com, por exemplo, o camdombe da Mãe Rita (VIEIRA, 2017). Nesse sentido, transcrevo passagem que Daniele Vieira menciona:

A presença de batuques na Várzea (atual Parque da Redenção) é identificada por vários autores. A histórica relação do grupo negro com este espaço da cidade é tão marcante que o nome pelo qual continua a ser popularmente chamado – Parque da Redenção ou simplesmente Redenção – advém desta relação e resiste ao tempo. Em 07/09/1884, para celebrar a libertação dos escravizados em Porto Alegre, a Câmara de Vereadores decidiu alterar o nome do Campo do Bom Fim (antiga Várzea) para Campo da Redenção (ZUBARAN, 2009, p. 3). A partir daí aquele espaço que já era conhecido pela frequente presença negra passou a ter seu nome vinculado a essa presença. Embora a nomenclatura oficial do parque tenha sido alterada para Parque Farroupilha em 1935 (nas comemorações do centenário Farroupilha), este espaço continua sendo chamado de Redenção, rememorando a presença negra que ali conseguiu manter seus batuques. (VIEIRA, 2017, p. 98-99)

Além do mencionado significado do nome do Parque, a forte presença negra permanece até os dias atuais, com práticas culturais (territorialidades) negras, como a Capoeira, os cortejos de Afoxé, os ensaios de Candombe e de blocos de carnaval. Trata-se, portanto, de um território negro, pois além dos significados históricos mencionados, a apropriação (física) de negras e negros no Parque da Redenção e a expressão de territorialidades negras conformam o Parque não apenas em local da diversidade, das manifestações culturais e políticas democráticas, mas nesse território negro, imerso de simbolismo e de expressão de elementos da cultura negra.

Antes de finalizar este subcapítulo, é necessário expressar que constantemente o Parque da Redenção é ameaçado de cercamento e de privatização por governos municipais, como o atual. Os movimentos sociais e o povo portoalegrense em geral resistem a mais nova investida do prefeito de Porto Alegre, que chegou a cogitar em entregar o parque a grandes empresas, para que fosse construído um estacionamento subterrâneo, atacando o meio ambiente e o conjunto da população da cidade, que quer, cada vez mais, uma Redenção que se mantenha

palco de expressões culturais, de manifestações democráticas e plurais, de feiras com artesãos e pequenos agricultores.<sup>87</sup> O Parque da Redenção resiste e resistirá aos anseios do prefeito e de grandes empresários que querem que lucros para uma elite estejam acima da cultura, do lazer e da subsistência da população de Porto Alegre. Passo, a seguir, à construção da memória da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção.

## 5.2 Construindo a memória da Roda

A Roda do Chafariz, nascida no Parque há vinte anos, completos em 2023, tem entre seus primeiros capoeiristas fundadores CM Jean Sarará, Professor Dante Guariglia, Marta Elisa Cutti (Tainha), CM Bidão, CM Marcio Loah, Professor Tigre e Negro Tigas, Muitos capoeiristas se mantiveram frequentadores assíduos na Roda, fortalecendo a resistência e ajudando na sua salvaguarda, como os Mestres Baptista, Churrasco, Dentinho, Ivonei, Jaburú, Kunta Kintê, Ratinho, Renatinho e tantos outros que serão destacados no decorrer desta pesquisa. Dela participam ou participaram também Mestres de outras regiões ou que estão morando em outro estado atualmente, como Moa do Katendê (Mestre Moa, presente!!), Gato Góes, Plínio, Raimundo Dias, Jogo de Dentro, Elma, Felipe, Lua de Bobó, Lua Rasta, Barba Branca (Mestre Barba Branca, presente!) e Claudio.

O Contramestre Jean Sarará, da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, tornou-se o guardião e a referência da Roda, buscando permanentemente preservar esse espaço de inclusão social de rua. Nessa linha, Mestre Ratinho afirma que “[...] a roda de capoeira do chafariz da Redenção está localizada, continuando os batuques com a Capoeira Angola com seu guardião, o Contramestre Jean, e seu

---

<sup>87</sup>Sobre a resistência no Parque da Redenção, para que ele continue público, sem grades, acessível a todas e todos, há, atualmente, um movimento que se destaca fortemente, o Coletivo Preserva Redenção. Composto por inúmeros movimentos sócias, entre eles de Capoeiristas, Quilombolas, membros de Instituições da saúde, educação, sindicatos, entre outros, além de pessoas de diversas organizações ou apenas, mas dedicadamente, determinadas a lutar pela permanência desse espaço como público, com o livre ir e vir potente que ele propicia, consolidando-se como um local plural, diverso e referenciado como o território de quem quer um mundo melhor, mais justo, igualitário, democrático e inclusivo. Ao movimento Preserva a Redenção, de que faço parte, nas pessoas de Ana Maria Dalla Zen e Jarbas, umas das lideranças do Coletivo, dedico minha homenagem pela necessária resistência que organiza, com abaixo-assinados e inúmeras atividades tanto na Redenção, como na Câmara de Vereadores, no Fórum Social Mundial e em múltiplos ambientes de Porto Alegre. Preserva a Redenção!! Lute pela Redenção do povo e para a população. Acompanhe o Coletivo Preserva Redenção no Instagram: <<https://instagram.com/coletivopreservaredencao?igshid=YmMyMTA2M2Y=>>

grupo Raízes do Sul” (ACCURSO, 2018, p. 94). Com efeito, pretendo, nesta etapa final da pesquisa, aprofundar os significados da Roda do Chafariz em distintos aspectos.

Assim, para finalizar o desenvolvimento desta investigação, proponho-me à construção de aspectos da memória da Roda e à verificação de sua importância a partir da perspectiva de capoeiristas que a frequentam ou dela fizeram parte. Ainda abordarei estratégias para salvaguarda dessa manifestação afro-brasileira. Para isso, serão três momentos aqui trabalhados.

O primeiro, chamado de *Recortes de sua história*, objetiva interpretar narrativas a partir de entrevistas com 18 capoeiristas frequentadores da Roda do Chafariz, para que seja possível uma de suas construções de memória. Destaco, nesse sentido, que seria inexecutável ouvir todos os capoeiristas e demais apreciadores da Roda, pois essa manifestação cultural acontece todos os domingos há quase 20 anos, tendo por ela passado inúmeras pessoas de todos os cantos do Brasil, com ampla receptividade, em especial, da população de Porto Alegre que frequenta o Parque da Redenção. Assim, os recortes de sua história estarão imbricados aos entrevistados, cujos critérios de escolha serão destacados na seção seguinte.

A segunda parte deste subcapítulo será destinada à avaliação de se e como a Roda do Chafariz contribui como elemento de inclusão social, valorização da cultura popular e efetivação de direitos humanos. Essa verificação, por conseguinte, também se dará a partir das entrevistas mencionadas no parágrafo anterior.

Para finalizar esta etapa, proporei estratégias de salvaguarda da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção como patrimônio cultural, com o intuito de desejar que, cada dez mais, ela seja fortalecida, valorizada e apreciada por todos os capoeiristas e pela população em geral de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, Brasil e do mundo. Sigo, então, aos *recortes de sua história*.

### **5.2.1 Recortes de sua história**

Como foi indicado anteriormente, foram encontrados apenas dois trabalhos acadêmicos ou publicações científicas sobre a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção. Um trata-se de importante artigo do Mestre Ratinho (ACCURSO, 2018), citado previamente, que não se foca na construção da memória da Roda em si, mas

em outros aspectos relevantes, como a vadiação no ócio que se consubstancia também na Roda. O outro é um relevante livro publicado em 2022, de Cássio Henrique Silva da Silva, em que o professor de Capoeira aborda a Roda do Chafariz a partir de entrevista concedida pelo Contramestre Jean Sarará (SILVA, 2022). Nesse último caso, a abordagem foi destacar a importância da Roda, mas também o centro da publicação não se refere a ela, como aqui proposto.<sup>88</sup>

Assim, para que se conseguisse contar a história e construir elementos da memória da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, eu recorri a entrevistas que reúnem as narrativas e as memórias de seus participantes, realizadas de acordo com o roteiro constante do Apêndice D, totalizando 18 pessoas, identificadas no livro de registro de presenças (parcial) e por indicação do Contramestre Jean Sarará, cujas contribuições serão as primeiras apresentadas, pois se verificará como o guardião e zelador da Roda. Após, destacarei as manifestações de Mestres; em seguida, os apontamentos de quem manifesta que frequenta a Roda desde o princípio; e, por fim, as entrevistas com demais capoeiristas.

As escutas se iniciaram com o Contramestre Jean Sarará, capoeirista referência da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, Jean Carlo Dorneles, Contramestre da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. Capoeirista há 26 anos que tem como referência seu Mestre, Kunta Kintê, e também o conselho de Mestres da Escola, formado pelos Mestres Raimundo Dias, Plínio e Gato Góes, frequenta a Roda de Capoeira do Chafariz desde o seu início. A sua fala inicia-se ao descrever como se originou a criação da Roda, com sua participação e do capoeirista angoleiro Dante Guariglia:

*A gente começou a fazer uns encontros juntos. A gente tem que entender que, para a gente falar na Roda do Chafariz, nós temos que voltar lá atrás, há 19 anos. Eu tinha 7 anos de Capoeira, era bem jovem. A gente conhecia muito pouco uns aos outros e éramos de grupos distintos. A gente começou*

---

<sup>88</sup> Foram consultadas a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o repositório digital da UFRGS (LUME), onde foram encontradas inúmeras teses e dissertações, utilizados os termos de busca *Capoeira* e *Roda de Capoeira*, mas nenhuma delas referida especificamente à abordagem aqui definida. Na BDTD do IBICT, identificaram-se 648 trabalhos (174 teses e 474 dissertações) sobre Capoeira e 97 sobre Roda de Capoeira (70 teses e 27 dissertações). No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, visualizaram-se 1003 trabalhos (entre eles 218 teses e 737 dissertações) sobre Capoeira e 37 sobre Roda de Capoeira (entre eles 10 teses e 23 dissertações). No LUME, foram encontradas 480 teses e 775 dissertações sobre Capoeira; e 27 teses e 58 dissertações sobre Roda de Capoeira. Dentre elas, em torno de dez serão utilizadas no decorrer deste trabalho, por sua aderência ao tema tratado.

*a se encontrar e a fazer uma Roda perigosa, porque a gente não tinha afinidade um com o outro e apenas íamos lá para jogar a Capoeira que cada um aprendia com seu Mestre. Isso foi no Fórum Social Mundial de 2003, que tinha o slogan por um mundo melhor. A gente começou a se encontrar e a fazer Roda das quatro da tarde até as quatro da manhã. E, logo acabando o Fórum, que terminou em final de janeiro, veio a temporada de verão. Nos encontrávamos, então, a partir de março, na Osvaldo Aranha, na época que tinha o Escaler. Uma área de bares e lazer, ponto de encontro dos jovens e do pessoal alternativo da cidade, que tinha também o Luar Luar. A gente foi para o Escaler e começamos a fazer a Roda, mas a Roda na frente do bar tem uma energia muito diferente. Aí surgiu a ideia de fazermos a Roda no lugar onde já acontecia as Rodas de Capoeira, que era bem em frente à feira do Brique da Redenção, na rua, que é fechada. Só que a rua abre às seis horas. Aí o Dante disse: ali a gente vai ficar limitado até um horário. E a Roda do Chafariz é uma Roda que, no verão, já foi até nove e meia, dez horas da noite, começando às quatro da tarde. Então, nós pensávamos que teria que ser em um lugar onde o trânsito não fosse nos incomodar.<sup>89</sup>*

Segundo ele, a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção teve seu surgimento a partir das Rodas realizadas no Fórum Social Mundial de 2003, realizado em Porto Alegre<sup>90</sup> e, logo depois, desde março do mesmo ano, pela Roda que capoeiristas de Porto Alegre, dentre eles Jean Sarará e Dante, faziam em frente ao bar Escaler<sup>91</sup>, localizado na Avenida Osvaldo Aranha, num processo que assim ele descreve:

<sup>89</sup> DORNELES, Jean. [informação em áudio]. Entrevista presencial concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, 10 nov 2021. Arquivo .opus (duração de 23 minutos e 27 segundos).

<sup>90</sup> O Fórum Social Mundial (FSM) teve sua origem marcada em oposição ao Fórum Econômico Mundial (FME) de Davos, Suíça. Em contraposição à defesa da irreversibilidade da globalização e à participação de grandes economistas, empresários e investidores, característica do FME, o FSM tem como objetivo debater diversas temáticas que se contrapõem à lógica de globalização a partir de debates com movimentos sociais do mundo inteiro que participam do Fórum Social Mundial (ENGELKE, 2004). Em sua primeira versão, realizada em Porto Alegre, RS, (cidade sede do evento até a atualidade) em 2001, entre 25 e 30 de janeiro, com o slogan “Outro Mundo Possível” já se foi conformada uma carta de princípios do FSM, em que se verifica a oposição ao neoliberalismo, ancorada na pluralidade e diversidade, através de debates sobre direitos humanos, cultura, educação, meio ambiente, minorias, combate ao racismo e a todas as formas de opressão (ENGELKE, 2004). Em 2023, o FSM ocorre entre os dias 23 e 28 de janeiro, em Porto Alegre, abarcando 150 atividades, com temáticas de defesa da democracia, combate ao fascismo, ao racismo, ao patriarcado e às desigualdades – informações disponíveis em <<http://camp.org.br/2022/12/20/orum-social-mundial-porto-alegre-de-23-a-28-de-janeiro/>> (consultado em: 19 jan 2023).

<sup>91</sup> Aberto em 24 de outubro de 1982, localizado na avenida José Bonifácio esquina com a avenida Osvaldo Aranha, dentro do Parque da Redenção, o bar do Escaler, surgido na década de oitenta, se transformou num ponto de encontro boêmio que ficou registrado na vida cultural de Porto Alegre, até o ano de 2006, quando encerrou suas portas. Trata-se de um verdadeiro ponto de memória, que marca parte da memória do bairro Bom Fim, que se popularizou como um local de concentração de jovens que, ao som de vários shows que lotavam também a Av. José Bonifácio, construíam momentos inesquecíveis que consolidavam novas sociabilidades. Um bar que ancorava as bandeiras, não só das Diretas Já, mas também do amor, respeito, cultura e alegria. Maires informações podem ser encontradas em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2020/01/saudoso-espaco-de-cultura-e-lazer-do-bairro-bom-fim-bar-escaler-vai-virar-livro-ck62p55650d9201mvk82pjq.html>.

*O Dante sugeriu fazer no Chafariz da Redenção. A Roda passou a ocorrer todos os domingos. Logo as crianças e adolescentes começaram a frequentar a Roda com gosto. Idosos paravam muito na Roda. A Roda começou a ter esse acolhimento não só dos capoeiristas que vinham para jogar com gente, mas também pelo público que tem no Parque da Redenção. A Roda do Chafariz, eu posso dizer também, é uma Roda plural. Uma Roda que recebe e acolhe todo tipo de pessoa que está passando pelo parque. Uma pessoa em situação de rua vai poder ser protagonista da sua história, porque a gente acredita que esses são os verdadeiros herdeiros da Capoeira, porque a maioria das pessoas em situação de rua são pessoas negras. Foi a situação dos nossos antepassados que foram abolidos e ficaram em situação de rua sem ganhar nenhum tipo de retorno do tanto que tinham trabalhado. Então, a Roda do Chafariz promove a inclusão de pessoas em situação de rua e de pessoas com deficiência. Promove a inclusão também de pessoas que não podem jogar nos seus grupos, porque, em alguns grupos de Capoeira, só se joga quem realmente já sabe ou tem algum tipo de apadrinhamento dentro do grupo. Ela inclui todos - mulheres, crianças, idosos, homens. A Roda do Chafariz é uma Roda bem plural.<sup>92</sup>*

Com a concordância dos demais capoeiristas, a ideia de Dante foi aceita, e, a Roda de Capoeira, que ocorria no Bar Escaler, passou a ser realizada todos os domingos no Chafariz da Redenção, e, a partir de então se consagrou com o nome de Roda do Chafariz. Segundo ele, no novo espaço, a Roda começou a contar com presença mais intensa de crianças e adolescentes, e, desse modo, além de contar com a participação de capoeiristas da cidade, tornou-se, até hoje, num lugar de acolhimento aberto para diferentes pessoas que circulam pelo Parque.

Assim, foi se consolidando como um espaço plural e de inclusão social, uma vez que, entre seus participantes, acolhe várias pessoas em situação de rua, que, como Jean ressalta, são os *verdadeiros herdeiros da Capoeira*. Indo além, reúne também pessoas com deficiência, que são incentivadas a se tornarem protagonistas não só na Roda, mas de suas próprias histórias de vida. Desse modo, a fala de Jean Sarará destaca o papel da Roda para o empoderamento individual e coletivo dessas pessoas, num contexto solidário, inclusivo, diverso e plural.

As figuras 1 - Crianças na Roda do Chafariz, 2 - O sorriso potente da inclusão e 3 - Inclusão na Roda do Chafariz, ilustram a participação de crianças, adolescentes e pessoas com deficiência, corroborando a afirmação do entrevistado. Na figura 1, vê-se uma Roda lotada de crianças, em momento lúdico, de brincadeira e de alegria que a Capoeira e a Roda do Chafariz proporcionam a quem tem na pureza da infância um guia de esperança de um futuro melhor a todos.

<sup>92</sup> DORNELES, Jean. [informação em áudio]. Entrevista presencial concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, 10 nov 2021. Arquivo .opus (duração de 23 minutos e 27 segundos).

**Figura 1**  
**Crianças na Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2011)<sup>93</sup>

Na figura 2, como o título da imagem descreve, vê-se um sorriso potente, pleno de alegria e de vida, pelo acolhimento e protagonismo que a Roda oportuniza. Ressalto que, em muitos dos domingos em que participei da Roda, havia pessoas com deficiência, seja tocando, seja jogando, seja sentadas no círculo ou apenas observando. Esse movimento de inclusão social de pessoas com deficiência, a que Jean Sarará se refere, é fruto do trabalho que o Contramestre desenvolve no campo da Capoeira Inclusiva, baseado no saudoso Mestre Beija-Flor, de Aracajú/SE, que afirmava que “[...] inclusão é celebrar a diversidade humana, respeitando os seus limites e suas potencialidades, mostrando as suas possibilidades”<sup>94</sup>.

<sup>93</sup>Bruno Machado, além de fotógrafo profissional, é capoeirista, aluno da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul.

<sup>94</sup>Entrevista de Mestre Beija-Flor concedida para elaboração de matéria sobre a Semana de Capoeira de Viamão, em 2014. Disponível em: <<https://www.viamao.rs.gov.br/portal/noticias/0/3/1209/Semana-da-Capoeira-desafios-e-possibilidades-na-escola>> . Acesso em: 15 nov 2021.

**Figura 2**  
**O sorriso potente da inclusão**



Fonte: Machado, Bruno (2010)

A figura 03, Inclusão na Roda do Chafariz, apresenta a imagem de uma pessoa adulta com deficiência, corroborando o que disse Jean Dorneles. Com a imagem remeto-me ao Mestre Beija-Flor, ao ele afirmar que “[...] a Capoeira Inclusiva [...] desenvolve a psicomotricidade, a noção espacial, temporal, a percepção, a coordenação motora, o equilíbrio, a força, a expressão corporal, a musicalidade, a cognitividade e eleva a autoestima”<sup>95</sup>.

**Figura 3**  
**Inclusão na Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2012)

Depois dessas três imagens que comunicam, por si mesmas, a potência de inclusão social que a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, o Contramestre,

<sup>95</sup> Idem.

ao continuar, relembra os principais acontecimentos que marcaram sua vivência junto à Roda do Chafariz:

*A gente era muito jovem. Quando nos encontrávamos para jogar Capoeira, tínhamos atritos entre nós mesmos. Aí, em certo momento da Roda, começaram a aparecer os mais antigos. A gente tem que pensar que, 19 anos atrás, os Mestres que hoje têm 40 anos de Capoeira, tinham 21. Eles estavam com todo o pique, vendo uma molecada colocar a Roda todos os domingos em um lugar tradicional de Rodas de Capoeira em Porto Alegre. Eles vinham nos testar e nos testavam. Muitas vezes a gente tomou um prejuízo – eles eram mais experientes que nós. Isso é uma coisa que me marcou, porque começamos a nos olhar como um coletivo. Pensamos: calma aí, os caras estão vindo bater em nós. Ou nos ensinar, porque a gente sabe que também existe, para alguns, uma pedagogia no bater. Quando a gente, mesmo jovem, se afirma como indivíduo, porque temos que jogar com os mais experientes, e depois como coletivo, essa memória é muito forte da Roda. Paramos de ter um atrito com o outro, de um querer machucar o outro, porque tínhamos que estar sem lesão, para quando esses mais experientes chegassem para jogar conosco, a gente pudesse dar a resposta. Passávamos a semana toda treinando para dar o resultado na Roda. Como diz uma frase que ouvi muito por aí, que não é minha, “a Roda cobra”. E cobra mesmo.<sup>96</sup>*

Em sua narrativa, compreende-se que o Contramestre Jean ressalta que os conflitos que havia nos anos iniciais da Roda do Chafariz entre os capoeiristas, todos muito jovens, que estavam mantendo viva a sua realização em todos os domingos, foram solucionados pela necessidade de se manterem unidos. Com o ingresso de Mestres e capoeiristas mais experientes na Roda, foi necessária uma cooperação entre todos, tanto individual quanto coletiva, para que ela se repetisse todos os finais de semana junto ao Chafariz. Para isso, a resistência e as respostas tinham que ser dadas coletivamente dentro da própria Roda, uma vez que, como ele menciona, “[...] a Roda cobra e cobra mesmo”. Ao prosseguir, o Contramestre Jean Sarará destaca outro momento marcante da Roda:

*Outro momento que eu não posso deixar de citar é os 10 anos da Roda do Chafariz. A gente trouxe o Mestre Raimundo Dias. Foi um momento muito especial. Ele trouxe uma vibração tão boa para a Roda que a gente viu que aquilo era uma missão e que tínhamos que firmar. Não é fácil colocar uma Roda todos os domingos, ter que sair, deixar a família, convites de amigos, almoços com a mãe, a vó, para estar colocando a Roda todos os domingos. Nos 10 anos, eu vi que era isso aí mesmo, que eu descansa na segunda, como muitas vezes eu fiz. Sou uma pessoa que vivo somente da Capoeira, então o meu domingo era segunda-feira. Não dava aula na segunda, somente na Escola, à noite, mas durante o dia descansava, passava junto com os meus, para poder ter essa troca do domingo.<sup>97</sup>*

<sup>96</sup> DORNELES, Jean. [informação em áudio]. Entrevista presencial concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, 10 nov 2021. Arquivo .opus (duração de 23 minutos e 27 segundos).

<sup>97</sup> Idem.

Jean Carlo Dorneles salienta suas lembranças relativas à comemoração dos 10 anos da Roda do Chafariz, momento em que, com a presença contagiante do Mestre Raimundo Dias, de Salvador, ele sentiu que sua missão seria seguir, junto a todos aqueles que estivessem dispostos, para manter viva a Roda em todos os domingos. Ele destaca que adversidades deveriam ser resolvidas, como a exigência de priorizar a Roda em detrimento a almoços e convites de familiares e amigos. Assim, os seus domingos viraram segunda-feira, frase epígrafe deste capítulo, uma vez que, para ele, garantir a realização da Roda era uma missão que “[...] tínhamos que firmar”. Na figura 4 – Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, ilustra-se o momento a que Jean se refere, 10 anos de realização da Roda, foto que foi utilizada também na capa desta dissertação.

**Figura 4**  
**Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção**



Fonte: Machado, Bruno (2013)

É uma imagem contagiante, de um momento cheio de energia, intenso e emocionante. No final da Roda do Chafariz comemorativa aos seus 10 anos, o Mestre Raimundo Dias (no berimbau *gunga*), ao lado do Contramestre Jean Sarará (no berimbau médio) e do Mestre Kunta Kintê (no berimbau viola), literalmente, fez com que todos ali presentes tirassem o pé do chão. Todos começaram a pular de uma forma que energizava a todos naquele círculo, contagiando também àqueles que por ali passavam. Foi emocionante e gratificante, para mim, ter participado desse momento proporcionado pela Capoeira, pela Roda do Chafariz, pelo Contramestre Jean Sarará, que organizou e garantiu a vinda do Mestre Raimundo

Dias e de seu (nosso) Mestre Kunta Kintê, e por todos os capoeiristas presentes, além da população em geral que acompanhava e vibrava junto.

Na figura 5, que ilustra a comemoração dos 10 anos da Roda, pode-se observar parte da bateria, em que, da esquerda para a direita, aparecem na imagem os seguintes capoeiristas: Bodão, Mestre Baptista, Mestre Kunta Kintê, Mestre Raimundo Dias, Contramestre Jean Sarará, Marta (Martainha) e eu, Rafael (Rafudo).

**Figura 5**  
**Comemoração dos 10 anos da Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2013)

Decorridos mais cinco anos, a comemoração dos 15 anos não foi diferente, pela emoção que permeou os participantes. Jean fala sobre essa memória:

*E os 15 anos, onde a gente conseguiu trazer quatro Mestres e uma Mestra de Capoeira. Houve muitos momentos tão importantes quanto esse, mas esse, quando a gente consegue concretizar, trazendo algumas pessoas que são referências para nós, fortalece o coletivo, o território e nós enquanto indivíduos. Esses são os momentos que marcam. As pessoas vêm e dizem: muito legal, tá certo, esse é o caminho, segue por aí. Esses são os momentos que estão fortes na memória.<sup>98</sup>*

A comemoração dos 15 anos da Roda do Chafariz foi muito marcante para o Contramestre Jean Sarará e certamente para todos os demais presentes. Ao

<sup>98</sup> Idem.

ressaltar que momentos como esses fortalecem “o coletivo, o território e nós enquanto indivíduos”, também oportuniza que se construa a memória deste dia de Roda, de alegria e de festividade. Ele relembra que a Roda contava com a presença de grandes Mestres de fora de Porto Alegre, referências na Capoeira Angola, bem como de Mestres, Contramestres e de muitos capoeiristas da capital gaúcha e do estado. As Figura 6 - 15 anos da Roda de Capoeira do Chafariz; Figura 7 - 15 anos da Roda - M. Kunta Kintê e CM. Jean Sarará; e Figura 8 - Roda do Chafariz - M. Elma, M. Jogo de Dentro, M. Kunta Kintê relembram esse momento.

A figura 6 apresenta o folheto de divulgação do encontro comemorativo dos 15 anos da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, evento muito intenso, com oficinas de Capoeira Angola com os Mestre convidados, e que culminou com a realização da Roda no domingo. As vivências ocorreram de forma descentralizada em Porto Alegre, simultaneamente em duas salas da Casa Verde<sup>99</sup>, local que sediava a Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, e no Memorial Luiz Carlos Prestes<sup>100</sup>.

Desse modo, a cidade de Porto Alegre transbordava de Capoeira como manifestação da cultura popular, nos dias 27, 28 e 19 de abril de 2018. No folheto, da esquerda para a direita, retornando pela direita na parte de baixo, visualizam-se o Contramestre Jean Sarará, Mestre Kunta Kintê, Mestre Plínio, Mestre Jogo de Dentro, Mestra Elma, Mestre Gato Góes e Mestre Cláudio.

---

<sup>99</sup> O espaço da Casa Verde, localizado na Rua José do Patrocínio, bairro Cidade Baixa, Porto Alegre, RS, sediou por alguns anos a Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. Nesse local, ocorriam os treinos de Capoeira da Escola e também oficinas e encontros, como o comemorativo dos 15 anos da Roda do Chafariz.

<sup>100</sup> Primeira obra de Porto Alegre projetada pelo renomado arquiteto Oscar Niemeyer, o Memorial Luiz Carlos Prestes foi inaugurado nos dias 27 e 28 de outubro de 2017. O Memorial e Centro Cultural foi criado para homenagear Luiz Carlos Prestes, tendo como objetivos “[...] um tripé: homenagear o patriota, o revolucionário e o comunista. Ele será um espaço não de um grupo de comunistas, mas da cidade de Porto Alegre”, comenta Edson Ferreira dos Santos, que participou das discussões e do projeto de construção do espaço desde o princípio. Informações disponíveis em: <<https://www.facebook.com/MemorialPrestesRS>>; <<https://www.assufrgs.org.br/2017/10/23/memorial-luiz-carlos-prestes-sera-inaugurado-nos-dias-27-e-28-de-outubro/>>. Consultado em: 19 jan 2023. A direção do Memorial foi parceira na realização das oficinas de Capoeira comemorativas dos 15 anos da Roda do Chafariz, emprestando o espaço.

**Figura 6**  
**Divulgação da comemoração dos 15 anos da Roda do Chafariz**



Fonte: Arquivo da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul (2018)

Na figura 7, no centro, aparecem M. Kunta Kintê e CM Jean Sarará, que refletem uma felicidade contagiante ao final da Roda que comemorou seus 15 anos. Ambos sorriem expressando a alegria que se difundiu naquele domingo especial. Da esquerda para a direita, em segundo plano, sentados na borda do Chafariz da Redenção, M. Plínio, M. Jogo de Dentro, Indiana, Marta (Martainha), Arara, Carruira e Cigarra.

**Figura 7**  
**15 anos da Roda – M. Kunta Kintê e CM. Jean Sarará**



Fonte: Machado, Bruno (2018)

Finalizando a sequência de ilustrações, a Figura 8 registra outro momento da comemoração, em que aparecem Mestre Elma com o berimbau médio, Mestre Jogo de Dentro com o berimbau gunga, Mestre Kunta Kintê com o reco-reco, Paula (Mil) com o agogô e o Treinel Roger com o tambor.

**Figura 8**  
**Roda do Chafariz - M. Elma, M. Jogo de Dentro, M. Kunta Kintê**



Fonte: Machado, Bruno (2018)

Dando prosseguimento à sua fala o Contramestre Jean Sarará destaca a importância que atribui à Roda de Capoeira do Chafariz:

*Em 2008, quando a Roda de Capoeira foi registrada como patrimônio imaterial, a Roda do Chafariz já tinha 5 anos. A gente já sabia da importância de estarmos naquele espaço que é público. Também temos que lembrar que a gente está falando da Redenção, que era colônia Africana. Ali tem uma história do povo preto de Porto Alegre. Então, a importância da Roda é podermos nos manifestar naquele espaço que traz toda essa memória, através da arte, da música, da brincadeira, preservando os fundamentos do jogo, sem partir para agressão e competição, se desprendendo de vaidade e de ego, simplesmente para jogar sua Capoeira de domingo, preservando o ritual da Roda, com os berimbaus bem tocados e afinados, com uma boa sintonia com as pessoas que estão tocando, com o coro, seguindo o ritual que tem que ser feito, para que se tenha uma boa Roda de Capoeira. Promover a inclusão social é uma das bandeiras da Roda, que levantamos na Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. Outra importância é o entretenimento da cultura afro-brasileira no espaço público, que é fundamental, porque, como estamos todos os domingos ali, a gente sabe que as pessoas vão até ali para ver a Roda de Capoeira – elas sabem que vai ocorrer. E afirmar que o lugar da cultura popular é na rua, com o povo. Ela é do povo, ela tem que estar no espaço público. A gente começa a perceber que, quando a Capoeira estava dentro da academia, ela não tinha autonomia para abrir esse espaço. Quando algumas pessoas da Capoeira abriram suas escolas, começaram a fazer suas Rodas nesses locais e os espaços públicos ficaram carentes de boa Roda de Capoeira, que dure horas – uma, duas, três. Três horas que tu possas passar por ali e ver a sanidade nas pessoas e não pessoas reproduzindo atos que estamos cansados de ver na televisão, rádio e jornal.<sup>101</sup>*

<sup>101</sup> DORNELES, Jean. [informação em áudio]. Entrevista presencial concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, 10 nov 2021. Arquivo .opus (duração de 23 minutos e 27 segundos).

Para ele, há pelo menos quatro aspectos que demonstram a importância da Roda do Chafariz. O primeiro é o fato de ela ser realizada em um espaço público, o Parque da Redenção, pois se trata de um território que *tem uma história do povo preto de Porto Alegre*, um território negro como destacado na seção anterior e realçado aqui pelo Contramestre. O segundo é por possibilitar a manifestação da cultura popular naquele espaço, *através da arte, da música, da brincadeira, preservando os fundamentos do jogo*, em uma boa Roda de Capoeira que mantém o ritual que as Rodas de Capoeira precisam preservar. O terceiro é a promoção da inclusão, uma das bandeiras da Roda. E, finalmente, o quarto é por propiciar entretenimento cultural afro-brasileiro à população em espaço público.

Em relação ao empoderamento individual e coletivo que a Roda oportuniza aos seus participantes na perspectiva da inclusão social e da valorização da cultura popular, assim ele se manifesta:

*Sim, na minha opinião, a Roda do Chafariz propicia o empoderamento no momento em que a gente é protagonista da nossa história. Acredito que ali a gente já está começando esse empoderamento. Quando a gente tá no coletivo, sem dúvida, ela nos fortalece muito mais, porque a gente vê que não estamos sozinhos nessa causa. O coletivo tem força. E, quando se trata de Capoeira, a gente tem que entender que tem um transe da Capoeira, tem uma ligação ancestral. Então, isso faz a gente ter a ligação com os nossos mais velhos, que, aqui, eles não só contribuíram para que ela se perpetuasse, como alguns morreram. Então, a força que tem a gente pegar um berimbau, cantar uma ladainha ou compor uma ladainha e colocar o teu grito, o teu pensar naquela música é um empoderamento que a gente não consegue descrever. Muitas coisas que acontecem na Capoeira, quando a gente conta, não conseguimos transmitir, tamanha energia que a gente sente dentro de uma Roda de Capoeira. A Roda de Capoeira tem um legue pedagógico que nos possibilita jogar, cantar, tocar, estudar sua parte teórica diretamente vinda do Africano escravizado ou sua parte teórica dos instrumentos, berimbau, pandeiro, tambor, agogô, reco-reco. Só aí, quando a gente tem vários campos em que podemos estar nos direcionando, ela já está te inserindo, ela já está te acolhendo. Tu não precisa ser um grande jogador de Capoeira. Às vezes, tu vai ter tua importância, porque é um grande estudioso da Capoeira, que sabe, que conviveu. Hoje a convivência tem tanta importância quanto o desenvolvimento que tu tem dentro da Roda de Capoeira, que eu dou grande importância, mas que parece pequeno - tu entrar e jogar. Às vezes, a gente tá perto de pessoas que têm um conhecimento tão grande e ficamos só no jogar. Então, a Capoeira tem um legue pedagógico que, com certeza, é a arte que mais promove a inclusão social.<sup>102</sup>*

Em sua resposta, ele menciona a ligação ancestral com os mais velhos e o

---

<sup>102</sup> Idem.

transe através da Capoeira, e defende que, efetivamente, a Roda do Chafariz da Redenção incentiva o empoderamento individual e coletivo. Ao justificar sua posição, ressalta que a Roda é construída coletivamente pelas pessoas que dela participam, propiciando, então, que cada um, na sua individualidade, e todos, na coletividade, se tornem protagonistas de suas histórias. O coletivo, ao fortalecer a Roda, propicia empoderamento, que surge na relação constituída entre os protagonismos que a conformam. Salienta também que o empoderamento se consolida por meio do *pegar um berimbau, cantar uma ladainha ou compor uma ladainha e colocar o teu grito, o teu pensar naquela música.*

Para ele, a Roda reveste-se de um legue pedagógico que propicia o cantar, jogar, tocar, estudar os instrumentos e a parte teórica advinda do Africano escravizado e, nesse contexto, a Capoeira está acolhendo, inserindo e empoderando. Salienta, por sua vez, que a convivência com os mais idosos, detentores de maior cabedal de conhecimento e sabedoria, possibilita que se verifique que essa vivência junto aos Mestres e Mestras, o aprender, também acarreta empoderamento.

Finalizando, o Contramestre, ao afirmar que a Capoeira *é a arte que mais promove a inclusão social*, refere-se ao fato de que a inclusão social efetivada pela Capoeira resulta em promoção da autonomia daqueles que são incluídos socialmente no contexto da Roda. E assim ele conclui, acerca da condição da Roda se constituir em patrimônio cultural de Porto Alegre:

*Sim, eu poderia afirmar, porque, quando a gente está há 19 anos nesse espaço, com a Roda de Capoeira todos os domingos, com pessoas que são frequentes e criaram vínculos com a gente, tanto como plateia (se posso dizer assim) ou afetivo mesmo, de querer chegar mais um pouco, de querer conhecer a Escola, a família. Uma espécie de programa cultural, como se tu se arrumasse para ir para o cinema, mas não - tu vai para a Roda de Capoeira, porque tu sabe tem a Roda lá. Quando a gente se propôs a colocar a Roda todos os domingos, fizemos esse calendário. No momento que temos que ir a Torres e dar um suporte para o nosso Mestre e a gente não faz a Roda aqui, as pessoas depois mandam mensagem: não teve a Roda, o que aconteceu que vocês não foram? Eu iria lá ver a Capoeira. Pessoas que perguntam se vai ter a Roda, porque receberam uma visita e queriam levar para ver a Roda de Capoeira. Eu respondo que pode ir que vai ter a Roda sim. Às vezes, como já aconteceu, me reconhecem em um estabelecimento e perguntam: tu é o cara que faz a Roda lá na Redenção, né? Sim, sou. E uma das vezes a pessoa falou: eu nunca vi a Roda, mas fico deitado na grama, lendo um livro e escutando o som do berimbau. Então, a gente não sabe até aonde podemos atingir as pessoas. A pessoa que vai lá curtir o parque, ler um livro, ela também está curtindo o som do berimbau, um som ancestral. A importância de a gente estar naquele espaço, cultuar manifestações pretas, numa área que teve muita luta, que*

*teve muito batuque, como já citei a antiga colônia Africana da antiga Porto Alegre. É muito importante para nós que somos descendentes do povo preto ter as nossas manifestações na rua. Ter o nosso povo representado em todos os lugares. Então, eu acho que sim, é muito importante a gente ter a Roda do Chafariz todos os domingos. Porto Alegre fica mais alegre.*<sup>103</sup>

Portanto, a Roda, consolidada, com sua tradição e regularidade, já faz parte do patrimônio cultural da cidade. Nessa perspectiva, as pessoas, tanto os frequentadores, como a população em geral que comparece para assistir ou interagir com ela de distintas formas, seja ao ouvir o som do berimbau ao ler um livro, criaram vínculo com a Roda do Chafariz. Trata-se, portanto, de um *programa cultural* de Porto Alegre, que agita a cidade e que, quando esporadicamente não ocorre, é lamentada. Ele finaliza ao dizer que *com a Roda Porto Alegre fica mais alegre*.

Ao encerrar sua entrevista, faço uma homenagem ao Contramestre Jean Sarará, com quem aprendi e aprendo muito diariamente, dentro e fora da Roda, há 25 anos, quando o conheci e iniciei na Capoeira, ao apresentar a figura 9, em que ele joga com sua filha, Julia, na Capoeira chamada de Arara.

**Figura 9**  
**Contramestre Jean Sarará e Arara – Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2013)

A segunda entrevista é feita com Mestre Plínio. Plínio César Ferreira dos Santos, Mestre do Centro de Capoeira Angola Angoleiro Sim Sinhô, fundado em

<sup>103</sup> Idem.

1993 em São Paulo, que frequenta a Roda do Chafariz há 10 anos:

*O que eu sei da história da Roda do Chafariz são as conversas nossas de Capoeira que eu tenho tido com meus amigos aqui de Porto Alegre, especialmente com o Contramestre Jean, e histórias que ouvi de outros Mestres, como Mestre Moa, Mestre Ratinho. O que eu sei é que foi uma união de capoeiristas da cidade que tiveram a ideia de começar uma Roda de Capoeira em um espaço público. Se reuniram e começaram essa Roda, que, já há um bom tempo, não sei dizer quanto, o Contramestre Jean assume essa responsabilidade, juntamente com o Grupo Raízes do Sul, estando à frente dessa Roda e dessa responsabilidade.<sup>104</sup>*

Ele revela que conhece a história da Roda pelo contato permanente que mantém com o Contramestre Jean, bem como com conversas que teve com Mestre Moa do Katendê e Mestre Ratinho. Ao lembrar que a Roda surgiu por iniciativa de um grupo de capoeiristas que decidiu organizar uma roda em espaço público, ressalta o protagonismo do Contramestre Jean Sarará e a responsabilidade que ele assume, junto com a Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, ao mantê-la presente em todos os domingos no Parque da Redenção:

*Eu guardo muito na minha memória da Roda do Chafariz são os bons jogos que eu vi. Eu vejo a coisa assim, dentro de uma perspectiva diferente de movimento, jogo puro de Capoeira. Foram algumas vezes – em cada Roda, eu vi um jogo desses. Mas o que me marcou mais na Roda foi a participação dos capoeiristas da cidade, de uma maneira diferente do que eu vejo em outras Rodas de Capoeira. Eu percebi um respeito maior, percebi uma maneira educada de chegar na Roda de Capoeira. Claro que sempre tem os desavisados, mas eu não vi isso acontecer. Então, uma coisa que me marcou foi a maneira respeitosa que eu vi dos capoeiristas da cidade.<sup>105</sup>*

Para ele, há duas questões que mais lhe marcaram na Roda do Chafariz. A primeira foi os bons jogos de Capoeira que presenciou, como ele disse, *jogo puro de Capoeira*, que destaca ter visto em cada Roda que participou. A segunda foi a presença maciça de capoeiristas da cidade na Roda, bem como a forma educada e respeitosa com que eles se aproximam, diferente do que ocorre em outras de Rodas de Capoeira. A respeito da importância da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, assim se refere:

*A importância é enorme. Primeiramente, por poder dimensionar o valor que*

<sup>104</sup> SANTOS, Plínio C. F. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 30 ago 2021. Arquivo .opus (duração de 12 minutos e 17 segundos).

<sup>105</sup> Idem.

*a Capoeira tem, o papel que a Capoeira cumpre no social, na parte psíquica, na parte física. Então, de antemão, a importância de ter um espaço público para se jogar Capoeira é primordial, além de tudo por ser uma manifestação de cultura Africana, de cultura preta. E tudo que a Capoeira faz além dessa parte. Das pessoas mais desprovidas de recurso financeiro, que não têm condições, muitas vezes, de ir a um cinema, em um shopping ou em um lugar que tenha que pagar para ver algo agradável, poderem ir para uma praça e ver uma Roda de Capoeira. Tem muitos elementos de arte dentro de uma Roda de Capoeira. Então eu acho que, partindo desse princípio, a Capoeira faz um papel social de cuidar da saúde mental e física das pessoas. Esse já é um bom motivo para entender a importância dessa Roda.<sup>106</sup>*

Mestre Plínio avalia que a Roda tem importância primordial para se dimensionar o valor da Capoeira e o papel social que ela cumpre na saúde física e mental das pessoas. A relevância revela-se também no fato de que ela seja realizada em espaço público, uma manifestação da cultura Africana no Parque. Portanto, para ele, o evento se consolida num “[...] programa cultural [...]”, principalmente para os menos providos de recursos financeiros, mas democraticamente aberta a qualquer um, independente de classe social, em um Parque se que caracteriza exatamente como um ponto de encontro da democracia e da inclusão social<sup>107</sup>.

Prosseguindo, ele assim se manifesta em relação ao empoderamento que a Roda oportuniza:

*Eu tenho certeza que sim, porque estar em uma Roda de Capoeira é estar em alguns momentos em exposição. E essa exposição da Roda de Capoeira precisa de disciplina, que a Capoeira traz para a gente. E alguns jovens, as pessoas que estão começando trabalhos sociais nas comunidades, nas periferias, as pessoas que estão conseguindo acessar a Universidades, elas na Roda de Capoeira conseguem ter um primeiro protagonismo, algo que faz elas acreditarem que elas podem. Então, como foi o caso ontem do professor Caçapa, que eu fui em um trabalho dele no Quilombo, e ver ele na Roda de Capoeira, eu vejo a Roda de Capoeira como uma fonte de alimento para isso que ele faz lá nos espaços dele. E ele se posicionar no canto, na bateria, no jogo, também é um exercício que leva essa parte do atrevimento da Capoeira, do posicionamento, no sentido de saber que a gente tem voz, que a gente pode falar, pode se comunicar. Então, acho que esse empoderamento naturalmente a Capoeira exercita. Das pessoas que se propõem a estar na frente de um trabalho, na frente de uma Roda de Capoeira. Esse impulso que a gente tem que ter para estar nessa posição já é um empoderamento que a Capoeira traz<sup>108</sup>*

<sup>106</sup> Idem.

<sup>107</sup> Em Porto Alegre, há dois grandes pontos de encontro da população, com características específicas: o Parque Moinhos de Vento, conhecido como Parcão, que concentra os movimentos de direita, e a Redenção, da esquerda.

<sup>108</sup> SANTOS, Plínio C. F. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 30 ago 2021. Arquivo .opus (duração de 12 minutos e 17 segundos).

Em sua visão, a exposição que a Roda de Capoeira realizada em espaço público demanda exige disciplina, que a Capoeira nos ensina a ter, o que conflui para o empoderamento individual e coletivo. Ele destaca que “[...] as pessoas que estão começando trabalhos sociais nas comunidades, nas periferias, as pessoas que estão conseguindo acessar a Universidades [...]”, têm “[...] um primeiro protagonismo na Roda de Capoeira [...]”, como no caso da Roda do Chafariz, o que, por consequência, as empodera, visto que esse contexto “[...] faz elas acreditarem que elas podem [...]”.

Ao citar o trabalho social do professor Caçapa no Quilombo, Plínio enfatiza que a Roda de Capoeira serve de alimento para fortalecer a sua atuação no social, pois “[...] se posicionar no canto, na bateria, no jogo, também é um exercício que leva essa parte do atrevimento da Capoeira, do posicionamento, no sentido de saber que a gente tem voz, que a gente pode falar, pode se comunicar [...]”. Prosseguindo, exemplifica que a cidadania que a Capoeira naturalmente exercita está posta, ainda, no impulso que se tem de “[...] estar na frente de um trabalho ou de uma Roda de Capoeira [...]”, como a do Chafariz.

Em relação ao reconhecimento da Roda como patrimônio cultural da cidade, assim se pronuncia:

*Eu penso que sim, porque, como eu falei já no início, há contribuição para o social - quantas pessoas que têm história na Roda do Chafariz, que passaram por ali, ou pessoas que moram na cidade e, quando recebem pessoas de outras cidades em suas casas, falam “vamos ali no Chafariz que tem Roda de Capoeira”. O Mestre Moa, que é uma pessoa muito importante para a cultura no país, e muito especialmente para a gente, para nós que somos seguidores, alunos, que passamos por essa escola dele, fez uma música para a Roda do Chafariz. Então, como pessoas como Mestre Moa, que passaram lá e tiveram sensibilidade de perceber que aquele trabalho que ali é feito é um trabalho com que o povo se reconhece, que o povo se identifica, que o povo se sente pertencente, que o povo se aproxima. Então, todos esses elementos que já vêm sendo feitos há mais de 20 anos já põem a Roda nesse lugar de patrimônio, porque ela cumpre um papel que não é da obrigação de nós capoeiristas, mas esse papel é da Capoeira.<sup>109</sup>*

Em sua narrativa, Mestre Plínio reconhece que a Roda faz parte do patrimônio cultural da cidade, uma vez que ela implica contribuição social, passando a fazer

---

<sup>109</sup> Idem.

parte da história das pessoas que frequentam e passaram por ela. Nesse sentido, relembra que Mestre Moa do Katendê teve a “[...] sensibilidade de perceber que aquele trabalho que ali é feito é um trabalho com que o povo se reconhece, se identifica, se sente pertencente, se aproxima [...]”. E, adicionalmente, revela que Mestre Moa fez uma música em homenagem à Roda do Chafariz, cuja letra é aqui apresentada:

*Roda do Chafariz, Roda do Chafariz,  
O negro sua a camisa e fica feliz.  
Roda do Chafariz, Roda do Chafariz,  
O negro sua a camisa e fica feliz.  
Num domingo à tarde,  
Em Porto Alegre, de longe eu vi,  
Uma Roda de gente  
Cheguei mais para perto,  
Parei eu ouvi.  
Roda do Chafariz, Roda do Chafariz,  
O negro sua a camisa e fica feliz.  
Roda do Chafariz, Roda do Chafariz,  
O negro sua a camisa e fica feliz.”<sup>110</sup>*

Então prossegue, ao destacar que:

*E estar, como o Contramestre Jean, dedicando os seus domingos a ir ali, levar instrumentos, tomar todos os cuidados que são necessários para fazer uma Roda de Capoeira, é, no mínimo, um olhar que a gente tem que ter de respeito a isso. Então, eu acho que todo esse esforço e todas aquelas pessoas que ali vão assistir à Roda de Capoeira legitimam para que a Roda de Capoeira do Chafariz seja um Patrimônio da cidade.<sup>111</sup>*

Ao se referir à dedicação do Contramestre Jean Sarará com a realização e organização da Roda do Chafariz, “[...] tomando todos os cuidados que são necessários para fazer uma Roda de Capoeira [...]”, reafirma que a Roda já faz parte do patrimônio cultural de Porto Alegre, tendo em vista todo o esforço para que a Roda se operacionalize em cada domingo, bem como das pessoas que se dirigem ao Chafariz na perspectiva de assisti-la e, assim, legitimá-la. Para concluir, Mestre Plínio comunica que:

*A Capoeira precisa ser feita na rua. A gente precisa voltar a fazer Roda de rua. Não agora neste momento que a gente está vivendo<sup>112</sup>, mas no futuro.*

<sup>110</sup> Música para a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção feita pelo Mestre Moa do Katendê. Letra obtida com: DORNELES, Jean. Música de Mestre Moa do Katendê em homenagem à Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção. Letra enviada através de áudio via *whatsapp*, em 14 nov 2021.

<sup>111</sup> SANTOS, Plínio C. F. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 30 ago 2021. Arquivo .opus (duração de 12 minutos e 17 segundos).

<sup>112</sup> Entrevista realizada durante a pandemia do covid-19 (cumprindo todos os protocolos sanitários).

*Fazer Rodas de Capoeira com várias bandeiras e a gente procurar se entender dentro do jogo, sabendo o que é da Capoeira e o que não é da Capoeira. Manter esse Patrimônio, esse bem, que a gente por herança e privilégio de ter nascido neste país recebeu, ainda que por um motivo muito duro, que foi a escravização do povo preto. A gente, como moradores desta terra, neste Brasil, tem uma ferramenta maravilhosa, um brinquedo, uma diversão, algo profundamente espiritual, que a gente não sabe dizer o tanto que ela é. Como uma herança que a gente recebeu. Em qualquer espaço em que a Capoeira é levada com seriedade, é transmitida com seriedade, é uma Capoeira que se busca, ali tem verdade. Ela é algo que melhora as pessoas. Então, queria acrescentar, mais uma vez, que a Roda do Chafariz é um palco importante para essa juventude, para esses mais velhos, para os capoeiristas, entre homens e mulheres, que ali vão deixando sua contribuição a cada domingo<sup>113</sup>*

Ele finaliza ao dizer que “[...] a Capoeira precisa ser feita na rua [...]”, com entendimento dentro do jogo, distinguindo-se o que é ou não da Capoeira. Ao reafirmar que a Capoeira é um Patrimônio, salientando sua origem em momento muito duro, advinda, por herança, da escravização do povo preto, ele enfatiza alguns significados dessa manifestação cultural libertadora, ao mencioná-la como “[...] uma ferramenta maravilhosa, um brinquedo, uma diversão, algo profundamente espiritual, que a gente não sabe dizer o tanto que ela é [...]”. Concluindo, após relatar que “[...] a Capoeira melhora as pessoas [...]”, menciona, mais uma vez, a relevância da Roda do Chafariz como sendo “[...] um palco importante para essa juventude, para esses mais velhos, para os capoeiristas, entre homens e mulheres, que ali vão deixando sua contribuição a cada domingo [...]”..

Em agradecimento à sua contribuição, ilustro, na figura 10 – Roda do Chafariz – Mestre Plínio, momento em que ele joga com o Treinel Roger, no dia da comemoração dos 15 anos da Roda, ocorrida em 29 de abril de 2018:

---

<sup>113</sup> SANTOS, Plínio C. F. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 30 ago 2021. Arquivo .opus (duração de 12 minutos e 17 segundos).

**Figura 10**  
**Mestre Plínio - Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2018)

Então, sigo o meu agradável e emocionante percurso investigativo, ao conversar com o terceiro entrevistado, Mestre Gato Góes. Capoeirista há 58 anos, Sinésio Souza Góes atua em memória do legado deixado pelo Mestre Gato, José Gabriel Góes, seu pai. Tem como referência seu bisavô, avô do seu pai, e suas bisavós, e participa da Roda do Chafariz desde 2018:

*[...] eles não viram, não perceberam ou não tiveram a lucidez para perceber que não seria pura e simplesmente Roda, mas teria que ser Capoeira e suas Rodas. Que se renova e encontra outras culturas, que envolve outras culturas, mas ela continua sendo Capoeira, ela não continua sendo pura e simplesmente Roda. Como todas as outras manifestações que nós temos, a Capoeira tem todas as particularidades, por isso ela engloba Candomblé, Maculelê, Samba de Roda, etc. De geração a geração, a Capoeira está aí presente. Como? A Roda é um meio de fortalecimento e prova de existência que inclui empoderamento, políticas públicas, etc. É uma síntese desse Patrimônio imaterial que ainda não é reconhecido com Patrimônio imaterial: Capoeira e não Roda de Capoeira. [...] O cara pode fazer qualquer tipo de Roda e colocar o nome de Capoeira. [...] A gente não está aqui somente para responder. A gente está aqui também para questionar. [...] A Roda do Chafariz é um ponto de referência para a Capoeira no Rio Grande do Sul, não só em Porto Alegre, porque ela é única em seus anseios.<sup>114</sup>*

<sup>114</sup> GÓES, Sinésio S. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, com a presença do Contramestre Jean Sarará. Porto Alegre, 11 out 2021. Arquivo .opus (duração de 58 minutos e 02 segundos).

Ele destaca, preliminarmente, que o patrimônio reconhecido e registrado deveria incluir a Capoeira e suas Rodas, não somente as Rodas, que constituem parte da Capoeira. Afirma que a Capoeira se conecta a outras culturas em um movimento que a renova, mas ela não perde sua essência enquanto Capoeira, não se constituindo, por conseguinte, “[...] em pura e simplesmente Roda”. Relembra que a Capoeira “[...] engloba Candomblé, Maculelê, Samba de Roda [...]”, e explica que a Capoeira se mantém à passagem de muitas gerações, uma vez que “[...] A Roda é um meio de fortalecimento e prova de existência [...]” dela.

Prossegue ao salientar que as Rodas de Capoeira incluem empoderamento e políticas públicas, bem como que é a Capoeira quem deve ser reconhecida como patrimônio imaterial, pois se poderia, por exemplo, alguém fazer uma roda sem fundamento algum e inserir o nome de Capoeira, para que fosse considerada patrimônio. A partir de sua fala, não se pode considerar qualquer Roda de Capoeira como patrimônio, porque tem que ser efetivamente uma Roda de Capoeira, que siga os fundamentos da Capoeira, a qual sim, *por aclamação*, deveria ser considerada patrimônio imaterial há muito tempo. Nesse contexto, o Mestre destaca que a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, essa sim, é referência do estado do Rio Grande do Sul, não somente de Porto Alegre, pois se sobressai como “[...] única em seus anseios”.

Passa, então, a rememorar suas lembranças em torno de momentos que considera marcantes na Roda do Chafariz:

*[...] A primeira ação que me marca na Roda foi eu ter participado pela primeiríssima vez junto a ícones da Capoeira Angola tradicional, como Mestre Jogo de Dentro, Mestre Elma, Mestre Kunta Kintê e Mestre Plínio. Mas o que mais marcou foi começar a obter o entendimento da profundidade do trabalho dele e da sinceridade dele no trabalho [referindo-se ao Contramestre Jean Sarará], sinceridade não somente comigo, com todos que estavam e principalmente com a Capoeira. Essa é a principal memória, porque sempre dizem assim: a primeira impressão é a que fica, mas não, porque, às vezes, a gente erra – é simplesmente um provérbio. Eu não me impressionei: eu entrei para aquele universo da realidade e com quem ele [CM Jean Sarará] lidava, além de estar lidando com seus alunos, com seu pessoal aqui, com quem ele lidava [...]. Ele [CM Jean Sarará] tem o poder do comando, ele não é o mandão, mas tem o poder do comando, quer seja dentro ou extra-Roda, porque tem que ter o poder do comando, porque quem comanda é a Capoeira e ela é exigente, seja com ele - seu parceiro, seja com ela - sua parceira, seja também com um inimigo [...].<sup>115</sup>*

---

<sup>115</sup> Idem.

A primeira lembrança que lhe surge é a da Roda comemorativa dos 15 anos como uma memória marcante. Enfatiza, ainda, a contribuição do trabalho e a sinceridade com que o Contramestre Jean Sarará se dedica na relação com os Mestres e com a Capoeira, ao destacar que “[...] ele tem o poder do comando dentro ou extra-Roda [...]”, o que não é sinônimo de ser autoritário, “[...] porque tem que ter o poder do comando, uma vez que quem comanda é a Capoeira e ela é exigente [...]”. A seguir, ele assim se manifesta em relação à importância da Roda:

*Na minha ótica, a importância número um responde por todas as outras: a hombridade de quem dirige ela é o mais importante de tudo. A hombridade dele [referindo-se ao CM Jean Sarará] – ele que dirige. As outras eu me jogo lá dentro, porque tem uma condução.<sup>116</sup>*

Ele salienta que a relevância da Roda decorre “[...] da hombridade de quem dirige [...]”, ou seja, Contramestre Jean Sarará. Para ele, a firmeza com que Jean a conduz é elemento significativo primordial que resulta em nas outras importâncias da Roda do Chafariz. Em seguida, ele se refere às condições em que ela pode incentivar o empoderamento:

*Em todos os contextos, principalmente na manutenção da tradicionalidade da prática da Capoeira, em linhas gerais. Dessa Capoeira que Jean tem uma história, que ele contanto a história dele tem gente que chora, porque o espírito dele fez ele abrir um arco-íris, sair de uma extremidade a outra, passando todas as cores. Quando ele chegou do outro lado, já tinha passado por uma transformação. Até aí a gente já fala um pouquinho do que é essa pessoa que está dirigindo esta Roda. É hiper importante. Todos esses itens que estão aí na pergunta estão sendo praticados de maneira surreal, porque tem gente que não está percebendo.[...] Mas ele [CM Jean Sarará] está mantendo o caminhar, na linha que o espírito dele sentiu a ele. Quando ele põe a cabeça no travesseiro depois da Roda, ele dorme feliz, sabe por quê? Ele realizou esse intento que ele tem em mente o tempo inteiro. Aí começa o sabor disso, o saborear isso, o valor disso, quem acompanha ele nisso, os que chegam, participam disso, embora partam imediatamente, mas ele sabe que um momento ou outro vai voltar. É que ali está um núcleo de abraçar, de aperto de mão franco. Acontecem altos e baixos, mas não é culpa dele. São os espíritos que chegam desequilibrados, mas encontram equilíbrio nele. Segura a onda. Essa é a verdade. Então, você está empoderando. É legal para a ressocialização. Tudo isso acontece, não somente durante a Roda, quanto dentro do ciclo de trabalho dele, no dia a dia, no cotidiano, com os alunos, com os frequentadores, com as pessoas que chegam para assistir, com os que passam. Ou seja, essa Roda, eu tenho que me antecipar, é Roda exemplo de Capoeira. Eu tenho a Roda do Chafariz como Roda exemplo, porque é uma Roda exemplar. [...] Ali não é nada de sopro que o vento leva. Ali já é fico. No domingo que não houver a Roda, tarde de sol, vão perguntar para o Contramestre Jean o que aconteceu. Sabe que, chegando ali, vai estar bem e vai ser bem recebido.<sup>117</sup>*

---

<sup>116</sup> Idem.

<sup>117</sup> Idem.

No tocante ao empoderamento que a Roda permite aos seus participantes, realça que, nas esferas individual e coletiva, ele ocorre em todos os momentos de sua realização, principalmente no que se refere à “[...] *manutenção da tradicionalidade da prática da Capoeira* [...]”. Complementando, ele frisa o papel do Contramestre Jean Sarará, que, ao conduzir e manter a roda de maneira firme, contribui com a sua autoridade para incentivar a emancipação e afirmação coletiva e individual dos participantes. Ao mencionar a ressocialização promovida pela Roda, salienta que ela ocorre não somente durante sua realização, mas também, referindo-se ao Jean, no dia-a-dia de vivência de seu trabalho com a Capoeira, dentro e fora da Roda. Nesse contexto, ele referencia a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção como *Roda exemplo de Capoeira*, um lugar de promoção da autonomia, de emancipação e de promoção de capacidades individuais.

Mestre Góes ressalta o estranhamento das pessoas quando eventualmente a Roda não ocorre num domingo, porque reconhecem que quem chega até ela “[...] vai estar bem e vai ser bem recebido [...]”. E, ao ser indagado se a Roda pode ser considerada Patrimônio Cultural de Porto Alegre, ele reflete que:

Ela não é considerada. O Patrimônio é que considera ela. O Patrimônio é a Capoeira. Poderia ela não ter esse elã, esse brilho todo, essa força toda, mas não deixaria de ser Patrimônio. O Patrimônio Capoeira é que agradece para ele [CM Jean Sarará]. O porquê agradece: porque ele segue a linha tênue, galgando passo-a-passo, sem perder o equilíbrio. Essa é a linha tênue. Ele dirigindo esse trabalho, comandando, que não é aquele comandante que diz “eu dou as ordens e você executa”. Não, eu vejo o que você faz e depois a gente fala o que você fez. Esse é o comandante.<sup>118</sup>

Assim, para ele, o patrimônio Capoeira é que considera a Roda do Chafariz como um bem patrimonial também, em conectividade com sua origem, nunca alheia a ela. Então prossegue ao reforçar a importância da figura do Contramestre Jean Sarará enquanto fio condutor na manutenção da Roda do Chafariz, ao mencionar que “[...] *ele segue a linha tênue, galgando passo-a-passo, sem perder o equilíbrio* [...]”. E assim prossegue:

*A primeira coisa a acrescentar é que eu participei de uma Roda do Chafariz com ele [CM Jean Sarará] ontem e estou com saudade hoje. Eu, se pudesse, hoje nós faríamos outra Roda, em qualquer outro lugar, mas seria com o nome da Roda do Chafariz. [...]. O que eu percebo aqui, partindo dele [CM Jean Sarará] até chegar na Roda, é um caminho brilhante, que vai e sai no brilho e volta resplandecente. Ele é o anjo da guarda que está ali na*

---

<sup>118</sup> Idem.

*Roda, ele está vendo as ações e reações de todo mundo – quem passa, quem chega, quem chega e briga, quem chega e não briga e fica somente prestando atenção. Ele está percebendo tudo isso [...].<sup>119</sup>*

Quase ao final da entrevista, ele acrescenta que participou de uma Roda no dia anterior, 10 de outubro de 2021, momento registrado na figura 11. Continuando, menciona que aceitaria participar, junto a Jean Sarará, de alguma roda em qualquer outro lugar da região, desde que fosse com nome de Roda do Chafariz. Isso demonstra o reconhecimento que ele atribui à Roda, bem como ao seu líder, Contramestre Jean Sarará, quem descreve como “[...] um anjo da guarda que está ali na Roda [...]”, pois ele consiste na referência da Roda do Chafariz que “[...] está vendo as ações e reações de todo mundo [...]”.

Em agradecimento ao Mestre pelos ensinamentos, insiro a figura 11, na qual se visualiza Mestre Gato Góes no centro; à esquerda, o Contramestre Jean Sarará; e à direita o Treinel Roger. Trata-se de um momento registrado em outubro de 2022, num domingo especial de Roda do Chafariz.

**Figura 11**  
**Mestre Gato Góes – Roda do Chafariz**



Fonte: Arquivo da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul (2022)

---

<sup>119</sup>Idem.

Mestre Raimundo Dias, Salvador, BA, da Associação Cultural de Capoeira Globo Brasil, é o próximo entrevistado. Formado pelo Mestre Bobó em 1990, a quem tem como referência, ele também cita Mestre Pelé da Bomba como inspiração. Ao afirmar que na musicalidade se referencia, ainda, pelo Mestre Paulo dos Anjos, Raimundo Dias faz suas considerações iniciais:

*A grande referência dessa Roda é o Contramestre Jean Sarará, acompanhado pelo Mestre Kunta. Eu frequento há 14 anos. Uma Roda que deixa sempre muita recordação e saudade. Pena que eu não possa estar aqui direto, porque sou de Salvador. Não há condições de estar todos os domingos aqui, mas as vezes que eu venho para a Roda do Chafariz eu saio cheio de energia. É muito boa essa Roda.<sup>120</sup>*

Ressalta o Contramestre Jean Sarará como grande referência da Roda do Chafariz, sob a supervisão do Mestre Kunta Kintê. Continua, ao relatar que frequenta o espaço há 14 anos e que lamenta não poder se fazer presente em todos os domingos, uma vez que é de Salvador/BA. Ao caracterizar a Roda como muito boa, o Mestre destaca que, nas vezes em que pode participar da Roda, saiu “[...] cheio de energia”. E prossegue:

*É complicado falar da história da Roda. Cada domingo tem sua história. Todos os domingos têm uma história diferente. Quando falo em histórias diferentes, são histórias boas. Todo mundo que vai naquela Roda no Chafariz da Redenção volta com grande aprendizado. A gente fala que é uma Roda, mas ali talvez seja uma escola da vida, da nossa cultura. Eu agradeço muito por ter sempre participado dessa Roda tão rica aqui no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Eu nunca imaginava na minha caminhada chegar no sul do nosso país e encontrar uma Roda com tanta energia, com tanto conhecimento, tanta essência. Isso nos fortalece muito. Sabemos que nossa Capoeira está enraizada nem só no Brasil, mas em todo o mundo.<sup>121</sup>*

Mestre Raimundo Dias afirma que a Roda do Chafariz tem muitas boas histórias que possibilitam aprendizagem a quem participa, pois ela se configura como “[...] uma escola da vida, da nossa cultura”. Ao informar que a Capoeira está enraizada não só no Brasil, mas também no mundo, ele reforça a Roda como destaque no sul do Brasil, qualificando-a como muito rica, cheia de energia, essência e conhecimento. Em seguida, rememora um dia que o marcou:

*Para mim uma das principais foi a formatura do Contramestre Jean, de professor a Contramestre. Foi uma grande emoção, um grande merecimento do Contramestre Jean. Quando eu chamo de Contramestre, é melhor chamar ele de um zelador da Capoeira. Ele cuida da Capoeira, da*

<sup>120</sup> DIAS, Raimundo. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 18 nov 2022. Arquivo .opus (duração de 12 minutos e 07 segundos).

<sup>121</sup> Idem.

*cultura. Ele espalha cultura e vai buscar. Então, para mim, o dia mais importante foi o dia da formatura do Contramestre Jean.*<sup>122</sup>

Ele lembra como o dia mais importante que presenciou nos domingos no Chafariz, a Roda que comemorou a formatura de Jean Sarará a Contramestre (figura 17). Ao tecer vários elogios a ele, Raimundo Dias reforça a emoção e o merecimento desse momento, pois Jean é um “[...] zelador da Capoeira”, que cuida dela e da cultura. E prossegue, ao salientar a importância do espaço de vadiação no Parque:

*Essa Roda do Chafariz tem uma grande importância. Tem um significado muito grande e rico em divulgação da cultura, da Capoeira, de tudo. Eu tenho certeza que essa Roda não vai ficar, mas vai estar na memória de cada um que passa ali, seja capoeirista ou simpaticante da Capoeira. Até pessoas que vêm de longe sempre vão levar o sabor de quero mais dessa Roda. É uma grande Roda, uma grande formação, principalmente para o estado do Rio Grande do Sul. Ela divulga muito bem a nossa Capoeira.*<sup>123</sup>

Ao citar a relevância da Roda do Chafariz, enfatiza que ela tem rico e grande significado na divulgação da Capoeira e da cultura. Ao frisar que ela permanece na memória de todos e todas que a frequentam, inclusive pessoas que vêm de fora, os quais levam “[...] o sabor de quero mais dessa Roda”, exalta que esse espaço se configura como local de formação, em especial para o RS. E assim continua sua explicação:

*Essa Roda do Chafariz ela vem completa. Tem uma frase que Mestre Pastinha falava: a Capoeira é tudo que a boca come. Essa frase do Mestre Pastinha nós usamos muito nas Rodas de Capoeira. Esse momento que acontece a cada domingo na Roda do Chafariz é de muita importância para tudo. Em todos os momentos em que acontece, já está falando de todas as maneiras para aqueles que acreditam nessa situação que nós passamos. Nós passamos por essa situação de racismo. Através dali que a pessoa vai buscando e pegando consciência do que é o nosso país.*<sup>124</sup>

Ele comunica que a Roda do Chafariz é completa, sendo de muita importância para tudo. Traz, nessa esteira, o crime de racismo, existente no país, de que ele e as demais pessoas negras são vítimas, ao afirmar que a Roda é também um local que propicia conscientização da necessidade de enfrentar essa realidade, a fim de lutar pela superação do racismo na sociedade. Ele, então, finaliza a entrevista:

*A Roda de Capoeira do Chafariz do Parque da Redenção é muito importante. Ela é tão importante que as pessoas praticantes ou admiradores da Capoeira deixam de curtir o seu domingo na sua residência para ir curtir um pouquinho daquela Roda, daquela essência que a Roda deixa.*

---

<sup>122</sup> Idem.

<sup>123</sup> Idem.

<sup>124</sup> Idem.

*Principalmente nós capoeiristas, que é uma obrigação. Mas aqueles que não são capoeiristas nós recebemos lá com tanto prazer, porque eles estão ali nos prestigiando, olhando, admirando aquela arte, e, a partir dali, que eles sabem o valor que o nosso país tem, com nossa arte, nossa cultura, nossa luta genuinamente brasileira, a Capoeira. Quero deixar o muito obrigado àqueles que sempre estão frequentando, seja capoeiristas ou não. Sempre estar ali não deixa de ser uma resistência.<sup>125</sup>*

Mestre Raimundo Dias destaca novamente a importância da Roda do Chafariz, ao mencionar que as pessoas deixam de estar em suas residências para ir curtir a essência dessa manifestação afro-brasileira aos domingos. Ele ratifica que todos são muito bem acolhidos nesse espaço, o qual propicia o conhecimento do valor que nossa cultura, que a Capoeira. Ao concluir, o Mestre agradece a todos e todas que participam da Roda do Chafariz, pois “[...] estar ali não deixa de ser uma resistência”.

Para homenagear o grande Mestre Raimundo Dias e agradecer os vários momentos alegres e marcantes de vivência e convivência em estivemos juntos, os quais foram de enorme aprendizado para mim e, certamente, para todos e todas que junto a ele já estiveram, registro a figura 12. Na imagem, ele está jogando, à esquerda. Na foto, também aparecem o Professor Dante (com chapéu preto, no berimbau médio), o Contramestre Jean Sarará ao lado, no berimbau viola; e o Contramestre Africano (Grupo Dança do Matagal) no pandeiro.

**Figura 12**

**Mestre Raimundo Dias - Roda do Chafariz**



Fonte: Arquivo da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul (2015)

<sup>125</sup> Idem.

Ao continuar com a série de entrevistas, agora transcrevo os ensinamentos do Mestre Kunta Kintê, meu Mestre de Capoeira, da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. Julio Marques de Souza, capoeirista desde final de 1978/ início de 1979, na parte inicial da entrevista, menciona suas referências, entre elas salienta seu avô materno, que foi quem pela primeira vez lhe falou sobre a Capoeira:

*Tenho bastantes referências na Capoeira, no Rio Grande do Sul principalmente. Principalmente quem me falou em Capoeira e me proporcionou essa vontade de aprender Capoeira foi o meu avô materno. Quando eu tinha 6 anos, ele me falou sobre Capoeira. Nós éramos do interior, nascido no interior. Ele era Baiano, que veio com 16 anos de Salvador para o Rio Grande do Sul, para Rio Grande, pelo porto, e depois para Encruzilhada do Sul. E ele falava em Capoeira. A primeira vez que eu ouvi falar sobre Capoeira foi com ele. Eu perguntei: o que era a Capoeira? Ele disse que era coisa de escravo, era luta de escravo, mas era coisa proibida. E, em Encruzilhada do Sul, onde a gente nasceu e se criou, existia um apartheid muito grande, uma discriminação racial muito grande, existia baile de negro e baile de branco, era tudo separado mesmo. Era uma coisa explícita. Então eu sou negro, eu quero aprender coisa de negro. Ele disse que um dia que tu for para a cidade tu vai encontrar essa Capoeira, [porque] só ouvia os caras falar e jogar Capoeira lá em Salvador. Ele trabalhava com o pai dele e ia ao Mercado Modelo. Fiquei com aquilo na cabeça e, quando vim para Porto Alegre, eu procurei onde tinha Academias e fui no Ginásio Gigantinho. Vim morar no Partenon em 1977 e fui com um amigo meu no Gigantinho, ele treinava judô, e lá me deparei com o movimento de Capoeira, com Mestre Cal e o Mestre Churrasco. Deixei o judô de lado e me interessei pela Capoeira, que eu tinha ouvido meu avô falar. Mas eu não tinha como entrar para praticar Capoeira no Gigantinho, porque tinha que fazer uma inscrição, tinha que fazer carteirinha e na época era bem difícil, tinha que pagar uma taxa e eu não tinha essa condição. Eu ia lá, olhava e vinha para casa e repetia os movimentos que via eles fazerem. Isso foi até final de 1978, início de 1979, que aí o Mestre Índio já veio com movimento de Capoeira em Porto Alegre, foi onde eu comecei a ir onde ele estava fazendo o trabalho e ingressei na Capoeira. Então é isso, faz desde 1979 que eu pratico, estudo e aprendo Capoeira.<sup>126</sup>*

Ao informar que frequenta a Roda do Chafariz desde a terceira edição, comunica que mora em Torres, litoral do Rio Grande do Sul, Brasil, e por isso não consegue estar presente fisicamente em todas as Rodas. Sobre a questão introdutória de quanto tempo frequenta a Roda ele acrescenta:

*Como tem o Jean, que é um dos guardiões da Roda do Chafariz, um dos capoeiristas que iniciou e até hoje ele tem essa zeladoria da Roda do Chafariz, que é um coletivo de pessoas de diversos grupos de Capoeira que fortalecem essa Roda. O Jean é um deles, é meu aluno, então eu acompanho, quando não presencialmente, ele me manda material. Estou sempre interagindo com ele sobre a Roda do Chafariz. Então, posso dizer que acompanho com frequência, de uma maneira ou de outra, estou sempre*

<sup>126</sup> SOUZA, Julio Marques de. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Torres, 05 fev 2022. Arquivo .opus (duração de 14 minutos e 46 segundos).

*acompanhando a Roda do Chafariz.*<sup>127</sup>

Destaca que o Contramestre Jean Sarará é seu aluno e é quem até hoje zela pela Roda do Chafariz, assim como ressalta que está sempre acompanhando a Roda, mesmo que à distância, através de interações sobre ela com ele. Ao prosseguir, ele transmite o que sabe sobre o início dessa manifestação afro-brasileira no Parque da Redenção, que primeiro ocorreu no Fórum Social Mundial de 2003, após em frente ao Bar Escaler e, então, todos os domingos no Chafariz, em que estavam o Contramestre Jean Sarará e outros capoeiristas de diversos grupos:

*A Roda do Chafariz, pelo que sei, começou quando aconteceu o Fórum Social Mundial, se juntaram o Jean e mais outros capoeiristas de outros grupos. Começaram a todos os domingos a fazer Roda no Bar Escaler e depois passaram a fazer no Chafariz. Pelo que sei é assim que começou a Roda do Chafariz.*<sup>128</sup>

Ao falar sobre suas memórias mais marcantes, ele ressalta “[...] o poder de inclusão da cultura popular através da Capoeira”. Nesse sentido, lembra de uma Roda de inclusão que ocorreu no Chafariz, em que havia muitas crianças, entre elas várias com deficiências (figura 1, apresentada anteriormente), “[...] todas elas participaram e foram acolhidas, interagiram”:

*As Rodas todas elas foram muito interessantes e marcantes, porque eu vi o poder de inclusão da cultura popular através da Capoeira. E uma que me chamou mais atenção foi uma Roda de inclusão, em que foram bastantes crianças com necessidades especiais, e todas elas participaram e foram acolhidas, interagiram. Ali se marcou muito o poder de inclusão que a Capoeira tem. Todas as Rodas foram muito importantes, mas a que mais marcou foi essa Roda que aconteceu lá com as crianças portadoras de necessidades especiais.*<sup>129</sup>

Sobre a relevância da Roda do Chafariz, ele inicia frisando o próprio local onde ela acontece, o Parque da Redenção. Relembra assim que “[...] ali foi um reduto negro, por isso tem o nome de Redenção”, consolidando-se como um território negro, de expressões de territorialidades da cultura popular afro-brasileira:

*A importância da Roda do Chafariz tem um sentido histórico também. O Chafariz fica dentro da Redenção. Hoje em dia, na volta da Redenção, tem colônia judaica e de outras etnias, mas ali foi um reduto negro, por isso tem o nome de Redenção. É muito importante historicamente ali ser relacionado ao negro, à cultura popular. A Roda do Chafariz é um lugar com história*

---

<sup>127</sup> Idem.

<sup>128</sup> Idem.

<sup>129</sup> Idem.

*marcante sobre o negro também. É um lugar onde as pessoas podem se expressar, se incluir, através da Capoeira, se fortalecer, onde as pessoas encontram outros capoeiristas e outras pessoas e interagem. Não é só capoeiristas, pelo que sei, a Roda do Chafariz tem pessoas que não são capoeiristas e que vão ali só para presenciar a Roda de Capoeira do Chafariz, que levam seus filhos, sua filha, sua família, seu tio, seu pai, sua mãe, só para olhar a Roda de Capoeira que acontece todos os domingos no Chafariz. Então, tem uma importância muito grande social e cultural, para todo bairro, toda a comunidade da volta e de Porto Alegre mesmo, porque todo mundo sabe que existe aquela Roda que é um patrimônio Cultural. A importância está vinculada a todas essas situações.<sup>130</sup>*

Continua a destacar a importância da Roda, ao afirmar que é um ponto social e cultural de Porto Alegre, “[...] com história marcante sobre o negro também”, onde as pessoas, capoeiristas ou não, se encontram, se expressam e se fortalecem. E, ao seguir com suas colocações, acrescenta:

*A Roda do Chafariz é um momento coletivo. As que presenciei geralmente têm uma Roda de conversa, não é só o jogo da Capoeira em sim. Apesar de o jogo da Capoeira em si empoderar bastante a gente para o dia a dia (porque a gente tem o contato, o diálogo, com a outra pessoa, através dos movimentos), tem também o lado da Roda de conversa, onde as pessoas conversam sobre tudo que é coisa, como a desigualdade social, a discriminação, o racismo, o machismo, a homofobia. Tudo isso já vi ser abordado nas rodas de conversa depois da Roda de Capoeira do Chafariz. Então, é um lugar importantíssimo para abordar bastantes coisas que devem e têm que ser conversadas, debatidas e dialogadas entre a nossa espécie humana. Uma das importâncias da Roda do Chafariz é esse tipo de diálogo que acontece, para as pessoas conversarem e debaterem sobre esses tipos de repressão e opressão que acontecem socialmente.<sup>131</sup>*

Ressalta que na Roda do Chafariz também ocorrem, para além do jogo de Capoeira, conversas com temáticas diversas, como sobre o combate à desigualdade social, ao racismo, ao machismo, à lgbtfofia e a outras opressões e discriminações, assuntos que devem ser debatidos entre todos, para que possamos juntos/as/es lutar por um mundo justo, materialmente igual e sem opressões e preconceitos. Ao finalizar, assim se manifesta:

*Acrescentar um pedido a todos os capoeiristas e as pessoas que admiram e gostam da Capoeira, que não praticam a Capoeira, mas vão lá presenciar. Que continuem na luta, não desistam desse tipo de atividade: de ir lá, jogar ou olhar, participar. Que preservem a Roda e a Capoeira na sua essência. Estamos sofrendo um processo de deterioração muito grande, de discriminação, de isolamento. Temos uma dificuldade imensa dos governantes apoiarem e valorizarem esse tipo de movimento cultural. Peço que a gente, cada vez mais, se fortaleça de todas as maneiras, para continuarmos resistindo, através da Capoeira e da Roda do Chafariz, à repressão e à opressão que nos cerca.<sup>132</sup>*

---

<sup>130</sup> Idem.

<sup>131</sup> Idem.

<sup>132</sup> Idem.

Ao encerrar, Mestre Kunta Kintê faz um chamado aos capoeiristas e pessoas em geral que frequentam a Roda do Chafariz: “[...] continuem na luta, não desistam desse tipo de atividade: de ir lá, jogar ou olhar, participar [...] preservem a Roda e a Capoeira na sua essência”. E conclui com o alerta da necessidade de continuarmos nos fortalecendo e resistindo, através da Capoeira e da Roda do Chafariz, às opressões e repressões que vivenciamos em meio, também, ao descaso de governantes com os movimentos culturais como a Roda.

Em homenagem ao meu Mestre Kunta Kintê, com quem muito aprendo sempre, tanto sobre a Capoeira, como também a respeito de valores gerais para a vida cotidiana, apresento a figura 13. Foto retirada na Roda do Chafariz realizada em 01 de dezembro de 2019. Na imagem, à esquerda, Mestre Kunta Kintê e, ao lado, Mestre Churrasco, grande referência da Capoeira do Rio Grande do Sul.

**Figura 13**

**Mestre Kunta Kintê e Mestre Churrasco – Roda do Chafariz**



Fonte: Derivas, Alass (2019)<sup>133</sup>

Anselmo da Silva Accurso, professor da UNISINOS (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), Mestre Ratinho (ACCARA – Associação Cultural de Capoeira Angola Rabo de Arraia), formado pelo Mestre Moa do Katendê, sua grande referência, e também com o aval dos Mestres Cavaco, Zequinha e Gaúcho, é o próximo entrevistado. Ao informar que começou a Capoeira em 1974, na ACM (Associação

<sup>133</sup> Foto pode ser visualizada em: <<https://www.facebook.com/alassderivass>>. Consultado em: 27 jan 2023.

Cristão de Moços), com um Baiano chamado Vadinho e que, junto com ele, estava o Mestre Cal, os quais são suas inspirações iniciais, que lhe deram os primeiros passos, ele assim prossegue, ao tratar de Mestres importantes em sua trajetória:

*Quase todos capoeiristas que vieram aqui para o Rio Grande do Sul, para Porto Alegre, eu procurei conhecer, mas, sinceramente, muita decepção. Acho que o Rio Grande do Sul teve muito azar com os capoeiristas que vieram para cá, porque eram muito comerciais, muita arrogância, muita agressividade. Treinei com um e com outro e, no fim, larguei. Criei meu próprio grupo, o Filhos da Vivência, que existe até hoje, mas fui eu que criei. Por quê? Porque nós não tínhamos Mestre, éramos filhos da vivência. Aí fui a Salvador. Em 1979, eu já estava colocando as mochilas nas costas e fui a Salvador atrás da Capoeira. Nunca mais parei de ir a Salvador nos anos 1980. Até que pude conhecer o Mestre Miguel e, através dele, pude conhecer a nata da Capoeira Angola, a partir de Mestres João Pequeno, João Grande, Ananias, Lua Rasta, Canjiquinha, Waldemar. Conheci essa turma da antiga mesmo e seus discípulos. Muitos discípulos bons. Aí me grudei no João Pequeno, que se tornou até padrinho do nosso Grupo, Rabo de Arraia. Nesse caminho, em 1982, já estava conhecendo Mestre Moa do Katendê, mas ele com a dança, com o Afoxé, com a percussão. A gente nem sabia que ele era Capoeira Angola. Mais tarde que a gente foi saber que ele era capoeirista. Mas ele estava mais preocupado com a dança naquele momento. Ele se tornou meu amigo e sempre parando na minha casa, me ensinando. Depois conheci o Mestre dele, Mestre Bobó, que é outra grande referência. E do Bobó também conheci Mestre Lua de Bobó. E um cara que marcou muito é o Mestre Lua Rasta, com seus tambores, com sua dinâmica de educação popular, de cultura popular, ele é fora de série também. E outros Mestres, Felipe, de Santo Amaro, o Cláudio, do Rio de Janeiro, maravilhoso, grande capoeirista. E outros que começaram a surgir dentro desse caminho, que nem o Plínio, por exemplo. Conheci o Mestre Gato. Agora está aqui o filho dele, o Mestre Gato Góes. Olha, muitas referências, mas o Mestre Moa do Katendê ficou sendo aquele cara que estava direto conosco. E, então, chegou um momento que ele me formou como Mestre de Capoeira. Ele disse que eu já era, que estava pronto, que não tinha como eu recuar, que eu tinha que assumir responsabilidades perante a minha cidade, perante a Capoeira que acontecia aqui no Rio Grande do Sul, e que tinha que ter um Mestre aqui de referência para a Capoeira Angola. Eu tive que assumir essa responsabilidade. Nunca gostei muito de ser Mestre, mas entendo hoje que tem que ter responsabilidade mesmo. Tem que dizer as coisas. Hoje eu digo. Antes eu até evitava de falar muito. Mas hoje, se está errado, o Mestre tem que falar. Então, só tenho a agradecer a todas essas referências da Capoeira. É provável que eu tenha até esquecido alguém aqui, mas são esses Mestres da antiga, principalmente de Salvador, que me deram todo esse caminho para a Capoeira. E o Mestre Moa é o Mestre Moa. É o meu Mestre de Capoeira.<sup>134</sup>*

Ao destacar que começou a ir a Salvador em 1979, em busca da Capoeira Angola, Mestre Ratinho menciona que conheceu vários Mestres antigos, referências, como João Pequeno (que veio a se tornar padrinho do Grupo Rabo de Raia), João Grande, Ananias, Lua Rasta, Canjiquinha e Waldemar. Também cita os Mestres

<sup>134</sup> ACCURSO, Anselmo da Silva. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 08 out 2022. Arquivo .opus (duração de 27 minutos e 06 segundos).

Felipe, Cláudio, Gato, Gato Góes e Plínio, os quais igualmente conheceu e ressalta. Ao frisar que em 1982 conheceu o Mestre Moa do Katendê, pontua que a relação com ele, seu Mestre de Capoeira, foi de intensa amizade e aprendizagem e que foi formado Mestre por ele. Anselmo prossegue ao relatar que participa da Roda do Chafariz desde o início:

*Desde o início, porque, na verdade, eu já fazia Roda de Capoeira aqui na Redenção. Eu fazia Roda de Capoeira antes de 1979. Me encontrava aqui na Redenção com o Churrasco. Depois, quando eu entrei no grupo Cativoiro, com Mestre Miguel, foram 12 anos, nós fazíamos Roda, mas era aqui nos Arcos, no Movimento Expedicionário. E, quando começaram a fazer a Roda no Chafariz, que foi uma união de vários capoeiristas, onde hoje o Contramestre Jean é o guardião, ali estavam também meu aluno, Contramestre Márcio, o Tigre, o Dante, algumas gurias também, a Marta. Não dá para esquecer da Marta nesse processo todo. E outras gurias. Então, desde o início, eu participo da Roda do Chafariz. Eu gostei, porque eu estava parando de fazer as Rodas aqui na Redenção e eu estava fazendo mais as Rodas lá no Mercado Público, porque eu também acho outro lugar importante na cidade de Porto Alegre, como também é importante no Gasômetro. São pontos por onde passou a cultura Afro aqui no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. E que bom que teve alguém que assumiu essa Roda do Chafariz e aí dou meus parabéns ao Contramestre Jean, porque ele abraçou isso, a todo o seu grupo e a todos os capoeiristas que vêm colaborar também. Grandes Mestre vieram e passaram por aqui. Eu mesmo já trouxe vários Mestre nessa Roda, um deles o Mestre Felipe. A gente tem o maior carinho pelo Mestre Felipe, de Santo Amaro, também.<sup>135</sup>*

Ele manifesta que já fazia Roda desde antes de 1979 e encontrava o Mestre Churrasco. Ao seguir, Mestre Ratinho lembra que, entre os lugares que realizava Roda, era no Monumento Expedicionário. Ressalta, ainda, que a Roda do Chafariz teve início por meio da união de capoeiristas, entre os quais os Contramestres Jean Sarará e Márcio, os professores Dante e Tigre e a angoleira Marta. Salienta também Jean (Raízes do Sul) como o atual guardião da Roda e o parabeniza pela manutenção dessa manifestação afro-brasileira aos domingos, ao passo que estende os agradecimentos a todos da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul e todos e todas os/as capoeiristas que colaboram para a efetivação da Roda do Chafariz. Com efeito, ele frisa a participação de grandes Mestres nessa vadiação no Parque da Redenção, como Mestre Felipe, de Santo Amaro, um dos que oportunizou aos frequentadores vivenciar. Assim Mestre Ratinho continua suas colocações:

*A história da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, na verdade, representa uma continuação dos negros aqui na Redenção. A Redenção era um descampado aqui, fora da cidade. Quando os viajantes chegavam aqui*

---

<sup>135</sup> Idem.

*com suas boiadas, suas mercadorias e com seus escravizados, acampavam aqui. E muitos negros faziam batuque aqui, mas precisamente ali onde tem a escola do Instituto de Educação. E, do outro lado, foi construída a Capela do Bom Fim, e o padre da capela fazia uma romaria, uma procissão, com seus fiéis da igreja, mas batia de frente os batuques dos escravizados. Então, a história da Redenção é um palco de resistência e de confronto com a sociedade burguesa daqui de Porto Alegre. A Roda do Chafariz ela representa, na minha opinião, como outros manifestos que aqui acontecem, uma continuidade de resistência desse povo descendente de Africanos que vieram para cá. Então, que bom que a Roda do Chafariz continua. Ali está batendo toda uma ancestralidade lá do início da nossa cidade. A coisa aqui é séria. A coisa aqui não é Roda do Chafariz dos capoeiristas. É de uma história que vem de muito longe. O portão da cidade de Porto Alegre era do lado da Santa Casa. Isso aqui ficava fora da cidade. O Bom fim e toda a Cidade Baixa era moradia. Depois, quando veio a abolição, aí este lugar se chamou Redenção, porque aqui era um lugar em que eles poderiam ficar. E este Bom fim era moradia de quem? Dos negros, dos escravizados. Os primeiros moradores deste lugar não são os judeus que estão aí hoje – eram os ex-escravizados. Mas eles tinham que continuar trabalhando para o feitor para pagar a alforria deles. Já eram considerados livres, mas tinham que trabalhar para pagar a alforria. Então, na verdade, houve a abolição, mas a escravidão continuou, porque o próprio escravizado tinha que pagar o custo que o patrão teve ao comprar eles. Em toda esta Cidade Baixa também. Então, para mim, o que representa a Roda do Chafariz? Ela representa uma continuidade de resistência da cultura Afro na cidade de Porto Alegre.<sup>136</sup>*

Afirma, então, que a Roda do Chafariz “[...] representa uma continuação dos negros aqui na Redenção”, ao também ressaltar o Parque como “[...] um palco de resistência e de confronto com a sociedade burguesa daqui de Porto Alegre”. Em uma aula de história, o Mestre cita que o local e o entorno onde hoje se localiza a Redenção como espaço que carrega uma ancestralidade que remete ao início da capital gaúcha, que era moradia inicialmente de negras e negros, ex-escravizados, os quais , mesmo após a “alforria”, tinham dívidas cobradas por escravagistas. Destaca o atual Parque, antigamente descampado, Campos da Várzea e depois do Bom Fim, como espaço de expressão antiga de batuques de negras e negros, que eram rechaçados por padres da região, na tentativa de subjugar as manifestações da cultura Africana a suas crenças. Frisa, por conseguinte, que a “[...] Roda do Chafariz ela representa, na minha opinião, como outros manifestos que aqui acontecem, uma continuidade de resistência desse povo descendente de Africanos que vieram para cá [...]”, conformando-se como “[...] uma continuidade de resistência da cultura Afro na cidade de Porto Alegre”.

Mestre Ratinho, ao seguir com suas contribuições, menciona lembranças que o marcaram na Roda do Chafariz:

---

<sup>136</sup> Idem.

*Foram tantas. Nós tivemos muitas emoções aqui, mas a que mais bateu em mim foi quando ocorreu o assassinato do Mestre Moa do Katendê. A gente fez um Afoxé antes da Roda, cantando as músicas do Mestre Moa. Estava o Mestre Zequinha, o Mestre Lua de Bobó também, e todos nós aqui que nos afinamos na Angola no Rio Grande do Sul. Eu chorei muito. Nós estávamos inconformados com o que aconteceu com o Mestre Moa do Katendê. Eu cantei sempre chorando. Era muita emoção. Mestre Lua de Bobó entra na Roda e me abraça. A gente não sabia o que dizer. O Contramestre Márcio me traz uma pintura que ele fez do Mestre Moa do Katendê e levanta na Roda. Cara, foi demais aquilo. Cantamos bastante Afoxé e depois abrimos a Roda. Cantar as músicas do Mestre Moa da Capoeira foi uma coisa que eu falar hoje acabo me emocionando também. E eu joguei com um menino sensacional, o Andrios, que é aluno do Caçapa. Foi um jogo ancestral. Aquele menino carrega com ele uma ancestralidade fora de série. E, bem nesse dia, eu jogo com ele. Ele tinha 9 anos. Mas eu tive várias emoções na Roda. Nós tivemos várias emoções. Nós tivemos grandes Mestres ou só nós também. Fizemos muitas vezes bonito aqui. Os Afoxés junto com a Capoeira. Semana da Consciência Negra. Fizemos várias coisas lindas aqui. Outro trabalho que me emocionou muito foi o do Jean, quando ele trouxe a turma com Síndrome de Down, e eles cantaram um monte com a gente, jogaram. Foi uma energia do cão. Mas a que mais marcou mesmo, quando o Mestre Moa foi assassinado e agente homenageou ele, e invocar isso aqui na Redenção, que sempre foi um palco do Mestre Moa. Então, o que mais me emocionou foi isso.<sup>137</sup>*

Como destaque, Mestre Ratinho recorda a homenagem ao Mestre Moa do Katendê, assassinato covardemente. No domingo que rememora, menciona a realização do Afoxé e após da Roda no Chafariz da Redenção. Dia que lembra com muita emoção e destaca como marcante do local que “[...] foi palco do Mestre Moa”. Sobre essa data, Anselmo pontua a presença forte de angoleiros e angoleiras e realça a presença de Mestre Lua de Bobó, em um momento de muita comoção, de luto e luta, em memória ao grande Mestre Moa do Katendê. Ao prosseguir, Ratinho cita que já houve muitos momentos relevantes na Roda do Chafariz, como os em que ocorreu Afoxé antes e aponta mais um, em que houve a presença forte de pessoas com deficiências, convidadas pelo Contramestre Jean Sarará. Ao corroborar que a homenagem ao Mestre Moa do Katendê é a vivência que mais resplandece em sua memória, ele assim dá continuidade à entrevista:

*Eu falei da continuidade da resistência do povo negro da nossa cidade. Mas também é uma inspiração para entender a cultura afro-brasileira e possíveis lutas de resistências para o futuro. Tenho certeza que é uma Roda que se torna uma referência da Capoeira Angola de Porto Alegre. Ela é uma referência. As pessoas que vêm de outras cidades para cá procurar a Capoeira vêm aqui para a Roda do Chafariz, porque sabem que, ou alguém comunicou, ou foi mencionado, que lá estão os angoleiros. Então, é uma referência da Capoeira do Rio Grande do Sul hoje. E ela simboliza inspiração para novas resistências. E isso é muito importante. Falei que ela*

---

<sup>137</sup> Idem.

*é continuidade de resistências do passado e atualmente ela inspira novas resistências para um futuro que está aí bem perto de nós. Então, o que tem que acontecer é continuar fazendo a Roda, preservar o máximo que puder e manter as tradições que os Mestres passaram para nós. Então, ela passa a ser um canal secular, juntando várias gerações. Que dê continuidade para luta de resistência do nosso povo.<sup>138</sup>*

Sobre a relevância da Roda do Chafariz, que já realçou como “[...] continuidade da resistência do povo negro da nossa cidade”, ele acrescenta. Salienta que ela se configura como “[...] inspiração para entender a cultura afro-brasileira e possíveis lutas de resistências para o futuro”, ao caracterizar o espaço atualmente como referência da Capoeira Angola de Porto Alegre e do estado do Rio Grande do Sul. Ainda, o Mestre, ao considerar o local como propulsor de inspiração para lutas futuras, ancoradas nas resistências passadas, destaca que pessoas de outras cidades, que se deslocam para Porto Alegre à procura de Capoeira, sabem, de diversas formas, que existe a Roda do Chafariz aos domingos. Complementa ao desejar que ela tenha continuidade, enfatizando a importância da preservação da tradição repassada pelos Mestres mais antigos nesse território que “[...] passa a ser um canal secular, juntando várias gerações” e impulsiona a “[...] continuidade para luta de resistência do nosso povo”. Ao continuar, ele assim dá prosseguimento à sua manifestação, no que se refere aos aspectos da inclusão social e da valorização da cultura popular:

*A cultura popular por si só ela é comunitária e, sendo comunitária, ela é inclusiva. Mas tem que entender também esse processo. Ali joga capoeiristas de qualquer classe social. Ali na Roda de Capoeira não interessa se tu está com uma roupa de marca ou com uma roupa simples, suja do trabalho. Não interessa a cor dos teus olhos. Não interessa nada. Interessa se tu sabe ou não sabe. Se tu sabe, tu vai tocar; se não sabe, fica ali para aprender. Se tu sabe jogar, tu joga; se não sabe, vai jogar um pouquinho, dentro daquilo que tu vai poder fazer, e estar presente, aprendendo juntos aos mais velhos. Na cultura popular, desde os mais novos aos mais velhos, todos são importantes e todos têm o seu lugar ali. É importante a gente receber as crianças, os mais velhos, os jovens, os adultos, todos estamos juntos. Não é que nem esta sociedade biruta em que a gente vive, onde velho vai para asilo, criança para projeto social, os jovens vão para um lado, os adultos para outro, em que é tudo dividido. Na cultura popular, não tem nada de divisão. Tu vai para uma terreira e está todo mundo junto. Tu vai para o samba e está todo mundo junto. Tu vai para o Afóxé, pro Maracatu, está todo mundo junto. E cada um sabe do seu lugar e cada um aprende um com o outro. A Roda do Chafariz não é diferente. Existe uma hierarquia do conhecimento, normal. E há um respeito, em função da hierarquia do conhecimento, e, ao mesmo tempo, uma humildade de respeito. O novo tem que ser respeitado, porque ele vai ser a continuidade da tradição. Então, não é diferente a Roda do Chafariz, como não é diferente dentro de uma terreira, de espaços quilombolas, aldeias*

---

<sup>138</sup> Idem.

*indígenas. É mais um território de resistência comunitária.*<sup>139</sup>

Ao realçar que a cultura popular, por ser essencialmente comunitária, é inclusiva, Anselmo relata que, na Roda do Chafariz, qualquer capoeirista pode jogar, independente da sua classe social, do seu fenótipo, de suas vestes. O Mestre frisa que importa o que você sabe de Capoeira e, nessa esteira, cada um participa na medida das suas possibilidades, aprendendo com os mais antigos. Ele destaca que, na cultura popular, todos têm espaço e atuam juntos, sejam crianças, idosos, adultos ou adolescentes. Afirma, então, que a Roda segue a mesma linha, assim como ocorre nas Terreiras, no Afoxé e em outros locais e outras manifestações culturais. Complementa ao mencionar que há, nos domingos no Chafariz, uma hierarquia do conhecimento, saudável e normal, e menciona a importância dos novos serem bem recebidos, como ocorre, pois são a continuidade da tradição. Referencia o espaço como “[...] um território de resistência comunitária” e, para finalizar, aborta o direito ao ócio na perspectiva da Capoeira:

*Ligando o passado com o presente, a cultura popular de resistência afro ela foi desenvolvida na folga. Quando tinha folga, eles podiam formar uma roda de samba, de batuque, de Capoeira. Às vezes, não tinham instrumentos, era tudo na palma da mão, isso no tempo colonial, da escravidão. E depois foram melhorando, colocando instrumentos. E nem sempre se podia fazer a brincadeira, que se tornou vadição. Vadição vem de vadio. Não tem nada para fazer? Fica lá, vadiando. Mas é a hora da folga. Hoje se discute a hora da folga no mundo todo, o direito ao ócio. O que tu faz com teu tempo livre? Vai ser um consumidor da sociedade, vai a shopping? Vai gastar dinheiro? E, se não tem dinheiro para gastar, é um infeliz? O que tu pode fazer com teu tempo livre? Tu pode fazer com teu tempo livre ações para tua liberdade, ações para o teu crescimento. Então, quando tem a Roda do Chafariz, no domingo, que é o tempo do ócio, é o tempo da vadição. É vadiar. E é ali que tu vais buscar, na Roda do Chafariz, inspiração de momentos de liberdade, coisas que são raras dentro da sociedade. Então, têm momentos de liberdade na Roda de Capoeira, aos domingos. Mas esses momentos de sentimentos de liberdade, onde tu pode cantar, se manifestar, o teu corpo pode dialogar, ligando espiritualidade, tudo isso. Cara, é um exercício enorme na construção da liberdade. Tenho que falar isso. A Roda do Chafariz ela é mais um espaço onde ocorre um processo de liberdade, um sentimento de liberdade, ou uma chama de liberdade. A gente passa a semana toda trabalhando, quando vê já é sexta-feira, sábado. Meus Deus, tá passando o tempo voando. Quando é que tu teve um tempo para parar, para cantar, para ver os amigos, trocar uma ideia? A Roda do Chafariz propicia isso. Ela é um ócio libertador. Ela é nosso espaço para vadiar. A Roda de Capoeira do Chafariz é um espaço para vadiar e buscar um sentimento de liberdade.*<sup>140</sup>

Mestre Ratinho fala que a cultura popular de matriz africana foi constituída nos momentos de folga, quando praticavam a Capoeira, o batuque, a roda de samba.

<sup>139</sup> Idem.

<sup>140</sup> Idem.

Ao continuar, cita o direito ao ócio, ao tempo livre, oportunidade que se tem para optar a ir a uma manifestação cultural ou a um shopping consumir, por exemplo. Menciona que vadiação vem de vadio, de vadiar no tempo livre, e sugere que se “[...] pode fazer com teu tempo livre ações para tua liberdade, ações para o teu crescimento pessoas podem”. Opina que a Roda do Chafariz ocorre no tempo de ócio, de vadiação, no domingo – tema que aborda em um artigo que escreveu (ACCURSO, 2018), relacionando a Roda ao tempo do ócio. Complementa ao afirmar que a Roda do Chafariz propicia “[...] momentos de sentimentos de liberdade, onde tu pode cantar, se manifestar, o teu corpo pode dialogar, ligando espiritualidade. Mestre Ratinho encerra a entrevista definindo a Roda como “[...] um ócio libertador”, local para “[...] vadiar e buscar um sentimento de liberdade”.

Para agradecer Mestre Ratinho pela entrevista e pelas vivências já compartilhadas, momentos de muitos aprendizados para mim, destaco a figura 14. A imagem é da Roda que o Mestre ressaltou como a mais marcante das vadiações aos domingos no Chafariz – dia em que se fez uma grande homenagem em memória ao Mestre Moa do Katendê. Na foto, Ratinho está ao pé do berimbau, à direita. Também ao pé do berimbau, Mestre Baptista; no berimbau Gunga, à direita, Mestre Lua de Bobó; no berimbau médio, Mestre Zequinha; no berimbau viola, Contramestre Jean Sarará; ao lado, no pandeiro, Mestre Sorriso (Capoeira Angola Areia Sul); no outro pandeiro, à esquerda, Ize; no agogô, Treinel Flora.

**Figura 14**  
**Mestre Ratinho - Roda do Chafariz**



Fonte: Accurso, Anselmo (2018)<sup>141</sup>

---

<sup>141</sup> Disponível em:

João Baptista de Godoy Neto é quem ouço neste momento. Mestre Baptista, do grupo MOCAMBO, ministra aula de Capoeira desde 1982, só no Ginásio Tesourinha, localizado em Porto Alegre, há 28 anos. Ao informar que tem como referência Mestre Barba Branca (presente!!), ele acrescenta:

*Minha referência é o Mestre Barba Branca. Eu trago várias referências, posso dizer assim. Eu tenho muita referência também na Capoeira do Rio de Janeiro. Aliás, eu digo que a nossa Capoeira do Rio Grande do Sul tem muita influência da Capoeira do Rio de Janeiro. Mas fui buscar a Capoeira de Salvador por me identificar com a Capoeira Angola. O principal, que me fez me identificar com a Capoeira Angola, foi a linha do João Pequeno. Eu estava para me graduar Contramestre naquele ano e conheci o espaço onde Mestre João Pequeno dá aula. Era um evento que ele estava fazendo e me apaixonei pelo que eu vi. Eu quero essa Capoeira para mim. Sempre pensei em Capoeira Angola, mas nunca tinha vivenciado esse ambiente do angoleiro mesmo. Cheguei lá era tudo angoleiro. Mas levei um tempão para seguir só a Capoeira Angola. Em 1989, que saí do grupo que eu tinha como referência, que era o Muzenza, Mestre Burguês. Bem no comecinho tive como referência o Mestre Cerqueira, um dos meus primeiros Mestres. O Mestre Monsueto, que também traz a referência do Rio de Janeiro, aluno do Zé Maria, que foi aluno do Osvaldo Lisboa dos Santos, Mestre Paraná, que vem de Salvador, mas para o Rio de Janeiro, e, na década de 1940,41, ele formou lá o grupo São Bento Pequeno. De lá tem vários, inclusive Mestre Mintirinha, Luiz Américo da Silva, que é irmão do Paulo Américo da Silva, que é quem vai formar o grupo Muzenza. E o Burguês desce em 1976 do Rio de Janeiro para Curitiba e, em 1978, Paulinho, que estava em Curitiba, desce para Porto Alegre. E aí a gente tem essa influência do Paulinho aqui, que vem com essa Capoeira do Rio de Janeiro, que já vem também misturada com a de Salvador, na sua raiz. Enfim, outros Mestres do Rio de Janeiro também eu passei. Mas, lá em Salvador, eu encontrei a Capoeira Angola e pedi ao Mestre Barba Branca, isso já em 1998, para ele apadrinhar o grupo. Ele perguntou se queria que ele ministrasse curso. Eu disse: não quero curso de Capoeira, eu quero aprender a sua Capoeira. Então ele disse: nós vamos ter que mudar algumas coisas. Beleza, vamos mudar. De lá para cá, o grupo segue a linhagem que ele passou para nós.<sup>142</sup>*

Ao salientar que também tem influência da Capoeira do Rio de Janeiro, Mestre Baptista ressalta que foi atrás da Capoeira Angola em Salvador, quando, em visita ao Mestre João Pequeno, consolidou sua paixão por ela, o que resultou em sua saída do grupo Muzenza em 1989. Ao mencionar outros destaques em sua trajetória, enfatiza que, em 1998, em Salvador, pede ao Mestre Barba Branca que ele apadrinhasse o MOCAMBO (Porto Alegre/RS), o que se efetivou e, desde então,

---

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1938282896253706&set=pb.100002160437245.-2207520000.&type=3>>. Acesso em: 08 fev 2023.

<sup>142</sup> NETO, João Baptista de Godoy. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 01 dezl 2022. Arquivo .opus (duração de 13 minutos e 40 segundos).

o grupo passou a seguir a linhagem passada pelo Mestre.

Baptista comunica que, apesar de não conseguir estar presente em todas as Rodas do Chafariz, a frequenta desde o princípio. Frisa que sempre se sentiu à vontade em ir nesse espaço para “[...] brincar um pouco de Capoeira”:

*Não sou frequentador assíduo, mas vou desde o começo, 2003 ou 2004. O Dante me convidava muito: vamos para lá Mestre. Eu dizia: cara, eu acho legal vocês se reunirem, jogarem Capoeira, eu tenho outros envolvimento. Trabalho 60 horas por semana, então para mim às vezes fica complicado, e tem a família. Mas sempre que posso estou nas Rodas. E ali foi um lugar interessante. Eu me senti à vontade de ir ali e brincar um pouco de Capoeira.<sup>143</sup>*

Ele menciona que Mestre Churrasco já fazia Rodas na Redenção, não exatamente no Chafariz, e reforça que a Roda do Chafariz inciou primeiro em frente ao Bar Escaler, para, após, ir para o centro da Redenção. Ao prosseguir, destaca que presenciou muitas “[...] Rodas interessantes [...]” nesse local, que também é frequentado por vários Mestres de outras localidades, que fortaleceram a vadiação que ali ocorre:

*Dizem que Mestre Churrasco puxava Rodas ali. Na verdade, lembro que Mestre Churrasco puxava Rodas na Redenção em lugares próximos ao Chafariz, não no Chafariz. Também o pessoal que puxa a Roda no Chafariz não começou exatamente ali. Começaram lá no Escaler e depois é que foram para o centrão. Vi algumas passagens interessantes ali. Vi algumas Rodas interessantes acontecerem. Muitos Mestres de outros lugares passam por ali também, fortalecendo aquele encontro, aquela vadiação nos domingos.<sup>144</sup>*

Mestre Baptista relembra que seu Mestre, Barba Branca, Mestres Moa do Katendê, Raimundo Dias, entre outros, já participaram da Roda do Chafariz. Ressalta, ainda, como um momento especial a Roda comemorativa da consagração de Jean Sarará como Contramestre, dia que contou com a presença de muitos capoeiristas e Mestres de Porto Alegre:

*Tiveram muitas Rodas bacanas, de que pude participar, estar ali junto com o pessoal. O meu Mestre, Barba Branca, esteve ali. O Mestre Moa do Katendê esteve ali várias vezes também. O Mestre Raimundo Dias. Vários outros Mestres passam ali. Mas uma interessante foi justamente quando o Jean foi consagrado como Contramestre. Começou uma chuvinha, mas não ficamos sem a Roda. Fomos para o espaço Africano, onde tem um teto e colunas. Foi uma Roda bacana, apesar de ser estreitinho. Uma Roda muito bacana, muito bonita, com vários capoeiristas formados, Mestres aqui de Porto Alegre também participando. Eu gostei muito desse momento.<sup>145</sup>*

---

<sup>143</sup> Idem.

<sup>144</sup> Idem.

<sup>145</sup> Idem.

Ao tratar da temática da inclusão social relacionada à Roda do Chafariz, ele assim se posiciona:

*Ela tem essa importância. Ela traz na sua característica toda uma inclusão social. Ela é aberta, é da rua, para rua, para o povo mesmo. Então, não é só o capoeirista aquele de grupo, mas é o capoeirista aquele que tem qualquer coisa de Capoeira. Aparece ali e se sente à vontade de vadiar e entrar. Mas uma coisa interessante é que tem crianças, jovens, adolescentes, adultos, idosos. Então eu vejo nela bem a inclusão. E tem uma coisa bacana ali, que não sei se é o Jean em si que trabalha com crianças com algum tipo de deficiência, com síndrome de down também. Que coisa linda que tem muito tipo de inclusão. Por estar acontecendo dessa maneira, ela já tem toda uma importância. E traz a todos transeuntes que passam por aquela região essa visão, desse mundo, do que é uma Capoeira. Se criaram muitos estereótipos da Capoeira. Muita gente ainda pensa que Capoeira é coisa de vagabundo, é uma coisa violenta. E ali tu vê outra coisa: uma galera bacana, bonita, cantando coisas bonitas, fazendo jogos maravilhosos. Claro, de vez em quando, alguém escorrega e sai um pouquinho desse maravilhoso rito, mas não tem esse espírito, esse intuito, Pelo contrário, se tornou um lugar de convivência de vários grupos, apesar de quem estar assumindo sempre, e tem uma responsabilidade maior, é o Jean, de estar ali segurando. Mas eu gosto de ver que ele diz: eu gosto de repartir com os outros. E é isso, porque isso é uma Roda na rua. Estamos repartindo e quem chegar ali é bem-vindo.<sup>146</sup>*

Afirma que o local propicia inclusão social, pois, além de ser realizada na rua, aberta a todos, nela se fazem presentes crianças, idosos, adultos, adolescentes, pessoas com deficiência. Ele também acrescenta, nessa perspectiva, que os indivíduos que por ali circularam têm a oportunidade de vivenciar o que é Capoeira, em sintonia com a desconstrução de estereótipos que criaram de que essa manifestação seria violenta e coisa de vagabundo. Assim, esse espaço realizado aos domingos proporciona mostrar a real face da Roda do Chafariz, como espaço em que se verifica “[...] uma galera bacana, bonita, cantando coisas bonitas, fazendo jogos maravilhosos”. Mestre Baptista ressalta também que o local se transformou em ambiente de encontro e convivência de diferentes grupos, ao elencar que o Contramestre Jean Sarará é quem assumiu a organização da Roda do Chafariz, tendo a maior responsabilidade de estar sempre presente e zelando para que ela ocorra. Ressalta, ainda, que Jean sempre menciona que a Roda é construída pelo coletivo “[...] e é isso, porque isso é uma Roda na rua [...] estamos repartindo e quem chegar ali é bem-vindo”. Baptista assim prossegue:

---

<sup>146</sup> Idem.

*Então, todas essas pessoas que circulam por ali têm a oportunidade de ver a cultura da Capoeira. Ali está sendo cultuada a Capoeira. Está sendo cultivada a Capoeira. A grande maioria é Capoeira Angola, mas não é só Capoeira Angola que passa por ali. Têm vários outros capoeiristas que acabam passando por ali, de qualquer outra Capoeira, seja Capoeira Regional ou se identificando como Capoeira-Capoeira simplesmente, mas chegam ali e têm todo um respeito pelo que está acontecendo. E isso vem formando uma tradição, vai cultivando uma tradição, de um encontro para capoeiristas.<sup>147</sup>*

Ele complementa, ao relatar que as pessoas transitam pela localidade do Chafariz aos domingos têm a oportunidade de verificar a Capoeira sendo cultuada e cultivada. Acrescenta que majoritariamente os/as capoeiristas presentes na Roda são angoleiros/as, mas que também há praticantes dessa arte que não necessariamente se identificam com a Capoeira Angola, mas frequentam o local de forma respeitosa. Mestre Baptista sinaliza, então, que a Roda do Chafariz “[...] vem formando uma tradição, vai cultivando uma tradição, de um encontro para capoeiristas”. Por fim, ao desejar que esse espaço acolhedor continue forte e existindo, ele pede que as pessoas façam um esforço para estar presentes aos domingos em que puderem, pois serão bem recebidas para poder se expressar nessa Roda:

*Que continue essa Roda. Que irmãos e irmãs conscientizem para estar sempre presentes, porque é bacana um espaço assim. Mesmo que eu não esteja lá sempre, pelo fato dele existir, eu sei que posso chegar ali e ser bem recebido, poder brincar, tocar instrumento, cantar, jogar uma Capoeira, com aquela tranquilidade de que estou bem, sou bem recebido ali.<sup>148</sup>*

Ao agradecer ao Mestre Baptista pela entrevista, capoeirista de referência em Porto Alegre, quem já teve oportunidade de encontrar várias vezes pela cidade, destaco a figura 15. Na foto ele, à direita, joga com o Mestre Churrasco.

---

<sup>147</sup> Idem.

<sup>148</sup> Idem.

**Figura 15**  
**Mestre Baptista e Mestre Churrasco - Roda do Chafariz**



Fonte: Facebook da Roda do Chafariz (2017)<sup>149</sup>

Mestre Ivonei, Ivonei Mattos Fontoura, da Associação Desportiva e Cultural Grupo Cativoiro Capoeira, com 43 anos de prática nessa manifestação cultural, é o próximo que se manifesta. Ele inicia ao afirmar que:

*Desde o início quando eram dois grupos que frequentavam a roda, o pessoal da Oxossi que junto vinham o M. Sousa, M Cerqueira e tantos outros mais. Na década de 75 a 90, era um palco de muita afirmação, tinha que provar se você jogava mesmo, eram poucos grupos que tinham a façanha de estar presentes todos os domingos no brick da redenção.<sup>150</sup>*

Ele recorda a respeito das Rodas de Capoeira que ocorriam na Redenção, no *brick*, nas décadas de 1975 a 1990, que antecederam a Roda do Chafariz em local distinto do Parque. Afirma que o brique era local de afirmação de grupos e de capoeiristas, ao destacar também a referência, à época, dos Mestres Sousa e Cerqueira. Ao se referir à Roda do Chafariz, ele assim se expressa:

*Sim, está sobrevivendo até hoje, só com personagens diferentes, tudo mais tranquilo. Sem dúvida que é um processo de inclusão social. No momento não [ao ser questionado se tem algo a complementar]. Já que é aberto ao público, só aparecer.<sup>151</sup>*

<sup>149</sup> Disponível em:  
 <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=10210576492032945&set=g.271969342856897>>.  
 Consultado em: 04 fev 2023.

<sup>150</sup> FONTOURA, Ivonei Mattos. [informação escrita]. Entrevista repassada por Jean Carlo Dorneles a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, out 2022. Arquivo txt (102 palavras). Recebido por *whatsapp*.

<sup>151</sup> Idem.

Finaliza ao comunicar que a Roda do Chafariz está viva até os dias atuais, com personagens diferentes dos que participavam das Rodas do bique. Salieta que ela oportuniza “[...] um processo de inclusão social”, em um espaço público, em que basta se fazer presente. Revisito, então, a figura 16, em agradecimento à contribuição do Mestre Ivonei. Nela ele, à direita, joga com o Treinel Roger. Nos berimbaus, ao fundo, da direita para a esquerda, Mestre Raimundo Dias, Mestre Kunta Kintê e Bodão.

**Figura 16**  
**Mestre Ivonei - Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2017)

Prosseguindo com as entrevistas, apresento as manifestações de Marta Elisa Cutti, na Capoeira conhecida como Martainha. Apontada para Treinela junto à Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, tem como referência a Mestra Morena (Mestra Morena, presente!). Marta, ao informar que frequentou a Roda do Chafariz desde o início por 18 anos, começa suas considerações sobre a história da Roda:

*A história da roda do chafariz é a minha história. Iniciei a capoeira e cresci na roda na rua, foi minha escola, onde aprendi lições da capoeira e da vida. Acredito que a roda do chafariz foi se transformando com o passar dos anos. Começou despretensiosa como uma simples vadiação de domingo e foi tomando outras proporções de engajamento e comprometimento com a comunidade, com o povo, com a inclusão, com as crianças.*<sup>152</sup>

Marta é uma das fundadoras da Roda do Chafariz, o que já fica nítido no início da entrevista, em que ela afirma que a Roda é parte de sua história, local onde

<sup>152</sup> CUTTI, Marta Elisa. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, out 2022. Arquivo txt (344 palavras). Recebido por *whatsapp*.

iniciou a Capoeira e em que cresceu, aprendendo “[...] lições da capoeira e da vida”. Ao seguir, destaca que a Roda foi se transformando, passando de local de “[...] simples vadiação [...]” para espaço comprometido com a comunidade, o povo, as crianças e a inclusão. A respeito de momentos marcantes da Roda, ela assim se manifesta:

*Muitos momentos marcantes nesses muitos domingos, mas propiciar as pessoas com alguma deficiência a entrar na roda, ser o centro das atenções, ser protagonista, fazer realmente parte, sempre serão para mim os melhores momentos. E foram muitos onde a comunicação, na maioria das vezes era só através do olhar. E se fazia o jogo, o momento mágico onde se esquecia de tudo e quem tinha algum comprometimento maior tanto físico ou intelectual, esquecia de tudo e aquele momento era um transe. Então para mim os melhores momentos foram os de inclusão verdadeira.<sup>153</sup>*

Verifica-se que para ela os muitos momentos em que na Roda do Chafariz houve a participação de pessoas com deficiência, em um movimento de inclusão verdadeira, foram os mais marcantes. É notória a alegria e a potência emancipadora que a Capoeira e a Roda propiciam através da inclusão, como mencionado por Marta e expresso também nas figuras 2 e 3, anteriormente inseridas. Ao prosseguir, agora aborda a importância da Roda do Chafariz:

*A roda do chafariz é resistência, resiliência e é luta também. Um espaço democrático, comunitário e que é de suma importância para toda a comunidade, não só local. Na roda trabalhamos todos os princípios do convívio, da vida e, por ser na rua, tod@s tem acesso, portanto a roda torna-se essencial tanto para a cultura como para todas as manifestações pessoais e coletivas.<sup>154</sup>*

Ela ressalta a relevância da Roda como um espaço democrático e comunitário, de “[...] resistência, resiliência e luta”. Salienta também que o fato de ser realizada na rua propicia acesso a todas, todos e todes, consagrando-se como local de manifestações coletivas e pessoais de grande importância para a cultura. Ao seguir seu relato, frisa que a Roda do Chafariz se compromete, por conseguinte, com a inclusão social e a valorização da cultura, eixos desse espaço, que se configura como democrático, vivo e acolhedor:

*Muito!!!! Tanto a inclusão quanto a valorização da cultura. São os pilares da roda do chafariz, no meu entendimento. Porque é um espaço democrático, vivo, com acesso a tod@s. A capoeira é assim, cada qual no seu tempo, na sua história, na sua vivência. Ela respeita e acolhe a tod@s.<sup>155</sup>*

Ao concluir a entrevista, Martainha registra a importância do Contramestre

---

<sup>153</sup> Idem.

<sup>154</sup> Idem.

<sup>155</sup> Idem.

Jean Sarará por ele estar presente desde a origem da Roda e por permanecer firme na sua condução e seu zelo. Lembra, ainda, do nosso saudoso Mestre Beija Flor, que deixou, entre outros ensinamentos, o importante “[...] legado da inclusão”, com a metodologia prático-teórica da Capoeira inclusiva.

*Não poderia deixar de citar aqui duas pessoas muito importantes de resistência e luta que tive a oportunidade de conviver. O Contra mestre Jean Sarará que foi quem iniciou e "segurou" com sua força de capoeira a roda e zela até hoje. E outro ser iluminado, que já partiu, mas nos deixou dentre muuuitos aprendizados o legado da inclusão. MESTRE BEIJA FLOR. Heraldo Gabriel. "A inclusão é um caminho sem volta".<sup>156</sup>*

Para homenagear a grande capoeirista Martainha, com a qual tive o prazer de conviver em muitas Rodas do Chafariz, mas também até hoje fora dela, aprendendo muito e trocando afetos de uma amizade para a vida, apresento a figura 17. Na imagem, ela está iniciando o jogo com uma pessoa com deficiência. A foto também é emblemática, pois foi registrada no período em que o acesso ao Chafariz da Redenção estava fechado para reforma, em 2015, mas a Roda continuou ocorrendo ao lado do local onde tradicionalmente é realizada. Na bateria, no plano de fundo, da esquerda para a direita, Arara, Treinel Roger, Mestre Jaburu (Guayamuns), Contramestre Jean Sarará e Cabocla.

**Figura 17**  
**Martainha – Roda do Chafariz**



Fonte: Facebook da Roda do Chafariz (2015)<sup>157</sup>

<sup>156</sup> Idem.

<sup>157</sup> Imagem disponível em:  
<<https://www.facebook.com/photo/?fbid=876129739140043&set=g.271969342856897>>.

Marcelo Alves Cardoso, na capoeira conhecido como Tigre, é o próximo entrevistado. Professor, capoeirista há 30 anos, foi um dos fundadores da Roda do Chafariz, que frequenta desde o início. Ao começar, ele destaca que o que mais o marcou é a união e a amizade que a roda propiciou aos capoeiristas envolvidos desde sua fundação, os quais atuam de forma séria e profissional. Ao prosseguir, salienta que a importância dessa manifestação afro-brasileira está atrelada em ser uma das poucas rodas de Capoeira em Porto Alegre que persiste na rua, local onde precisa estar, pois é uma “[...] arte de rua cultural”:

*A amizade, o grupo era bem unido naquela época e o pessoal era muito profissional. Eu acho muito importante, porque em Porto Alegre não tem muitas rodas de rua e a capoeira é uma arte de rua cultural.*<sup>158</sup>

Ao abordar se a Roda acarreta inclusão social, ele segue sua manifestação:

*Sim, porque só na roda de rua de capoeira que conseguimos incluir todos os tipos de pessoas, tudo misturado, idosos, moradores de rua, crianças e portadores de deficiência.*<sup>159</sup>

Frisa que só na Roda de Capoeira de rua, como a do Chafariz, que se consegue incluir a todas e todos, desde crianças a idosos, pessoas em situação de rua e com deficiência. Ao finalizar, trata da emoção que é recordar do princípio, quando ele, Contramestre Jean Sarará e professor Dante, juntos a outros capoeiristas, iniciaram a Roda:

*Fico muito emocionado ao participar, porque lembro do início, quando eu, Jean, Dante e vários outros companheiros iniciamos essa roda e lembro dos velhos tempos.*<sup>160</sup>

Ao agradecer ao professor Tigre pelas contribuições, apresento a figura 18. Nela ele aparece tocando o berimbau Gunga ao lado do Mestre Gato Góes. Na foto, também estão visíveis Mangusto (no pandeiro) e Cigarra (no berimbau viola).

---

<sup>158</sup> CARDOSO, Marcelo Alves. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, set 2022. Arquivo txt (123 palavras). Recebido por *whatsapp*.

<sup>159</sup> Idem.

<sup>160</sup> Idem.

**Figura 18**  
**Professor Tigre e M. Gato Góes – Roda do Chafariz**



Fonte: Silveira, Dindon (2022)<sup>161</sup>

Apresento agora as manifestações de Roger Casemiro Ferreira, Treinel Roger, apontado a Contramestre, da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. Praticante da Capoeira há 22 anos, tem como referências seu Mestre, Kunta Kintê, e seu Contramestre, Jean Sarará. Ao informar que frequenta a Roda do Chafariz há 19 anos, inicia:

*A Roda do Chafariz eu cheguei a assistir no início, quando eu era adolescente. Então eu ia nesse início quando eu podia, quando tinha autorização como adolescente para poder sair. Não podia sair todos os finais de semana, mas cheguei a acompanhar o Contramestre Jean desde quando iniciou alguns movimentos da Roda no Bar Escaler, isso há mais de 19 anos, quando ela migra posteriormente para o Chafariz da Redenção.<sup>162</sup>*

Relata que, por ser adolescente, comparecia à Roda nos dias em que podia, desde o início, acompanhando o Contramestre Jean Sarará, ainda quando era

<sup>161</sup> Dindon é capoeirista professor do grupo ACCARA e está sempre presente na Roda do Chafariz. Imagem disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=643717910476407&set=pb.100045146121365.-2207520000.>>. Acesso em: 30 jan 2023.

<sup>162</sup> FERREIRA, Roger Casemiro. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 28 jul 2022. Arquivo .opus (duração de 23 minutos e 39 segundos).

realizada no Bar Escaler, e após, no momento que passou a ser realizada no Chafariz da Redenção. Aos ser indagado sobre a origem da Roda, ele prossegue:

*O que conheço, o que eu vi, é quando começou, desde o início da Roda, os finais de semana em que podia participar. Eu sou morador da Augusta Meneguine, na periferia de Viamão. Então é toda uma questão de deslocamento. Não podia dizer que eu ia todo o domingo para a Roda, mas tentava ir todas os finais de semana, porque algumas vezes era quando a gente conseguia passagem de ônibus para ir ou tinha que passar por baixo da roleta dos ônibus, o famoso mergulho, e poder ir até a Roda. Então não era sempre que a gente podia ter esse acesso para poder participar da Roda, mas o que eu vi foi desde início. Todo esse processo de evolução da Roda, de construção e firmamento da Roda na rua todos os domingos. Todo o apoio que várias pessoas foram somando nesse processo e a condução pelo zelador da Roda, que é o Contramestre Jean Sarará. Eu presenciei vários momentos importantes desse processo de desenvolvimento, tanto da musicalidade da Roda, da questão que foi legal, pensando agora, como eram os berimbaus antes e como os berimbaus estão hoje, que são instrumentos importantes para se fazer o ritual da Roda. Um processo muito legal. Essa história eu vi dentro das possibilidades de quando eu conseguia estar participando, pelas minhas questões de realidade. Tem as questões dos próprios jogos, da mudança dos jogos de Capoeira, da participação de pessoas de pessoas de outros lugares. Hoje pessoas de vários lugares, de vários países e regiões procuram a Roda para poder participar e vadear.<sup>163</sup>*

Ele destaca que acompanhou o processo de evolução dessa manifestação cultural afro-brasileira desde o princípio, mesmo com as dificuldades enfrentadas com o deslocamento até a área central de Porto Alegre, já que mora na comunidade Augusta Meneguine, em Viamão, distante do local, e a realidade social, por vezes, era um óbice à participação em todos os domingos. O Treinel continua, ao afirmar que presenciou o firmamento da Roda no Chafariz nos domingos e acompanhou a trajetória de mudanças positivas no preparo e toque dos instrumentos, nos jogos de Capoeira realizados. Realça a relevância do zelador da Roda, Contramestre Jean Sarará, na condução desse processo evolutivo e comunica a importância da participação de pessoas de diversas localidades do mundo e do Brasil aos domingos. Ao manifestar que a Roda é um espaço de aprendizagem que oportuniza os capoeiristas e indivíduos em geral a realizar trocas de saberes, a aprender, a evoluir, a conhecer a Capoeira do Rio grande do Sul, Roger continua a expressar suas percepções:

*A própria Roda é muito marcante. Desde o início, a gente muito novo de Capoeira, começa a ter oportunidade de conhecer outros capoeiristas de outros grupos, outras escolas, outras comunidades, e ter oportunidade de aprender na Roda, porque a Roda é uma escola para quem quer aprender Capoeira, para quem quer conhecer sobre a Capoeira do Rio Grande do Sul.*

---

<sup>163</sup> Idem.

*A Roda do Chafariz é um espaço de aprendizagem. Para mim o que é marcante é toda essa história da Roda, o processo de desenvolvimento dela, que vai ao encontro do meu processo de desenvolvimento na Capoeira, porque aprendi muitas coisas na Roda do Chafariz, como pessoa, como pai, como educador. A Roda contribui para a formação de muitos educadores que querem estar nessa área da cultura, da cultura popular, da cultura de matriz africana. Seguindo uma linha histórica, fazendo uma reflexão dos momentos marcantes e históricos da Roda, além de a participação de diversos Mestres da cidade, a contribuição desses Mestres para o desenvolvimento da Roda, ter a possibilidade de ver Mestres como o Mestre Churrasco. Nosso Mestre Kunta Kintê, a gente ter a oportunidade de ter nosso Mestre na Roda. E a primeira vez que vi o Mestre Raimundo Dias na Roda do Chafariz, que foi um convidado de um evento da Roda do Chafariz com a Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. O Mestre Raimundo Dias veio pela primeira vez para o Rio Grande do Sul e esteve presente nessa festa de aniversário da Roda. Depois também tem momentos com o Mestre Lua de Bobó, o falecido, em memória, Mestre Moa do Katendê, ao mesmo tempo os dois, que são discípulos do Mestre Bobó, da Escola de Capoeira Angola Cinco Estrelas. São lendas da Capoeira que fazem esse fio condutor da preservação do legado da Capoeira Angola no mundo. Então, ter a oportunidade de ver esses Mestres atuando na Roda de Capoeira é muito marcante. Mestre Plínio, a primeira vez do Mestre Jogo de Dentro no nosso estado e estar frequentando a Roda também. A Mestra Elma, que é uma grande Mestra também. Então são vários momentos marcantes. A Roda nos proporciona muitas emoções. Quando a gente vai falar da preservação da memória da Capoeira Angola, que vem através desses grandes Mestres que conviveram com Mestres mais antigos ainda.<sup>164</sup>*

Ele relata que a Roda do Chafariz é muito importante no seu desenvolvimento na Capoeira, bem como na vida, como pai, educador e pessoa, e afirma que ela “[...] contribui para a formação de muitos educadores que querem estar nessa área da cultura, da cultura popular, da cultura de matriz africana”. Ao falar sobre momentos marcantes, ele salienta a participação de vários Mestres da cidade, citando Mestre Churrasco e seu Mestre, Kunta Kintê. Destaca também a relevância de vivenciar na Roda a presença dos Mestres Raimundo Dias, Lua de Bobó, Moa do Katendê (presente!!), Plínio, Jogo de Dentro e Mestra Elma, que são grandes referências na Capoeira Angola. Ao frisar o quão marcantes são esses momentos com Mestres e Mestra, reforça que a preservação da Capoeira Angola “[...] vem através desses grandes Mestres que conviveram com Mestres mais antigos ainda”. O Treinel, agora, ao tratar sobre inclusão social, assim se posiciona:

*A Roda do Chafariz é um espaço de formação de educadores, de capoeiristas. Um local de integração, de inclusão. Quando acontecem os eventos de Capoeira e as pessoas com deficiência jogam na Roda de Capoeira, as crianças, os idosos, os grãos. As pessoas de diversas classes sociais têm a oportunidade de interagir nessa Roda de Capoeira. Proporciona um espaço de inclusão, na mais pura essência da palavra inclusão. Então é um espaço bem importante para as relações de inclusão.*

---

<sup>164</sup> Idem.

*E também, na questão da preservação da Capoeira, já que é frequentada por Mestres e Mestras referências da Capoeira Angola, e de outras práticas culturais também passam por essa Roda e frequentam. Pessoas da comunidade, o público, também desfrutam dessa Roda, porque a Roda de Capoeira é um espaço em que as pessoas podem tirar para suas vidas - alguma fala, frase, atitude que aconteça na Roda. Acontecem muitas situações que a gente leva para a vida da gente com a Roda, questões bem cotidianas mesmo. A gente pode tirar, no bom sentido, muito proveito para nossa vida. A Roda é esse espaço muito rico. Espaço que vem resistindo há 19 anos, que adquiri esse força e dá força para aquelas pessoas que a frequentam. É uma troca de energias nessa Roda. Frequentada por Mestres de fora, da Bahia, zeladores da Capoeira, que acabam dando mais empoderamento a esse espaço.<sup>165</sup>*

Roger realça que a Roda do Chafariz é um espaço de inclusão, porque todos podem participar e somar na construção dela, sejam pessoas com deficiência, crianças, idosos, independente da classe social. Ele manifesta também que esse local de encontro aos domingos é muito rico e “[...] dá força para aquelas pessoas que a frequentam”, destacando ainda a participação da comunidade na Roda. Continua, ao relatar que o espaço está resistindo faz 19 anos e que a presença de grandes Mestres de fora, como vários que são da Bahia, empoderaram ainda mais o local. Ele prossegue:

*Mas uma das coisas que também não pode faltar em qualquer Roda de Capoeira, para se dizer Roda de Capoeira e principalmente Roda de Capoeira Angola, é a denúncia contra as questões de opressão. A Roda ela precisa ser um local de fala, de questionamentos de algumas relações da sociedade. A Capoeira surgiu como essa luta de resistência contra o opressor. E hoje quais são as formas de a gente lutar contra esse opressor, que ainda existe, é muito forte e tenta nos escravizar todos os dias, quando a gente tem dificuldade de até sobreviver, e não viver. Quando a gente tem dificuldade comprar um gás, de comprar o alimento. Então a gente sabe que está na luta do dia a dia para sobreviver. E a Roda, quando ela tem momentos de intervenção, momentos de denúncia, de crítica, a essas relações sociais que ainda são muito injustas, ela, sim, ganha o título e nome de Roda de Capoeira Angola. A Roda do Chafariz não só tem esse perfil como ela é viva com esse formato. Todos os domingos que assisti e participei da Roda ela tem essa característica.<sup>166</sup>*

O Treinel Roger, ao rememorar a origem da Capoeira como uma luta de resistência ao opressor, pontua a importância de as Rodas, sobretudo de Capoeira Angola, serem espaços de falas, de intervenções contra as injustiças sociais e as opressões que estão presentes também, de forma nítida, na sociedade contemporânea. Ressalta que lutar contra relações sociais perversas e injustas é reivindicar o direito a sobreviver em uma realidade tão desigual no acesso a direitos,

---

<sup>165</sup> Idem.

<sup>166</sup> Idem.

a oportunidades e ao respeito. Ele, com efeito, salienta que, para ser considerada uma Roda de Capoeira Angola, é necessária a existência desse espaço de fala, de denúncia às opressões. Finaliza esse trecho, ao informar que a Roda do Chafariz oportuniza essa troca potente de intervenções aos domingos, sendo considerada uma Roda de Capoeira Angola aberta em que as denúncias contra as opressões se fazem presentes.

Preciso aqui fazer “um parênteses”, para ilustrar um desses momentos. Como o Treinel mencionou, a Roda do Chafariz é questionadora e combate o ódio, as opressões, tanto através de intervenções orais, quanto por meio da expressão coletiva nas ruas, no momento em que ocorre ou antes de ela iniciar. Nesse contexto, destaco um dia em que fomos em caminhada, da Cidade Baixa para o Parque da Redenção, ao som dos instrumentos da Capoeira, cantando palavras de ordem em defesa da cultura, da diversidade e em denúncia ao descaso do então governo federal de Jair Bolsonaro com o povo.

Para representar esse movimento, trago duas imagens. Na figura 19, estávamos na Cidade Baixa, em caminhada rumo à Redenção. Na foto, bem à esquerda, Mestre Kunta Kintê (Raízes do Sul) e após Mestra Elma (N’Zambi). Atrás, estão, além de outros capoeiristas parceiros, vários/as integrantes da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, do Grupo N’Zambi, do Ecos de Angola, entre eles Contramestre Jean Sarará (Raízes), Contramestra Vivi (N’Zambi), Treinel Roger (Raízes) e Treinel Caboclo (Ecos de Angola).

**Figura 19**  
**Caminhada Fora Bolsonaro - Rumo à Roda do Chafariz**



Fonte: Silva, Alan (2022)<sup>167</sup>

<sup>167</sup> Alan, apelidado de Capim na Capoeira, é aluno da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul.

A figura 20 retrata o momento em que chegamos ao Parque da Redenção, em dia de intensa mobilização em Porto Alegre. Nesta data, 05 de junho de 2022, ocorreu também a vigésima quinta Parada Livre da cidade, dia de lutas pelo respeito, pela vida, dignidade e visibilidade das pessoas. Ao fundo da foto, a imagem do palco, em que ocorriam as intervenções das pessoas LGBTQIAON+. Na foto, indo em direção ao Chafariz, aparecem, na frente, à direita, Mestra Elma; no centro, com berimbau amarelo, Contramestre Jean Sarará; à esquerda do Jean, de verde, Treinel Caboclo; e também Cigarra, Índio e outros da capoeiristas do Raízes do Sul, bem como angoleiras/os do N´Zambi. Neste mesmo dia, durante a Roda do Chafariz, a partir de um diálogo com o Contramestre Jean Sarará, que me perguntou se eu gostaria de realizar uma intervenção na Roda, fiz, enquanto homem bissexual, uma fala em defesa da vida e dos direitos das pessoas LGBTQIAPN+, denunciando a propagação do ódio e o extermínio incentivado pelo governo federal de plantão contra essa comunidade.

**Figura 20**

**Cortejo na Parada Livre - Rumo à Roda do Chafariz**



Fonte: Silva, Alan (2022)

O Treinel Roger complementa sobre a inclusão social na Roda do Chafariz. Ao afirmar que esse espaço consegue abarcar pessoas diversas de distintas comunidades e regiões, ele assinala que:

*Já vinha tecendo considerações sobre a inclusão social. A inclusão é um tema muito amplo, pode ter várias facetas. Tenho certeza que a Roda do Chafariz é um espaço de inclusão social, quando a gente consegue envolver pessoas de diversas comunidades, regiões. Eu mesmo sou da periferia de Viamão e a Roda, como falei, contribuiu muito na minha formação como pessoa, como educador, como pai. A Roda contribui muito. Eu sou a prova viva, porque contribuiu muito para o meu desenvolvimento. E eu acredito que tu só te desenvolve socialmente quando tu tem a oportunidade e esse é um espaço que oportuniza a inclusão. Então, mais uma vez, todos os domingos eu presencio a questão da inclusão, as pessoas virem para um espaço cultural onde a relação da hierarquia ela é através do respeito e não pela imposição. Então, isso facilita com que pessoas com diversos tempos de prática de Capoeira possam frequentar a Roda, vadiar, brincar, jogar, pular Capoeira. Isso que dá a característica bem forte da Roda ser um espaço de inclusão social.<sup>168</sup>*

Enfatiza que é a “[...] prova viva [...]” da inclusão que a Roda propicia, ao ressaltar que é morador da periferia de Viamão e que essa vivência nesse local da Redenção contribuiu muito com seu desenvolvimento, pois houve a oportunidade de, naquele espaço, haver verdadeiramente a inclusão. Ratifica que, nos domingos de vadiação no Parque, sempre presencia a inclusão na Roda do Chafariz, espaço em que a “[...] hierarquia ela é através do respeito e não pela imposição”, o que possibilita que pessoas com distintas realidades e capoeiristas com diferentes vivências e tempo na Capoeira possam ir ali participar, jogar, cantar, tocar, observar, se sentindo integradas nessa corrente energética.

*Sobre a valorização da cultura popular, a Roda do Chafariz é um espaço muito rico. Quando a gente fala em valorização da cultura popular, a gente fala na abertura que esse espaço dá para a comunidade de modo geral, toda a sociedade, possa estar chegando e também com o cuidado com os mais antigos. Os mais antigos, os griôs, têm prioridade nesse espaço de trazer o conhecimento. Muitos Mestres e Mestras trazem sua sabedoria para a Roda e isso é apresentado para a comunidade, os capoeiristas, que também estão aprendendo com essas atitudes dentro da Roda. Então, para além disso, a valorização da cultura popular se dá muito forte, quando a gente fala de ancestralidade. Hoje a ligação que temos com o ancestral é com o mais antigo. E a criança é a semente que vai dar continuidade a esse legado, sem ela não existe continuidade. Na natureza, se não existe continuidade, é uma espécie em extinção. E a Capoeira, através das Rodas que mantêm a preservação dos fundamentos e que cuidam das suas Mestras e Mestres não vão ser extintas, porque vão manter a continuidade. Então, quando eu vejo as crianças frequentando a Roda do Chafariz, nos traz a esperança do verbo esperar. A gente consegue perceber que essa manifestação cultural e esse modo de fazer, que é circular, cantado, jogado, brincado, dançado, é muito sério, quando a gente fala da continuidade da nossa cultura. E as crianças têm um papel fundamental nesse processo. Então, a valorização cultural, de uma forma íntegra, acontece na Roda do Chafariz.<sup>169</sup>*

<sup>168</sup> FERREIRA, Roger Casemiro. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 28 jul 2022. Arquivo .opus (duração de 23 minutos e 39 segundos).

<sup>169</sup> Idem.

A respeito da valorização da cultura popular atrelada à Roda do Chafariz, analisa que isso se dá por ser um ambiente aberto à comunidade em geral, em que se verifica o cuidado com os mais antigos, griôs, Mestras e Mestras, que trazem suas sabedorias para esses encontros aos domingos. Sobre esse último ponto, Roger menciona a importância da ancestralidade presente, através dos mais antigos, o que reforça aquele local como vivo e fluido de energia positiva, com valorização contundente da cultura popular, pois preserva fundamentos e respeita os Mestres e Mestras mais velhos/as, que detêm conhecimentos e sabedorias que advêm do ancestral. Ainda, ao ratificar que “[...] a valorização cultural, de uma forma íntegra, acontece na Roda do Chafariz”, referencia que as crianças, presentes de forma intensa aos domingos na vadiação, são parte fundamental desse processo, pois elas são as sementes que brotaram para dar continuidade a esse legado valorativo da cultura popular. O Treinel, ao seguir, expõe que:

*A respeito da Roda do Chafariz e das pessoas que fazem a Roda do Chafariz, eu tenho que agradecer e parabenizar, porque é um espaço que contribuiu muito na minha vida. E a Roda ela se faz por pessoas que estão comprometidas e deixam de lado muitas outras coisas para fazer essa Roda acontecer todos os domingos há 19 anos. Então, quero deixar meu agradecimento por esse espaço que, para mim, tem grande importância na minha vida. Hoje meu filho já frequenta a Roda do Chafariz. Fico muito feliz de ver ele jogando na Roda. Ele tem 11 anos e desde bebezinho, quando ele estava na barriga da mãe dele, ele já ia na Roda do Chafariz. Gostaria que a minha contribuição fosse em forma de agradecimento também, porque essa Roda contribuiu muito na minha formação como pessoa, pai educador. Vou repetir de novo, porque eu acho muito forte e importante para a nossa sociedade, quando falamos em valores, que é também uma coisa muito particular, de cada grupo ou pessoa. A gente acha às vezes que nossos valores são os mesmos dos outros. Mas a Roda do Chafariz tem valores muito específicos e importantes para uma sociedade mais justa, igualitária, que a gente almeja para nossos netos e descendentes.<sup>170</sup>*

Ao agradecer e parabenizar a Roda do Chafariz e a todos e todas que a fazem acontecer há 19 anos, ele reforça a importância que esse espaço teve em sua vida, em diversos aspectos da sua formação como ser humano com múltiplas tarefas e responsabilidades. Ao mencionar que seu filho cresceu na Roda, dentro da barriga da mãe, e hoje, com 11 anos, joga lá, frisa que esse local “[...] *tem valores muito específicos e importantes para uma sociedade mais justa, igualitária, que a gente almeja para nossos netos e descendentes*”. E, então, ele finaliza sua manifestação:

---

<sup>170</sup> Idem.

*Gostaria de fazer uma observação. A gente já sabe que existem inúmeros trabalhos acadêmicos na área da cultura popular, da Capoeira e da Capoeira Angola, mas eu queria reforçar a importância de que, cada vez mais, áreas de conhecimento da Universidade possam citar a Capoeira. Que esses trabalhos possam ser compostos por questões relacionadas à Capoeira, porque, tanto na área ambiental, na área social, em diversas áreas, a Capoeira poderia ser citada e existir projetos, trabalhos, artigos relacionados a nossa cultura. Para que outras pessoas que desconheçam a Capoeira e a cultura do seu próprio país possam também estar tendo acesso, através desses trabalhos e de pessoas que vêm também valorizando dessa forma. É importante a Capoeira estar dentro da Universidade também, neste momento sócio-histórico. Também agradecer o Rafael pelo convite para fazer parte deste trabalho bonito sobre a Roda do Chafariz.<sup>171</sup>*

Conclui suas contribuições, ao realçar a relevância de haver, de forma difundida, trabalhos comprometidos com a Capoeira nas Universidades, nas suas múltiplas áreas do conhecimento que comportam essa abordagem, para que “[...] outras pessoas que desconheçam a Capoeira e a cultura do seu próprio país possam também estar tendo acesso, através desses trabalhos e de pessoas que vêm também valorizando dessa forma”.

Apresento, então, a figura 21, em homenagem ao Treinel Roger, apontado a Contramestre, parceiro na Escola de Capoeira Angola Raízes e na vida, que se dedica de forma emocionante com diversas ações sociais, entre elas uma extraordinária na Augusta Meneguini, em Viamão, com a construção do Atelier Cultural José Gabriel Góes, hoje já operando, para integração comunitária e vivências de Capoeira e outras manifestações de matriz Africana com as crianças e comunidade em geral da região. Na foto, à direita, no berimbau gunga, Treinel Roger; no centro, Professor Dante, no berimbau médio; à esquerda, Contramestre Márcio (do ACCARA), no berimbau viola. Atrás de Roger, o saudoso Mestre Moa do Katendê (presente!!).

---

<sup>171</sup> Idem.

### Figura 21

T. Roger, Prof. Dante, CM. Márcio e M. Moa - Roda do Chafariz



Fonte: Facebook da Roda do Chafariz (2012)<sup>172</sup>

O próximo entrevistado é Cristiano Marques de Souza, apontado a Treinel da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. Capoeirista desde 1996, Bodão, como é conhecido, tem como referências Mestre Kunta Kintê, Contramestre Jean Sarará, Mestre Raimundo Dias, Mestre Plínio e Mestre Gato Góes. Ao informar que frequenta a Roda do Chafariz desde o primeiro ano, ele inicia sua abordagem:

*Desde o início da roda do Chafariz, participei do coletivo que iniciou a vadiagem ali no Chafariz. Iniciou como uma vadiação entre amigos feita na área do Bar Escaler, onde amigos se reuniam domingos final de tarde para vadiar e brincar. Com o tempo a roda foi crescendo e sentiu-se a necessidade de organizar a roda – com base nos fundamentos da capoeira angola – e como o brique da redenção foi sempre uma referência da capoeira em Porto Alegre, inclusive com meu mestre Kunta Kintê, continuado na figura do naquele momento Instrutor Jean (hoje CM) – foi escolhido o chafariz da redenção como local para a realização da roda. Naquele início a roda era realizada por um grupo de amigos de diversos grupos de capoeira. Era uma nova geração que começava a botar a roda na rua todos os domingos. Com esse movimento muitos capoeiristas iam na roda literalmente para “bagunçar” ou “testar” os capoeiras que ali faziam esse movimento. Com o tempo esse grupo de “meninos e meninas”*

<sup>172</sup> Foto disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo/?fbid=566134187599807&set=g.271969342856897>>. Acesso em: 03 fev 2023.

*começaram a ser respeitados e muitos mestres começaram a participar desse movimento. Durante os primeiros 10 anos inclusive muitos boicotes foram feitos, onde praticamente todos os grupos pararam de frequentar a roda e a base que sustentou a roda naqueles momentos foi o Contra Mestre Jean Sarará e seus discípulos. Lembro de muitos domingos a roda parecia que era do Raízes do Sul – pois praticamente todos capoeiras que ali estavam eram desse mesmo grupo. Passou-se mais alguns anos e o trabalho foi se firmando – e com isso a roda novamente começou a receber integrantes de outros grupos – passando ali o Contra Mestre Jean Sarará ser considerado até os dias de hoje o Guardiã da Roda do Chafariz.<sup>173</sup>*

Ao salientar que a Roda do Chafariz surgiu a partir de uma reunião de amigos capoeiristas que realizavam uma Roda em frente ao Bar Escaler, ele destaca que houve diversos momentos pelos quais essa manifestação cultural no Parque perpassou, desde capoeiristas antigos “testando” os mais novos que se propunham a seguir com a Roda aos domingos, até, segundo Bodão, a esvaziamento momentâneo desse espaço por parte de outros grupos de Capoeira. Nesse cenário, frisa a importância do Contramestre Jean Sarará, quem considera guardião da Roda do Chafariz, e da Escola de Capoeira Angola Raízes do sul, cujos membros sempre se fizeram constantes no local. Cristiano passa, então, a elencar suas principais lembranças da Roda:

*Minhas principais memórias eram aqueles domingos onde o grupo estava fazendo um evento/vivências com algum Mestre de fora da cidade ou algum outro mestre participava ex: Mestre Raimundo Dias, Mestre Plínio, Mestre Gato Góes, Mestre Jogo de Dentro, Mestra Elma, Mestre Churrasco, Mestre Cláudio, Mestre Lua de Bobó, Mestre Moa do Katendê entre tantos outros, literalmente era um dia que os adultos, homens e mulheres viravam crianças vendo suas referências, seus ídolos ali na frente, cantando, tocando e vadiando. Ensinando muito pra quem estava atento e pouco para os distraídos.<sup>174</sup>*

Em sua memória, ele ressalta a presença dos/as Mestres/as na Roda, especialmente quando havia a realização de encontros organizados pelo grupo de que faz parte, momentos em que Mestres referências da Capoeira no Brasil e no mundo vêm para Porto Alegre e também participam da Roda do Chafariz, elevando a energia do local a níveis indescritíveis, passando ensinamentos através das vivências que fazem o corpo arrepiar de alegria. Ele, ainda, pontua a participação de Mestres locais, como Churrasco, como dias que devem ser destacados na trajetória da Roda.

<sup>173</sup> SOUZA, Cristiano Marques. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, jul 2022. Arquivo txt (1033 palavras). Recebido por *whatsapp*.

<sup>174</sup> Idem.

Sobre a importância dessa manifestação no Parque da Redenção, por seu turno, reforça que o vivenciar a sabedoria de grandes Mestres/as de forma gratuita, bebendo “direto da fonte”, é fato que a Roda oportuniza a todos, pois o acesso é público, no local em que deve ocorrer a cultura popular, na rua:

*Historicamente em Porto Alegre cada grupo trazia seus mestres (suas referências). Zimba, Mestre Boca do Rio; Mocambo, Mestre Barba Branca; ACCARA Mestre Môa do Katendê; Sabedoria Popular, Mestre Lua de Bobó, etc. Para podermos participar de uma roda com esses mestres necessariamente tinha que se participar do evento promovido por cada grupo – onde tinha um valor a ser pago pela vivência. Durante a história da Roda do Chafariz isso foi modificando um pouco, pois a roda tendo se tornado uma referência em Porto Alegre (para todo tipo de capoeirista), tornou-se comum os Mestres quando vinham a Poa – sentiam a necessidade e curiosidade de conhecer a roda do Chafariz. Isso possibilitou inúmeros intercâmbios e vivências muito ricas culturalmente falando. Abriu – se uma porta para que as pessoas comuns e capoeiras de diversos grupos pudessem conhecer e ter acesso a esses grandes mestres com sua sabedoria – mesmo que fosse naquelas algumas horas do domingo, era possível “beber água da fonte” sem precisar pagar nada por isso, então a cultura popular estava no seu lugar, na rua, junto à população, sendo eles capoeiristas ou não.<sup>175</sup>*

Ao continuar a abordar a relevância da Roda do Chafariz, ressalta a participação popular, com espectadores presenciando a sua realização nos domingos na Redenção, a fim de vivenciar a cultura no Parque. Nesse sentido, ele aborda um aspecto essencial da Roda, o fato de ela propiciar cultura popular de forma gratuita, num contexto social no qual vimos que a garantia de acesso a esse direito humano demanda, na ótica do sistema capitalista, o consumo, que requer recursos financeiros de que boa parte da população brasileira não dispõe:

*Outro fato muito importante é que evidenciávamos nas rodas – todos os domingos, muitos espectadores que não eram capoeiristas, mas batiam ponto religiosamente todos os domingos, para participar, muitos relatando que esperavam ansiosamente que chegasse o domingo para poder participar como espectador, mas serem contagiados pela energia positiva, pela musicalidade, os toques, os jogos. Era a cultura popular na rua – no lugar que deveria estar sempre ao alcance de todos. Num país onde o acesso gratuito à cultura é tão escasso, essas pessoas se sentiam extremamente gratas por poderem estar vivenciando essa cultura genuinamente brasileira de forma natural e gratuitamente.<sup>176</sup>*

Ao responder sobre a Roda no contexto da inclusão social e valorização da cultura popular, ele assim se manifesta:

---

<sup>175</sup> Idem.

<sup>176</sup> Idem.

*Com certeza a roda do Chafariz propicia muita inclusão social. Na roda de capoeira não interessa quem a pessoa é (em relação à profissão ou a títulos acadêmicos), não interessa se a pessoa é rica ou pobre, sua orientação sexual, a cor da pele, a etnia, enfim nada disso vale dentro da Roda de Capoeira e na Roda do Chafariz. Muitos moradores de rua, por exemplo, participam da roda – para eles poder sentar junto e vadiar dentro da roda – ser tratado com um igual – é um presente que não é dado em quase nenhuma situação do dia a dia. Ser visto com um ser humano – despertando palmas ou diversas expressões de surpresa e felicidade, por uma acrobacia feita, ou um golpe dado...um grande valor na questão da autoestima desse indivíduo. Na roda de capoeira do Chafariz, tendo respeito e educação, a pessoa é tratada com um igual a todos, sem discriminação ou julgamentos. Além disso, muitos deficientes frequentam a roda do chafariz, jogando mesmo com suas deficiências, sendo aplaudidos com a mais sincera alegria de vê-los desempenhando o papel de capoeira com todo amor e felicidade. A cultura popular como o nome já diz tem que estar junto à população. Todos os domingos a cultura popular genuinamente brasileira da capoeira está na rua, trazendo a cultura para muitos que têm apenas momentos gratuitos como esse para conhecer e estar em contato com a cultura.<sup>177</sup>*

Comunica que a Roda do Chafariz é um local inclusivo que acolhe a todos, independente de credo, raça, etnia, orientação sexual ou condição socioeconômica. Aponta que dela participam ativamente pessoas em situação de rua e com deficiência, momentos que sempre são intensos, gratificantes, “[...] de alegria de vê-los desempenhando o papel de capoeira com todo amor e felicidade”. Para concluir sua contribuição à pesquisa, destaca a Roda do Chafariz como um espaço de inclusão que é um marco de Porto Alegre, consolidando-se como um ponto cultural e turístico da cidade:

*Importante o reconhecimento da população e dos poderes de como a capoeira é uma ferramenta extraordinária de inclusão social. Dessa forma a Roda do Chafariz hoje é um marco, um ponto cultural e turístico da cidade. Toda pessoa de fora da cidade que chaga a Porto Alegre e quer conhecer uma roda de capoeira saberá logo perguntando por aí por POA que todo domingo acontece uma roda de capoeira – onde todos são bem-vindos, todos os grupos, todos os estilos, bastando ter educação e respeito para ser bem recebido e sair com novos amigos. Capoeira é inclusão, capoeira é cultura e capoeira é luta contra a violência e opressão. O jogo da capoeira pode ter Dendê, pode ser mais “pegado”, mas como dizem todos velhos mestres nossas referências, capoeira não é violenta, o ser humano que é.<sup>178</sup>*

Ao reforçar que todos são bem-vindos à Roda, termina ao afirmar que a Capoeira é inclusão, cultura e *luta contra a violência e opressão*. Em agradecimento ao Bodão pelas contribuições elencadas e pelas vivências que compartilhamos na Capoeira e na vida, insiro a figura 22. No centro, Bodão no berimbau médio; à

---

<sup>177</sup> Idem.

<sup>178</sup> Idem.

esquerda, CM Jean Sarará no berimbau gunga; à direita, professor Rafinha da Associação Cultural de Capoeira Angola Rabo de Arraia (ACCARA) no berimbau viola.

**Figura 22**

**Bodão, CM Jean Sarará e Professor Rafinha - Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2011)

Julia Elisabete Walter Dorneles é a próxima entrevistada. Conhecida como Arara na Capoeira, informa que cresceu em meio a essa arte e a pratica há mais de 10 anos. Integrante da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, tem como referências o Mestre Kunta Kintê, o Contramestre Jean Sarará e a apontada a Treinela Martainha. Ao comunicar que frequenta a Roda do Chafariz desde criança, ela inicia sua manifestação:

*Conheço pessoas que passaram, vi muita cantoria boa, rodas cheias de conexões (com o público, bateria e jogo), vi brigas e ouvi muito mais que vi, porque sempre que penso na roda do chafariz penso nas famílias que se criaram lá, é um lugar onde me sinto acolhida e a olho.<sup>179</sup>*

Destaca que se sente acolhida na Roda e que ela é cheia de conexões internas e externas “[...] com o público, bateria e jogo”, e reflete sobre as famílias que se criaram naquele espaço, como é seu caso, pois a frequenta desde criança. Sobre suas principais memórias da Roda do Chafariz, assim se pronuncia:

*As rodas na chuva, onde corríamos para uma parte coberta, para dar continuidade ou quando tava chegando um temporal e já começava a ventania e as folhas dos coqueiros voando. As rodas que vinham poucas*

<sup>179</sup> DORNELES, Julia Elisabete Walter. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, out 2022. Arquivo txt (501 palavras). Recebido por *whatsapp*.

*peessoas eram desafiadoras, mas sempre trouxeram muitos aprendizados, quando a roda se enchia de crianças e elas viravam protagonistas daquele espaço, é lindo de ver o sorriso delas é de quem está fazendo parte desse momento.*<sup>180</sup>

Ela foca em três principais lembranças. A primeira são as Rodas que ocorreram na chuva, quando havia um deslocamento, por exemplo, para a parte coberta do recanto Africano do Parque da Redenção. Sobre essa memória resgato a figura 23, que ilustra um desses momentos. Na oportunidade, 2015, se comemorava a concessão de título de Contramestre a Jean Sarará. Na imagem, Jean jogando com Mestre Raimundo Dias. Também, além de muitas e muitos capoeiristas, se verifica na foto a presença do Mestre Ratinho (ACCARA) no berimbau gunga, Mestre Jaburu (Guayamuns) no berimbau médio, Bodão no berimbau viola, Mestre Renatinho (Sabedoria Popular), de azul, à esquerda, e Mestre Baptista (Mocambo), ao lado de Mestre Renatinho, de chapéu branco.

**Figura 23**  
**Roda do Chafariz em dia de chuva – Título de CM a Jean Sarará**



Fonte: Machado, Bruno (2015)

A segunda memória de Julia são as Rodas em que havia poucas pessoas, mas que sempre se configuraram momentos de aprendizagem e de trocas. A terceira lembrança foi os dias em que havia muitas crianças presentes, as quais se tornavam protagonistas e expressavam suas felicidades nas suas manifestações faciais, com sorrisos potentes. Ao continuar, ela destaca a importância da Roda do

<sup>180</sup> Idem.

Chafariz:

*A roda do chafariz é importante para todes que esperam a semana inteira para sentir aquela alegria que só a roda do chafariz tem, a energia trocada, as risadas e os jogos, tudo transmuta nossas dores. Ela é importante para quem se sente reconhecido naquele espaço, os excluídos são acolhidos e ganham um espaço de visibilidade, a capoeira traz ancestralidade, posicionamentos e a roda do chafariz conta tudo isso com sol ou chuva. A roda do chafariz me trouxe amadurecimento, me ensinou a brincar, sorrir, me erguer, acreditar em mim mesma, na minha força e nas minhas escolhas.<sup>181</sup>*

Destaca que a Roda do Chafariz transmuta dores em alegria, consagrando-se em um espaço em que a energia trocada implica risadas e fortalecimento individual e coletivo. Ainda, ela salienta que nesse local os excluídos ganham visibilidade, são acolhidos, em um movimento que carrega ancestralidade na sua essência. Manifesta também que esse encontro no Chafariz da Redenção a trouxe amadurecimento, ao ensinar a sorrir, brincar, se erguer, acreditando em si mesma, na sua capacidade de se fortalecer e de tomar suas próprias escolhas. E assim prossegue, no que se refere à inclusão que se propicia aos domingos:

*Sim, de tantas formas e tanto meio, mas principalmente pelo espaço onde ela acontece, pelo jeito que as pessoas são tratadas quando chegam para ver/participar da roda, o lugar da capoeira é na rua e a redenção é parte da roda do chafariz, não tem quem não saiba que nos domingos acontece a roda do chafariz.<sup>182</sup>*

Arara frisa que a Roda é imersa por inclusão “[...] pelo jeito que as pessoas são tratadas quando chegam para ver/participar [...]”. Segue, ao afirmar que o lugar da Capoeira é na rua e que a Roda do Chafariz está cumprindo com essa tarefa de legar a cultura afro-brasileira para o Parque, de forma ampla e difundida para a população em geral, que tem conhecimento dessa arte no Chafariz. Ao encerrar a entrevista, acrescenta:

*Fico feliz de poder crescer em um ambiente cheio de cultura, de brincar atrás da roda e naqueles gramados, sempre me senti segura ali junto com aqueles que somavam na roda. É bom saber que existem mais crianças crescendo ali, vivenciando o que a roda pode nos proporcionar e aprendendo com diversas realidades, o quanto a capoeira faz diferença na vida de cada um, seja com o impacto que tiver, mas faz.<sup>183</sup>*

Conclui ao lembrar que cresceu nesse espaço imerso em cultura, assim

---

<sup>181</sup> Idem.

<sup>182</sup> Idem.

<sup>183</sup> Idem.

como ocorre com outras crianças, brincando e se sentindo segura, “[...] aprendendo com diversas realidades [...]” o quanto a Capoeira faz a diferença na vida das pessoas. Para agradecer quem chamo de Julinha, pelo afeto que tenho com ela, uma irmã mais nova que conheço desde bebê, trago a figura 24. Na imagem, ela joga com seu pai, Jean Dorneles.

**Figura 24**  
**Arara e CM Jean Sarará – Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2013)

Passo, então, à entrevista com Carlos Alexandre da Silva Vieira, que iniciou a prática da Capoeira em 1995. Conhecido como Caboclo, o Treinel e Coordenador do Centro Cultural Ecos de Angola de Torres, RS, tem como referência local Mestre Kunta Kintê. Ao informar que frequenta e pesquisa sobre a Roda do Chafariz a partir de 2010, ele inicia sua manifestação:

*Um local que surge através da necessidade de um ponto de encontro para Capoeira Angola impulsionado por um grupo de amigos praticantes desta arte, mais tarde vindo a ser relacionado a retomada de um território tradicional do povo de Matriz Africana.<sup>184</sup>*

Ele começa comunicando que sabe que a Roda do Chafariz iniciou através da reunião de amigos capoeiristas locais que tinham a necessidade de “[...] um ponto de encontro para Capoeira Angola [...]” na rua, o que veio a se consolidar com a

<sup>184</sup> VIEIRA, Carlos Alexandre da Silva. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, out 2022. Arquivo txt (248 palavras). Recebido por *whatsapp*.

retomada de um território negro, o Parque da Redenção. A respeito da importância dessa manifestação cultural afro-brasileira no Chafariz, acrescenta:

*A Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção se torna um local de encontro e acolhimento de Capoeiristas do RS, marcado pela presença de grandes Mestres e Mestras da Cultura Popular de todo o Brasil. Local de extrema importância para a manutenção da Cultura Afro Brasileira Indígena onde se mantém um ritual que possibilita o aprendizado através da prática e oralidade, respeitando o tempo de cada indivíduo que bebe dessa fonte do conhecimento.<sup>185</sup>*

Ele ressalta que a Roda é um espaço relevante de acolhimento de capoeiristas do RS que tem presença marcante de Mestres e Mestras da cultura popular de diversos cantos do país. Frisa, ainda, que o local se destaca como de preservação de manifestação cultural afro-brasileira, afro-indígena, propiciando que os frequentadores aprendam na prática da vivência junto à Roda e através da oralidade junto aos demais. Ao prosseguir, aborda momentos que o marcaram:

*Foi ali também onde eu presenciei pela primeira vez pessoas com múltiplas deficiências praticando uma atividade física e cultural, vivendo assim na prática a verdadeira inclusão social.<sup>186</sup>*

Cita, então, que na Roda do Chafariz foi onde “[...] presenciei pela primeira vez [...]” pessoas com variadas deficiências praticando atividade cultural e física, salientando que isso sim é uma verídica inclusão social, o que é proporcionado naquele espaço aos domingos. Por derradeiro, recorda que no Chafariz acontecem, de forma organizada e articulada junto com capoeiristas que frequentam a Roda, outras manifestações, como o Afoxé e o Samba de Roda, que antecedem ou procedem sua realização, integrando uma troca de saberes afro-brasileira potente.

*A Roda de Capoeira do Chafariz também é um local onde acontece outras manifestações populares como Afoxé e Samba de Roda reforçando assim sua importância para troca de saberes ao ar livre.<sup>187</sup>*

A partir de sua manifestação, também saliento o nosso saudoso Mestre Moa do Katendê, que inúmeras vezes, junto ao Mestre Ratinho e aos frequentadores da Roda do Chafariz, propiciava momentos de extrema magia e energia antes da Roda do Chafariz, com o Afoxé Amigos do Katendê no Parque da Redenção, e depois todos/as juntos/as a realizavam. Assim, ao agradecer o Treinel Caboclo, também

---

<sup>185</sup> Idem.

<sup>186</sup> Idem.

<sup>187</sup> Idem.

chamado de Sandro por parte dos capoeiristas de Porto Alegre, resgato a figura 25. Na imagem, o Treinel Caboclo aparece jogando (à esquerda) com o Maçaranduba, aluno da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, em Roda ocorrida em setembro de 2022.

**Figura 25**  
**Treinel Caboclo – Roda do Chafariz**



Fonte: Facebook do Centro Cultural Ecos de Angola (2022)<sup>188</sup>

Marie Joeline Andrianjafy, identificada como Cigarra na Capoeira, apontada à Treinela da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, é quem destaque agora. Ao informar que tem 9 anos de Capoeira, frisa como principais referências Treinel Roger, Contramestre Jean Sarará e Mestre Kunta Kintê. Além deles, ressalta como capoeiristas importantes na sua caminhada Mestre Raimundo Dias, Mestre Plínio, Mestra Elma, Mestre Jogo de Dentro, Mestre Gato Góes, Mestre Churrasco, Mestres Baptista, Ratinho e Jaburu, parceiros da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. Ao relatar que frequenta a Roda do Chafariz faz 9 anos, começa sua explanação:

*Sobre a história da Roda, que acaba de comemorar 19 anos, eu conheço a parte dos 9 dos 19 anos. Essa parte talvez mais suave, mais consciente, mais madura. Acho que, como todo o projeto coletivo, e as Rodas de Capoeira Angola acho que não escapam a essa regra, vai amadurecendo, crescendo, como os seres humanos. Nesses últimos 9 anos, a Roda estava em um grau de amadurecimento por conta da experiência de seus guardiões. Mas eu sei um pouco do início, de como ela começou, qual foi a ideia inicial, que foi uma ideia de, no mínimo, três, pelo que eu saiba,*

<sup>188</sup> Imagem disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=3162113627344378&set=pb.100069533035012.-2207520000.>>. Acesso em: 28 jan 2023.

*angoleiros da cidade, de grupos diversos, que decidiram se reunir para poderem fazer todos os domingos uma roda de rua. Do que eu saiba, estiveram meu Contramestre Jean Sarará, o Contramestre Márcio e o grande amigo Dante, sempre presente nas rodas desde que participo e grande cantador, inclusive. Pelo que eu sei, são eles que estavam a fim mais de vadiar e se reunir. Sei também que, no início, a Roda estava um pouco mais jovem, mais violenta. Sei que muitas vezes teve gente de outros grupos, de outros movimentos, que vinham para acabar com a Roda nessa época, mas não vivenciei esse momento.*<sup>189</sup>

Ao relatar que tem participado da Roda nos últimos 9 anos dos 19 anos de sua existência, Cigarra aponta esse período como provavelmente mais tranquilo e consciente, quando comparado ao princípio da Roda, momento em que era um encontro mais violento, pelo que ouviu. Salienta que esse processo de amadurecimento e crescimento desse espaço é natural, assim como ocorre com as pessoas. Ao prosseguir, comunica saber que o início da Roda do Chafariz aconteceu a partir da reunião de angoleiros de Porto Alegre de grupos diversos que almejavam realizar uma vadição aos domingos, entre os quais cita o Contramestre Jean Sarará, o Contramestre Márcio (ACCARA) e o Professor Dante. Ao seguir, rememora suas lembranças marcantes sobre a Roda:

*A primeira Roda que vou me lembrar é muito fácil para mim. É a de comemoração dos 10 anos da Roda do Chafariz, com a grande presença do Mestre Raimundo Dias, em 2013, se não me engano no mês de outubro. Era meu primeiro ano de Capoeira. Eu tinha 3 ou 4 meses no máximo e quase que não participo desse evento, porque eu achei que não iria aproveitar nada pela pouca experiência, mas eu participei. Foi fantástico. Foi uma energia contagiante. A condução do Mestre Raimundo Dias foi muito linda, muito emocionante. Eu lembro do Mestre pulando no final, de energia, e todo mundo começou a pular com o Mestre. E o mais engraçado agora é que uma outra Roda muito marcante, que me veio na memória, foi esta última comemoração, dos 19 anos da Roda do Chafariz, que também foi conduzida de uma maneira muito brilhante pela Mestra Elma, do Grupo N'Zambi, e que, novamente, foi uma Roda muito contagiante de energia, que, no final, a Mestra Elma novamente pulou. Em nove anos que eu participo da Roda, é a vez que eu vejo isso de novo acontecer. E o pulo da Mestra, alegre, contagiando todo mundo a pular. Então, acho que são as duas Rodas que eu consigo destacar, praticamente uma das primeiras e uma das últimas nesses 9 anos.*<sup>190</sup>

Relembra de duas Rodas em especial. A primeira foi a de comemoração dos 10 anos da Roda do Chafariz (foto de capa e figura 4), conduzida de forma brilhante e emocionante pelo Mestre Raimundo Dias, e que foi uma “[...] energia contagiante”. O Mestre começou a pular de energia e “[...] todo mundo começou a pular com o

<sup>189</sup> ANDRIANJAFY, Marie Joeline. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 28 jul 2022. Arquivo .opus (duração de 14 minutos e 46 segundos).

<sup>190</sup> Idem.

Mestre”. Outro momento marcante para ela foi o de comemoração dos 19 anos dessa vadiação aos domingos na Redenção, oportunidade que foi encabeçada pela Mestre Elma (Grupo N’Zambi), através de uma condução sensacional, cheio de energia, que empolgou a todas e todos os presentes. Nesse dia, pela segunda vez, presenciou os capoeiristas e simpatizantes pulando contagiados pela energia positiva, o que foi iniciado, nessa ocasião, pela Mestre. Marie continua a entrevista, ao tratar da importância da Roda:

*Para mim, enquanto angoleira, é poder expressar minha Capoeira Angola. É poder colocar essa expressão, essa minha vontade de vadiar, de jogar, de tocar berimbau, instrumentos, de cantar, de responder o coro, para fora. É ali que a gente se expressa. A Roda do Chafariz, como toda a Roda de Capoeira Angola, ela é importante, porque é onde a manifestação realmente acontece, porque a gente ensaia ela nos treinos – de música, de movimento - mas ela acontece realmente na Roda, porque ela é uma tradição de origem Africana. É que nem quando a gente vai em um momento de ritual. O nosso momento do ritual é a Roda, por isso a gente se prepara para ir. Por isso que a gente espera o domingo para a Roda acontecer. Por isso, quando não tem Roda, a gente fica sentido de não ter aquela semana. Então, ela é de extrema importância por ser uma Roda de Capoeira Angola tradicional.<sup>191</sup>*

Sobre a relevância da Roda, ela ressalta que é um local onde pode se expressar, através do jogo, canto, coro, toque de instrumentos, “[...] onde a manifestação realmente acontece”, constituindo-se em um momento de ritual, para o qual os participantes se preparam. Salienta, ainda, a importância de tratar-se de uma Roda de Capoeira Angola tradicional, que, quando, excepcionalmente, não ocorre, deixa os frequentadores na expectativa para a próxima. Cigarra aborda, então, se a Roda do Chafariz propicia inclusão social:

*Inclusão social com certeza. Primeiro, porque os guardiões da Roda do Chafariz, que, atualmente, o principal guardião, que está mantendo e zelando pelo acontecimento e pela preservação dessa Roda, é o nosso Contramestre, Jean Sarará. Ele sempre cuida muito de todos que querem jogar jogarem e, mais ainda, quem quer que seja, com uma margem, por exemplo, de idade, uma pessoa mais velha ou uma criança, ele vai zelar para incentivar a ir jogar. Uma pessoa com deficiência física, que ali pode ter várias alunas e alunos – ele trabalha também com o público com deficiência. Se eles estiverem lá, irão fazer um jogo com uma outra pessoa experiente para ter um jogo bacana. Então, inclusão social tem bastante. Uma outra coisa, o público fixo, os angoleiros e angoleiras que vêm jogar, vêm de regiões da cidade muito diferentes, e elas têm também condições sociais, classes sociais, muito diferentes. Para você ver, tem pessoa que mora ao redor do Parque da Redenção, está aqui no Centro, está em uma situação mais tranquila, por exemplo. Têm outras pessoas que estão lá morando nas margens, lá na zona norte, no Quilombo dos Machado, na Vila*

---

<sup>191</sup> Idem.

*Minuano ou Esperança, mudou o nome da Vila onde o Caçapava atua. Mas para vermos que só por isso, pelo público fixo, já promove um momento de muita diversidade social, questão de gênero, de cor, de pessoas. Uma diversidade muito grande. Então, inclusão, com certeza, é um ponto muito forte da Roda do Chafariz. Não conheço tanto outras Rodas de rua, mas da Roda do Chafariz com certeza.<sup>192</sup>*

Marie afirma que há muita inclusão social. Pontua que todos que desejarem jogar podem o fazer, sejam crianças, idosos e pessoas com deficiência, que estarão sendo acolhidos e cuidados pelo Contramestre Jean Sarará, quem a Cigarra enfatiza como atualmente o principal zelador e guardião da Roda do Chafariz. Ao mencionar que o próprio público fixo de capoeiristas da Roda é plural, vêm de diferentes regiões e são de classes sociais distintas, ela ressalta que se trata de um local com “[...] muita diversidade social, questão de gênero, de cor, de pessoas”. Ela fala, adiante, sobre a valorização da cultura popular nesse espaço, aos domingos:

*Sobre o ponto da valorização da cultura popular, também, com certeza. A Capoeira Angola sendo pura cultura popular, sendo plenamente cultura popular, é o seu lugar. É o seu lugar de cuidado, sagrado para nós, que viemos todos os domingos para participar dessa Roda. É um lugar onde a Capoeira Angola é bem cuidada, ela é valorizada, permanece, tem seu endereço. Ela tem nosso lugarzinho onde a gente vai fazer, algum deles, né. Então, com certeza, é uma Roda que propicia a manutenção e valorização da cultura popular na cidade. E a gente pode contar com outras manifestações culturais que, às vezes, se somam à Roda. Às vezes, com o Mestre Ratinho, por exemplo, a gente faz um cortejo de Afoxé, algumas vezes no ano, antes de começar a Roda do Chafariz, ou seja, ela conversa e cuida também de outras manifestações – o Afoxé, o Maculelê, o Samba de Roda. Tudo isso está presente nessa trajetória dos 19 anos da Roda do Chafariz. Então, sim, sem dúvida alguma.<sup>193</sup>*

Ela salienta que a Roda é um ponto de manutenção e valorização da cultura popular de Porto Alegre, pois consiste em um ambiente em que a Capoeira Angola é valorizada, bem cuidada e permanece firme aos domingos. Além disso, observa que outras manifestações culturais ocorrem no local em algumas ocasiões, antes da vadiação de Capoeira, como cortejo de Afoxé, coordenado pelo Mestre Ratinho, que também contava com a participação central do saudoso Mestre Moa do Katendê. Para encerrar suas manifestações, Cigarra menciona:

*Rumo aos 20 anos. De nós para nós mesmos que temos que fazer a reflexão de sempre, como é uma cultura viva, uma prática viva, se não tem guardião, apoiadores e quem ajude o movimento a seguir tão bonito como está acontecendo há 19 anos, vai muito rápido também diminuir e, eventualmente, sumir. Além do que a gente vive em um tempo aqui e agora,*

---

<sup>192</sup> Idem.

<sup>193</sup> Idem.

*em uma sociedade que está sempre ameaçando essas culturas, essas tradições. Quando a gente vê, com 19 anos da Roda do Chafariz, tá tudo tranquilo e querem cercar a Redenção. Então a gente começa a ficar apavorado. Quando vê, a gente fica com medo, rola uma coisa um pouco mais tensa, e a gente não sabe se vai poder tocar tambor na rua. Então é isso, está muito bonito, mas acho que é uma necessidade de ficarmos alerta, para fazermos 20 anos, 30 anos, 50 anos. Nós temos que estar conscientes da nossa responsabilidade enquanto pessoas que usufruem dessa cultura popular maravilhosa, se beneficiam e, então, têm que se responsabilizar pela permanência dela.*<sup>194</sup>

Marie alerta para o fato de que as culturas de matriz africana estão sob constantes ameaças diante da sociedade em que vivemos. Cita, nessa esteira, as tentativas de cercar o Parque da Redenção. Ainda, para finalizar, ao desejar que a Roda permaneça viva por muitas décadas, pede que permaneçamos unidos, “[...] conscientes da nossa responsabilidade enquanto pessoas que usufruem dessa cultura popular maravilhosa, se beneficiam e, então, têm que se responsabilizar pela permanência dela”. Ao agradecer a angoleira Cigarra, resgato a figura 26, em que ela aparece jogando com o Contramestre Bidão (Associação de Capoeira Angola Zumbi dos Palmares - ACAZUP), que também foi um dos fundadores da Roda do Chafariz.

**Figura 26**  
**Cigarra e CM Bidão - Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2016)<sup>195</sup>

<sup>194</sup> Idem.

<sup>195</sup> Disponível em: <  
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1208980809196445&set=g.271969342856897>>.  
Consultado em: 07 fev 2023.

A próxima entrevista é com Leandro Severino Mourelhe Barbosa. Leandro do CICA/PE (Centro de Instrução de Capoeira Angola/ Pernambuco) é professor de Capoeira autorizado por Mestre Rogério Lourenço do Grupo São Bento Pequeno de Capoeira Angola (GSBPCA), Olinda/PE, quem tem como referência. Informa que atualmente se considera praticante dessa arte, que tem 17 anos de Capoeira, de 1992 a 2009, e que frequenta a Roda do Chafariz desde 2010. Ao manifestar que tem conhecimento de que o local era de encontro de diferentes grupos e capoeiristas, inicia:

*Tinha conhecimento que era um local de encontro de diversos grupos e praticantes de capoeira. Porém, descobri que o local possuía muito mais fatos históricos. As principais memórias foram ser bem recebido pelo Grupo de Capoeira Angola Raízes do Sul, na minha primeira oportunidade que estive no Parque da Redenção para participar da roda. Sem saber que o Jean era o professor e responsável, perguntei se poderia participar juntamente com todos que estavam ali realizando a roda no ano de 2010, o ano quando vim morar aqui no Sul. Ainda lembro de algumas pessoas que estavam participando nesta data. Estavam lá: CM Jean, Ternel Roger, Bodão, Dante e entre outras pessoas que não se encontram mais no grupo.<sup>196</sup>*

Salienta que entre suas memórias está marcado que foi muito bem recebido na primeira vez em que chegou para conhecer a Roda e participar da vadiação, em 2010, pelos integrantes da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. Destaca que estava recém chegando para residir no Sul do país e lembra que estavam presentes naquele momento o Contramestre Jean Sarará, o Ternel Roger, o Bodão e o professor Dante. Ao prosseguir, fala sobre a importância dessa manifestação afro-brasileira no Chafariz:

*A roda do Chafariz é muito importante, porque já era referência de toda a história que já existia antes. E o grupo Raízes do Sul ainda dar continuidade de todo o legado que foi deixado.<sup>197</sup>*

Ao frisar a Roda do Chafariz como referência, comunica o destaque da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul na manutenção da realização dessa manifestação no Parque da Redenção. Continua ao abordar a inclusão social e a valorização da cultura popular:

*Sim, com certeza a Roda do Chafariz propicia a inclusão social e mantém viva toda a essência da capoeira que sempre existiu aqui no Estado do Rio*

<sup>196</sup> BARBOSA, Leandro Severino Mourelhe. [informação escrita]. Entrevista repassada por Jean Carlo Dorneles a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, dez 2022. Arquivo txt (392 palavras). Recebido por *whatsapp*.

<sup>197</sup> Idem.

*Grande do Sul. Posso observar que diversas pessoas de grupos diferentes sempre quando podem aparecem para somar e fortalecer o evento da roda. Sobre a valorização da cultura popular, acredito ser muito importante, para que as pessoas que são frequentadoras do local e/ou até mesmo de fora que estão de passagem pela região não pensem que somente existe cultura popular em outros Estados. Aqui existe uma forte cultura que não deixa a desejar para ninguém.<sup>198</sup>*

Destaca que a Roda “[...] mantém viva toda a essência da capoeira [...]” que sempre se fez presente no RS. Ainda, afirma que essa arte aos domingos propicia inclusão, uma vez que contempla diversas pessoas de distintos segmentos e grupos que, quando podem, se somam para a realização da Roda. Sobre a valorização da cultura popular, enfatiza que a Roda do Chafariz é importante, para que haja visibilidade e compreensão, por parte da população que a frequenta ou apenas a aprecia, de que, em Porto Alegre e no RS, há sim cultura popular afro-brasileira forte e na rua, como ocorre em outros cantos do país. Ao dar sequência à sua explanação, Leandro conclui que:

*A Roda do Chafariz é muito importante, porque as diversas vezes que fui na Redenção e que não teve a Roda do Chafariz lá realizada pelo Grupo de Capoeira Angola Raízes do Sul, parecia que estava faltando algo ou que tinha ficado uma lacuna. Pois já ficou enraizada a presença de todos que participam e frequentam as rodas nas tardes de Domingo. Porque é um momento de encontros entre amigos, divulgação de eventos de outros grupos e parceiros de mesma finalidade cultural.<sup>199</sup>*

Explana, por fim, que, nas vezes em que foi para o Parque da Redenção e, porventura, não houve a Roda, sentiu como se faltasse algo no local, porque essa manifestação marca as tardes de domingo da capital gaúcha, em como “[...] um momento de encontros entre amigos, divulgação de eventos de outros grupos e parceiros de mesma finalidade cultural”. Ao ilustrar a participação do grande angoleiro Leandro através da figura 27, manifesto meu muito obrigado pelas contribuições à pesquisa. Na imagem, Leandro está à direita, no berimbau viola; ao lado, Douglas; CM Jean Sarará; e Rafael (eu).

---

<sup>198</sup> Idem.

<sup>199</sup> Idem.

**Figura 27**  
**Professor Leandro – Roda do Chafariz**



Fonte: Facebook da Roda do Chafariz (2022)

Marta Servini, na Capoeira denominada de Cabocla, é a próxima a expressar sua opinião. Ao afirmar que frequentou a Roda de 2014 a 2017, quando estava fazendo aulas junto à Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, manifesta que tem como referência o Contramestre Jean Sarará. Ao iniciar sua entrevista, ela salienta que tem conhecimento que a Roda iniciou há mais de 15 anos por iniciativa de capoeiristas de Porto Alegre, entre eles Jean, que mantém essa expressão cultural no Chafariz até a atualidade:

*Que foi iniciada a mais de 15 anos atrás por alguns capoeiras de Porto Alegre, incluindo CM Jean Sarara, que além de iniciar o movimento, o mantém até os dias atuais.<sup>200</sup>*

Ao citar que todas as Rodas de que participou foram marcantes, destaca a primeira, na qual pode praticar, nessa vivência cultural potente, o que estava aprendendo. Ao prosseguir, ressalta, ainda, que a importância dessa manifestação afro-brasileira aos domingos na Redenção reside em ser realizada em um espaço

<sup>200</sup> SERVINI, Marta. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, out 2022. Arquivo txt (159 palavras). Recebido por *whatsapp*.

público, unindo os que praticam a Capoeira e quem vai até o local como espectador, para apreciar a cultura popular:

*Particularidade, todas as rodas em que participei foram marcantes, mas acredito que a primeira pois pude iniciar e por em prática o que estava aprendendo e assim perceber também, a força da cultura. Muito importante, pois mantém a capoeira Angola e de rua, em um espaço público, unindo os que praticam, ou tão somente apreciam a cultura popular.<sup>201</sup>*

Segue, ao manifestar que a Roda é inclusiva, porque reúne uma diversidade de pessoas, ao ser realizada em espaço público com acesso a todos e oportunizar a expressão viva de “[...] uma parte da cultura do povo negro através da capoeira”. Conclui ao expressar o desejo de que a Roda permaneça firme por longa data como “[...] movimento de resistência da cultura afrobrasileira”.

*Sim propicia, reunindo pessoas diversas em um espaço público ao alcance de todos. Porque mantém viva uma parte da cultura do povo negro através da capoeira. Desejo de vida longa à roda do Chafariz como movimento de resistência da cultura afrobrasileira.<sup>202</sup>*

Para agradecer a Cabocla, insiro a figura 28, em que ela está à direita, no berimbau viola. No centro, Mestre Ratinho com o berimbau médio e, à esquerda, no Gunga, Martainha.

**Figura 28**  
**Cabocla, Mestre Ratinho e Martainha – Roda do Chafariz**



Fonte: Facebook de Santos, Márcia (2016)<sup>203</sup>

<sup>201</sup> Idem.

<sup>202</sup> Idem.

<sup>203</sup> Imagem disponível em:

Como última entrevista, muito significativa pela expressão potente de sentimentos e sensibilidades, ouço Elisandro Oliveira Vieira. Professor Caçapava na Capoeira, há 14 anos no ACCARA (Grupo Rabo de Arraia), junto ao Mestre Ratinho, é quem comunica sua opinião neste momento. Ao informar que tem como referências principais seu próprio grupo, Mestre Ratinho, e Mestre Moa do Katendê, ele complementa:

*A referência que eu tenho também é muito com os Mestres velhos. Eu costumo pesquisar muito os Mestres antigos, mas não o jogo deles, e sim o que eles conversam. Estou sempre pesquisando as falas dos Mestres antigos. Aqui em Porto Alegre, hoje, de referência também, o Jean, um cara que me representa muito, pela forma, pela dificuldade de manter as coisas. A gente que começa sabe que não é fácil.<sup>204</sup>*

Ao mencionar que se guia muito pelas falas dos Mestres antigos, o professor também cita o Contramestre Jean Sarará como sua referência em Porto Alegre, uma pessoa que muito o representa. Caçapava então prossegue:

*Por eu ser novo, a gente vê falar, mas conhece pouco. Conhecimento de viver eu não sei muita coisa. Mas o que a gente sabe, pela espiritualidade, há algo muito forte ali. A resistência se faz hoje. Não é uma resistência por querer, mas uma resistência necessária. Vamos dar um exemplo. Quando tu vê, que nem em uma outra Roda em que eu cheguei, só estava o Jean e um menino ali, acho que era você. Só dois para abrir uma Roda. Tem que ter muita resistência, se não tu não vai. Uma coisa é tu fazer uma Roda com um monte de gente, tendo os melhores alunos, os alunos bons para jogar com todo mundo. Mas tu pegar um berimbau sem saber o que te espera. Por isso eu tenho essa referência comigo. É uma resistência que está continuando de outra forma, mas necessária, nos dias de hoje, com essa transição dentro da Capoeira e dentro da própria Redenção, para as coisas não pararem, e sem a Capoeira Angola deixar de estar ali.<sup>205</sup>*

Ele destaca que a Roda do Chafariz é, espiritualmente, um local muito forte. Manifesta que lá ocorre uma resistência necessária que ultrapassa desafios, como o de, em momentos, haver poucas pessoas para iniciar a vadiação. Saliencia que essa resistência, encabeçada pelo Contramestre Jean Sarará, é fundamental para preservação da Roda de Capoeira Angola ali.

---

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1152780091434805&set=t.100002290768244&type=3>. Acesso em: 31 jan 2023.

<sup>204</sup> VIEIRA, Elisandro Oliveira. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 08 out 2022. Arquivo .opus (duração de 17 minutos e 04 segundos).

<sup>205</sup> Idem.

*Eu não posso e não tenho o direito de dizer que uma situação foi melhor que a outra. Não posso botar peso em uma Roda ou em um evento como mais, porque cada situação tem o mesmo valor que a outra. Mas uma das coisas que me chama atenção na Roda, eu digo meio espiritual. Não que seja mais, mas que me chamou atenção, é diferente. Uma Roda que a gente estava ali, acho que você também estava. Uma Roda com uma energia que só com maturidade para sacar o que rolou. Nesse meio tempo, tinha um senhor olhando a Roda, com um carrinho. Ele veio e deu uma água para Jean, para ele tomar, saiu e ficou olhando. E, daqui a pouco, ele retornou com frutas. Só que tinha um pessoal que estava ali que tinha um pouquinho de maldade. Foi que nem jogar água no fogo. Isso me impressionou. É uma situação que não tinha muita gente. Tinha pouca gente, era uma Roda pequena, mas muito forte. Aí eu começo a voltar na espiritualidade do lugar e dos donos do lugar, quem já faleceu, muitos que sofreram e que estão aí cuidando daqueles que estão levando um pouquinho deles, porque a gente só vai conseguir levar um pouquinho que a gente consegue absorver. Então, essa espiritualidade da Roda do Chafariz, não que nas outras não tenha, têm também, é uma das coisas que me chama atenção. Me ensinou muito esse dia.<sup>206</sup>*

Professor Caçapava, ao citar que não tem como eleger uma ou outra Roda como mais ou menos importante, comenta sobre um episódio que lhe chamou atenção. Ele descreve que, em um domingo, um senhor estava observando a Roda com seu carrinho, retirou uma água do isopor e entregou para o Contramestre Jean Sarará e, então, em mais um gesto afetivo e espontâneo, após, esse mesmo senhor voltou com frutas para distribuir. Caçapava pontua esse momento como muito forte, energética e espiritualmente, pois “[...] tinha um pessoal que estava ali que tinha um pouquinho de maldade [...] foi que nem jogar água no fogo”. Complementa, ainda, ao retratar essa ocasião como exemplo da “[...] espiritualidade do lugar e dos donos do lugar, quem já faleceu, muitos que sofreram e que estão aí cuidando daqueles que estão levando um pouquinho deles”. Frisa que a Roda do Chafariz é um espaço com muita espiritualidade e ancestralidade. E segue:

*Para mim, a importância dessa Roda, falando da Capoeira Angola. É a única Roda aqui em Porto Alegre aberta de Capoeira Angola. Têm outras, tem a Roda que a gente faz também, mas estou dizendo uma das Rodas que não é fechada. O cara vai se programar e vai ir lá domingo jogar uma capoeira. E que bom que é da Capoeira Angola. E a gente precisa dessa Roda. Essa é a importância. E que pena que não têm outras. A Capoeira Angola é muito fechada, é muita Roda para si, dentro da sua casa. Fora essa, tinha que ter outras Rodas abertas. Às vezes, tu não pode ir no domingo, mas na quarta tu pode, tem a Roda do outro. Tinha que existir mais isso para o capoeirista crescer. Tem o pessoal da Regional, que eles têm um movimento grande, mas nós da Capoeira Angola tinha que ter mais. Então, acho essa a importância dessa Roda aberta. Hoje, se tirar essa Roda, onde o angoleiro vai jogar sua Capoeira? Pode ir em qualquer Roda, saber sair e entrar, mas aqui em Porto Alegre? Não tem. Têm muitas importâncias, mas essa é uma coisa que reflito comigo quase todos os dias. Que bom que*

---

<sup>206</sup> Idem.

*tem e que pena que não tem mais outras Rodas de Capoeira. Hoje, em Porto Alegre, essa é a Roda da Capoeira Angola aberta. Tu sabe que o povo vai estar lá. Tu tem uma preparação. Tu aprende muita coisa com essa Roda. As energias, a sacar muitas coisas, porque a Roda é de rua, nunca sabe quem vai estar. Tem essa importância. Ajuda a preparar o capoeirista que tem essa linhagem e se abre para absorver essas coisas.<sup>207</sup>*

Informa que a Roda do Chafariz tem a relevância ser a única de Capoeira Angola totalmente aberta em Porto Alegre, basta a pessoa “[...] se programar e vai ir lá domingo”. Acrescenta que deveria haver outras na cidade, para que o capoeirista pudesse cada vez mais crescer, mas a “[...] Capoeira Angola é muito fechada, é muita Roda para si, dentro da sua casa”. Enfatiza que, na capital gaúcha, a Roda do Chafariz é a “[...] a Roda da Capoeira Angola aberta”, em que as pessoas sabem que vai ter gente para vadiar, em que os capoeiristas se preparam para comparecer. Comunica também que esse espaço é de muita energia, um local onde se aprende muito. Sobre a inclusão social que o espaço proporciona, ele relata o seguinte:

*A primeira vez que cheguei na Roda do Chafariz fez 13 anos. Da mesma maneira que eu fui recebido, com a roupa que eu tinha, os meus meninos, que chegaram comigo, foram tratados igual (não cheguei com camisa de ninguém, de grupo - eu nem tinha camisa do grupo, era novo, depois que o Mestre conseguiu as camisas para a gente). E até hoje é a mesma coisa. Hoje eu chego ali e sou tratado da mesma forma que eu fui tratado lá atrás, quando cheguei com camisa nenhuma, só eu naquela Roda, pedindo para jogar. Então isso é inclusão. Eu sou defensor do meu beco, da vila. Nem todo o lugar em que a vila vai é bem recebida. Têm lugares que não, nem sei por que e nem procuro saber. Mas a gente, que vem de lá da vila em geral, do Quilombo dos Machado, da história que a gente teve e que, indiretamente, continua tendo, ou da vila em si. A gente chega toda a minha gurizada sempre com respeito e sempre trataram nós com respeito. Podendo ajudar, às vezes, ajudam. Então, é só isso. Tem muito mais coisas, mas eu falo do que eu vivo. É um exemplo vivido. Queria destacar isso. É importante para mim. Mas não por mim, por tudo. Uma coisa é te tratar bem; outra coisa é tratar bem o teu povo. Tem uma diferença. Às vezes, a gente se destaca professor ou contramestre e aí tu trata bem a pessoa. Mas e o povo que está por trás? Às vezes, têm lugares que não é assim. Se tratou bem teu filho, não precisa nem te tratar tão bem.<sup>208</sup>*

Caçapava relata que é prova viva da inclusão que há na Roda do Chafariz. Relembra que, desde o primeiro dia em que começou a frequentar o espaço, há 13 anos, sempre foi tratado com muito respeito e acolhimento, assim como todas as pessoas que o acompanham. Ele, assim, afirma que “[...] hoje eu chego ali e sou tratado da mesma forma que eu fui tratado lá atrás, quando cheguei com camisa nenhuma, só eu naquela Roda, pedindo para jogar [...] então isso é inclusão”. Ao

---

<sup>207</sup> Idem.

<sup>208</sup> Idem.

ênfatizar de que nem todos os locais “[...] que a vila vai é bem recebida”, ele pontua que a inclusão na Roda ocorre não somente em relação a ele, mas igualmente aos seus, “[...] um exemplo vivido [...] importante para mim”. Para finalizar sua contribuição à pesquisa, ele salienta que:

*Quando a gente começou com um trabalho no Quilombo dos Machado, na comunidade, a gente começou a fazer as Rodas na feira dos carros, ali na Sertório, do Big. O meu maior incentivo, para seguir nessa Roda da casa, é essa Roda do Chafariz. Uma das inspirações. Por aquela coisa: eu vinha com os meninos, já estava começando as Rodas que nós fazíamos, e chegava ali e era o Jean, a companheira e a filha. Muitas vezes eu cheguei e era só ele, a filha e a companheira tocando. Os capoeiristas escondidos nas árvores, esperando a Roda bombar, nenhum para ajudar. Eu vi aquela situação. Então, sempre tive essa responsabilidade de não chegar quando a Roda bombar. Eu chego, saindo de casa, sabendo para o que vim: para ajudar. A gente, passando por aquela dificuldade de abrir Roda, fazer Roda, sem ter capoeiristas. E as Rodas aconteciam. Então, eu ia para a casa louco que chegasse o dia da nossa Roda, para eu fazer. Então, essa Roda me inspirou. Hoje a gente está com a nossa Roda do mês (já tinha, o Mestre já fazia outras Rodas antes – Rabo de Arraia tem quase 30 anos). 9 anos está fazendo a nossa Roda, todo o mês fazemos. Um dos incentivos foi esta Roda aqui. É muito importante, não é pouca coisa. Parece ser, mas não é pouca coisa. E o modo de acolher as pessoas, o povo da rua. Mais a nossa vivência dentro da vila. Uma coisa deu certo com a outra. Hoje a gente não é igual. É uma maneira diferente de Roda que fazemos lá, mas se tem uma linhagem dentro do caminho. Queria destacar isso, porque acredito ser importante.<sup>209</sup>*

O professor destaca que a Roda do Chafariz foi o maior incentivo para seguir com a Roda que ele e outros capoeiristas realizam desde quando começaram um trabalho no Quilombo dos Machado. Ao informar que já presenciou momentos de dificuldade para se iniciar a vadiação na Redenção, aos domingos, em que só via Jean Sarará, Marta (Martainha) e Julia (Arara) no início, Caçapava frisa que ela sempre acontecia e isso o inspirava a fazer e a manter a Roda que começou a realizar há 9 anos, todos os meses – ele “[...] ia para a casa louco que chegasse o dia da nossa Roda, para eu fazer”. Para concluir, pontua que esse contexto incentivador que a Roda do Chafariz propicia é de suma importância, além do “[...] modo de acolher as pessoas e o povo da rua”.

Como agradecimento ao professor Caçapava, que é um angoleiro referência de determinação, dedicação e respeito para muitos e muitas, apresento a figura 29. Na imagem, ele aparece jogando com uma criança, filha do Dindon (ACCARA), outro capoeirista valioso que está sempre presente na Roda do Chafariz. Sentados na Roda, identifica-se a Luciana (Lu – ACCARA) e o Treinel Roger; no berimbau,

<sup>209</sup> Idem.

Contramestre Jean Sarará; ao lado Bruno (Zé Pequeno - ACCARA).

### Figura 29

#### Professor Caçapava - Roda do Chafariz



Fonte: Silveira, Dindon (2022)

Após muitos momentos de emoção com as entrevistas realizadas, quero agradecer a todos e todas que conseguiram manifestar suas posições sobre a Roda de Capoeira do Chafariz, ao destacar que a Capoeira, sobretudo a Angola, é construída e preservada por meio da força coletiva dos e das capoeiristas, com a observância dos fundamentos e da tradição que são passados de geração a geração pelos Mestres e pelas Mestras mais antigos (as). Menciono também que, infelizmente, não foi possível ouvir a todos e todas que inicialmente estavam no planejamento, seja por dificuldades no contato, seja pelo tempo que restava para concluir esta análise contributiva, mas tenho a expectativa de que as pessoas que aqui pontuaram suas visões abarcaram um conjunto de relatos, percepções e sensibilidades que bem representa o sentimento de quem frequenta essa Roda. Sigo, então, para a próxima seção, em que busco compilar as impressões aqui salientadas, relativas à importância da Roda do Chafariz, em especial no que concerne à inclusão social, à valorização da cultura popular e aos direitos humanos.

### 5.2.2 Inclusão social, valorização da cultura popular e direitos humanos

Ao iniciar esta seção, é relevante frisar dois aspectos preliminares ao que está contemplado no seu título, pois conectados a ele, bem como intrínsecos à existência e à manutenção da Roda de Capoeira do Chafariz. Amplamente mencionados nas entrevistas destacadas na imersão do subcapítulo anterior, o primeiro diz respeito à origem dessa Roda; o segundo, ao seu zelador e guardião atual.

A partir das oitavas apresentadas preliminarmente, pode-se verificar que a Roda do Chafariz tem origem em 2003, quando da realização do Fórum Social Mundial, em que capoeiristas de distintos grupos se encontravam para fazer Roda de Capoeira. Ao finalizar o FSM, começaram a se encontrar para realizar a vadição no Bar Escaler, no Parque da Redenção, deslocando-se, posteriormente, ainda nesse ano, para o Chafariz, onde a Roda permanece firme aos domingos até a atualidade, completando 20 anos neste ano, 2023.

Entre as pessoas que estiveram desde o princípio da Roda do Chafariz, destacaram-se nas manifestações o Contramestre Jean Sarará (Raízes do Sul), o professor Dante, a Marta (Martainha - Raízes do Sul), o Contramestre Márcio (ACCARA), o Contramestre Bidão (ACAZUP), o Professor Tigre (Guarda Negra) e o Negro Tigas (ABADA). Também frequentam esse espaço há vários anos os Mestres Ratinho (ACCARA), Baptista (MOCAMBO), Churrasco (ACAZUP), Kunta Kintê (Raízes do Sul), Renatinho (Sabedoria Popular), Ivonei (Cativeiro) e Dentinho (Grupo Casa Grande), o Treinel Roger (Raízes do Sul) e Bodão (Raízes do Sul).

Com efeito, sem minimizar a importância de todas e todos que somam na realização e no fortalecimento da Roda do Chafariz desde quando ela iniciou ou após, pois se trata de uma construção coletiva, vejo como fundamental realçar quem vem sendo o zelador desse local referência da Capoeira Angola da capital gaúcha e do RS. Mesmo sendo uma Roda aberta, aos domingos, para que ela ocorra, é essencial que haja compromisso e dedicação permanentes de cuidado e perseverança, que o Contramestre Jean Sarará tem. Isso foi expresso amplamente nas entrevistas.

Ao conferirem-se as manifestações dos entrevistados, depara-se com um nome amplamente citado: Jean. O Contramestre tem o reconhecimento pela

comunidade capoeirista, não apenas neste trabalho acadêmico, mas primordialmente no dia a dia, como atual guardião da Roda, por sua atuação cuidadosa de proteção, manutenção e valorização desse patrimônio cultural chamado Roda do Chafariz. Sou testemunha ocular de seu comprometimento com essa manifestação afro-brasileira no Parque da Redenção, tanto por ser seu aluno, mas principalmente por estar ao seu lado em várias Rodas nos domingos, ou antes delas, ajudando a carregar os instrumentos.

Revigoro, então, a fala de Mestre Gato Góes (Santo Amaro, BA), em um dos trechos em que ele se remete a Jean, ao afirmar que o que percebe até aqui “[...] partindo dele até chegar na Roda, é um caminho brilhante, que vai e sai no brilho e volta resplandecente [...] ele é o anjo da guarda que está ali na Roda, ele está vendo as ações e reações de todo mundo [...]”<sup>210</sup>. Esse brilho a que o Mestre Gato Góes se refere é notório na trajetória e na emoção que o Contramestre Jean Sarará expressa junto aos capoeiristas e à comunidade em geral que frequenta a Roda do Chafariz. Esse reconhecimento é exemplificado no episódio trazido pelo Professor Caçapava, em que um senhor espectador, trabalhador autônomo que vende bebidas no Parque, tirou uma água de seu carrinho e após voltou para distribuir frutas na Roda. Assim, ao concluir esses dois pontos introdutórios, passo a tratar a Roda do Chafariz sob a perspectiva da inclusão social.

Como se pode averiguar pelas entrevistas, enquanto espaço de inclusão social, a Roda se contrapõe à invisibilização dos seres humanos, reivindicando a pluralidade e a diversidade. Nela jogam Mestres, Contramestres, treinéis, alunos antigos e novos na Capoeira, pessoas com deficiência, pessoas em situação de rua, crianças, idosos, adolescentes, adultos, independente do porte físico, do fenótipo, de crenças, classes sociais, raça, etnia, identidade de gênero e orientação sexual. Nesse espaço público, de livre acesso, as pessoas, ao chegarem com respeito, independente de quem sejam e como se vestem, são protagonistas, porque são acolhidas e integradas ao coletivo na vadiação.

Ainda, uma questão foi muito salientada, que se verifica de forma esplendorosa na Roda do Chafariz, e, então, essencial destacar: a participação de pessoas com deficiência. Sobre esse aspecto da inclusão, resgato a fala de Marta,

---

<sup>210</sup> GÓES, Sinésio S. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, com a presença do Contramestre Jean Sarará. Porto Alegre, 11 out 2021. Arquivo .opus (duração de 58 minutos e 02 segundos).

ao ela dizer que “[...] propiciar as pessoas com alguma deficiência a entrar na roda, ser o centro das atenções, ser protagonista, fazer realmente parte, sempre serão para mim os melhores momentos”<sup>211</sup>. O Chafariz, assim, transborda, através da Roda de Capoeira, a inclusão, ao propiciar, aos domingos, um encontro em que essas pessoas se expressam de diferentes formas, jogando, cantando, tocando, sorrindo, em um pulso de emoção que quem já presenciou não esquece. São raros os locais em que isso ocorre.

Outra abordagem que foi bastante referenciada se relaciona à inclusão que a Roda do Chafariz propicia, quando se trata de indivíduos com realidades distintas sócio-econômicas. Foi recordado que tanto o público fixo de capoeiristas, como o de simpatizantes, é muito plural, quando se nota as regiões onde moram, com, inclusive, dificuldades para se deslocar à Roda. Esse espaço, então, pode ser confirmado como um lugar em que indivíduos de classes sociais diferentes participam, apesar dos desafios opressores e excludentes que o sistema capitalista impõe, em proporções distintas vividas, no bojo da desigualdade social ainda escancarada no Brasil, sem vergonha alguma, com conivência de boa parte dos que detêm assento em poderes decisivos dos rumos de políticas, que deveriam ser públicas e prioritariamente para a população em situação de maior vulnerabilidade social. E, nesse contexto, a Roda do Chafariz é palco do combate ao preconceito, à exclusão, acolhendo todas e todos, sem distinção, lutando para que essa desigualdade no país não mais subsista.

Referencio, assim, a fala do Professor Caçapava, em que ele, ao citar o acolhimento do local, afirma que chega ali e é recebido da mesma maneira que foi tratado quando chegou, sem camiseta de grupo, sozinho, “[...] pedindo para jogar. Então isso é inclusão. Eu sou defensor do meu beco, da vila. Nem todo o lugar em que a vila vai é bem recebida”<sup>212</sup>. Ao continuar a temática da inclusão na Roda, trago, por fim, mais um destaque, mencionado nas oitavas desta investigação: a participação das pessoas em situação de rua.

Em muitas das Rodas do Chafariz em que pude estar, para não afirmar a totalidade, havia pessoas em situação de rua interagindo. Em vários domingos, a

---

<sup>211</sup> CUTTI, Marta Elisa. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, out 2022. Arquivo txt (344 palavras). Recebido por *whatsapp*.

<sup>212</sup> VIEIRA, Elisandro Oliveira. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 08 out 2022. Arquivo .opus (duração de 17 minutos e 04 segundos).

expressão delas era com uma atuação proativa, jogando, tocando, sentadas no círculo da Roda respondendo o coro, se expressando de uma multiplicidade de formas potentes. Essas manifestações, em boa parte dos ambientes públicos inclusive, estão bem longe de ser aceitas, em atitudes injustificáveis de parte da sociedade com esses indivíduos, que não só são invisibilizados, como são vítimas de racismo, de preconceitos, de agressões de distintas formas, ou ainda assassinatos covardes. Evidencio, nessa seara, a postura inclusiva dessas pessoas na Roda do Chafariz, lembrando o que foi apontado pelo Contramestre Jean Sarará, quando afirmou que “[...] uma pessoa em situação de rua vai poder ser protagonista da sua história, porque a gente acredita que esses são os verdadeiros herdeiros da Capoeira, porque a maioria das pessoas em situação de rua são pessoas negras”<sup>213</sup>. Ao prosseguir trago agora outro aspecto atinente à Roda do Chafariz: a presente valorização da cultural popular.

Quando abordo a valorização da cultura popular, estou aqui a conectando à relevância da Roda. Trata-se, então, de a partir dos aspectos apontados pelos entrevistados, construir um arcabouço de importâncias verificadas, no espaço de vadiação do Chafariz aos domingos, que convirjam para efetivamente afirmar as formas que no local se presenciam uma verdadeira e plural valorização da cultura popular. Nesse contexto, a própria inclusão social, já destacada, é elemento de relevância central, mas que se conecta a outro – ao fato de a Roda ser realizada na rua, acessível a todos. E é sobre esse ponto que discorro agora, porque, a partir dele, outras perspectivas são decorrentes.

A Roda do Chafariz, como ressaltado amplamente pelos capoeiristas ouvidos na seção anterior, tem a relevância de ser realizada em espaço público acessível à população. E não é qualquer espaço, uma vez que ocorre em um território negro, o Parque da Redenção. Nessa linha, como já visto, esse local foi, desde a época da escravidão, reduto de negros e negras, que se expressavam de diferentes formas, como através do batuque. Nele se verificam atualmente diferentes territorialidades negras, e uma delas há 20 anos, a Roda de Capoeira do Chafariz. Nesse sentido, a importância dessa vadiação ser realizada nesse lugar é enorme, pois traz toda uma carga de ancestralidade de resistência libertadora que o espaço carrega há séculos.

---

<sup>213</sup> DORNELES, Jean. [informação em áudio]. Entrevista presencial concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, 10 nov 2021. Arquivo .opus (duração de 23 minutos e 27 segundos).

Assim, destaco uma das falas feitas pelo Mestre Kunta Kintê, em que ele assinala que “[...] ali foi um reduto negro, por isso tem o nome de Redenção. É muito importante historicamente ali ser relacionado ao negro, à cultura popular. A Roda do Chafariz é um lugar com história marcante sobre o negro também”<sup>214</sup>.

Para além desse aspecto de extrema relevância, o fato de ela ser realizada na rua possibilita que a população, que comparece em peso às Rodas, de forma gratuita, vivencie a cultura popular, a Capoeira, de diferentes formas, seja integrando a Roda, seja apenas a observando. Trata-se, então, de uma oportunidade de lazer cultural para o conjunto da população, principalmente de Porto Alegre, do RS, mas acessível a todos os indivíduos, sem distinções. Por conseguinte, acredito que todas as demais relevâncias da Roda transitem no elemento de ela ser realizada no território negro público da Redenção. Assim, passo a falar sobre outro ponto importante, muito difundido nas manifestações dos entrevistados, que é o local se afirmar como espaço de encontro, convívio e vivências de capoeiristas da capital gaúcha, do estado do Rio Grande do Sul, mas também de diversas regiões do país e do mundo.

Ser ponto de vadiação de capoeiristas, principalmente angoleiros e angoleiras, mas também aberto a todos e todas praticantes da Capoeira, independente da modalidade, é de enorme significado. Nessa vivência no Chafariz, os capoeiristas se expressam de muitas maneiras, seja jogando, tocando, cantando, na proporção dos seus conhecimentos. Esse espaço, por consequência, além de ser de convívio entre integrantes de diferentes grupos de Capoeira do RS, assim como daqueles que não estão inseridos em algum, é de extremo aprendizado àqueles que praticam a Capoeira, tanto no sentido de colocar em prática aquilo se treina, como da mesma forma, aprender e apreender valores coletivos para a vida. Nesse contexto, foi muito citada a participação de Mestres locais, mas enfatizada a presença de grandes Mestres e Mestra de fora do RS na Roda do Chafariz.

Por ali, já passaram Mestres Moa do Katendê (presente!), Lua de Bobó, Raimundo Dias, Felipe, Gato Góes, Jogo de Dentro, Plínio, Mestra Elma, Barba Branca (presente!), Cláudio, Alvinho, Beija-Flor (presente!), Boca do Rio, Poloca, Pernalonga e Neguinho. A presença deles/a foram momentos marcantes, de muito

---

<sup>214</sup> SOUZA, Julio Marques de. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Torres, 05 fev 2022. Arquivo .opus (duração de 14 minutos e 46 segundos).

aprendizado para quem estava nessas oportunidades. Como relatado anteriormente, é através de Mestres e Mestras que temos contato com a tradição e os fundamentos da Capoeira Angola, mas também com a conexão com a ancestralidade, pois eles e elas aprenderam com Mestres e Mestras de outras gerações ainda mais antigas, em um ciclo temporal que remonta à África. Nesse sentido, a vivência que a Roda do Chafariz propicia com esses grandes nomes da Capoeira é de uma relevância que não se pode mensurar. Nessa seara, Bodão expressou: “[...] tornou-se comum os Mestres quando vinham a Poa – sentiam a necessidade e curiosidade de conhecer a Roda do Chafariz”<sup>215</sup>, o que possibilitou “[...] inúmeros intercâmbios e vivências muito ricas culturalmente falando. Abriu-se uma porta para que as pessoas comuns e capoeiras de diversos grupos pudessem conhecer e ter acesso a esses grandes Mestres com sua sabedoria”<sup>216</sup>. Ainda, fundamental registrar a participação de todos os Mestres de Capoeira Angola do Rio Grande do Sul na Roda, além de Mestres de outras linhagens.

Já estiveram presentes no local, alguns ainda permanecem assíduos no Chafariz aos domingos, os seguintes Mestres do RS: Churrasco, Kunta Kintê, Ratinho, Baptista, Renatinho, Jaburu, Ivonei, Dentinho, Bira, Sorriso, Renato, Dindo, Guto, Grande, Gororoba, Gato Preto, Bartelemei, Michel, Capelão, Sarará, Perna Longa. A contribuição deles também é inestimável, porque cada vivência se tornou um aprendizado de fortalecimento da Capoeira e dos (as) capoeiristas de Porto Alegre, do RS, e da própria essência dessa manifestação em nível, pelo menos, regional. Ainda, para além dos Mestres que compareceram e frequentam a Roda, é necessário aqui, desde já, agradecer a todas (os) capoeiristas que se somam nessa manifestação afro-brasileira aos domingos na Redenção, pois, como enfatizado, é construída e mantida de forma coletiva por todas (os) que dedicam um pouco do seu final de semana para preservar e fortalecer esse espaço energético e potente. Outra questão relevante a ser tratada é a proeminência do local como referência de Roda de Capoeira Angola de Porto Alegre e do RS.

Citada por vários dos entrevistados como Roda exemplo da Capoeira Angola de Porto Alegre, ela se salienta por ser a única atualmente com essa característica que é contínua e aberta a todos na cidade, pois basta se programar e comparecer.

---

<sup>215</sup> SOUZA, Cristiano Marques. [informação escrita]. Entrevista concedida a Rafael Berbigier de Bortoli. Porto Alegre, jul 2022. Arquivo txt (1033 palavras). Recebido por *whatsapp*.

<sup>216</sup> Idem.

Para além desse aspecto, nela se preservam os fundamentos da Capoeira Angola tradicional, apesar de ser aberta a qualquer capoeirista e a toda a população. Os ritos da Capoeira são seguidos, conforme a tradição passada por Mestres mais antigos, visando à manutenção de uma Capoeira Angola que se conecte ao passado, respeitando os ensinamentos dos Mestres e das Mestras mais velhos, conectando-se com o presente, ao propiciar continuidade a esse legado, e apostando no futuro, através da participação recorrente de crianças e jovens que se pretende que sigam esses passos.

São muitos os cuidados para sua realização, desde o pedido de proteção, passando pelo levar instrumentos, até a construção e a efetivação da Roda do Capoeira a cada domingo, processo encabeçado pelo Contramestre Jean Sarará. A respeito dessa questão, menciono Mestre Plínio, ao pontuar que “[...] estar, como o Contramestre Jean, dedicando os seus domingos a ir ali, levar instrumentos, tomar todos os cuidados que são necessários para fazer uma Roda de Capoeira, é, no mínimo, um olhar que a gente tem que ter de respeito a isso”<sup>217</sup>.

Complementando, esse espaço propicia a desconstrução de estereótipos, ao passo que fornece ao povo a possibilidade de conhecer parte de sua cultura raiz, a Capoeira, vinda de África e consolidada como luta de resistência por liberdade na época da escravidão aqui no Brasil. Nessa perspectiva, Mestre Baptista contribui, ao afirmar que a Roda do Chafariz “[...] traz a todos transeuntes que passam por aquela região essa visão, desse mundo, do que é uma Capoeira. Se criaram muitos estereótipos da Capoeira. Muita gente ainda pensa que Capoeira é coisa de vagabundo, é uma coisa violenta”<sup>218</sup> e, ainda, acrescenta, mencionando que “[...] ali tu vê outra coisa: uma galera bacana, bonita, cantando coisas bonitas, fazendo jogos maravilhosos”<sup>219</sup>. Ao desconstruir estereótipos racistas, a Roda do Chafariz vai além, posto que se propõe a ser propulsora de novos enfrentamentos de resistência a opressões ainda sofridas na contemporaneidade. A respeito dessa abordagem, outra relevância conectada à valorização da cultura popular, trato a seguir.

---

<sup>217</sup> SANTOS, Plínio C. F. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 30 ago 2021. Arquivo .opus (duração de 12 minutos e 17 segundos).

<sup>218</sup> NETO, João Baptista de Godoy. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 01 dezl 2022. Arquivo .opus (duração de 13 minutos e 40 segundos).

<sup>219</sup> Idem.

Algumas incursões de oitivas a capoeiristas nesta pesquisa trouxeram algo extremamente importante, que consiste na Roda do Chafariz ser espaço para expressão, intervenção, contra as opressões que existem em nossa sociedade. Nela, inúmeras vezes, foram feitas manifestações de combate ao racismo, à LGBTQIAPN+fobia, à carestia, ao ódio, à desigualdade social de que o povo, principalmente da periferia são vítimas. Nessa linha, em diferentes momentos, se reivindicou a defesa e a valorização da cultura, da Capoeira, do território negro como a Redenção, tão ameaçada constantemente, além da reivindicação de direitos sociais como um todo. Ao prosseguir nesse tema tão relevante, cito o que Mestre Raimundo Dias verbalizou, quando afirmou que “[...] Nós passamos por essa situação de racismo. Através dali que a pessoa vai buscando e pegando consciência do que é o nosso país”<sup>220</sup>.

O Mestre ressalta a importância da conscientização que Roda proporciona na luta pela superação ao racismo, destacando esse local como um dos protagonistas nessa pauta, que deve ser de todos nós. Os brancos, como eu, têm que compreender seu local de privilégio nesta sociedade ainda racista e lutar para que esse *status quo* se altere, em busca de uma verdadeira justiça e igualdade sociais e raciais, que garantam direitos e oportunidades de fato equânimes ao conjunto da população, a partir de políticas públicas fortes e efetivas de reparação a negras e a negros, cujos antepassados foram escravizados e as consequências se refletem até hoje, seja por continuarem sendo vítimas de racismo, seja pela periferização de parcela dessa parte ampla da população, escanteada, muitas vezes, dos grandes centros urbanos. Assim, estar junto à luta antirracista na prática não é um favor: é uma obrigação de todos os brancos. Não há mais espaço para se curvar dessa responsabilidade histórica, a não ser que você seja racista. Nesse caso, talvez nem devesse estar lendo este trabalho, ou, se estiver, que busque aprender algo, não comigo, mas com os mais antigos aqui mencionados e com as referências aqui citadas, várias pessoas negras.

Ao seguir, ainda nessa perspectiva de intervenções na Roda, ressalto que, para ser uma Roda de Capoeira Angola, como atualmente é considerada e consolidada a do Chafariz, têm que haver esses momentos de reflexões, questionamentos e de lutas de resistência. Nessa linha, o Treinel Roger apontou que

---

<sup>220</sup> DIAS, Raimundo. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 18 nov 2022. Arquivo .opus (duração de 12 minutos e 07 segundos).

“[...] a Roda, quando ela tem momentos de intervenção, momentos de denúncia, de crítica, a essas relações sociais que ainda são muito injustas, ela, sim, ganha o título e nome de Roda de Capoeira Angola” e continua, ao enfatizar que “[...] a Roda do Chafariz não só tem esse perfil como ela é viva com esse formato”<sup>221</sup>.

Ainda, mais uma importância do espaço, ressaltada em falas dos capoeiristas ouvidos, diz respeito a outras manifestações culturais que acontecem conectadas à Roda do Chafariz, normalmente antes. Como exemplo, cito os cortejos de Afoxé, que muitas vezes ocorrem previamente à Roda. Os que lá estavam realizavam o Afoxé e após permaneciam para a Roda de Capoeira. Encabeçados pelo nosso saudoso Mestre Moa do Katendê e por Mestre Ratinho, os cortejos permanecem ativos e contam, sob a coordenação de Mestre Ratinho, com ampla participação de capoeiristas e comunidade em geral. Por fim, faço agora uma ponte conectiva a essa temática, que expressa mais uma relevância da valorização da cultura popular que a Roda do Chafariz propicia, à abordagem final desta seção, ou seja, aos direitos humanos envolvidos e exaltados através desse espaço.

Discorrer sobre direitos humanos me empolga sempre, porque, como já tratado em capítulo anterior, eles dizem respeito a todas as pessoas e são alicerçados pelo princípio da dignidade da pessoa humana. Assim, quem reivindica esses direitos - todos os humanos deveriam o fazer – está defendendo a vida, a liberdade, a educação, a cultura, a saúde, a segurança pública, entre tantos outros direitos essenciais e básicos ao conjunto da população de nosso país, mas igualmente de todos os povos no mundo cujas nações respeitem a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Ao resgatar esse debate, com efeito, ratifico que não se trata aqui de opção do Estado brasileiro em efetivar esses direitos, já que previstos na Constituição Federal de 1988 como fundamentais. É obrigação! Eles devem ser garantidos; contudo, a realidade do povo não é essa.

A dignidade de muitas pessoas se vê constantemente ameaçada por condições desumanas; o básico não é garantido a todos que precisam de amparo do Estado para viver e subsistir; os direitos humanos são relativizados e mentirosamente atacados em muitos contextos históricos, como no antigo governo de Jair Bolsonaro, derrotado pelo voto do povo nas últimas eleições. Nesse sentido,

---

<sup>221</sup> FERREIRA, Roger Casemiro. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 28 jul 2022. Arquivo .opus (duração de 23 minutos e 39 segundos).

quem tem o mínimo de entendimento de que direitos humanos significam vida, liberdade, saúde, educação e cultura não se perde em *fake news*, como as difundidas por Bolsonaro e sua tripe. Nessa perspectiva, porque os direitos humanos e a Roda do Chafariz se relacionam? Vejamos.

Primeiro, porque esse espaço é uma potência de cultura popular, como já mencionado, propiciando acesso livre a todas e todos, oportunizando que indivíduos tenham garantido, minimamente, o direito à cultura aos domingos, no Chafariz, sem ter que pagar algo para isso. Presenciar a Roda de Capoeira no final de semana no Parque da Redenção é pouco, mesmo sendo um patrimônio cultural brasileiro e da humanidade, mas, por mais que seja pouquíssimo, esse espaço coletivo de iniciativa popular proporciona esse acesso.

Segundo, porque se trata de um local de expressão do povo que traz visibilidade aos que cotidianamente presenciamos tratados como invisíveis. Na Roda, se expressam pessoas em situação de rua que têm reações distintas. Várias delas manifestaram em diferentes momentos uma alegria que poderiam não externar, pela dificuldade que o sistema atual lhes proporciona para viver e sobreviver, de forma mais intensa, quando comparado obviamente com quem tem uma casa para morar e não passa fome, frio ou calor intensos. Isso pode não significar muito para alguns outros, mas certamente empodera as pessoas em situação de rua que lá se manifestam, no sentido de garantir uma liberdade no se expressar, florescendo um protagonismo que, pelo menos momentaneamente, lhes garante dignidade. É pouco? Sim. Mas esse pouco a Roda proporciona. Que o Estado tenha políticas públicas efetivas para garantir plena dignidade à população em situação de rua urgentemente! Não é um favor. É uma obrigação! E que a população, em geral, os respeite e deixe de os tratar como invisíveis.

Terceiro, porque ela oportuniza uma liberdade de expressão às pessoas com deficiências que nunca presenciei em outro local público. O sorriso potente, título de uma foto aqui inclusive, a alegria, o afeto, a interação deles e delas é fenomenal na Roda do Chafariz. Trabalho em que há anos o Contramestre Jean Sarará se dedica, seguindo os ensinamentos da Capoeira Inclusiva, repassados pelo saudoso Mestre Beija-Flor, que Marta (Martainha) também presenciou de forma intensa.

Por fim, a última questão a que relaciono a Roda do Chafariz aos direitos humanos está vinculada justamente à reivindicação deles, preliminarmente trazida no momento que citei que, nesse espaço, é relevante que ocorram reivindicações de

luta por direitos. Pois então, esses direitos reivindicados são os humanos. Nesse contexto, vocalizar a luta pela cultura popular, pela Capoeira, pela vida, pelo combate ao racismo e a todas de opressão é uma prática constante que se presencia na Roda. Assim, para finalizar, recorro ao Mestre Ratinho, no momento em que ele apontou que a Roda do Chafariz “[...] representa uma continuidade de resistência da cultura Afro na cidade de Porto Alegre”<sup>222</sup> e dessa forma [...] também é uma inspiração para entender a cultura afro-brasileira e possíveis lutas de resistências para o futuro”<sup>223</sup>.

Trata-se, portanto, de uma Roda de Capoeira que preza pelo respeito ao outro, com potente inclusão social, em que se busca estabelecer uma profunda conexão entre o ritual energético-ancestral, a preservação e a valorização da cultura popular, através dos fundamentos da Capoeira Angola. Um território negro, enraizado por uma luta de resistência libertária do passado, que reivindica direitos humanos no presente, para que haja um futuro digno a todes!

Antes de iniciar a última abordagem deste capítulo na seção seguinte, menciono que foram lembrados vários momentos marcantes da Roda do Chafariz pelos entrevistados. Cito algumas das ocasiões rememoradas: a Roda comemorativa de 10 anos, com a presença do Mestre Raimundo Dias; a que celebrou os 15 anos, com participação de Mestres Gato Góes, Jogo de Dentro, Plínio, Cláudio e Mestra Elma; a que festeja a consagração de Jean Sarará como Contramestre; e a que homenageou Mestre Moa do Katendê, assassinado brutalmente. Para ilustrar também outros momentos da Roda, trago novas fotos, que expressam diferentes tempos e significados.

Início, assim, com a figura 30, uma homenagem ao grande Mestre Moa do Katendê, referencia na Capoeira, no Afoxé, nas expressões de manifestações culturais afro-brasileiras, que nos deixou por ter sido vítima do ódio assassino que assolou nosso país em 2018. Tive oportunidade de ter algumas vivências com o Mestre, a primeira em 2008, em uma oficina na Academia Kyokushin, localizada na rua Protásio Alves, em Porto Alegre, onde aconteciam os treinos da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul. Mestre Moa permanece vivo em nossas mentes e seu legado marca a todas e todos que o conheceram. Mestre Moa, presente!! Na

---

<sup>222</sup> ACCURSO, Anselmo da Silva. [informação em áudio]. Entrevista concedida presencialmente a Rafael Berbigier de Bortoli, Porto Alegre, 08 out 2022. Arquivo .opus (duração de 27 minutos e 06 segundos).

<sup>223</sup> Idem.

imagem, Mestre Moa está ao centro, quando foi realizado um cortejo de Afoxé antes da Roda do Chafariz. Além de Mestre Ratinho, que está abaixado atrás de Mestre Moa do Katendê, visualizam-se muitos capoeiristas na foto.

**Figura 30**  
**Mestre Moa do Katendê, presente!!**



Fonte: Machado, Bruno (2014)

A figura 31 é mais uma foto coletiva, em que se visualiza a potência da inclusão de pessoas com deficiência na Roda do Chafariz, o que se pode confirmar pela expressão de felicidade no rosto de todas e todos. Foto tirada após a Roda, em 24 de agosto de 2014.

**Figura 31**  
**Potência Inclusiva - Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2014)

A próxima é um dos momentos de expressão da coletividade da Roda do Chafariz, após sua realização. Na figura 32, verifica-se o Mestre Cláudio, referência da Capoeira Angola, do Rio de Janeiro, ao centro, com camiseta amarela; ao lado dele, à esquerda, Mestre Churrasco; à direita de Mestre Cláudio, Mestre Ratinho e ao lado Contramestre Jean Sarará. Bem à esquerda, Mestre Renatinho. E várias e vários capoeiristas, como Martainha, Indiana, Roger, Bolota, Cecênio, Arara, Cigarra, Iúna, Quero-Quero, etc.

Aproveito para já falar da figura 33. Foto tirada no dia em que se comemorou os 19 anos da Roda do Chafariz, com a presença da Mestra Elma, em 05 de junho de 2022. Dada a quantidade de capoeiristas, não vou mencionar todos que aparecem, apenas destacar que ali estão também os Mestres Kunta Kintê, Renatinho, Sorriso, Bira e Grande, além do Contramestre Jean Sarará e do Professor Dindon.

**Figura 32**

**Mestre Cláudio - Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2015)

**Figura 33**  
**Mestra Elma - 19 anos da Roda do Chafariz**



Fonte: Silva, Alan (2022)

A figura 34 mostra o Mestre Juburu (Gauyamuns), uma grande referência da Capoeira do RS, e o Contramestre Jean Sarará jogando em uma Roda em 2006.

**Figura 34**  
**Mestra Jaburu - Roda do Chafariz**



Fonte: Arquivo da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul (2006)

**Figura 35**  
**Mestre Felipe - Roda do Chafariz**



Fonte: Accurso, Anselmo (2014)<sup>224</sup>

Na figura 35, verifica-se a presença de Mestre Felipe (Santo Amaro/BA) na Roda do Chafariz. Ao lado dele, Mestres Ratinho e Baptista. Na figura 36, uma Roda realizada em 2008 com grande participação da população, em que se visualiza o capoeirista Cardeal, que frequenta a Roda do Chafariz desde os primórdios, no pé do berimbau, à direita.

**Figura 36**  
**Participação popular/ Cardeal - Roda do Chafariz**



Fonte: Arquivo da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul (2014)

<sup>224</sup> Foto disponível em:  
<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=711762362239105&set=t.1800679048&type=3>>.  
Consultado em: 04 fev 2023.

**Figura 37**  
**Mestres Lua de Bobó e Renatinho - Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2015)

Na figura 37, visualiza-se o Mestre Lua de Bobó em primeiro plano. Em profundidade, na sequência, Mestre Renatinho, Professor Jauri, Cecênio e o CM Jean Sarará. Na figura 38, aparecem jogando o CM Bidão e o CM Jean Sarará.

**Figura 38**  
**CM Bidão e CM Jean Sarará - Roda do Chafariz**



Fonte: Arquivo da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul (2010)

**Figura 39**  
**Treinel Fabi, Professor Nelmar e Lica- Roda do Chafariz**



Fonte: Arquivo da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul (2011)

Na figura 39, aparecem Professor Nelmar (MOCAMBO) no pandeiro, de vermelho; nos berimbaus, CM Jean Sarará, Lica (ACCARA) no médio e Treinel Fabi (ZIMBA) na viola. Na figura 40, aparecem nos berimbaus, na ordem, CM Jean Sarará, CM Márcio e Professor Dante, três fundadores da Roda.

**Figura 40**  
**CM Jean Sarará, CM Márcio e Professor Dante - Roda do Chafariz**



Fonte: Arquivo da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul (2007)

**Figura 41**  
**Participação popular/ Professor Bolota - Roda do Chafariz**



Fonte: Machado, Bruno (2012)

Na figura 41, verifica-se mais um dos diversos momentos de intensa participação dos frequentadores do Parque da Redenção, que apreciam Roda atentamente. Na imagem, professor Bolota (ACAZUP), em pé, de costas, jogando com o Contramestre Jean Sarará. Nos berimbaus, de frente para trás, Mestre Renatinho, Treinel Roger e Professor Dante. Apresento, por fim, a última figura.

**Figura 42**  
**Contramestre Jean Sarará - Roda do Chafariz**



Fonte: Arquivo da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul (2009)

A última foto desta etapa, figura 42, poderia ser várias outras, mas certamente não qualquer uma em que ele não estivesse em destaque, o Contramestre Jean Sarará, apontado a Mestre, que, como amplamente visto, é a pessoa que se consolidou como a guardiã da Roda do Chafariz. Essa imagem é muito simbólica, pois retrata perfeitamente, entre vários, um momento de defesa de direitos, de externar a indignação e de verbalizar a luta por dignidade e por pleno exercício da cidadania à população, principalmente àquelas que deram origem à Capoeira, que foram escravizados e, até hoje, ainda sofrem com o racismo estrutural que assola o Brasil e o mundo – pessoas negras. Ao Contramestre Jean Sarará, da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, deixo meus agradecimentos por ser uma âncora que viabilizou esta pesquisa, pelo convívio e por ter o privilégio de estar ao teu lado cotidianamente. Essa liderança na Capoeira, esse pai, esse amigo, esse ser humano, merece, mais que agradecimentos, ser aplaudido de pé, por todo seu compromisso com a cultura popular de matriz Africana, por sua história, pela Roda do Chafariz. Um grande e potente VIVA, Jean Sarará!

Passo, então, para a última seção do desenvolvimento deste percurso investigativo. Trata-se de abordar a salvaguarda da Roda do Chafariz.

### **5.2.3 Estratégias de sua salvaguarda**

Para abordar a salvaguarda da Roda do Chafariz, preciso retomar esse conceito, já mencionado em capítulo anterior. Trata-se de garantir que haja implementação de políticas públicas que objetivem viabilizar que bem cultural continue existindo, ao também o preservar, conservar e proteger. Nesse sentido, o próprio IPHAN, ao reconhecer a Roda e o Ofício de Mestres (as) de Capoeira como patrimônios culturais, elencou 6 pontos a serem observados para salvaguarda desses bens registrados, o que também foi destacado em seção prévia. Outro documento relevante é o Plano de Salvaguarda da Capoeira da Bahia, cujo trecho cito a seguir:

É um plano construído pelos capoeiristas da Bahia que define diretrizes, ações e metas a serem realizadas a curto, médio e longo prazo, em até dez anos, tendo como objetivo maior a salvaguarda, ou seja, o estímulo, o apoio, o fomento à capoeira, para que os saberes ligados a ela sejam mantidos e transmitidos para os jovens capoeiristas: os conhecimentos ligados aos toques, os movimentos, as histórias, as mandingas e rituais da capoeira e

dos Velhos Mestres. Salvar também significa buscar estratégias para que os Mestres possam viver dignamente da sua arte, ser reconhecidos, atuar como educadores e ter apoio quando trabalham no exterior, entre outras prioridades. (IPHAN, 2018, p. 8)

Então, ao pontuar sobre a salvaguarda da Capoeira, é igualmente importante prever diretrizes, metas e ações que visem à manutenção e à transmissão de saberes a ela vinculados para presentes e futuras gerações. Outro eixo central é o reconhecimento de Mestres e Mestras como detentores dessa sabedoria, implementando políticas de valorização deles e delas, para que possam, para além de atuar nesse campo, viver com dignidade por meio dessa arte. A partir desses apontamentos, ingresso no foco da salvaguarda da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção.

Ao analisar as entrevistas e diante do arcabouço teórico até aqui trabalhado, principalmente sobre a Capoeira e o território da Redenção, elenco três pontos que considero principais para salvaguarda da Roda do Chafariz, que extrapolam a proteção e preservação já realizadas pelos (as) próprios (as) capoeiristas, com destaque ao Contramestre Jean Sarará, por ser reconhecido com o guardião dela, como já ressaltado.

O primeiro eixo a se observar é amplo, a elaboração de um plano de salvaguarda da Capoeira do Rio Grande do Sul. Aos moldes do potente plano de salvaguarda da Capoeira da Bahia, a construção de um plano específico para o RS é relevante. Processo que deve ser previamente debatido amplamente pelos capoeiristas do estado, com realização de sessões de debate, para elaboração de diretrizes, metas e ações a serem implementadas a curto, médio e longo prazo, com formação de Conselho Gestor que englobe a amplitude de capoeiristas de diferentes regiões do RS.

Esse passo de implementação de plano de salvaguarda em âmbito regional justifica-se pela realidade de uma Capoeira que se consolidou no estado com a presença de vários Mestres (alguns deles entrevistados nesta pesquisa previamente) e que se encontra difundida por diversas cidades do Rio Grande do Sul. Além disso, também a relevância desse estudo, para posterior implementação, é uma etapa fundamental, para que, de maneira mais célere e mais contundente, se consiga demandar e ter efetivadas políticas públicas que deem conta da proteção e

valorização da Capoeira em âmbito regional, bem como que reconheçam e concretizem estratégias que garantam vida digna principalmente aos Mestres e às Mestras dessa arte. Nessa seara, ao saber da complexidade da elaboração e consolidação de um plano de salvaguarda - o da Bahia levou 5 anos para ser construído e aprovado (IPHAN, 2018) - aqui proponho que o debate se inicie coletiva e democraticamente entre os capoeiristas do Rio Grande do Sul a partir também de diálogos com capoeiristas da Bahia, que já têm a experiência nessa concretização, como é o caso da Mestre Princesa, entrevistada, no capítulo sobre a Capoeira, justamente sobre a salvaguarda dessa luta.

Diante dessa etapa mais ampla e demorada, de elaboração de plano de salvaguarda da Capoeira do RS, que acredito também deva abarcar estratégias para conservação, manutenção e valorização de Rodas de Capoeira reconhecidas no estado do Rio Grande do Sul, como a do Chafariz, proponho os outros dois pontos, os quais têm concretização de imediato.

Um refere-se à continuidade da realização da Roda do Chafariz aos domingos, com compromisso coletivo dos capoeiristas que a frequentam, para que se mantenha como referência de Roda de Capoeira Angola em âmbito regional, que respeita os fundamentos e as tradições repassados pelos Mestres e Mestras mais antigos. O Contramestre Jean Sarará, juntamente com a Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul e diversos grupos e capoeiristas parceiros (as), consegue zelar pela Roda do Chafariz, como se verificou ao decorrer desta investigação, objetivando a própria salvaguarda desse espaço da Capoeira. Nessa linha, o ponto de salvaguarda se consolida, de imediato, com esse conjunto de cuidados atualmente já visualizados e concretizados. Contudo, para complementar o fortalecimento desse local de manifestação da cultura afro-brasileira, acredito ser importante que se projete política pública de valorização dele, como com a aprovação de lei de fomento à Capoeira e abertura de editais que possibilitem viabilizar o traslado e a participação de Mestres e Mestras na Roda do Chafariz, com realização de eventos no local.

Como observado anteriormente, a vinda de Mestres e Mestras à Roda do Chafariz é uma constante, mas só se efetiva pela contribuição financeira dos (as) próprios (as) capoeiristas do grupo que realiza previamente algum evento, o qual tem custos para a estada, alimentação, deslocamento e contribuição financeira ao

Mestre ou a Mestre convidado (a). Assim, para quem participa da Roda do Chafariz, a presença desses (as) grandes Mestres e Mestras e a oportunidade de vivenciá-los (as) é gratuita no próprio espaço, mas requer organização e arrecadação de verbas previamente, para que se consiga efetivar a vinda dessas referências da Capoeira. Nesse contexto, a efetivação de políticas públicas que garantam a vinda de Mestres e Mestras de Capoeira à Roda fortaleceria ainda mais o local, contribuindo com sua salvaguarda.

O último ponto referente à salvaguarda da Roda do Chafariz está atrelado ao Parque da Redenção, onde ela é realizada. Como previamente verificado, trata-se de um território negro constantemente ameaçado por governos municipais de Porto Alegre, que já tentaram inúmeras vezes cercar o local e entregar a sua administração para a iniciativa privada. Nesse contexto, para se efetivar a salvaguarda da Roda do Chafariz, é essencial que o acesso a esse espaço continue público, gratuito, sem grades e limitações ou restrições de ir e vir à Redenção.

Então, quando se fala em salvaguarda da Roda de Capoeira do Chafariz, está se demandando a permanência do Parque como público, que continue sendo do povo e administrado pelo poder público sem qualquer tipo de concessão à iniciativa privada, assim como sem tentativas de cercar o acesso. Para além disso, friso que a manutenção da flora e fauna do local são essenciais, pois constituem um patrimônio dos gaúchos e gaúchas, em especial dos portoalegrenses, que não pode ser dilapidado.

Por conseguinte, preservar o Parque da Redenção constitui-se como fundamental, portanto, para que o patrimônio Roda de Capoeira, como a do Chafariz, ali realizada, seja de fato salvaguardada. Sem uma Redenção pública, com livre acesso, a Capoeira e, por consequência, a Roda do Chafariz estarão ameaçados de ocorrerem nesse território negro. Viva a Redenção e a Roda do Chafariz!! Prossigo agora às considerações finais!

## 7 ESPERANÇANDO O FUTURO

A trajetória de escrita deste trabalho foi imersa em distintas realidades conjunturais no mundo e no Brasil. Se por um lado imergimos no caos com a pandemia do covid-19, com milhões de vítimas em todos os cantos deste planeta, por outro fomos acometidos pelo descaso do governo federal sob a ex-gestão de Jair Bolsonaro, derrotado nas eleições de 2022. Enfrentamos ao mesmo tempo a tristeza da pandemia e o negacionismo do ex-presidente à vacina. Mas os tempos mudaram a partir de 01 de janeiro de 2023.

A pandemia não acabou, mas as curvas de contaminação por coronavírus e de mortalidade reduziram drasticamente, devido à ciência, que conseguiu produzir vacinas em tempo recorde, o que, a partir da vacinação em massa da população, fez com que a realidade de isolamentos e choros fosse aos poucos revertida em esperança de uma nova chance para a humanidade. Pessoa alguma que tem consciência crítica e sensibilidade aguçada passou por esse período sem refletir a importância da vida social, indagar sobre prioridades a serem encaradas com o retorno da sociabilidade e agradecer por continuar com saúde e viva. Ao mesmo tempo em que a situação da pandemia melhorou exponencialmente a nível global, o Brasil esperançou.

Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente do país nas eleições em 2022, assumindo o cargo em uma emocionante e marcante posse, em 01 de janeiro de 2023. Se antes o ódio prevalecia com incentivo ao armamento da população, com discursos vazios, ataques e descaso com indígenas, negras, negros e LGBTQIAPN+, agora, com Lula, temos a indígena Sônia Guajajara coordenando o inédito Ministério dos Povos Originários. Temos como Ministro de Direitos Humanos Silvio Almenida, referenciado nesta pesquisa. Temos o Ministério da Igualdade Racial com Anielle Franco, militante da luta antirracista e irmã de Marielle Franco, presente! Recriação do importante Ministério da Cultura com a liderança de Margareth Menezes, extinto na gestão anterior. Reestabelecimento do Ministério das Mulheres, com Cida Gomes, que já havia sido secretária de enfrentamento à violência contra as mulheres nos governos anteriores de Dilma e Lula. Nesse contexto, são muitos os motivos para que tenhamos renovada a esperança de um Brasil muito melhor, mas não continuarei a dissertar sobre isso, porque esse recorte conjuntural renderia algumas

dissertações específicas. Assim, ao demonstrar a realidade multifacetária em que foi escrita esta pesquisa, prossigo ao entrar nos temas aqui abarcados, em que, em cada um, farei considerações.

Ao objetivar tratar da relevância da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção no contexto da inclusão social, valorização da cultura popular e de efetivação de direitos humanos, foram várias as abordagens prévias que deram sustentação ao eixo central desta pesquisa militante. Não há como abordar Roda de Capoeira sem escrever sobre Capoeira. Não há como escrever sobre Capoeira sem discorrer sobre o racismo estrutural e também sobre branquitude, ainda mais eu sendo uma pessoa branca que, no todo social, gozo de privilégios injustos. E, ao discorrer sobre racismo, branquitude, Capoeira e Roda de Capoeira, estou assim falando em direitos humanos, que entre eles está o à cultura, que se consubstancia no fundamental ao patrimônio cultural. Essa foi a lógica construtiva desta análise. Então, seguindo a acepção inversa até chegar à Roda do Chafariz, rememoro agora as discussões feitas sobre patrimônio cultural.

Tratei de conceitos que dão conta de apresentar ao leitor desde a concepção inicial de patrimônio até chegar à ótica do cultural, relacionado-o a bens culturais distintos referentes a plurais coletividades. Aqui, da mesma forma, se frisou a importância do registro ou tombamento desses patrimônios, a fim de salvaguardá-los e possibilitar que presentes e futuras gerações tenham acesso a eles de forma segura, compreendendo a importância de suas proteções e conservações, pois emitem inúmeros significados e múltiplas histórias e vivências antigas e, por vezes, ancestrais. O patrimônio cultural tem várias facetas. Respeitá-lo é cultivar, conservar e valorizar uma história que representa muito para uma coletividade!

Logo após, ingressei em uma temática demais cara para mim – direitos humanos. Formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRGS, a disciplina que mais gostei do curso foi justamente uma eletiva, com esse nome. Não à toa meu trabalho de conclusão de curso não só abarca essa temática, como foi orientado pelo professor que a ministrava, o querido e engajado Domingos Sávio Dresch da Silveira. Desde esse período, estudo eles, por diversas vezes atacados covardemente por quem acha que sabe o que significam.

Os direitos humanos, como mencionado aqui, são direcionados a todas as pessoas, independente de posição política, classe social, identidade de gênero, credo, raça, orientação sexual, etc. Àqueles (as) que vociferam contra eles são

ignorantes, pois não compreenderam o que significam, a partir do princípio de que todos devem viver e sobreviver com o mínimo de dignidade, o direito à vida, à liberdade, à paz, à educação, à saúde, à segurança, ao lazer, à alimentação, à amamentação, à comunicação, à cultura, etc. Esse último destaque nesta reflexão, ao apontar que se trata de direito que deve ser também garantido pelo Estado, inserido na Constituição Federal como fundamental. Não existe opção de governantes de, pelo menos na teoria, não observar esse dever que se tem com o povo, qual seja: garantir o acesso e o pleno exercício à cultura da nação, das tradições e das inserções diversas nesse aspecto. Por conseguinte, não se espere que trate com significância quem desconhece e não quer aprender sobre esse tema tão relevante, porque se posiciona muito mais na linha do ódio do que da esperança, assunto que abriu este encerramento dissertativo. Respeitem e reivindiquem, todos humanos, seus direitos!

Prosseguindo, ao tratar do direito humano à cultura, faço a vinculação ao fundamental ao patrimônio cultural, expresso na Constituição Federal de 1988 brasileira. Se o artigo 215 prevê que o “[...] Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”, o 216 complementa ao dispor que “[...] Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988a, documento eletrônico). Sem pretender tornar-me exaustivo, mesmo que em debate essencial, vinculei esses direitos à luta pela superação ao racismo.

Ao não ter a expectativa de acabar da noite para o dia com a covarde e inaceitável atitude racista que expõe, destrata, agride e mata muitas pessoas negras no Brasil e no mundo, não tive, como um homem bissexual branco, como me furtar desse debate (e não é meu perfil a esquivar-se a temas de extrema importância), ao focar na análise da Capoeira, manifestação cultural com origem em rituais Africanos e na resistência de luta contra a escravidão neste país, “encerrada” em 1888, sem garantir dignidade para sobrevivência e vivência a ex-escravizadas (os). Nessa seara, elenquei principalmente duas concepções: a de branquitude e a de racismo estrutural.

À luz de autoras (es) negras e negros primordialmente, realcei o debate da

branquitude, pois não se trata apenas de expor o que têm quem escravizou, matou Moa do Katendê, Marielle e tantas e tantos que sequer sabemos: privilégios em uma sociedade racista. Trata-se de buscar, enquanto homem branco, difundir cada vez mais a necessidade de estar ao lado de pessoas negras, combatendo o racismo diariamente, de todas as formas. Combatamos atitudes racistas em todos os momentos que presenciarmos, ao lembrar sempre que nós brancos nunca seremos vítimas desse crime.

Nesse contexto, Maria Aparecida Silva Bento discorre que “[...] o medo da perda desses privilégios, e o da responsabilização pelas desigualdades raciais constituem o substrato psicológico que gera a projeção do branco sobre o negro, carregada de negatividade.” (BENTO, 2002, p. 10). A partir dessa abordagem, saliento que o medo de perder privilégios é atitude covarde e racista de quem o tem, porque, com essa postura, nitidamente a pessoa branca se mantém conivente com a manutenção de uma desigualdade escancarada no acesso a direitos e a oportunidades, o que resulta em um exercício de cidadania díspar, pois ele, de fato, pressupõe acesso a direitos, com emancipação real, que possibilite autonomia e protagonismos diversos. E o racismo estrutural está imerso, ao mesmo tempo em que engloba, toda essa problemática social criada por pessoas brancas.

Ao continuar, em uma perspectiva contributiva antirracista, enalteci quem tem propriedade para tratar da temática racismo, como Lélia Gonzales, que afirma que ele “[...] se constituía como a “ciência” da superioridade euro-cristã (branca e patriarcal)” (GONZALES, 2018, p. 323). Essa abordagem euro-cristã colonial que Lélia destaca vitimou diversos povos, subjugando-os, escravizando-os, propagando um racismo que permanece nas estruturas sociais até a contemporaneidade, ressonando injustiças e desigualdades sociais em uma amplitude de aspectos, como políticos, econômicos e jurídicos. Nesse sentido, que tenhamos diariamente, posturas, posições e enfrentamentos decoloniais, que encarem e combatam o racismo cotidianamente! Essa é uma obrigação de nós brancos. Junte-se nessa luta, nesse enfrentamento pela superação ao racismo!

Em seguida, conectei a defesa dos direitos humanos e do combate ao racismo a um patrimônio cultural que conflui esses aspectos: a Capoeira. Como visto, uma luta disfarçada de dança no Brasil que teve origem em África, essa manifestação cultural faz parte da minha vida desde criança. Abordá-la foi bem difícil, posto que se misturam vivências e lembranças muito diversas. Muitas felizes,

primeiro por ter a oportunidade de começar a aprender e a vivenciar em 1998, em uma escola pública de Porto Alegre e, principalmente, por toda a maturidade, conscientização e aprendizados que ela oportunizou a mim, que se refletem aqui também nas reflexões feitas e que virão.

Minha inspiração, desde pequeno, é justamente o Contramestre Jean Sarará, com quem iniciei, em sua primeira turma de alunos, a Capoeira, e quem, além de referência, é um amigo, a quem dedico este trabalho. Além dele, também aproveito este momento para agradecer muito ao meu Mestre, Kunta Kintê, da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul, de que faço parte, pela paciência e sabedorias repassadas e pela vivência sempre repleta de energia positiva.

Outros momentos foram bem difíceis, como ocorre na vida de qualquer ser humano. Relembro um, para inclusive, agora no final, justificar a música que escrevi e que está na página 7, em homenagem ao meu pai, nunca antes publicizada, a não ser verbalmente a quem expresse afetos muito íntimos de amizade e que viveu aquele período de sofrimento ao meu lado. Na ocasião, em 2009, estávamos eu, minha mãe e meu irmão nos revezando, em uma cadeira de praia, para ficar com o pai no hospital, que estava com câncer. No dia em que ele veio a falecer, eu estava esgotado e falei com a mãe: vou ali na Roda de Capoeira do Chafariz me energizar e daqui a pouco volto. Foi só eu chegar de volta ao hospital e ele, logo em seguida, parou de respirar. Foi o momento mais difícil da minha vida. Fechei os olhos dele. Esse dia me marca e vai significar muito na minha vida para sempre. Fiz a letra logo após, para homenageá-lo. Jacirio Afonso de Bortoli, presente!

Ao retomar o capítulo que redigi sobre a Capoeira, além de todos os elementos atinentes a essa luta abordados, ressalto um aspecto essencial que busco seguir sempre fielmente. Ele consiste em atentar ao exemplo e aos fundamentos da Capoeira repassados pelos(as) mais velhos(as), que têm uma caminhada de longa data, os (as) quais conheceram outros capoeiristas Mestres e Mestras mais antigos (as), que tiveram contato com outros(as), até chegar em uma ancestralidade que remete à África. Sem a escuta atenta à oralidade dos (as) mais antigos (as), não existirá manutenção de tradições e fundamentos que preservem a origem de qualquer prática cultural popular antiga, como a Capoeira.

Capoeiristas, temos obrigação de observar o que se aprendeu no passado com Mestres (as), difundir no presente, para que as futuras gerações preservem com seriedade essa manifestação afro-brasileira. A oralidade e a vivência, mesmo só

no ouvir ou ver, sem interação dialogada, é uma questão primordial, tanto pelas entrevistas aqui trazidas, como pelos ensinamentos, poucos nesse universo da Capoeira, que consegui absorver. Viva a Capoeira! Vivam os Mestres e as Mestras!

Ao continuar, frisei essa luta-dança a partir do reconhecimento das Rodas de Capoeira e do Ofício dos Mestres como patrimônios culturais pelo IPAHN (2008) e a UNESCO (2014). Antes disso, como apontado, o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) considerou a Capoeira como patrimônio em 2006. Apesar da relevante valorização do IPHAN e da UNESCO, o que se expressa nas palavras de Mestres e Mestras, como, inclusive aqui externadas, é que a Capoeira é o patrimônio, como reconheceu o IPAC. As Rodas são expressão da concretização da permanência da Capoeira, ao tempo em que os Mestres e as Mestras são patrimônios vivos guardiões dessa luta-arte. Nesse “guarda-chuva” potente, permaneço com a crítica, ao partir da oitiva a capoeiristas antigos, e indago o motivo pelo qual a Capoeira como um todo não foi registrada como patrimônio pelo IPHAN, a exemplo do que fez o IPAC dois anos antes.

No literal, observado, por vezes, por quem tem intenções adversas maldosas - o que também deve ser analisado - o ensino de Capoeira em uma comunidade periférica, à exceção da Bahia, por deliberação do IPAC prévia, em qualquer lugar do Brasil, por um Contramestre, professor ou ternel, pode não ser garantido como um movimento que preserva e busca difundir conscientemente um patrimônio cultural, pois o que é registrado pelo IPHAN não é o conjunto da Capoeira, mas sim a Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres, o que é essencial, mas não abarca o conjunto, como já ouvi inúmeras críticas de outros capoeiristas. Rumo ao encerramento, saliento, a seguir, o que foi descrito na etapa que relacionou a Capoeira com a responsabilidade de construção de sua memória, bem como de suas Rodas a partir de entrevistas com 4 capoeiristas já citados.

Nesse ponto destaque, para além da visualização do conjunto da proposição elencada na seção, que, para se pretender construir elementos da memória da Capoeira ou de suas Rodas, é imprescindível a vivenciar como capoeirista comprometido com a salvaguarda desse patrimônio cultural. Ao mesmo tempo, é necessário, compreender os fundamentos e rituais transmitidos por Mestres (as), Contramestres(as) e outros capoeiristas mais velhos (as) primordialmente, como relacionado antes, por meio da escuta a Mestres e a Mestras, sem abusar da memória deles (as), ou seja, sem pressionar, de forma alguma, entregas que eles ou

elas espontaneamente não expuseram ou propiciaram espaço para tal. Valorizar a Capoeira é também respeitar sua memória, transmitida de modo intenso por Mestres e Metras. Não abuse dessas lembranças! Respeite e, somente se tiver oportunidade concedida, pergunte algo!

Face ao exposto, direciono-me ao *locus* da pesquisa: a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção. Como tratada no último capítulo, ela expressa muitos significados, relacionados ao que até o momento foi abordado, didaticamente explicado no princípio desta fase final, de forma inversa, para justamente propiciar que o encerramento se foque nela.

Sem ter como fugir de repetições, mas buscando as esquivar, quero mencionar 5 considerações finais. Território. Guardiã. Inclusão. Valorização da cultura popular. Salvaguarda. Contudo, distintamente do que foi realizado no desenvolvimento desta pesquisa, vou misturar todos os elementos, embasando-me nas 23 entrevistas realizadas. Afinal, caixinhas categorizadas, apesar de serem bem-vindas a algumas instituições acadêmicas e cursos, não podem expressar o conjunto de dinâmicas e representações sociais existentes. Aliás, nem aqui se pretende isso, porque não desejável. Mas se trata de fugir do ponto de conforto. Misturar é sempre importante e, ao meu ver, bem potente, forte, intenso e propulsor de esperança.

A Roda do Chafariz, como comprovado pelas entrevistas realizadas, não é simplesmente um local a mais em que se expressa a Capoeira e se valoriza a cultura popular. Nos espaços em que se tem cultura popular, se o acesso for livre, gratuito, houver inclusão social, com presença plural, diversa e acolhedora, valorizando uma expressão cultural de determinada(s) coletividade (s), aí há valorização concreta. O que é bem distinto da cultura dita erudita, por vezes mencionada sob a nomenclatura de “tradicional”, como concertos, óperas, que normalmente são vistos pelas classes dominantes ou pelos próprios integrantes da dita classe média, como cultura “do povo”, o que pode ser considerado como piada.

Nesse sentido, desejo que todas as expressões da cultura popular, de fato, se concretizem em uma constância que oportunize à população as acessar em distintos momentos, o que acarreta uma valorização, no contexto de exaltação de sua importância, divulgação e participação popular. A partir do aqui analisado em entrevistas, visualiza-se como ambiente que valoriza a cultura popular aquele que tem acesso livre, gratuito, que inclua diferentes e plurais pessoas, independente de

quaisquer distinções entre elas, à cultura de determinada coletividade popular, se assim se identifica e é reconhecida. Nessa linha, a Roda do Chafariz se consolida como local expressão potente da valorização da cultura popular de Porto Alegre, reconhecida nacionalmente.

Com uma constância de 20 anos, completados em 2023, esse local é referência de Roda de Capoeira no estado do RS, reconhecimento citado inclusive por Mestres de outras regiões, como da Bahia, berço da Capoeira, e São Paulo, para abarcar só os que consegui entrevistar e que são referências nacionais que residem em outros estados. Nesse sentido, é necessário enfatizar que, convictamente, o espaço valoriza a cultura popular ao trazer Mestres e Mestra expoentes da Capoeira Angola do país, além de ser frequentado com regularidade por referências de Mestria no RS.

Para além desse aspecto, é importante salientar que sua realização ocorre em um território negro, Parque da Redenção, que se luta para que permaneça público, popular e democrático no acesso e nas expressões de territorialidades negras, como a Capoeira, aos domingos, com a Roda do Chafariz. Ao referenciar que a coletividade é quem construiu e consolidou a Roda, destaco a participação que nele ocorre.

Frequentada por diversos grupos de Capoeira, simpatizantes, transeuntes do Parque, se efetivou como uma Roda tradicional de Capoeira Angola, aberta, acessível e receptiva a todos. Ela, além de ser expressão da valorização da cultura popular por diversos fatores elencados, representa uma potência de inclusão social. Se tem algo a mais a se frisar, é a inclusão social relatada no caminhar desta investigação. Capoeiristas relataram, com ênfase, a presença de uma pluralidade e diversidade de grupos, Mestres, capoeiristas, mas, sobretudo, relatam os testemunhos, em distintos momentos, de verem a Roda do Chafariz propiciar a participação e o protagonismo de pessoas com deficiência, pessoas em situação de rua, o que não poderia ser diferente em uma Roda de Capoeira que se consagra como a principal Roda aberta de Capoeira Angola de Porto Alegre, referência no Rio Grande do Sul e cuja a importância é reconhecida em diversos cantos do Brasil.

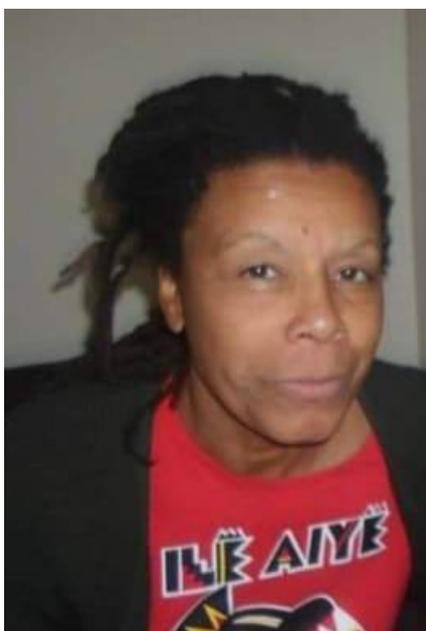
Ao mencionar a importância da Salvaguarda da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, foco principalmente na tarefa imediata, para além das relevantes anteriormente apontadas: fortaleçamos cada vez mais esse espaço aos domingos, capoeiristas e população em geral. Esse lugar coletivo, cujo guardião se

verifica tanto aqui, quanto na vivência da Roda, é o guerreiro Contramestre Jean Sarará. Ele sempre destaca: ela é nossa, é do povo que respeita e valoriza a cultura afro-brasileira! Lutar por um mundo sem racismo, digno e igual para todes, em que temos acesso à cultura do nosso país, em que direitos e oportunidades sejam, pelo menos, equânimes entre brancos e negros, não é um favor. Vamos juntas no presente ESPERANÇANDO O FUTURO que queremos. Juntas podemos conquistá-lo! Viva a Roda do Chafariz!!

Em homenagem a Mestre Morena, referência da Escola da Capoeira Angola Raízes do Sul e da Capoeira do RS, que nos deixou fisicamente em dezembro de 2022, trago a figura 43. Mestre Morena, presente!! Capoeirista e mulher guerreira, seu olhar e sorriso eram firmes e certos, na medida do necessário. As vivências contigo, Mestre, permanecem nos inspirando a lutar!

### **Figura 43**

#### **Mestra Morena, presente!**



Fonte: Arquivo da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul (2020)

## REFERÊNCIAS

- ABREU, F. **Capoeiras – Bahia, século XIX: imaginário e documentação**. Salvador: Instituto Jair Moura, 2005.
- ACCURSO, A. A vadiação no ócio: a roda de capoeira no chafariz da Redenção. *In* GUTIERREZ, C., and CHAVES, F., orgs. **Ócio e Cidade: o papel do ócio na transformação das cidades**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2018. p. 89-97.
- ACCURSO, A. **Capoeira: um instrumento de educação popular**. Porto Alegre: [produção independente], 1995.
- ADINOLFI, M. IPHAN - Parecer nº 031/08, **Registro da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**, Bahia, 2008, 19 p.. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer%20Capoeira.pdf>. Consultado em: 07 nov 2021.
- AGRA, W. Direitos Sociais. *In*: MARTINS, I.; MENDES, G.; NASCIMENTO, C. (coordenadores). **Tratado de Direito Constitucional**, v. 1. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2012.
- ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ANDI; SEDH; UNESCO. **Mídia e Direitos Humanos**. Brasília: ANDI; SEDH; UNESCO, 2006.
- BAHIA. **DECRETO Nº 10.178**, de 11 de dezembro de 2006. Disponível em: <<https://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/76421/decreto-10178-06>>. Acesso em: 15 ago 2022.
- BARRETO, P. A ética e a moral da Capoeira Angola, segundo Mestre Pastinha. *In*: FREITAS, J. M. (org.). **Uma coleção bibliográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 37 – 41.
- BENTO, M. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresarias e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade. São Paulo, 2002.
- BORTOLI, R. **TV Pública: a extinção da TVE diante aos princípios da complementaridade e da proibição de retrocesso**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.
- BRASIL. **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988**. 1988a. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 26 ago. 2020.

BRASIL. **DECRETO Nº 80.978**, de 12 de dezembro de 1977. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-80978-12-dezembro-1977-430277-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 18 ago 2022.

BRASIL. **DECRETO Nº 3.551**, de 04 de agosto de 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3551.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm)>. Acesso em: 19 ago 2022

BRASIL. **Estatuto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, de 23 de setembro de 1994. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/estatuto-e-regimento>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

BRASIL. **LEI Nº 378**, de 13 de janeiro de 1937. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1930-1949/l0378.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/l0378.htm)>. Acesso em: 18 ago 2022.

BRASIL. **LEI Nº 7.668**, de 22 de agosto de 1988. 1988b. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7668.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7668.htm)>. Acesso em: 31 ago 2022.

BRASIL. **LEI Nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 27 ago 2020.

BRASIL. **LEI Nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>. Acesso em: 18 out 2022.

BRASIL. **LEI Nº 12.288**, de 20 de julho de 2010. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm)>. Acesso em: 18 out 2022.

BRASIL. **LEI Nº 12.711**, de 29 de agosto de 2012. 2012a. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)>. Acesso em: 18 out 2022.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. **Direito à Memória e à Verdade: a ditadura no Brasil 1964-1985**. 2008

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **ADPF: 186/DF**. Relator: Ministro Ricardo Lewandowski. Data do julgamento: 26/04/2012, Plenário. 2012b. Disponível em: <<https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=6984693&prclD=2691269#>>. Acesso em: 18 out 2022.

CAMPOS, H. Mestre Bimba: o mito sagrado da Capoeira. *In*: FREITAS, J. M. (org.). **Uma coleção bibliográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 43 – 59.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre branquitude no Brasil**. Tese de Doutorado, Ciências Sociais. Araraquara, Unesp, 2014.

CARVALHO, C. **Guia de elaboração de um projeto**. Porto Alegre. 2019. Disponível em: <[https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/2690032/mod\\_resource/content/0/GU-01\\_GUIA\\_DE\\_ELABORA%C3%87%C3%83O\\_DE\\_UM\\_PROJETO.pdf](https://moodle.ufrgs.br/pluginfile.php/2690032/mod_resource/content/0/GU-01_GUIA_DE_ELABORA%C3%87%C3%83O_DE_UM_PROJETO.pdf)>. Acesso em: 20 mar 2021.

**CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS**. São Francisco, 1945. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/carta-das-nacoes-unidas>>. Acesso em: 25 ago 2022.

CASTRIOTA, L. **Patrimônio Cultural**. Conceitos, políticas, instrumentos. São Paulo: Annablume, 2009.

CEREJA, W.;MAGALHÃES, T. **Literatura Brasileira**. 2 ed.reform. São Paulo: Atual, 2000.

CHOAY, F. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2001.

CORDEIRO, A.; CARVALHO, N. Capoeira, do crime à legalização: Uma história de resistência da cultura popular. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.2, nº4 jan-jun 2013. p. 68-80.

**CONVENÇÃO PARA A PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO MUNDIAL, CULTURAL E NATURAL**. 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em: 23 ago 2022.

**DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**. 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 25 ago 2022.

DIAS, A. **Mandinga, Manha e Malícia**: uma história sobre os capoeiristas na capital da Bahia (1910-1925). Salvador: EDUFBA, 2006.

DINIZ, F.; SOUSA, R.; LÜHNING, A. Capoeira, Música e Religião. *In*: FREITAS, J. M. (org.). **Uma coleção bibliográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 189 - 209.

ENGELKE, C. **Fórum Social Mundial: Unidade na Diversidade**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4591>>.

FERNANDES, O., FELIPE, D., ESCOBAR, G. A cultura afro-brasileira como patrimônio: herança, memória, (r)existência e preservação. *In*: **Ensaio sobre Memória**. Maria Amália Silva Alves de Oliveira, Alan Curcino, Luciana Ferreira da Costa, Fernando Magalhães (Coordenadores). Instituto Politécnico de Leiria, Vol. 1, Portugal, 2020.

FONTOURA, M. Tirando a vovó e o vovô do armário. *In*: DIAS, Gleidson; JUNIOR, Paulo (org.). **Heteroidentificação e cotas raciais: dúvidas, metodologias e procedimentos**. Canoas: IFRS campus Canoas, 2018.

FREITAS, J. (org.). **Uma coleção bibliográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: EDUFBA, 2015.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOHN, M. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.

GOMES, N. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONZALES, L. **Primavera para as Rosas Negras: Lélia Gonzales em primeira pessoa**. Diáspora Africana, 2018.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. *In*: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HAESBAERT, R. **Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade**. Artigo apresentado no I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRGS, Curso de Geografia da ULBRA e AGB. Porto Alegre: 23 set, 2004.

HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, 9, n. 17. Universidade Federal Fluminense, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i17.a13531>>.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Plano de Salvaguarda da Capoeira na Bahia** / organização, Maria Paula Fernandes Adinolfi. Salvador: Iphan, 2018

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Samba de Roda do Recôncavo Baiano**. Brasília: Iphan, 2016

INSTITUTO do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira**. Brasília: Iphan, 2014

JAUMONT, J; VARELLA, R. A Pesquisa Militante na América Latina: trajetória, caminhos e possibilidades. **Rev. Direito e Práxis**. Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 13, 2016 p. 414-464.

LE GOFF, M. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LENZA, P. **Direito Constitucional Esquematizado**. São Paulo: Saraiva, 2008.

LIMA, C.; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.; KAKEHASHI, S. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Rev. latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, janeiro 1996

MÃES de Maio. **Do Luto à Luta**. São Paulo: Movimento Mães de Maio, 2011.

MATTOS, C. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, C., and CASTRO, PA., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos [online]**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>>. Acesso em: 02/07/2021

MÜLLER, A. A cultura do Dendê. **Miscelânea**, n. 5. Belém: EMPBRAPA - Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido, 1980.

OLIVEIRA, J; LEAL, L. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola Mestre Pastinha**. 3ª ed (fac-similar). Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988.

**PEQUENO Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Sedegra, 1973.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

REGO, W. **CAPOEIRA ANGOLA: ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Editora Itapuã, 1968.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROESCH, S. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**. Guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. 3ª ed., São Paulo: Atlas, 2012.

SANTOS, I. **Direitos humanos e as práticas de racismo**. 2. reimpr. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

SANTOS, J. **Jogo de Angola: vida e obra/ Mestre Jogo de Dentro**. Salvador, BA: Ed. Autor, 2010.

SANTOS, J. **Capoeira Angola e Ancestralidade**. Rio das Pedras: Cristiano de Mello Gallep, 2020.

SARLET, I. Segurança social, dignidade da pessoa humana e proibição de retrocesso: revisitando o problema da proteção dos direitos fundamentais sociais. In: CANOTILHO, J.; CORREIA, M.; CORREIA, É. **Direitos fundamentais sociais**. São Paulo: Saraiva, 2010, p. 71-109.

SARLET, I. Teoria Geral dos Direitos Fundamentais. In: SARLET, I.; MARINONI, L.;

MITIDIERO, D. **Curso de direito constitucional**. 3. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2014, p. 261-361

SHUCMAN, L. (2014). Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia e Sociedade**, 26 (1), 83-94.

SILVA, C. **A Capoeira joga com a dureza da vida**: o resgate da Capoeira Angola conectando etnicidade, estratégias de resistência negra e protagonismo cultural em Porto Alegre. São Leopoldo, RS: Casa Leiria, 2022.

SILVESTREIN, M. Tratando de Conceitos. *In*: BRASIL. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Patrimônio Imaterial: fortalecendo o Sistema Nacional / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. – Brasília : IPHAN, 2014, p. 20 - 39.

VIDOR, E.; REIS, L. **Capoeira: uma herança cultural afro-brasileira**. 1ª ed.. São Paulo: Selo Negro, 2013.

VIEIRA, D. **Territórios Negros em Porto Alegre: RS (1800-1970)**: geografia histórica da presença negra no espaço urbano. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177570>>.

VIEIRA, D. **Territórios Negros em Porto Alegre: RS (1800-1970)**: geografia histórica da presença negra no espaço urbano. Belo Horizonte: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR, 2021.

YABETA, D. Um pouco de história: mandinga. *In*: **Boletim Territórios Negros**. Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, v. 7, n. 30, p. 8, jul./ago. 2007. Disponível em: <<https://kn.org.br/periodicos/territorios-negros-no-30-julho-agosto-2007/6810>>. Acesso em: 04/05/2021.

ZONZON, C. A tradição viva de Mestre Bimba. *In*: FREITAS, J. M. (org.). **Uma coleção bibliográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA**. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 61 – 72.

**APÊNDICE A**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) senhor(a):

Com o objetivo de valorizar a Capoeira como patrimônio cultural imaterial Afro-Brasileiro e da Humanidade está sendo realizado, junto ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), o projeto de pesquisa denominado: RODA DE CAPOEIRA DO CHAFARIZ DA REDENÇÃO - do direito fundamental ao patrimônio cultural à construção da memória de uma roda de Porto Alegre, sob coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Dalla Zen e do Mestrando Rafael Berbigier de Bortoli.

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a autorizar a sua participação nesta pesquisa, que tem como objetivo verificar se a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção pode ser considerada um patrimônio cultural de Porto Alegre no contexto de efetivação do direito humano à cultura e direito fundamental ao patrimônio cultural. Ainda, busca-se, essencialmente, averiguar se a Roda do Chafariz contribui para o empoderamento individual e coletivo dos seus participantes, visando à inclusão social e à valorização da cultura popular.

Ao participar deste estudo, o (a) Senhor (a) permitirá que o (a) pesquisador (a) ou professor (a) faça perguntas sobre a sua vida pessoal e vivência referentes à Capoeira e à relação com a Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção, ao rememorar situações/ experiências que serão utilizadas na redação de uma dissertação de mestrado e pesquisas acadêmicas.

O (a) Senhor (a) tem liberdade de se recusar a participar ou desistir de continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a pesquisa. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa/aula através do telefone do (a) pesquisador (a) /professor (a), Ana Maria Dalla Zen, pelo celular (51) 998075491. Se necessário, poderá entrar em contato com Comissão de Ética da UFRGS: este projeto foi avaliado pelo CEPUFRGS, órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus

aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da instituição. Contatos: CEP UFRGS - Av. Paulo Gama, 110 – Sala 321 | Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro Porto Alegre/RS - CEP: 90040-060 - Fone: 51 3308 3738. Email: [etica@propesq.ufrgs.br](mailto:etica@propesq.ufrgs.br). Durante o período da pandemia de Covid-19, o contato com o CEP se dá exclusivamente por e-mail.

Esclareço que a sua participação nesta pesquisa poderá trazer lembranças que o(a) Senhor(a) pode não querer descrever, motivo pelo qual poderá se recusar a responder, ou até mesmo afastar-se a qualquer momento, sem que isso provoque qualquer prejuízo para a pesquisa. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, e somente os pesquisadores/professor(a)(s) terão conhecimento dos dados. O tempo de guarda dos documentos originados pela pesquisa será de, no mínimo, 5 anos.

Pedimos que você autorize a divulgação de seu nome ou opte pela sua substituição por um nome fictício.

A pesquisa prevê riscos mínimos, concernentes à probabilidade de haver cansaço por parte dos participantes ao responderem às entrevistas, bem como a possíveis barreiras tecnológicas que possam interromper as entrevistas momentaneamente, como problema com o aplicativo de gravação, falta de espaço de armazenamento, falta de bateria no celular. Ainda, como a pesquisa se propõe a homenagear os capoeiristas, talvez poderá ocasionalmente provocar emoção nos capoeiristas ao rememorarem suas trajetórias, percalços e conquistas. Nesse contexto, para mitigar os riscos, elencamos questões importantes: no caso de cansaço, a entrevista pode ser interrompida a qualquer momento; em havendo problema com o aplicativo de gravação, a entrevista será interrompida, sendo retomada quando sanado o problema, havendo acordo com o entrevistado; em caso de falta de espaço de armazenamento ou falta de carga de bateria do celular, a entrevista será momentaneamente interrompida, sendo retomada, em comum acordo com o entrevistado, logo que sanado o problema; em situações de reações emotivas dos entrevistados, a entrevista poderá ser interrompida a qualquer tempo, sendo retomada quando e se o entrevistado achar adequado.

Como benefícios da pesquisa, destacamos o reconhecimento da importância dos capoeiristas que participam da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção na preservação e na valorização Capoeira como patrimônio cultural, homenageando os Mestres, Contramestres e demais capoeiristas envolvidos na referida Roda, que,

apesar de existir há longa data, até hoje não teve seu reconhecimento acadêmico no campo do Patrimônio e da Cultura, nem seu reconhecimento formal como Patrimônio de Porto Alegre.

Destacamos que o tempo estimado na participação desta pesquisa corresponde a 10 (dez) minutos. Após estes esclarecimentos, solicito o seu consentimento de forma livre para a sua participação nesta pesquisa. Preencher, por favor, os itens que se seguem:

### **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa/aula.

( ) AUTORIZO E CONSINTO EM DIVULGAR MEU NOME

( ) NÃO AUTORIZO A DIVULGAÇÃO DE MEU NOME, PREFIRO UM PSEUDÔNIMO

Nome: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) Entrevistado (a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

CONTATOS: Pesquisadora: (51) 998075491; e-mail azen@ufrgs.br. Mestrando: (51) 996310430; e-mails: rafael.berbigier@ufrgs.br ou rafael.berbigier99@gmail.com

**APÊNDICE B**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE SALVAGUARDA DA CAPOEIRA**

Nome:

Nome na Capoeira:

Tempo de Capoeira:

Grupo:

Referência(s) na Capoeira:

Título na Capoeira:

Questões:

- 1) Quais os principais pontos que você considera fundamentais para que se efetive a salvaguarda da Capoeira no país?
- 2) O que você tem conhecimento sobre o estágio atual da implementação do plano de salvaguarda da Capoeira no Brasil?
- 3) Como está a implementação do plano de salvaguarda da Capoeira na Bahia?
- 4) Quais os pontos positivos e, se houver, negativos que você pode ressaltar sobre o plano de salvaguarda da Capoeira na Bahia? As políticas públicas implementadas são suficientes?
- 5) Qual a importância da existência de planos de salvaguarda da Capoeira nos demais estados do Brasil?
- 6) Por favor, fique à vontade para acrescentar o que desejar sobre a temática.

**APÊNDICE C**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTAS SOBRE MEMÓRIA E CAPOEIRA**

Nome:

Nome na Capoeira:

Título na Capoeira:

Tempo de Capoeira:

Grupo:

Questão: A partir de que percepções/ ações experienciadas/ vividas você considera que se constrói a memória da Capoeira e das rodas de Capoeira?

**APÊNDICE D**  
**ROTEIRO DE ENTREVISTAS SOBRE A RODA DE CAPOEIRA DO CHAFARIZ DA**  
**REDENÇÃO**

Nome:

Nome na Capoeira:

Título na Capoeira (se tiver):

Tempo de Capoeira:

Grupo (se fizer parte de algum atualmente):

Referência na Capoeira:

Quanto tempo frequenta a Roda do Chafariz:

Questões/ Reflexões a serem feitas:

- 1) O que você conhece da história da Roda de Capoeira do Chafariz da Redenção?
- 2) Quais são suas principais memórias da Roda do Chafariz da Redenção? O que mais te marcou, em relação à Roda - qual ou quais roda(s)/ acontecimento(s)?
- 3) Para você, qual a importância da Roda do Chafariz?
- 4) Na sua avaliação, a Roda do Chafariz propicia inclusão social e da valorização da cultura popular? Por quê?
- 5) Tens algo a mais a acrescentar sobre a Roda do Chafariz? Se tiver, por favor, fique à vontade.

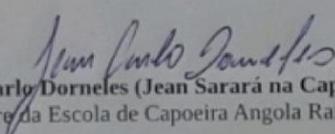
**ANEXO - Termo de Anuência da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul**

Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul

**TERMO DE ANUÊNCIA**

Estamos de acordo com a realização da pesquisa "RODA DE CAPOEIRA DO CHAFARIZ DA REDENÇÃO: do direito fundamental ao patrimônio cultural à construção da memória de uma roda de Porto Alegre", trabalho de Rafael Berbigier de Bortoli, com a orientação da prof. Dra. Ana Maria Dalla Zen, realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – FABICO. Colocamo-nos, nesse sentido, à disposição para sermos facilitadora da referida pesquisa.

Porto Alegre, 14 de setembro de 2021

  
**Jean Carlo Dorneles (Jean Sarará na Capoeira)**  
Contramestre da Escola de Capoeira Angola Raízes do Sul